ÓRGÃO DO
CENTRO CULTURAL
'Euclides da Cunha'

Tapejara

IMPRESSO NA
GRÁFICA
Montes & Pereira

Diretor
FARIS ANTONIO S. MICHAELE

Secretário
DAILY LUIZ WAMBIER

Redatores:
JOÃO ALVES PEREIRA e
ROLANDO GUZZONI

ANO II | PONTA GROSSA, SETEMBRO DE 1952 | Nº. 8

COMO CONHECI EUCLIDES

JOÃO ALVES PEREIRA
(Do Centro Cultural "Euclides da Cunha")

EUCLIDES DA CUNHA,
o gênio da raça.

O meu contacto com Euclides da Cunha constitue, em princípio, a história de como me tornei possuidor do meu livro Os Sertões, e também, os episódios que a pretensão de sua leitura assinalaram nos meus sonhos de conhecimentos.

O relato desta história é a minha contribuição às homenagens pelo cincoentenário da consagrada obra do grande escritor brasileiro, e uma confirmação de que, as leituras difíceis, muito concorrem para a elevação do nível cultural de um povo.

Começarei a história pelo que tange ao livro. Preliminarmente, consideremos como se processa a aquisição de um livro. De um modo geral, êle vai parar na estante do leitor pela via comum das casas do ramo, ou, então, pela gentileza de um presente. Raramente por outros meios.

O meu livro veio para minha estante pelo caminho mais raro das aquisições. Começou por ter sido achado na margem da linha da estrada de ferro, no trecho entre Vallahos e Teixeira Soares, por um maquinista meu amigo. Viajava êle para o sul, com um trem de cargas, quando a uma certa distância divisou, quase junto ao trilho, um objeto parecido com uma caixa. Palpitante de curiosidade, foi diminuindo a marcha do trem e, finalmente, parou no lugar onde estava o objeto. Desceu da máquina e foi ver o que era. Surpresa sua. O que parecia uma caixa era, apenas, um livro! O que, sim, um livro bonito. Encadernação aprimorada, coberta com percalina côr cinza, onde impresso com tinta branca, em baixo relêvo, se lia: Euclydes da Cunha — Os Sertões — Campanha de Canudos, 4ª. edição corrigida — 1911.

Depois de apanhado o livro, com a simplicidade e monotonia de uma tarefa normal, prosseguiu, meu amigo, a sua viagem.

Este fato se deu lá pelo ano de 1914, mais ou menos. Eu me lembro que foi desde essa época o meu primeiro contacto com Os Sertões, de Euclides. Eu o via sempre em cima da mesa de trabalho daquele meu amigo, com o que adorna seu modesto escritório destinado para as reportagens de viagens.

Muito grato é, para mim, relatar que foi na residência simples daquele ferroviário que travei conhecimento com Os Sertões, isto bem claro, que não foi por sua leitura e compreensão, mas, pelo manuseio como satisfação da curiosidade pelo belo livro que todos quantos viam apreciavam.

O acontecimento que venho historiando coincidiu com a minha entrada para as oficinas gráficas de um jornal local. Era o início de uma carreira profissional cuja tarefa condicionava a leitura como base da obra final. Nesse mister passava muitas horas do dia absorvido pelos trabalhos intelectuais que faziam parte da matéria do jornal. Vivia integrado no conceito de que o tipógrafo é um proletário do cérebro dos outros. E assim, pela fôrça da missão cotidiana do ganha pão, eu comecei, também, a ganhar um pouco de conhecimento da obra literária dos escritores nacionais, através das críticas e comentários do jornal ou, então, das palestras que ouvia na redação. Ali se falava constantemente a respeito do autor do livro que foi encontrado ao lado do trilho da estrada de ferro por meu amigo.

Assim, despertado pelas apreciações dos que escreviam sôbre Euclides e pela leitura de trechos destacados de seu livro para argumentar as dissertações de seus críticos na imprensa, resolvi conhecer o conteúdo da obra em tôda sua plenitude.

É justo afirmar que a pretensão de ler Os Sertões plantou o marco zero da estrada intelectual que se abria para formar a minha história de leitor.

A fim de concretizar minha intenção da leitura, resolvi tomar emprestado o livro ao meu amigo. Logo que o fiz ciente do meu desejo, me encheu de surpresa dizendo: "sabe de uma coisa, o José Chaves está doido por êsse livro; até me informou que a edição está esgotada e que por isso estão pagando quinhentos mil réis pelo exemplar — mas isso não interessa; tome o livro, é um presente que te faço". Francamente, foi a primeira das finezas que já recebi.

Nesse mesmo dia, iniciei a leitura. Comecei pelas explicações das notas preliminares. Estas duas páginas, que denunciavam a proposição científica da obra e que apoiava sua sinceridade num conceito, em francês, de Taine, já me deixaram entre deslumbrado e confuso. Depois passei para o primeiro capítulo. É o estudo sôbre a característica e a influência da terra do nordeste como responsável pela conduta da vida em seu meio.

Na leitura do primeiro capítulo começou o conhecimento, não da obra monumental de Euclides, mas o da minha santa ignorância. Eu pensava que ler Os Sertões era o mesmo que fazia de compoedor na mão nos artigos destinados para as colunas do jornal, isto é, em linguagem corrente, simples, desataviada de vocabulário técnico ou científico, e que dispensa o dicionário e a cultura.

O fato é que a minha leitura, naquela ocasião, não foi além de umas poucas páginas. Não era possível a um aprendiz de tipógrafo, um rapaz de quinze anos, produto dos escassos recursos do ensino em Ponta Grossa há quarenta anos passados, compreender matéria de tão elevado didatismo.

Razões como esta e outras de ordem econômica fizeram com que a minha luta para ler "Euclides" durasse mais de dez anos, depois dos quais consegui, enfim, transpor as primeiras sessenta páginas que tratam das condições, formações, transformações e efeitos geológicos, assunto de profunda cultura, o que consideréi, segundo um conceito do próprio livro, uma vitória de "jagunço destemeroso", dada minha deficiência acima explicada, e daí chegando até à última página que enfeixa a obra.

Mas, pensaria alguém, por que mais de uma década de avanços e recuos para a leitura de uma obra, quando seu autor em igual período atingiu sua completa formação intelectual e no espaço de seis, isto é, de 1896 a 1902, brindou o mundo literário de língua portuguêsa com um monumento granítico de observação estética, de pensamentos e sentimentos humanos?

A resposta é de que, essa é a luta de todos os auto-didatas. É a história de todos que aprendem um pouco, porém, com muita dificuldade e que, embora os naturais percalços, é preciso enfrentar a leitura de obras do valor de Os Sertões, fontes de onde nascem e correm mananciais de idéias, e, ao mesmo tempo, um imperioso convite ao estudo da extensa bibliografia que substancia tais trabalhos.

A verdade é que se aprende um pouco. A verdade é que outros autodidatas aprenderam em profundidade e qualidade como Alexandre Herculano, glória das letras portuguêsas, — enfim, depois de começar a ler, aprendendo, as páginas de Os Sertões são para deixar extasiado, em muda interrogação, de como é possível o engenho do pensamento humano encadear um vocabulário descritivo da natureza e paisagem do nordeste, com tanta fidelidade como se fôra uma projeção em tela cinematográfica, ou, então, interpretar, do mesmo modo, a alma hostil da vegetação, frente a qual parece ao homem, neste recorte do texto:

> "que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai".

É um quadro primoroso no qual Euclides da Cunha apresenta mais um elemento à soma dos fatores do meio que devia moldar o espírito do brasileiro daquela região.

Como se vê, a obra surpreende, pela sua elevação o leitor desavisado, mesmo assim, sopra o seu orgulho, porque compreende nela o sentido de valorização da raça, pela exposição do caldeamento de onde emergiu o caboclo do Brasil e porque todos os seus atributos de inquebrantável tenacidade.

Uma tenacidade e valentia que sobressai em todo relato da luta do homem com o meio — e depois — por uma causa em que se apoiava na mais nobre das convicções — o bem de sua gente!

Tenacidade e valentia do caboclo nordestino personificada na figura do Beatinho, à frente de uma legião "desarmada, faminta e claudicante", apresentando um quadro de tão chocante tristeza que até os soldados da legalidade, ainda com a arma fumegante da fuzilaria, consideraram, no dizer de Euclides, como "um assalto mais duro que o das trincheiras em fogo". Tal era o cortejo que o acompanhava, de velhos e velhas, mulheres cadavéricas e crianças esqueléticas, e que marchavam rumo ao bivaque do comandante militar.

Jamais alguém sonhou estratégia de caboclo até na rendição. Na realidade, aquilo que parecia rendição, era, apenas, o prelúdio de mais uma prova do valor do jagunço. E evidencia esta suposição o fato de ter sido o Beatinho executado.

Depois do fato consumado ficou transparente que, na diplomacia daquele sertanejo, havia um objetivo mais elevado — preservar, daquele modo, para o futuro da pátria uma estirpe de autênticos heróis, já que no Arraial de Canudos só haveria de cessar a luta — quando tombasse por terra o seu último defensor...

Termina aqui êste meu relato em homenagem ao cincoentenário de Os Sertões, no qual, historiando minha odisséia de leitor e tecendo alguns comentários em tôrno da matéria, desejo adicionar minha profunda admiração à plêiade de intelectuais que mantêm viva a figura de Euclides da Cunha no coração da nacionalidade que êle tanto amou e dignificou, com suas obras culturais.

Aniversário de Fundação de Ponta Grossa

O nosso companheiro **Daily Luiz Wambier**, na qualidade de Vereador à Câmara Legislativa dêste Município, foi designado pelo Presidente dessa Assembléia popular a fim de falar na Sessão Magna de 15 de Setembro em curso, sôbre o 129º. aniversário de fundação de Ponta Grossa.

São estas as palavras daquêle nosso amigo:

Honrou-me o Sr. Presidente desta Casa legislativa com a incumbência de dizer algumas palavras sôbre a maior data municipal de Ponta Grossa, o aniversário da sua fundação.

Permitam-me que eu passe por cima da respectiva cronografia, pois sabemos que a cidade comemora mais um ano de vida, o 129º. aniversário. E sabemos, ainda quais as circunstâncias que rodearam os começos da nossa existência, no seio da comunidade paranaense com Rocha Carvalhais em primeira plana, secundado pelas pombas que pousaram na colina, localizando o centro da nascente povoação.

É que o calendário, na vida das cidades como nos indivíduos, não tem fôrça para lhes emprestar méritos ou deméritos perante o mundo, como elementos úteis ou perniciosos à comunidade em que atuam.

São os seus atos e atitudes, bons ou maus, que os situam — cidades e indivíduos — marcando-lhes os níveis da sua superioridade ou inferioridade.

Os padrões morais das cidades, como dos indivíduos, se alimentam, não de datas, mas da dignidade dêsses atos e dessas atitudes.

Em Ponta Grossa as datas se perdem no fragor das lutas que vem sustentando pelo bem comum; as datas desaparecem ante o trabalho inteligente da sua população; as datas se apagam em face do ímpeto criador do seu povo; as datas silenciam à vista do trepidar das máquinas do progresso nas ruas, nas oficinas e nos escritórios, no soberbo afã de realizar a prosperidade comum.

Não somos, porém, um povo excepcional. Nem pretendemos nos colocar acima dos nossos irmãos do Paraná e do Brasil.

Na verdade, como a Bagéense de Afrânio Peixoto, Ponta Grossa é uma cidade como as outras. Nem cheia de vícios nem vazia de virtudes.

Pode, contudo, orgulhar-se do seu passado, das suas tradições. Ligada a todo o território brasileiro e plantada no coração da terra paranaense, Ponta Grossa muito fêz no sentido de contribuir com a parcela do esfôrço que o Brasil lhe exigia, desde os tempos em que, entrecruzada de caminhos rudes, unindo o Sul ao Norte do País, era o ponto de passagem das tropas gaúchas que demandavam as famosas feiras de Sorocaba.

A sua prosperidade não cresceu no clássico "do dia para a noite" das cidades do Norte do Estado. Ela foi edificada, ano após ano, através do trabalho incansável e ininterrupto da sua gente operosa, diligente e dinâmica. A sua economia, por isso mesmo, repousa em bases sólidas.

A contribuição pontagrossense, assim, tem sido das mais úteis à prosperidade estadual, de onde a situação de evidência em que se encontra.

Há, além disso, um aspecto que se não pode deixar de assinalar, no dia em que se acrescenta mais uma etapa na sua vida autônoma.

Aludo ao aspecto moral e espiritual que ela soube imprimir aos seus atos e atitudes, não obstante possuir uma população cosmopolita, quando os problemas dessa ordem se apresentam de solução mais difícil.

Efetivamente, não é de agora que Ponta Grossa vem se insurgindo contra a imoralidade e a indecência, nas suas múltiplas maneiras de se manifestar. Não é de hoje que daqui se projetam, para o Brasil inteiro, os reflexos dos seus empreendimentos de cunho essencialmente espiritual ou de sentido eminentemente moral.

Sua posição, em face do bem, é notória. Seus princípios cristãos firmes, como a estrutura dos granitos que enfeitam os verdes ondulados dos Campos Gerais do Paraná.

Reagindo, como tem reagido, contra as fôrças negativas da nacionalidade, que lhe pretendem aniquilar os valores morais e espirituais, Ponta Grossa tem espelhado, nessas conjuncturas, o verdadeiro esfôrço do seu povo, que repele quaisquer investidas tendentes a destruir êsse esplêndido patrimônio de justiça e de amor, de paz e de liberdade. E os anos decorridos outra coisa não têm feito senão confirmar e ampliar êsse trabalho de nossa gente.

Servindo de barricada contra os atentados que tenham por fim diminuir ou limitar os contornos dêsse ingente esfôrço comum, esta cidade, graças a Deus, jàmais deu provas de enfraquecimento nas suas campanhas. A cada embate, suas energias como que se retemperam e se renovam, para novos cometimentos no sentido do bem, anulando os tufões da imoralidade que se esforçam por extinguí-los.

Ainda agora, quando se engrossam e criam corpo essas fôrças dissolventes da corrupção e do aviltamento, nós vemos Ponta Grossa formando na primeira linha de combate, insurgindo-se, vigorosamente, contra os que não crêm nas construções do espírito. Contra os que não acreditam na poderosa fôrça moral dos que agem com a consciência e o coração.

Os filhos desta terra sabem que as suas obrigações crescem na medida do crescimento de Ponta Grossa.

E sabem, de outro lado, que a posição das cidades se apoia no trabalho de sua gente e se alimenta na dignidade do seu povo.

Vivemos dias de intranquilidade e angústias. A confusão e o desassossêgo se avolumam por tôda parte, e o mundo se desarvora e se desorienta, como se estivesse varando as escuridões sombrias de oceanos desconhecidos. Desordenadamente, todos se entregam à ázafama de desviar os perigos iminentes, contornando os abismos que nos ameaçam. Inquietos e insatisfeitos, os povos atritam, separam, confundem e perturbam, sobrenadando os baixios lodosos dêsse imenso mar de exaltações e violências, de cupidez e egoismo, de negações e ausência de escrúpulos.

Ponta Grossa, contudo, marcha, tranquila, para os seus destinos, convencida de que, hoje mais do que on-

(Conclúi na página 2)

ÓRGÃO DO
CENTRO CULTURAL
"Euclides da Cunha"

Tapejara

IMPRESSO NA
GRÁFICA
Montes & Pereira

Diretor
FARIS ANTONIO S. MICHAELE

Secretário
DAILY LUIZ WAMBIER

Redatores:
JOÃO ALVES PEREIRA e
ROLANDO GUZZONI

ANO II | PONTA GROSSA, SETEMBRO DE 1952 | Nº. 8

COMO CONHECI EUCLIDES

JOÃO ALVES PEREIRA
(Do Centro Cultural "Euclides da Cunha")

EUCLIDES DA CUNHA,
o gênio da raça.

O meu contacto com Euclides da Cunha constitue, em princípio, a história de como me tornei possuidor do meu livro Os Sertões, e também, os episódios que a pretensão de sua leitura assinalaram nos meus sonhos de conhecimentos.

O relato desta história é a minha contribuição às homenagens pelo cincoentenário da consagrada obra do grande escritor brasileiro, e uma confirmação de que, as leituras difíceis, muito concorrem para a elevação do nível cultural de um povo.

Começarei a história pelo que tange ao livro. Preliminarmente, consideremos como se processa a aquisição de um livro. De um modo geral, êle vai parar na estante do leitor pela via comum das casas do ramo, ou, então, pela gentileza de um presenteio. Raramente por outros meios.

O meu livro veio para minha estante pelo caminho mais raro das aquisições. Começou por ter sido achado na margem da linha da estrada de ferro, no trecho entre Valinhos e Teixeira Soares, por um maquinista meu amigo. Viajava êle para o sul, com um trem de cargas, quando a uma certa distância divisou, quase junto ao trilho, um objeto parecido com uma caixa. Palpitante de curiosidade, foi diminuindo a marcha do trem e, finalmente, parou no lugar onde estava o objeto. Desceu da máquina e foi ver o que era. Surprêsa sua. O que parecia uma caixa era, apenas, um livro! O que, sim, um livro bonito. Encadernação apaixonada, coberta com percalina côr cinza, onde impresso com tinta branca, em baixo relêvo, se lia: Euclydes da Cunha — Os Sertões — Campanha de Canudos, 4ª. edição corrigida — 1911.

Depois de apanhado o livro, com a simplicidade e monotonia de uma tarefa normal, prosseguiu, meu amigo, a sua viagem.

Este fato se deu lá pelo ano de 1914, mais ou menos. Eu me lembro que foi desde essa época o meu primeiro contacto com Os Sertões, de Euclides. Eu o via sempre em cima da mesa de trabalho daquele meu amigo, com o que adorna seu modesto escritório destinado para as reportagens de viagens.

Muito grato é, para mim, relatar que foi na residência simples daquele ferroviário que travei conhecimento com Os Sertões, isto bem claro, que não foi por sua leitura e compreensão, mas, pelo manuseio como satisfação da curiosidade pelo belo livro que todos quantos viam apreciavam.

O acontecimento que venho historiando coincidiu com a minha entrada para as oficinas gráficas de um jornal local. Era o início de uma carreira profissional cuja tarefa condicionava a leitura como base da obra final. Nesse mistér passava muitas horas do dia absorvido pelos trabalhos intelectuais que faziam parte da matéria do jornal. Vivia integrado no conceito de que o tipógrafo é um proletário do cérebro dos outros. E assim, pela fôrça da missão cotidiana do ganha pão, eu consegui, também, a ganhar um pouco de conhecimento da obra literária dos escritores nacionais, através das críticas e comentários do jornal ou, então, das palestras que ouvia na redação. Ali se falava constantemente a respeito do autor do livro que foi encontrado ao lado do trilho da estrada de ferro por meu amigo.

Assim, despertado pelas apreciações dos que escreviam sôbre Euclides e pela leitura de trechos destacados de seu livro para argumentar as dissertações de seus críticos na imprensa, resolvi conhecer o conteúdo da obra em tôda sua plenitude.

É justo afirmar que a pretensão de ler Os Sertões plantou o marco zero da estrada intelectual que se abria para formar a minha história de leitor.

A fim de concretizar minha intenção da leitura, resolvi tomar emprestado o livro ao meu amigo. Logo que o fiz ciente do meu desejo, me encheu de surpresa dizendo: "sabe de uma coisa, o José Chaves está doido por êsse livro; até me informou que a edição está esgotada e que por isso estão pagando quinhentos mil réis pelo exemplar — mas isso não interessa; tome o livro, é um presente que te faço". Francamente, foi a primeira das finezas que já recebi.

Nesse mesmo dia, iniciei a leitura. Comecei pelas explicações das notas preliminares. Estas duas páginas, que denunciavam a proposição científica da obra e que apoiava sua sinceridade num conceito, em francês, de Taine, já me deixaram entre deslumbrado e confuso. Depois passei para o primeiro capítulo. É o estudo sôbre a característica e a influência da terra do nordeste como responsável pela conduta da vida em seu meio.

Na leitura do primeiro capítulo começou o conhecimento, não da obra monumental de Euclides, mas o da minha santa ignorância. Eu pensava que ler Os Sertões era o mesmo que fazia de compor em mão nos artigos destinados para as colunas do jornal, isto é, em linguagem corrente, simples, desataviada de vocabulário técnico ou científico, e que dispensa o dicionário e a cultura.

O fato é que a minha leitura, naquela ocasião, não foi além de umas poucas páginas. Não era possível a um aprendiz de tipógrafo, um rapaz de quinze anos, produto dos escassos recursos do ensino em Ponta Grossa há quarenta anos passados, compreender matéria de tão elevado didatismo.

Razões como esta e outras de ordem econômica fizeram com que a minha luta para ler "Euclides" durasse mais de dez anos, depois dos quais consegui, enfim, transpor as primeiras sessenta páginas que tratam das condições, formações, transformações e efeitos geológicos, assunto de profunda cultura, o que considerei, segundo um conceito do próprio livro, uma vitória de "jagunço destemeroso", dada minha deficiência atrás explicada, e daí chegando até à última página que enfeixa a obra.

Mas, pensaria alguém, por que mais de uma década de avanços e recúos para a leitura de uma obra, quando seu autor em igual período atingiu sua completa formação intelectual e no espaço de seis, isto é, de 1896 a 1902, brindou o mundo literário de língua portuguêsa com um monumento granítico de observação estética, de pensamentos e sentimentos humanos?

A resposta é de que, essa é a luta de todos os auto-didatas. É a história de todos que aprendem um pouco, porém, com muita dificuldade e que, embora os naturais percalços, é preciso enfrentar a leitura de obras do valor de Os Sertões, fontes de onde nascem e correm mananciais de idéias, e, ao mesmo tempo, um imperioso convite ao estudo da extensa bibliografia que substancia tais trabalhos.

A verdade é que se aprende um pouco. A verdade é que outros autodidatas aprenderam em profundidade e qualidade como Alexandre Herculano, glória das letras portuguêsas, — enfim, depois de começar a ler, aprendendo, as páginas de Os Sertões são para deixar extasiado, em muda interrogação, de como é possível o engenho do pensamento humano encadear um vocabulário descritivo da natureza e paisagem do nordeste, com tanta fidelidade como se fôra uma projeção em tela cinematográfica, ou, então, interpretar, do mesmo modo, a alma hostil da vegetação, frente a qual parece ao homem, neste recorte do texto:

> "que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai".

É um quadro primoroso no qual Euclides da Cunha apresenta mais um elemento à soma dos fatores do meio que deveu moldar o espírito do brasileiro daquela região.

Como se vê, a obra surpreende, pela sua elevação o leitor desavisado, mesmo assim, sopra o seu orgulho, porque compreende nela o sentido de valorização da raça, pela exposição do caldeamento de onde emergiu o caboclo do Brasil e porque todos os seus atributos de inquebrantável tenacidade.

Uma tenacidade e valentia que sobressai em todo relato da luta do homem com o meio — e depois — por uma causa em que se apoiava na mais nobre das convicções — o bem de sua gente!

Tenacidade e valentia do caboclo nordestino personificada na figura do Beatinho, à frente de uma legião "desarmada, faminta e claudicante", apresentando um quadro de tão chocante tristeza que até os soldados da legalidade, ainda com a arma fumegante da fuzilaria, consideraram, no dizer de Euclides, como "um assalto mais duro que o das trincheiras em fogo". Tal era o cortejo que o acompanhava, de velhos e velhas, mulheres cadavéricas e crianças esqueléticas, e que marchavam rumo ao bivaque do comandante militar.

Jamais alguém sonhou estratégia de caboclo até na rendição.

Na realidade, aquilo que parecia rendição, era, apenas, o prelúdio de mais uma prova do valor do jagunço. E evidencia esta suposição o fato de ter sido o Beatinho executado.

Depois do fato consumado ficou transparente que, na diplomacia daquele sertanejo, havia um objetivo mais elevado — preservar, daquele modo, para o futuro da pátria uma estirpe de autênticos heróis, já que no Arraial de Canudos só haveria de cessar a luta — quando tombasse por terra o seu último defensor...

Termina aqui êste meu relato em homenagem ao cincoentenário de Os Sertões, no qual, historiando minha odisséia de leitor e tecendo alguns comentários em tôrno da matéria, desejo adicionar minha profunda admiração à plêiade de intelectuais que mantém viva a figura de Euclides da Cunha no coração da nacionalidade que êle tanto amou e dignificou, com suas obras culturais.

Aniversário de Fundação de Ponta Grossa

O nosso companheiro **Daily Luiz Wambier**, na qualidade de Vereador à Câmara Legislativa dêste Município, foi designado pelo Presidente dessa Assembléia popular a fim de falar na Sessão Magna de 15 de Setembro em curso, sôbre o 129º. aniversário de fundação de Ponta Grossa.

São estas as palavras daquêle nosso amigo:

Honrou-me o Sr. Presidente desta Casa legislativa com a incumbência de dizer algumas palavras sôbre a maior data municipal de Ponta Grossa, o aniversário da sua fundação.

Permitam-me que eu passe por cima da respectiva cronografia, pois sabemos que a cidade comemora mais um ano de vida, o 129º. aniversário. E sabemos, ainda quais as circunstâncias que rodearam os começos da nossa existência, no seio da comunidade paranaense com Rocha Carvalhais em primeira plana, secundado pelas pombas que pousaram na colina, localizando o centro da nascente povoação.

É que o calendário, na vida das cidades como nos indivíduos, não tem fôrça para lhes emprestar méritos ou deméritos perante o mundo, como elementos úteis ou perniciosos à comunidade em que atuam.

São os seus atos e atitudes, bons ou maus, que os situam — cidades e indivíduos — marcando-lhes os níveis da sua superioridade ou inferioridade.

Os padrões morais das cidades, como dos indivíduos, se alimentam, não de datas, mas da dignidade dêsses atos e dessas atitudes.

Em Ponta Grossa as datas se perdem no fragor das lutas que vem sustentando pelo bem comum; as datas desaparecem ante o trabalho inteligente da sua população; as datas se apagam em face do ímpeto criador do seu povo; as datas silenciam à vista do trepidar das máquinas do progresso nas ruas, nas oficinas e nos escritórios, no soberbo afã de realizar a prosperidade comum.

Não somos, porém, um povo excepcional. Nem pretendemos nos colocar acima dos nossos irmãos do Paraná e do Brasil.

Na verdade, como a Bagéense de Afrânio Peixoto, Ponta Grossa é uma cidade como as outras. Nem cheia de vícios nem vazia de virtudes.

Pode, contudo, orgulhar-se do seu passado, das suas tradições. Ligada a todo o território brasileiro e plantada no coração da terra paranaense, Ponta Grossa muito fêz no sentido de contribuir com a parcela do esfôrço que o Brasil lhe exigia, desde os tempos em que, entrecruzada de caminhos rudes, unindo o Sul ao Norte do País, era o ponto de passagem das tropas gaúchas que demandavam as famosas feiras de Sorocaba.

A sua prosperidade não cresceu no clássico "do dia para a noite" das cidades do Norte do Estado. Ela foi edificada, ano após ano, através do trabalho incansável e ininterrupto da sua gente operosa, diligente e dinâmica. A sua economia, por isso mesmo, repousa em bases sólidas.

A contribuição pontagrossense, assim, tem sido das mais úteis à prosperidade estadual, de onde a situação de evidência em que se encontra.

Há, além disso, um aspecto que se não pode deixar de assinalar, no dia em que se acrescenta mais uma etapa na sua vida autônoma.

Aludo ao aspecto moral e espiritual que ela soube imprimir aos seus atos e atitudes, não obstante possuir uma população cosmopolita, quando os problemas dessa ordem se apresentam de solução mais difícil.

Efetivamente, não é de agora que Ponta Grossa vem se insurgindo contra a imoralidade e a indecência, nas suas múltiplas maneiras de se manifestar. Não é de hoje que daqui se projetam, para o Brasil inteiro, os reflexos dos seus empreendimentos de cunho essencialmente espiritual ou de sentido eminentemente moral.

Sua posição, em face do bem, é notória. Seus princípios cristãos firmes, como a estrutura dos granitos que enfeitam os verdes ondulados dos Campos Gerais do Paraná.

Reagindo, como tem reagido, contra as fôrças negativas da nacionalidade, que lhe pretendem aniquilar os valores morais e espirituais, Ponta Grossa tem espelhado, nessas conjunturas, o verdadeiro esfôrço do seu povo, que repele quaisquer investidas tendentes a destruir êsse esplêndido patrimônio de justiça e de amor, de paz e de liberdade. E os anos decorridos outra coisa não têm feito senão confirmar e ampliar êsse trabalho de nossa gente.

Servindo de barricada contra os atentados que tenham por fim diminuir ou limitar os contornos dêsse ingente esfôrço comum, esta cidade, graças a Deus, jamais deu provas de enfraquecimento nas suas campanhas. A cada embate, suas energias como que se retemperam e se renovam, para novos cometimentos no sentido do bem, anulando os tufões da imoralidade que se esforçam por extinguí-los.

Ainda agora, quando se engrossam e criam corpo essas fôrças dissolventes da corrupção e do aviltamento, nós vemos Ponta Grossa formando na primeira linha de combate, insurgindo-se, vigorosamente, contra os que não crêm nas construções do espírito. Contra os que não acreditam na poderosa fôrça moral dos que agem com a consciência e o coração.

Os filhos desta terra sabem que as suas obrigações crescem na medida do crescimento de Ponta Grossa.

E sabem, de outro lado, que a posição das cidades se apoia no trabalho de sua gente e se alimenta na dignidade do seu povo.

Vivemos dias de intranquilidade e angústias. A confusão e o desassossêgo se avolumam por tôda parte, e o mundo se desarvora e se desorienta, como se estivesse varando as escuridões sombrias de oceanos desconhecidos. Desordenadamente, todos se entregam à ázafama de desviar os perigos iminentes, contornando os abismos que nos ameaçam. Inquietos e insatisfeitos, os povos atritam, separam, confundem e perturbam, sobrenadando os baixios lodosos dêsse imenso mar de exaltações e violências, de cupidez e egoísmo, de negações e ausência de escrúpulos.

Ponta Grossa, contudo, marcha, tranquila, para os seus destinos, convencida de que, hoje mais do que on-

(Conclúi na página 2)

Um Paranaense na Conquista das Missões

(Especial para "TAPEJARA")

GABRIEL MENA BARRETO

Do "Centro Cultural Euclides da Cunha"

Foi no ano de 1769 que nasceu Gabriel Ribeiro de Almeida em Santana do Iapó, o povoado que os carmelitas, descontentes na Capela de Santo Antônio do Capão Alto, depois Igreja Velha, viriam fundar em colaboração com a política de povoamento fortemente incentivada na metrópole pelo marquês de Pombal. Santana do Iapó se transformaria, vinte e um anos após, na Vila de Castro, solenemente instalada a 2 de Fevereiro de 1789.

Gabriel Ribeiro de Almeida era mameluco.

Seu pai, Manuel Ribeiro de Almeida, era um jovem tropeiro paulista natural de Juqueri, cujo progenitor, Inácio Taques de Almeida, natural de Sorocaba, descendia do fidalgo português Pedro Taques que, no último quartel do século XVI, viera como secretário de D. Francisco de Sousa, 7º. Governador Geral do Brasil. A mãe de Gabriel Ribeiro era indígena, de uma das tribus dos Caingangs que dominaram, durante largo período, os territórios de Castro, Guarapuava e Palmas, estendendo, em seguida, sua influência até os sertões de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Quando o ouvidor-geral de Paranaguá, Dr. Francisco Leandro de Toledo Rendon, recebeu a incumbência de erigir a nova vila com o nome de Castro, em honra a Martinho de Melo e Castro, Secretário dos Negócios Ultramarinos, lá se achavam estabelecidos, como primeiros moradores, o capitão Inácio Taques de Almeida, avô do referido Gabriel Ribeiro de Almeida; capitão Francisco Carneiro Lobo, um dos chefes expedicionários da primeira conquista de Guarapuava; Alferes Manoel da Fonseca Paes, Dr. Manoel de Melo Rego, Inácio de Sá Arruda, José Rodrigues Betim, Antonio Pereira dos Santos, Alferes João Batista de Oliveira e outros paulistas.

Em 1788 o tropeiro Manoel Ribeiro de Almeida, que constituira família em Sorocaba, casando com Ana Maria Bueno, bisneta de Anhanguera, transferiu residência para a nova capitania riograndense, trazendo em sua companhia dois filhos varões: um, com pouco menos de vinte anos de idade, Gabriel Ribeiro de Almeida, tropeiro como o pai, e o outro chamado Bento, com cinco anos apenas, havido do casal, e que nascera em Sorocaba em 1783. Foi mais tarde o marechal Bento Manoel Ribeiro que tanto se haveria de ilustrar nas campanhas da Banda Oriental e na guerra dos Farrapos. Passou a família a residir em Cachoeira onde novos filhos vieram a nascer e enriquecer o lar de Manoel Ribeiro.

Em Junho de 1801 chegavam à capitania de S. Pedro do Rio Grande, por um navio de Pernambuco, diversas pessoas que logo divulgaram a notícia de nova guerra entre Portugal e Espanha.

Governava a capitania o general Sebastião Xavier da Veiga Cabral e Camara e o comando de Rio Pardo era exercido pelo tenente-coronel Patrício José Correia da Camara, que, como major, salientara-se no sítio e tomada de Santa Tecla e, por êsse motivo, fôra promovido àquele posto.

Naquele ano de 1801, Espanha e França haviam firmado uma convenção secreta para a conquista de Portugal, base naval da Inglaterra.

Napoleão I exigia do Príncipe Regente D. João o rompimento com os ingleses que, por seu turno, ameaçavam apossar-se do império colonial lusitano em vista da política neutral estabelecida em 1796 pela côrte portuguesa. Esta, recusando-se a cumprir as determinações de Napoleão, vira seu território invadido pelos exércitos da Espanha. Nessa guerra fulminante, Alentejo caíra em poder do invasor e D. João assinava, em 8 de Junho de 1801, a paz de Badajoz com a Espanha e, em 28 de Setembro do mesmo ano, com a França, representada por Luciano Bonaparte, irmão de Napoleão, Portugal perdia para sempre Olivença e pagava à França elevada indenização em pedrarias e ouro do Brasil.

Êsses os acontecimentos que teriam necessàriamente de refletir na região fronteira do Brasil Colonial com a América Espanhola.

Havia um quarto de século que o Brasil meridional sofria as desastrosas consequências do Tratado de Santo Ildefonso, firmado em 1º. de Outubro de 1777 entre o rei de Espanha, representado pelo ministro Flórida Blanca, e a rainha de Portugal, D. Maria I, que sucedera no trôno a seu pai D. José I. Equivaliam as disposições dêsse tratado à sanção das conquistas de D. Pedro de Cevalos, pois, com exceção da ilha de Santa Catarina, que a 20 de Fevereiro daquele ano havia caído em poder do referido fidalgo para o domínio da Espanha.

Bastante haviam padecido os nossos indígenas desde que Pombal expulsára do reino e de suas colônias os missionários da Companhia de Jesús. Passaram êles a viver sob o mando discricionário dos castelhanos daquem e dalém mar. Das antigas reduções, fundadas e orientadas pelos hábeis e competentes jesuitas, havia ainda os sete departamentos ou sete povos das Missões. Eram êles Candelária, séde do govêrno, São Miguel, Japejú, Apóstoles, Itapuã, Santa Rosa e São Estanislau. Cada departamento dispunha de um tenente-governador que era sempre um oficial de tropa de linha ou de milícia castelhana.

As missões riograndenses pertenciam ao departamento de São Miguel, com exceção da de São Borja que pertencia à de Japejú. Divergências de tôda natureza, inclusive conflitos de jurisdição, surgiam entre os administradores militares e os padres franciscanos e dominicanos enviados para as reduções em substituição aos jesuitas, enquanto os indígenas se iam mostrando cada vez mais descontentes com o novo regime e saudosos de seus antigos dirigentes.

Na época da expulsão dos jesuitas a população dessas reduções montava a 93.181 almas, sendo 20.306 no território de São Pedro do Rio Grande.

Dispunham também de 769.353 cabeças de gado vacum, 221.537 de gado ovelhum e 94.983 cavalos e muares. Mas tudo isso diminuira sensivelmente, em vista de procurarem os indígenas voltar às tabas primitivas em fugas constantes para o mato.

Com a criação do vice-reinado do Prata, o govêrno das Missões ficou inteiramente subordinado ao de Buenos Aires, onde foi centralizada a cobrança dos grandes lucros obtidos nas reduções.

Êste o cenário do Brasil missioneiro ao irromper, em meiados do ano de 1801 ,a nova guerra luso-castelhana que viria dar ensejo à reconquista das Missões.

Surge então um forte grupo de homens decididos, entre os quais se destacam Gabriel Ribeiro de Almeida, o bravo mameluco castrense, José Borges do Canto, Manoel dos Santos Pedroso, João do Cabo Farias, José Gomes Centurião, José Joaquim Barbosa, Adriano Santiago, José da Silva Avila, Francisco Fernandes, Joaquim Ferreira Machado, Januário Barbosa, Manoel Gomes Leite de Siqueira e outros patriotas cujos nomes desapareceram sepultados na ingratidão da posteridade.

Manoel dos Santos Pedroso, à frente de quarenta milicianos a cavalo, ataca e põe em fuga a guarda castelhana de São Martinho, enquanto Gabriel Ribeiro de Almeida e José Borges do Canto tomam o posto de R

(Conclui na página 19)

x x x

Guardas da Alfândega Lingüística

(Conclusão da página 20)

indicador de um desacêrto, para exprimir um fenômeno linguístico.

O nosso opulentíssimo vocabulário, que abrange, sem exagêro, passante de 20.000 brasileirismos, não lhes merece maiores atenções.

Construções peculiares no Brasil, usadas por mais de 30 milhões de pessoas, aceitas por uma população de mais de 55 milhões, (Portugal 7.200.000 habitantes) são classificadas de deturpações, de corrupções idiomáticas. Negam-se a compreender que as formas idiomáticas merecem aceitas, deixam de ser desacertos (1), quando aceitas pelo povo e recebem a aprovação dos mestres. O povo é o grande mestre da lingua, como escreveu A. Dauzat: "Car le peuple est encore le meilleur maître du langage." (La Vie du Langage", pág. 300).

Recusam-se a reconhecer que o Português, transplantado para um ambiente tão distante, devia sofrer evolução diferente (2). Foi o que sucedeu com o inglês levado para os Estados Unidos, ou com o francês usado no Canadá.

De uma intransigência sem limites, alguns escritores e gramáticos portuguêses horripilam-se quando se lhes depara uma construção nossa, não usual em Portugal, um vocábulo brasileiro, ainda que empregado por 45 ou mais milhões de brasileiros.

Desnecessário é recordar as arremetidas de Teófilo Braga contra José de Alencar e o violento ataque de Camilo Castelo Branco contra Fagundes Varela, tão sòmente porque um pronome pessoal obliquo não estava arrumado na frase, como se faz em Portugal. Entretanto digamos a verdade sinceramente. Fagundes Varela dispôs o pronome na oração como o fazem, ao falar 90% dos brasileiros, como fazem 45 milhões de brasileiros.

Alguns gramáticos portuguêses arremetem-se contra os escritores brasileiros, desancam-nos porque não redigem a modo do Pôrto, de Coimbra ou de Lisbôa, porque empregam vocábulos nossos, que nos são indispensáveis. Não cogitam de saber se o seu modo de escrever reflete o nosso modo de falar, com as suas peculiaridades. E gritam ruidosamente, como se só escrevessem corretamente, os que seguem os figurinos lisboetas.

Para êles, são admissíveis tão sòmente as construções e os neologismos aceitos lá, que trazem a chancela portuguêsa. Negam-nos capacidade para criar palavras, para neologizar, para enriquecer o idioma, que também é nosso, que é patrimônio comum.

Para êles é patrimônio).

Êles se consideram arrogantemente **guardas aduaneiros linguísticos**. Só não é contrabando idiomático, o que passa por êles.

Que extraordinária relutância em reconhecer que já tivemos o Sete de Setembro de 1822! Negam-se a reconhecer que já não somos colônia (ou c(lônia ?) e que podemos, sem atentar contra as regras de sintaxe, contra o gênio da lingua, ter construções nossas, opulentar o nosso léxico. Respeitemos as tradições do nosso idioma. Admiremos a grande Cultura portuguêsa, acatemos os seus eminentes Mestres e Escritores, que dignificam e honram as letras, a língua formosa que temos orgulho de falar. Prestemos tôdas as nossas homenágens porém de pé e não de joelhos.

---

(1) O Dr. Manuel de Paiva Boléo, da Universidade de Coimbra, escreveu: "Num país como a França, a Alemanha, a Espanha, a Itália ou em qualquer outro onde se saiba o que é o espírito científico e onde se não confunda crítica com polêmica ou jornalismo, a FIGURA E A OBRA DE JOÃO RIBEIRO, de há muito teriam sido reduzidas as suas devidas proporções.

João Ribeiro gozou e goza ainda pòstumamente, de grande prestígio no seu país, onde foi considerado uma espécie de padre-mestre da Filologia. Há mesmo brasileiros que não receiam cometer a injustiça, que denota falta de sentido de proporções, de o considerar o Leite Vasconcelos do Brasil".

("Brasileirismos", pág. 5, Coimbra, 1943).

---

(1) Albert Dauzat declarou: "La Linguistique prouve ainsi que toutes les transformations syntatiques ont eté à l'origine, des solécismes" (La Langue Française D'Aujord'Oui", pág. 10, Libraire Armond Colin, 1923).

Assim sucederá com o nosso falar. Construções nossas, ora apontadas como deturpações, como solecismos, virão a ser tidas como transformações sintáticas e não incorrerão nas censuras dos ultrapuristas... Sairão do index.

---

(2) Vendryes escreveu: "... les tendances que chaque langue posséde en germe ci s'epanouissent souvent plus vite et plus complétement **lorsque la langue est exportée au loin.** Ainsi certaines innovations se sont manifestées plus vite dans le français a émigré en Amerique au XVIII° siécle".

("L'Evolucion du Langage, pág. 413).

Albert Dauzat, o grande Mestre, escreveu em "La Philosophie du Langage", pág. 119:

"Toute langue parlée par un nombre important d'individus et sur un territoire assez vaste, tend á se segmenter, en raison même de son extension. La segmentation s'opére en fontion des milieux, milieux géographiques ou mileux sociaux. Dans le premier cas, la langue se scinde en dialectes".

Em outro livro, Albert Dauzat declarou... "Le climat influe sur la race et, par suite, doit exercer une action sur le langage".

("La Vie du Langage", pág. 49, Libraire Armand Colin, Paris, 1919).

Quem será capaz de asseverar que o Brasil não apresenta diversidade de clima, que tem um ambiente igual ao de Portugal.

A. Miellet, talvez o maior filólogo francês, escreveu:

"En effet l'experience montre que, sans cesse, les langues communes s'étendent sur de nouveaux domaines et que, sans cesse aussi, elles se brisent en parlers distincts."

(Les Langues dans l'Europe Nouvelle, pág. 101, Payot, Paris, 1928).

x x x

Aniversário de Fundação de Ponta Grossa

(Conclusão da primeira página)

tem, lhe cabe desempenhar papel importante no concêrto dos demais rincões pátrios, para o objetivo comum a todos nós: a grandeza do Paraná e a glória do Brasil.

Tenho para mim que êste é um dia propício à meditação dos pontagrossenses. Nesses longos anos de ação e trabalho, muita lição recebemos e muitos exemplos nos foram transmitidos. Lições e exemplos que devem servir de advertência, quando errámos; e de estímulo, quando acertámos.

Meditemos, pois, e continuemos o nosso esfôrço construtivo e honrado, a fim de que o Paraná e o Brasil nunca possam duvidar da capacidade criadora dos pontagrossenses nem da sua absoluta confiança dos gloriosos destinos da nacionalidade.

Tapejara

Órgão do Centro Cultural "Euclides da Cunha"

Diretor: Faris Antonio S. Michaele
Secretário: Daily Luiz Wambier
Redatores: Diversos.

Enderêço da Redação:
CAIXA POSTAL, 337
PONTA GROSSA — PARANÁ — BRASIL

NOTA BIBLIOGRAFICA

Mitologia, Religion y Ciencia

Del Profesor, Don Francisco Pablo Labombarda

Conocemos al Profesor, Don Francisco Pablo Labombarda. Sabemos que es un gran espíritu que sabe abarcar y comprender todos los altos significados de la vida. Conocemos sus obras de esforzado luchador en pro de la unión americana de escritores, que no es otra cosa que sus aspiraciones a la unidad de fuerzas intelectuales selectas en procura de la superación cualitativa del alma humana. Su obra "Mitología, Religión y Ciencia", no podía ser sino un exponente de su constante enfoque sobre la verdad, buscando sus rutas, desentrañando sus reales significados, para apostar con su luz a la fatigosa tarea que incumbe a los clarividentes, de iluminar el pasado histórico del hombre para hacer más comprensible su presente y pronosticable su porvenir. Al buscar y defender en su obra esta verdad, describe la trayectoria de la mente humana, a través de todos los tiempos, ante el misterio de lo creado que lo rodeaba y de su propia existencia. Es una marcha lenta, atormentada pero segura, hacia la revelación de su propio espíritu, única fuerza racional, tras el velo de lo inexpugnable que encierra el misticismo divino, que lo conduce hacia la potencia de su yo. En su especial referencia a América, colocada en el concierto de Mitología, Religión y Ciencia, universal, señala con certeza los más interesantes antecedentes, puntos de contacto, diferenciaciones, que evidencian erudición amplia y paciente investigación. Marca los errores mantenidos durante mucho tiempo y descubre una sagaz interpretación de monumentos y hechos del hombre que, con aparente sencillez, son, en realidad, de importantísima sustancia histórica. Ahora es dable esperar la segunda parte de la obra de Don Francisco Pablo Labombarda, de indudable interés y utilidad para los estudiosos investigadores, como para los amantes del saber y de sus fuerzas de expresión.

LUISA MARIENHOFF

Mendoza, (Rep. Arg.) mayio 15 de 1952.

Na Taba

Dedicado ao "DIA DO INDIO"

Atráz de coema piranga,
Raiando vem Aracy;
A tribo toda desperta
Bem antes de coaracy.

Curumí, todo enfeitado
Com penas da uacará
Vae indo até a itapeba,
Pescar com um itapuá

Com êle vae seu guaipé
Que gosta de um bom pirá
E ao dono muito festeja
Prá que êle leve o piná

Um tapiya vae à caça
Mas não deixa sua kicé
E faz a remiricó
Farinha para o miapé

Um Yateima se balança
Deitado na itamacá;
As vezes êle até faz
Um belo caraxá

Cunhã-itá, lá na óca,
Preparam timiú catú
A maniôca, o cumandá,
Do auatí fazem bijú

À tarde, atraz da Yuytêra,
Vae se esconder coaracy
Tuxáua vem para a ocara,
E sonha ao som da memby.

Tôda a tribo se reúne,
E o cacique tuiué
Olha o brinquedo da lua
Nas palmas da catolé.

MARIA HELENA ALMEIDA
Ponta Grossa, 18-5-52.

x x x

Livros Novos

ARTUR TORRES

GLADSTONE CHAVES DE MELO: Iniciação à filologia portuguêsa — Edição da "Organização Simões". Rio — 1951, com 300 páginas, formato pequeno.

Como trabalho destinado a ministrar conhecimentos básicos aos que se iniciam nos estudos de filologia portuguêsa, a obra do prof. Gladstone Chaves de Melo prestará, sem dúvida, serviço apreciável, merecendo por isso os nossos sinceros aplausos.

Os mais interessantes assuntos de filologia são aí expostos com clareza e simplicidade, com método louvável, e com orientação geralmente boa.

Compreende nada menos de 20 capítulos, alguns dos quais merecedores de encômios, ao lado de outros que deixam impressão destoante e até mesmo desagradável pelas referências pessoais e ofensivas a certos vultos de nossa filologia.

Todos nós, que estudamos com seriedade e carinho a nossa língua, temos de combater a influência nociva de autores que, não possuindo a necessária formação científica, levam a ministrar noções errôneas de gramática e de filologia, movidos, muitas vêzes, por vaidade ou, ou que é pior, por espírito de mercantilismo.

Em nosso folheto sôbre o idioma português falado no Brasil, também tivemos oportunidade de combater êsses pretensos filólogos, êsses pseudo-gramáticos e êsses falsos puristas, os quai não escaparam à ironia contundente do grande Eça.

Mas, no livro do prof. Chaves de Melo, essa preocupação, longe de nos dar idéia de uma prudente advertência aos que se iniciam nos estudos dessa matéria, com o intuito louvável de sanar as deficiências do autodidatismo, assume o aspecto impressionante de uma verdadeira obcessão.

Ora, um autor que aspira ao título de "orientador" de uma ciência qualquer, há de ser, antes de tudo, sereno, probo e desapaixonado, evitando as referências pessoais, as ironias ofensivas e as omissões injustas.

Em seu prestante livro, o prof. Chaves de Melo, prodigalizando os mais pomposos adjetivos a filólogos de sua amizade, omite o nome dos que lhe não saíram na simpatia, geralmente por terem feito alguma bem intencionada restrição a seus trabalhos, ou, quando os menciona, é para crivá-los de frases chistosas, de referências ofensivas, não respeitando nem mesmo a memória dos que já não podem mais defender-se.

Querem uma prova ? Leiam esta referência a Cândido de Figueiredo, que se acha à página 70 do livro de estudo:

"Os livros de Cândido de Figueiredo, pelo grande mal que têm feito devem ser queimados com solenidade, para exemplo às novas gerações".

Na mesma página, ao combater furiosamente compêndios, manuais e gramaticazinha (sic) que nada valem, segundo seu modo de ver, o autor não se limita a uma prudente advertência aos principiantes.

Ao contrário, usa expressões incompatíveis com a seriedade de uma obra de ciência: "Muitos de tais livrescos devem ser queimados porque, atirados ao lixo, podem ser aproveitados por alguém, o que não deve acontecer".

Cândido de Figueiredo, com tôdas as suas deficiências, com todos os seus erros, prestou à nossa língua serviço que não podemos deixar de reconhecer. Além disso, numa época de escassa cultura gramatical e filológica, êle despertou o interêsse dos estudiosos para o estudo de nosso idioma, incentivando-os, estimulando-os. Querem ainda lembrar que Rui Barbosa não se correu de considerá-lo "a maior das nossas competências atuais, em matéria de lexicologia portuguêsa".

Respeitemos-lhe, portanto, a memória, se é que as suas obras não merecem respeito.

Tirante essas falhas, que a sinceridade manda apontar, louvamos o esfôrço do ilustre autor, cujo nome vai-se firmando cada vez mais no espinhoso terreno da filologia.

x x x

Deturpações Curiosas de Palavras de Origem Tupí-Guaraní

Por DR. NORBERTO BACHMANN

É evidente que a pronúncia e a grafia dos nomes tupí-guaraní sofressem a influência pessoal dos viajantes mais ou menos inteligentes que perlustraram o Brasil, especialmente influenciados por sua lingua natal.

Não é de admirar, pois, que Hans Staden escrevesse Schirmerein por jurumirim, entrada da baía de Florianópolis e Neurwied chamasse os botucudos de **Engeraeckmund**.

Sernambitiba é uma localidade no litoral norte e significa ostreira, o mesmo que sambaqui no sul. Sernambi era a designação indígena de um molusco lamelibranquio marinho, da família dos Mactaracidios; no Ceará, segundo Chermont de Miranda, indica qualquer concha e corresponde assim os termos **itá**, mais generalizado. **Tiba**, é adulteração de **tuba** que equivale a abundância. Sernambitiba é, portanto, lugar em que abundam as conchas. É o Kjokkenmodding escandinavo. Pois de Sernambitiba o linguajar do povo fez Simão de Tiba, nome que modificou afinal para João de Tiba, como hoje assinalam os mapas.

Pero Cabarigo é outra adulteração curiosa. O nome primitivo era percaauiri, contração de **paracáu-ri**, que significa papagaiozinho e se refere a uma ponta de terra em Pernambuco. Pois de percaauiri o povo fez Pero Cabarigo que lembra o nome de piloto italiano ou espanhol que andasse pela zona.

Nhanduí era o apelido de um chefe potiguara e se compõe de nhandú, ema e **i**, diminutivo, equivalendo a ema pequena, talvez porque êle fosse bom corredor; pois a palavra foi latinizada para **landovius** e posteriormente afrancesada para Jean Dorwy, Jan Davi e até Johann de Wy.

Baturité, a conhecida serra cearense, procede de **ibitiruetê** e se interpreta montanha de verdade, a grande montanha.

Mariquinhas é nome dado a um mono, o Eriodes arachnoi, que os íncolas denominavam **mburiquina**.

Urbioneme ou **Orbioneme** era, segundo Hans Staden, a designação da ilha de São Vicente. Outros viajantes alteraram o termo para Orpion, Urpion, Orbion, e Morpion; o nome original, segundo João Mendes de Almeida era **uira-upaon** ou **ypáu** ou ilha das aves, mas é mais provável tenha sido **upaú-hema**, a ilha ruim. Aliás sôbre êste nome que Léry atribue ao pôrto de Bertioga, sérias dúvidas etimológicas surgiram. Alguns estudiosos consideraram-no estranho ao tupí-guaraní.

Martim Pereira procede de **matin-pererê** que, por sua vez, se origina de **saci-pererê** que é contração de saci-sapererê e que significa, conforme Pirajá da Silva, um ôlho doente e outro vivo, buliçoso.

É interessante verificar que Paraná e Maranhão tenham composição idêntica e ambos signifiquem rio grande, mar. Batista Caetano reparte o termo em y-pa-rá, o que quer dizer: **águas tôdas colhe, o colecionador** de água e nã, semelhante, isto é, o que parece com o mar. É mais provável que a expressão original seja **mbará-nã**, de **mbará**, rio, mar e **nã**, significando, no caso, grande, espesso, forte. As palavras começadas por **mb**, no tupí-guaraní, perderam, ao passar para o português, uma destas duas letras, ora o **m**, ora o **b**. Exemplo típico é **mboi**, cobra que deu **boicininga**, cascavel (**mboi**, cobra é **cininga**, ruidosa) e **Mogi**, cidade no Estado de São Paulo (**mboi-i**, rio da cobra). Assim **mbaranã** deu **baranã** e **maranã**, dando Paraná e Maranhão. Enquanto a última conservou a nasalização de sílaba final, ela desapareceu na primeira, embora a conserve no linguajar dos caboclos que ainda hoje pronunciam **paranan**.

É a grafia que adota Lysias Rodrigues, no "Roteiro de Tocantins", quando se refere ao vau do Paranã.

Quanto ao termo Maranhão, há opiniões discordantes. Deixando de lado a interpretação pueril: Mar ? ah ! non !, há quem o ligue a **maranha**, e a nomes da família em Portugal, mas parece não haver dúvidas quanto a origem nheengatú.

Pereira é nome dado a várias árvores da família das apocináceas e a uma, a pereira amarga, da família das leguminosas pepilionáceas. Também chamam-na de **pereiro**. O termo provém do tupí-guaraní, **pirera**, casca de árvore, e nada tem que ver com a homonima lusa, importada no país.

Veturantim, a conhecida cachoeira no rio Sorocaba, é corruptela de **ibiratin** (**ibira**, montanha e **tim**, abreviação de **tinga**) branca e alude ao tamanho do salto que parece uma montanha de brancas espumas.

Araruta é herva da família das marantáceas (Maranta arundinacea L). Todo o mundo admite que o termo venha do inglês arrowroot, mas êste provém do tupí-guaraní **arú-arú**, cuja fécula os caraíbas acreditavam neutralizadora do veneno de flechas.

De **arú-arú**, diz Martins, os portuguêses fizeram araruta que os inglêses adotaram sob a forma de **arrowroot** e espalharam por todo o orbe.

Bucaneiro, é palavra adotada na lingua portuguêsa, significando pirata. É de origem tupí-guaraní e tornou à nossa língua por intermédio dos franceses que, no tempo de Villegaignon, a adotaram sob a forma de **boucan** de boquem, mboquem, moquem, carne mal assada, oriundo do infinitivo **me-cãe** do verbo **ai-mo-cae** eu asso mal ao fogo. Os piratas das Antilhas usavam como alimento, carne mosqueada com o nome de **boucan** e daí seu nome de boucanier que passou para o alemão como de Bukanier e para o inglês como bukaner. Luccok liga o nome à serra de Bocaina do noroeste do Paratí, no Estado do Rio, nome relacionado com a prática de seus habitantes que assavam a carne sôbre trempes, portanto, **bàsicamente, a mesma origem**.

A Maior Vitória na Campanha de Canudos

(Do livro "A GENTE DA TERRA DE IBIRAPITANGA" — Capítulo 53° — Prefácio de Morais). Autor: Major Murillo Teixeira Barros)

Um grave acontecimento, porém, veio perturbar a paz interna que reinava de pouco tempo: o caso de Canudos.

Nos sertões da Bahia, Antonio Conselheiro — um indivíduo desequilibrado, conseguiu empolgar grande parte da população do interior, fundando o arraial de Canudos, junto ao rio Vasa-Barris, situado em pleno coração do pior sertão baiano. Lendas e fantasias sôbre falsos milagres e fatos extraordinários empolgaram uma gente rústica, ignorante e cuja mentalidade tinha 200 anos de atraso. E os fanáticos de Antonio Conselheiro, pitorescamente denominados "jagunços", não tardaram a realizar excursões e tropelias pelos arredores, ameaçando cidades e alarmando as populações sertanejas.

Canudos tornou-se um valhacouto de bandidos e criminosos que, para lá acorriam, por encontrar segura proteção dispensada pelo profeta bronco, podiam viver livres da perseguição policial. E o seu desenvolvimento foi uma aberração social, constituindo um quadro sui generis, cujos fatores: clima, meio, circunstâncias, idéias e formação — fornecem interessantíssimo estudo à Psicologia, Etnografia, História e Sociologia.

O fato de Antonio Conselheiro prègar contra a República fez derramar por todo o país uma onda jacobina de furor republicano e, para extirpar a aberração social, recorremos à peor de tôdas as soluções, transformando-a em um caso militar.

As condições especialíssimas da luta determinaram uma série de erros militares e humanos, caracterizando, em côres carregadas, a praxe nacional das imitações, que seriam risíveis se não fossem convertidas em dolorosas tragédias.

A Escola Militar era, nessa época, um centro cultural de valor. Os jovens oficiais, que dela saíam, conheciam Matemática, Filosofia, Sociologia e História. Mas nada sabiam de terreno, empregavam mal o armamento, não sabiam manobrar a tropa e pouco entendiam do funcionamento dos serviços. Em compensação, sabiam de côr os princípios de tática mais modernos e todos os artigos mais atualizados do Regulamento de Infantaria dos exércitos europeus.

Uma campanha militar está condicionada aos fatores: missão, inimigo, terreno e meios.

A missão consiste em destruir as fôrças inimigas, cortando suas fontes de suprimentos e impedindo que receba reforços.

O inimigo é outro fator ponderável. Estudar suas possibilidades, o seu valor combativo, os seus métodos de ação e a sua capacidade de resistência, é o dever precípuo de todo chefe militar que não quer ser derrotado no primeiro combate.

O terreno deve ser considerado da maior ou menor reação à operação que deve ser executada.

E, finalmente, os meios consistem no emprêgo da tropa, tirando o máximo de rendimento do armamento, fazendo a manobra fogo e movimento e funcionando os serviços de abastecimento, de remuniciamento e de evacuações.

As tropas do exército, enviadas contra o arraial sedicioso, combatiam de acôrdo com os preceitos mais modernos da tática e, por isso, eram mal sucedidas. Os batalhões, em ordem cerrada, executavam perfeitos movimentos de ordem-unida, a toque de corneta, ostentando vistosos uniformes de túnica azul e calças vermelhas, e assim investiam contra as posições dos jagunços que, dispersos no terreno, fuzilavam, por trás de excelentes cobertas, os esplêndidos alvos formados pelas tropas legais. Havia, portanto, da parte dos chefes militares, a preocupação de cumprir o Regulamento de Infantaria mais atualizado, que não se adaptava ao caso, e desprezavam os outros fatores preponderantes e indispensáveis a uma bôa solução militar.

Os jagunços, com suas roupas adequadas ao meio e com um maravilhoso instinto de defesa, aproveitavam judiciosamente o terreno e tiravam excelente rendimento do armamento rudimentar, levando indiscutível vantagem sôbre os métodos clássicos, rígidos, inflexíveis e vulneráveis.

O fracasso da primeira expedição não serviu de lição e nem se procurou corrigir suas falhas para as expedições imediatas.

A segunda, embora tivesse repetido os mesmos erros da anterior, repeliu um ataque dos jagunços e teria tomado Canudos, se não fosse obrigada a retroceder por ter as suas munições esgotadas.

A terceira expedição, apesar de todo aparato bélico, foi chefiada por um semi-louco, cujo plano, no expressivo dizer de Euclides da Cunha, consistiu em meter 1.300 baionetas dentro de Canudos, o que não era decisão de um chefe militar e sim a de um delegado policial enérgico.

O seu desastre comoveu profundamente a alma nacional. A opinião pública, mal esclarecida pela imprensa, viu, no ruidoso insucesso do coronel Moreira César a ação insidiosa dos inimigos da República. E a multidão, exercendo ação vingadora, cometeu desatinos, praticando assassinatos, empastelando jornais monarquistas e fazendo outras violências.

E, finalmente, o govêrno mobilizou 18 mil homens e o Marechal Carlos Machado Bittencourt, ministro da guerra, transportou-se para Monte-Santo, base de operações, para dirigir a campanha. Não era um gênio militar e nem procurou nos compêndios uma solução clássica entre os melhores mestres da guerra.

Como discípulo de Caxias, aplicou a singela doutrina: "a guerra é ganha com os serviços". Na guerra do Paraguai, era tenente e viu o Patrono do Exército só os serviços estavam organizados e em pleno funcionamento. E fez a mesma cousa.

Cuidando de enviar comboios, com regularidade, o Marechal Bittencourt deu solução ao problema e viu Canudos, depois de heróica e desesperada resistência, cair, encerrando uma das páginas mais trágicas de nossa história.

Nessa luta inglória, porém, tivemos uma brilhante vitória que nenhuma guerra ainda obteve: um livro que orgulha a literatura brasileira: "Os Sertões" de Euclides da Cunha.

Foi na campanha de Canudos que o Brasil do litoral conheceu fundamente a existência de outro — o Brasil dos Sertões.

— "Antes de Canudos pode se dizer que a Nação era oficialmente constituida pelas cidades do litoral, as margens das estradas de ferro, as zonas de produção fácil — os brasileiros que liam jornais e votavam nos partidos do govêrno — a camada superficial da população que explorava a riqueza, constituia o corpo de funcionários e vivia de pequenos recursos. (1)

E Euclides da Cunha no seu "brado vingador", como sugestivamente denominava "Os Sertões", nos fez a estupenda revelação do nosso interior, tarefa gigantesca e dificílima que reclamava os concursos de — "um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista que sabe ver e descrever". (2)

E Euclides da Cunha foi tudo isso ao mesmo tempo, pois reuniu uma inteligência brilhante e uma vastíssima cultura, conciliando qualidades complexas e antagônicas ao compor "o maior monumento da literatura nacional" e que seria o Evangelho do futuro do Brasil.

O problema decisivo dos destinos do Brasil consiste em integrar o interior na comunhão nacional.

A mudança da Capital Federal para o planalto central; o saneamento do São Francisco, com tôdas as obras complementares para o aproveitamento de Paulo Afonso; a organização da agricultura e da pecuária; a abertura de estradas, escolas e postos de higiene; e tudo que não se fez até agora em proveito das populações sertanejas, que vivem com 200 anos de atraso; são problemas que Euclides da Cunha pôs em equação e que, dentro de programas realizadores, reclamam estadistas de pulso e administradores de visão ampla que, trabalhando apoiados por uma opinião pública esclarecida, transformem o Brasil em uma terra de trabalho, fartura, paz e liberdade.

Murillo Teixeira Barros

2 de julho de 1952.

Bibliografia

(1) Silvio Rabelo — "Euclides da Cunha".

(2) José Veríssimo — "Estudos de Literatura" (Transcrição de Silvio Rabelo).

Euclides da Cunha

MESQUITA NETO

(Intelectual do Espirito Santo) — —

Preferimos ler o que outros escrevem, têm escrito sôbre Euclides da Cunha, a escrever, e sòmente agora, pela primeira vez, nos aventuramos a fazê-lo, menos para estudar-lhe a vida e a obra, que têm sido estudadas por amigos, cultores e admiradores, do que para algumas referências à sua personalidade multiforme, ao seu patriotismo acendrado, à sua grandeza moral, como homenagem à memória daquela inteligência prodigiosa que se apagou há 43 anos, no dia 15 de agôsto de 1909.

Comemora-se, no momento, no país, a semana de Euclides da Cunha. Associações culturais, entidades e pessôas que sabem reconhecer os méritos das grandes figuras humanas, estão sempre atentas às datas mais significativas de cada uma delas para render-lhes culto.

Euclides da Cunha é um deus das letras nacionais e, como tal, possui altares numerosos em grêmios e corações, pelo Brasil inteiro, a exemplo de Castro Alves, Ruy Barbosa, Machado de Assis, Rio Branco e outros.

Euclides era um espírito cheio de contrastes, inconformado consigo, com todos e com tudo, ora resoluto, ora desanimado, às vezes encontrava caminhos abertos a todos os seus planos e aspirações, mas, de momento, cerravam-se os horizontes e êle se sentia desorientado, perdido, sem rumo.

Engenheiro por necessidade, detestava a profissão que exercia sòmente pela obrigação de trabalhar, pois era pobre. "Mas, em São Paulo, não encontrou Euclides a tranquilidade por que tanto ambicionava. Nem a profissão que ia então encetar, nem os amigos que certamente iria fazer e nem mesmo o ambiente doméstico, lhe dariam a tranquilidade que nunca teve em menino nem em nenhuma época da vida.

A princípio, Euclides permaneceu na fazenda do pai, em Belém-do-Descalvado, plantando e colhendo café. "Eu levo aqui vida trabalhosa de roceiro — escreveu a João Luiz Alves — felizmente a agitação exclusivamente muscular em que vivo, deixa-me o cérebro adormecido, numa grande e benéfica inconciência do que vai pela nossa terra". Algum tempo depois, êle se cansaria da vida roceira e voltaria às suas funções de funcionário público, na Superintendência de Obras de São Paulo. "Por aí já vês que a minha atividade intelectual agora converge tôda para os livros práticos — deixando provisòriamente de lado os filósofos, o Comte, o Spencer, o Huxley — magníficos amigos por certo, mas que afinal não nos ajudam eficazmente a atravessar esta vida cheia de tropeços..." Entretanto, Euclides não deixaria, nem definitiva nem provisòriamente os seus filósofos. Mesmo em viagens de fiscalização pelo interior do Estado, êle tinha um jeito de levar consigo um livro da sua predileção: o seu Buckle ou o seu Carlyle. Também, durante mais de um ano, hesitaria entre o funcionalismo e a atividade agrícola. Êle não sabia bem a que aspirar. Muitas vezes deixava o remanso da fazenda do pai, certo de que não poderia suportar por muito tempo a insipidez do campo. Mas na cidade, fôsse São Paulo, fôsse Lorena ou Santos, no seu trabalho de engenharia, êle estava constantemente a lamentar-se, já com saudades da fazenda. "Não sei quando realizarei o ideal de viver na roça, numa cidade pequena, com um círculo pequeno de amigos, estudando e trabalhando, sendo mais útil à nossa terra" — escrevia ao seu amigo, de Campanha. Apesar de tôdas as suas lamentações, onde menos se aborrecia Euclides era nas suas viagens a serviço da Repartição de Obras. Ao menos satisfazia a sua tendência para a variedade, para o imprevisto e para a aventura". — "Euclides da Cunha", de Silvio Rabelo.

"Oliveira Lima não conhecia Euclides, nem o homem nem o escritor, quando certa vez, veraneando perto do vulcão Asaiama, no Japão, recebera da Livraria Laemmert um exemplar de "Os Sertões". É Oliveira Lima mesmo quem conta as impressões da leitura dêste livro, em artigo de jornal. "Li-o, não de um trago, mas de muitos tragos, porque não é muito fácil a absorção daquele licor acre e inebriante. Não sei se influindo a sugestão do meio, achei o livro vulcânico, isto é, impetuoso e explosivo: interessante, porém, e sugestivo ao extremo. Pareceu-me uma verdadeira revelação literária, a mais notável que eu jàmais presenciara em minha terra". (Ibidem).

José Maria Belo, por sua vez diz: "Não há em tôda a literatura brasileira uma obra mais forte e que maior emoção tivesse despertado".

Euclides nasceu a 20 de janeiro de 1866 em Santa Rita do Rio Negro, município de Cantagalo. Em 1892, na Escola da Praia Vermelha, diplomava-se em engenharia militar. Em 1893, em consequência de malentendidos provocados pelos artigos que publicava na "Gazeta de Notícias", deixou o Exército. Em 1897, seguiu para Canudos, como correspondente do "Estado de São Paulo". Os trabalhos dêsse tempo é que constituiram "Os Sertões", sua primeira obra, publicada em 1902. De 1907 são "Contrastes e Confrontos" e "Perú versus Bolívia", que não desmentiram o vigor da primeira manifestação, de 1902. Em 1908, dava-nos "Martim Garcia". "A Margem da História", também notável realização de seu talento, é obra póstuma.

Os estudiosos das grandes questões políticas, sociais e econômicas do Brasil conhecem-lhe a vida e a obra inteira, como lêem trabalhos diversos e ensaios numerosos que surgem a seu respeito.

Os que estudam se familiarizam com o autor de "Os Sertões" desde os bancos escolares, pois os livros didáticos transcrevem os trechos mais fortes, mais belos do maior livro já escrito no país.

No dia 15 dêste transcorrerá mais um aniversário de sua morte, remate cruel, é verdade, a uma vida atribulada mas gloriosa pelo valor espiritual, pela dignidade, que Euclides da Cunha foi sobretudo um homem de caráter, e os homens de caráter e vergonha merecem tôdas as homenagens porque êsses dons morais são raros. Euclides teve-os sublimados, como superiores foram sua inteligência, talento e cultura.

Sua obra resistirá ao tempo porque os problemas e propósitos que a motivaram continuam atuais, insolúveis aquêles, bem intencionados êstes.

Honra, pois, à memória de quem, tendo vivido sôbre espinhos, produziu tantas flôres e frutos de valor inestimável!

O Culto de Euclides

FRANCISCO PATI

Como vem acontecendo últimamente, não poderei tomar parte, êste ano, em São José do Rio Pardo, nas comemorações euclidianas, à frente das quais se encontram os meus amigos, drs. Almeida Magalhães e Osvaldo Galotti.

Numa das palestras que realizei na União Cultural Brasil-Estados Unidos, no ano passado, sôbre "Os Sertões", tive ocasião de reivindicar para São José o título de "Fidelíssima". Não há outro exemplo no Brasil e na América de cidade mais devotada à memória de um homem e ao culto de um livro. Campinas é o berço de Carlos Gomes e não me consta sejam ali executadas todos os anos as óperas do grande Toniquinho. Nesta capital tem nascido uma porção de gente ilustre, inclusive o poeta Alvares de Azevedo, um dos maiores do Brasil. Nem as comemorações do primeiro centenário do nascimento do lírico de "Se eu morresse amanhã" tiveram proporções condignas!

S. José edifica, empolga e comove. Já agora não se pode dizer seja o "euclidianismo" da cidade obra de dois ou três homens: os já citados Almeida Magalhães e Osvaldo Galotti e outros. Almeida Magalhães, presidente da "Casa de Euclides", mora hoje em São Paulo. Em seu lugar ficou o dr. Galotti. No dia em que êste ilustre médico e homem de letras se mudar de São José, o culto continuará inalterável. Cada habitante da cidade tem interêsse em conservar acesa a chama do euclidianismo. Honório de Sylos mora em São Paulo e é no entanto um dos mais fiéis incentivadores da obra que a formosa e progressista cidade paulista realiza, em louvor dos "Sertões" e de seu autor.

Eu não sou de São José. Pois bem, se dependesse de mim as comemorações de 15 de agôsto contariam obrigatòriamente com o patrocínio de tôdas as instituições culturais ou simplesmente pedagógicas do Estado e do Brasil.

Registro, em verdade, uma idéia. Deveria o govêrno de São Paulo associar às festas de Euclides na cidade mogiana tôdas as cidades do Estado. Seria o caso de se sortear anualmente representantes de tôdas as cidades paulistas às comemorações euclidianas de São José do Rio Pardo. A cada um dêsses representantes entregaria a "Casa de Euclides" um diploma ou talvez um simples certificado de presença. Assim como há gente que se orgulha de ter participado em São Roque da "festa do vinho", em Jundiaí da "festa da uva", ou da "festa do pêssego", ou, ainda, da 'festa do morango", nós nos orgulharíamos de possuir um atestado do nosso comparecimento às festas de Euclides em São José. Seria um atestado de exemplar comportamento... literário.

São José, segundo o tenho dito tantas vezes, é, na história das cidades americanas e mesmo européias, caso virgem.

Verona, na Itália, ao que informam turistas, continua a exibir o balcão de Julieta; Florença exibe a casa de Dante; em Bolonha havia, antes da segunda conflagração universal, uma placa de bronze na casa onde Byron e a condessa Guiccioli se amaram; em Paris há uma placa recente na casa de Neuilly onde faleceu Eça de Queiroz; no Rio de Janeiro temos a "Casa de Rui Barbosa", aos cuidados do dr. Lacombe; em Niteroi existe a "Casa de Antonio Parreiras"; aqui na capital mostramos a casa do Barão de Ramalho, na rua da Consolação, em frente ao cine "Odeon"; em Amparo, na minha infância, havia a "Biblioteca Carlos Ferreira", em lembrança do poeta gaúcho das "Rosas Loucas", amigo e companheiro de Castro Alves numa "república" do largo de São Francisco. Cidade que guarde o culto de um livro só existe no mundo São José do Rio Pardo!

Na Grécia sete cidades disputavam a honra de terem servido de berço a Homero. Nenhuma, todavia, se preocupava a bem dizer com a "Odisséia" nem com a "Ilíada".

As festas euclidianas do ano em curso têm uma significação especialíssima. Como os leitores não ignoram, completar-se-á em dezembro próximo o primeiro cincoentenário da publicação dos "Sertões" pelo velho Laemmert. Na bibliografia organizada por Francisco Venancio Filho encontra-se isto: "Os Sertões" (Campanha de Canudos) — 1a. ed. — Rio de Janeiro, Laemmert & Cia., dezembro de 1902 — 1 vol. com VII e 632 págs., 4 mapas e 4 gravuras — Contém um prefácio e está dividido em 7 partes: A terra, etc." Já em junho do ano seguinte publicava o mesmo editor uma segunda edição, com notas e índice. Em 905 a terceira.

Depois da terceira edição houve um intervalo grande: seis anos. Entre a 5a. e a 6a. foi maior o intervalo: 9 anos. Daí por diante as reedições se sucedem com maior frequência. Hoje é um livro que não dá prejuizo ao editor. A segunda edição, publicada em 1903, foi, pelo autor, vendida ao Laemmert por um conto e seiscentos, menos de trezentos réis (moeda da época) por página!

x x x

Cincoentenário...

(Conclusão da página 16)

gota a gota nas lágrimas vertidas (192)

na praxe costumeira das tocaias (465)
revidava de longe entre ciladas (466))

o rancor longamente acumulado
exigia revides fulminantes (451)

um foguetão ascendia rechiando
feito um rasgão no firmamento escuro (472)

companheiros que a morte libertara (482)
exaustos, pelas curvas do caminho (483)

aquela pertinázia formidável
de sua resistência inconcebível (471)

os filhos pequeninos, arrastados,
— crianças engelhadas como fetos (522)

longas barbas descendo pelo peito, (178)
resignado, estoico, inflexível (442)

plena manhã esplendorosa e ardente
quando o nordeste atrita rijamente (315)

num repentino deflagrar de tiros
revezavam soldados ofegantes
dentre as moitas esparsas, aprumados (269)

Fiquemos por aqui nessa colheita que já vai longe. Parece-nos que a coletânea aí publicada constitue farto material para um estudo sério sôbre os grandes dotes de um poeta que se escondeu na prosa euclidiana. Faltam as rimas e a sequência ou continuidade dos versos; mas, diz Aragon, "é na beleza do que escreve que o poeta se faz insubstituivel". Repito: aí ficam uns apontamentos para um estudo mais amplo. Eu porém tenho que me limitar a registrar o fato, como simples copista, deixando aos especialistas — professores de português e de literatura — a tarefa de estudar e interpretar o fenômeno.

Valendo-me das próprias palavras modestas de Euclides, excuso-me porque
"faltaram-me, do mesmo passo, tempo e competência" (11) para o trabalho completo. Principalmente competência, no meu caso.
Guaraparí, 3 de Janeiro de 1902.

J. LEÃO BORGES

N O T A S:

(1) Francisco Venancio Filho — "Euclydes da Cunha a seus amigos" vol. 142 da col. "Brasileira". — 1938, págs. 76.
(2) id., ibid., pág. 78 — 9.
(3) Afranio Peixoto. — "Literatura Brasileira", pág. 190.
(4) "Por protesto e adoração", — Rio, 1919 (edição do Gremio Euclydes da Cunha).
(5) Gilberto Freyre — Introdução a "Canudos" (Rio, 1939 — José Olympio Editora, pág. VII, XI).
(6) Afranio Peixoto: "Poeira da Estrada" 2ª. ed., Rio, 1921, págs. 45 — 76).
(7) id. ibid., págs. 31 e 36.
(8) Aragon — "Crônicas do Bel-canto" in "Temário", n. 3, pág. 60.
(9) Euclides da Cunha — "Os Sertões", 12ª. ed., Rio, 1933, pág. 547).
(10) "Paixão de N. S. Jesus Christo escripta com versos de Virgílio "pelo Padre Pietro Angelo Spera. (Tradução: Rio — 1884).
(11) E. da Cunha. — Os Sertões, pág. 112.

x x x

Folklore do Paraná

(FANDANGO DE GUARATUBA)

Por MARIZA LIRA

Há uma forma de fandango, em Guaratuba, chamado do "Rincão Pequeno". Na fase da chimarrita os instrumentais cantam "a porfia" ou seja o desafio.

Permitam-me apresentar-lhes os dois cantadores que vão "porfiar" por um copo de cachaça: Zé Barata, violeiro, caboclo; Ricardo Chico, homem do prato e do pandeiro, negro.

Vai ter início a porfia em tôrno da questão da côr da pele.

Zé Barata joga os cumprimentos:

Meu sinhô dono da casa,
Desculpe a minha esperteza,
Mas cantadô sem cachaça,
Não pode fazer grandeza.

O negro retruca perméttico:

Eu não sei porque o caboclo
Quando não bebe chachaça
É capaz de ficar louco
Que nem corvo na fumaça.

O caboclo não se agasta:

Caboclo bebe cachaça
Bebendo se cria e cresce
Triste do negro no mundo
Que nem cachaça conhece.

A porfia contínúa numa troca de críticas mais ou menos acêrbas até que é lançado pelo caboclo o último ridículo:

Onde é que o negro algum dia
Mete o caboclo no saco?
Caboclo é raça de gente
Negro é raça de macaco.

Mas o negro ainda censura:

O negro não sendo nada
Ao menos é obediente
O caboclo até cantando
Quer se fazer de valente.

E encerram a porfia cantando ambos:

Com êste copo na mão
Uma saúde vou fazer
Quem não vier no fandango
De peste há-de morrer.

Há várias formas de "porfias", mas, ao contrário do desafio, raramente há agressão. Aliás, um caracteristico notável: o paranaense não é rixento.

x x x

América

! AMERICA INMORTAL, TIERRA de encanto
dónde plasma su sueño el idealista,
AMERICA qué inspiras al artista
y luchas por EL BIEN sin un quebranto,

PATRIA MIA qué siempre quise tanto
al admirar tu espíritu altruista,
con amor inflamado nativista
en líricas estrofas, yo te canto!

Subyuga la pureza de tus cielos
porque tienen eterna luz de gloria
inundando su bella inmensidad.

! PATRIA MIA de mil loables anhelos
marcando firmes rumbos en LA HISTORIA:
TU NOMBRE significa LIBERTAD!

Juan R. Buschiazzo Bordone

Montevideo, Rep. Oriental del Paraguay, 1950.

x x x

Poema de Elogio a Euclides

(Especial para "Tapejara")

A memória de EUCLIDES DA CUNHA

Teu nome vive
e o teu valor existe
na expressão eterna das tuas atitudes.

Que melhor testemunho
a marcar a tua presença
do que a mensagem
que ficou
a enaltecer
cada vez mais
a tua existência.

Enquanto existir na terra
o amor pela terra
e o frescor das fontes...

Enquanto existir no mundo o mundo,
Ou mesmo até ao fim do mundo
(se o mundo algum dia findar)
tua fama existirá para tua glória
e do teu povo.

E podes crer,
seja como for,
(acabe ou não acabe o mundo)
o teu nome,
cheio de brilho e de louvor,
ficará de novo
a lembrar ao povo
o nome do teu povo.

MARIO MOTA

Inédito — Lisboa, 20 de julho de 1952.

x x x

DUAS TRADUCÕES DO "FAUSTO"

LAURO JUSTUS

"Fausto", a obra máxima da literatura de língua alemã, fulguração suprema do gênio de Goethe, constitue um poema de rara beleza e representa um patrimônio cultural que honra a inteligência humana. "Fausto" baseia-se na velha lenda germânica do sábio decrépito que vendeu sua alma ao demônio a fim de fruir uma segunda juventude; êsse bem lhe foi concedido, mas à custa de quanta desgraça alheia! Margarida, sua amante, envenena a própria mãe, mata seu filho, vê morrer seu irmão, e enlouquece, finalmente.

Esse é o substrato básico da obra, o pretexto romântico, pois na realidade o poema, que levou de 1773 a 1832 para ser composto, representa um verdadeiro repositório das experiências e das idéias morais e científicas do autor; é inçado em muitos trechos, como no "Sonho da noite de Walpurgis" e na "Segunda Parte", de um simbolismo de tal maneira obscuro que, ainda hoje, os seus exegetas não conseguiram destrinçar.

Não é ao poema em si que iremos dirigir a nossa atenção, pois para interpretá-lo, ou criticá-lo, falece-nos conhecimento; pretendemos únicamente comparar duas das traduções do "Fausto" para a língua portuguêsa, uma delas, a mais antiga, de Castilho e a outra, mais recente, de Jenny Klabin Segall. A primeira surgiu em Portugal nos fins do século passado e a segunda foi editada em São Paulo há cêrca de 3 anos.

Castilho, segundo deixa claro no prefácio de sua obra, não conhecia a língua germânica e fundamentou o seu trabalho na tradução que seu irmão, José Feliciano, fizera do poema. Esta tradução, embora fiel e mais ou menos literal, era pobre em recursos literários, mas teve o condão de inspirar o grande literato português a elaborar uma nova tradução, mais afastada, talvez, do texto original, porém impregnada igualmente do espírito goetheano e muitíssimo mais rica em conteúdo artístico. Castilho realizou uma verdadeira transplantação do poema para a língua portuguêsa e que, não obstante o seu desconhecimento do idioma alemão, redundou em magnífico trabalho literário, reconhecido como digno do original.

Jenny Klabin Segall, a quem a literatura brasileira fica a dever nova tradução do "Fausto", editou a sua obra em 1949, quando tôdas as nações civilizadas preparavam-se para comemorar condignamente o segundo centenário do nascimento de Goethe, ocorrido naquele ano. Como diz Sergio Buarque de Holanda, no prólogo da tradução, existem para o tradutor dois caminhos: "ou êste seguirá todos os aspectos formais do texto, inclusive ritmo e metro, ou procurará interpretar êsse ritmo segundo as próprias inclinações e segundo o gênio e as convenções familiares da língua da tradução."

Como se observa, as duas traduções que ora comparamos apresentam cada uma as suas particularidades, pois pertencem a duas escolas, si assim se poderia dizer, de técnica interpretativa: a tradução do espírito da obra, do seu sentido, fugindo embora ao texto primitivo, e a transposição dêsse espírito, vasado todavia na mesma roupagem material das palavras e versos utilizados pelo autor.

Analisemos diversos trechos do poema, no seu texto original e nas duas traduções que ora apreciamos.

Na Dedicatória da tragédia de Goethe, em seus dois últimos versos, diz o vate, volvendo aos dias de sua mocidade:

"Was Ich besitze, seh' Ich wie im Weiten,
Und was verschwand, wird mir zu Wirklichkeiten."

cujas soluções interpretativas, foram, para Segall:

"O que possuo vejo ao longe, estranho,
E real me surge o que se foi antanho."

e para Castilho:

"O que foi, torna a ser. O que é, perde existência.
O palpável é nada. O nada assume essência."

Êsses dois versos caracterizam bem a orientação de ambas as traduções: a primeira, embora esmerada e poética, prende-se mais estreitamente ao texto de Goethe, ao passo que a segunda constitue uma transposição livre do sentido dos versos, a qual nada lhes tira em beleza.

Dado êsse exemplo preliminar e elucidativo, vejamos um trecho mais extenso: no "Prólogo no Teatro", quando contracenam o Diretor, o Poeta-Teatral e o Bôbo, discorre o poeta:

"So gib mir auch die Zeiten wieder,
Da Ich noch selbst im Werden war,
Da sich ein Quell gedrængter Lieder
Ununterbrochen neu gebar,
Da Nebel mir die Welt verhüllten,
Die Knospe Wunder noch versprach,
Da Ich die tausend Blumen brach,
Die alle Tæler reichlich füllten.
Ich hatte nichts und doch genug:
Den Drang nach Wahrheit und die Lust am Trug.
Gib ungebændigt jene Triebe,
Das tiefe, schmerzenvolle Glück,
Des Hasses Kraft, die Macht der Liebe,
Gib meine Jugend mir zurück!"

cujo texto foi assim traduzido por Segall:

"Pois restitue-me os tempos santos,
Em que me formava eu, ainda,
Em que um tesouro de aureos cantos
Da alma me fluia em fonte infinda,
Do mundo um véu cobria os males,
Milagres a alva prometia,
Em que as mil flores eu colhia
Que enchiam com fartura os vales.
Nada tinha e o bastante me era,
O anhelo da verdade e o gôsto da quimera.
Dá-me de novo o flameo ardor,
O imo extasis, pungente e rude,
A fôrça do ódio, o afan do amor,
Sim! restitue-me a juventude!"

e por Castilho:

"Já vão longe os meus tempos de noviço,
manancial de cânticos perenes,
ignorância do mundo, inexperiência
que num botão de flor Edens previa.
Então sim, que topava em cada vale
boninas que ceifar. Eu nada tinha...
e tinha tanto!: o anhelo da verdade,
cubiça d'ilusões. Oh! restitue-me
êsses d'outrora indômitos impulsos:
a dita agri-dulcíssima; a energia
do aborrecer, do amar. Oh! restitue-me,
se podes, restitue-me a mocidade!"

Nesse trecho mais longo poder-se-á observar com mais precisão no que diferem as duas versões: Segall prende-se às palavras do vate alemão em cada um de seus versos, conservando-lhe a rima e o metro, trabalho ingente para quem deseja conservar-lhe igualmente a expontâneidade e o encanto; note-se que até o número de sílabas dos versos é idêntico, são todos versos octassílabos. A tradução livre de Castilho, indiscutivelmente mais poética que a primeira, foge-lhe contudo à forma literal, apreende apenas o sentido dos versos de Goethe e os transpõe em belíssimas estrofes portuguêsas.

No "Prólogo no Céu", em seus últimos versos, Mefistófeles ironiza com o Altíssimo:

"Von Zeit zu Zeit seh' Ich den Alten gern,
Und hüte mich, mit ihm zu brechen.
Es ist gar hübsch von einem grossen Herrn,
So menschlich mit dem Teufel selbst zu sprechen."

Segall usa êsses versos:

"Vejo, uma ou outra vez, o Velho com prazer,
Romper com Êle é que seria errôneo.
É, de um grande Senhor, louvável proceder
Mostrar-se tão humano até p'ra com o demônio."

e Castilho assim interpretou:

"E está bem conservado. Não desgosto
de o ver de vez em quando. O meu sistema
é não quebrar com êle inteiramente,
mesmo assim, não é mão. Tamanho vulto
conversar tanto à mão co'um diabrete
não é leve honraria."

O tradutor português fugiu, mais marcadamente desta vez, da forma literal germânica.

Na "Primeira Parte" da tragédia, Wagner, criado do Dr. Fausto e seu êmulo na sêde de conhecimentos, assim se exprime, após haver o seu patrão associado as suas ânsias espirituais para o alto com o vôo dos pássaros:

"Ich hatte selbst oft grillenhafte Stunden,
Doch solchen Trieb hab' Ich noch nie empfunden.
Man sieht sich leicht an Wald und Feldern satt;
Des Vogels Fittich werd' Ich nie beneiden.
Wie anders tragen uns die Geistesfreuden
Von Buch zu Buch, von Blatt zu Blatt!
Da werden Winternæchten hold und schøn,
Ein selig Leben wærmet alle Glieder,
Und ach! entrollst du gar ein würdig Pergamen,
So steigt der ganze Himmel zu dir nieder."

o que, transfundido por Segall, assumiu esta forma:

"De horas estranhas tenho sido a presa,
Mas jamais de ânsias desta natureza.
Cansa ver lagos, campos, o pinhal,
As azas da ave não são minha escolha.
Melhor nos leva o gôzo espiritual
De livro em livro, fôlha em fôlha!
Noites de inverno, então, se enchem de encanto,
Ditosa vida aquece-nos o abrigo;
E se abres ainda um pergaminho santo,
Todo o céu desce a ter contigo."

Castilho deu-nos, do mesmo trecho, a seguinte brilhante versão:

"Quimeras, também eu tenho sonhado;
mas dessa casta nunca. Isto de campos
depressa me enfastia; o ser alado
para quem gosta será bom, concedo,
mas eu não tenho inveja ao passaredo.
Tem lá comparação co'os gôzos d'alma
do que anda a viajar de livro em livro
e de página em página! Há delícia
para alegrar no inverno as seroadas
como isto, que até dá calor aos membros?
Desenrolando um nobre pergaminho,
parece-me que a bemaventurança
toda se embebe em mim."

Finalmente, um último vislumbre sôbre esta obra prima da cultura alemã. Na mesma "Primeira Parte", dialogam Fausto e Mefistófeles; êste último lembra ao primeiro que, na terra, êle é o servidor, mas no outro mundo êle será servido:

"Ich will mich hier zu deinem Dienst verbinden,
Auf deinen Wink nicht rasten und nicht ruhn;
Wenn wir uns drüben wiederfinden,
So sollst du mir das Gleiche tun."

Na tradução da poetiza brasileira ocorrem êstes versos:

"Obrigo-me, eu te sirvo, eu te secundo,
Aqui, em tudo, sem descanso ou paz;
No encontro nosso, no outro mundo,
O mesmo para mim farás."

E Castilho assim os sentiu:

"Obrigo-me a serví-lo em tudo e à risca
enquanto vivo fôr, sem cansar nunca.
Depois, quando lá em baixo nos toparmos
trocamos os papéis."

Em conclusão: nenhuma das traduções que acima consideramos desmerecem o poema de Goethe, mas conservam, entretanto, cada uma delas características próprias: a tradução brasileira, de Jenny Klabin Segall, mais pobre em beleza poética e polimento literário, mais rica, porém, em fidelidade, e o traslado de Castilho, verdadeira adatação do "Fausto" ao espírito da língua portuguêsa, prenhe de poesia e de graça vernácula.

x x x

Termina aqui o nosso despretencioso trabalho de análise comparativa, cujo mérito único é o de relembrar êsse expoente da literatura clássica universal, o maior gênio da culta Alemanha, êsse humanista completo que foi Wolfgang von Goethe.

x x x

Arte e Vida

(Do Prefácio de um Livro de versos)

"Verdadeiro artista será aquele que conseguir idealizar o real que vê e realizar o ideal que sente".
MENDES DOS REMÉDIOS

Arte e vida, se fôra a mesma coisa, todo artista seria motivo de lamentações... Se, vulgarmente, arte e vida confundem-se, o que se dá também em certas posições críticas do naturalismo, doutro lado, parece-me, está a verdade: como já se disse, a arte é a idealização do real para a realização do ideal. O artista, pois, só há de ser superador da vida, idealizador do real, e quem verdadeiramente pode lamentar a realidade imperfeita e insatisfatória...

Só na dor nasce o amor. Só do amor, nasce a arte. Viver, sofrer e amar — eis a trilogia dos que não ficam à margem da estrada, enquanto a caravana passa...

Todos os temas humanos hão de ser sofridos e amados, para que sejam estetizados, embora, a maior parte das vezes, não sejam vividos. Os motivos não são inventados nunca — são interpretados. Interpretá-los é quasi vivê-los, libertando-os das contingências comuns. Ou, é mais que vivê-los... Pois, há motivos sublimes que os artistas sentem e há motivos sublimes que os artistas vivem. O que faz, muitas vezes, confundirem arte e vida, é a coincidência natural, de interpretar, o artista, a sua própria vida; claro que, em casos tais, mais forte é a **inspiração criativa — ao invés de estetizar a vida de outrem**, estetiza a sua, isto é, vive-a e sente ao mesmo tempo, embora sempre mais a sinta do que viva; até nestes casos, arte e vida jámais se confundem; o artista sentirá sempre mais do que vive — a sua dor será maior por causa da arte. Se não fôra assim, tôdas as desgraças do mundo seriam belas...

Estetizar, pois, é muito mais do que "sonhar" — é recriar, tirar outra vez do nada, imortalizar algo... A vida é vida, porque é mortal; a arte é arte, porque é imortal.

O artista procura sempre transformar o efêmero no permanente, o particular no geral, a vida na arte. É uma ânsia de eternizar... Essa capacidade de transformação dá-lhe o grau da expressão artística. A estimação da realidade é exercida pelo valor estético. A diferença, pois, entre arte e vida, está em que aquela é esta impregnada do valor estético.

O grande equívoco dêste assunto será a apreciação primária, que insiste em confundir arte e vida. Daí é que nasce, de amiúde, oposta ao naturalismo de ontem, a fuga dos poetas de hoje... fogem para as imagens subterrâneas e às vezes inacendíveis... Porque a poesia é

(Conclui na página 16)

A Superstição engendrando o Direito

MARIO LIMA SANTOS

Depois de ziguezaguear a vista por coxilhas infinitas e pinheirais imensos, a gente dá de súbito com Tibagí, cidade plácida, tipo das sociedades cismarentas, tão próprias do sertão brasileiro.

Aí, duas cousas nos ferem a faculdade de observação: a feracidade famosa de seu rio, produtor de diamantes, e a audácia arquitetônica das construções da Ordem dos Redentoristas local.

Prosseguindo-se viagem, rumo noroeste, no sentido de Queimadas, vamos encontrar Imbaú, onde a estrada bifurca, oferecendo o caminho para a Zona Garimpeira.

Muito longe, Lageado Bonito :- o Garimpo...

Quanta cousa aí — entre a gente local — hábitos e costumes, empolgante, impressionante, inexplicável mesmo.

.....

O cascalho do garimpeiro. Êle mergulha, vai ao fundo do rio, o dia todo, na ânsia incansável de reuní-lo, para depois pescar-lhe a fortuna. Findo o dia, há um grande monte dele, na parte correspondente a cada pesquisador da soete.

Noite. Encerra-se a vida no garimpo. Nenhum guarda ao lado de cada monte de cascalho, que, possivelmente, pode conter inúmeras gemas valiosas. E ninguém se aventura a tocar no cascalho alheio, ali, sem pessoa a vigiá-lo. Porque? Porque, quem tal fizesse, tornar-se-ia, por isso, um "evitado" da sorte, um "intocável" da felicidade. Jamais encontraria o diamante almejado, a razão de ser de suas pesquisas...

Confirma-o e explica-o a lenda, o "folk-lore", tão enriquecido pela alma ingênua e simpões do nosso místico sertanejo.

.....

Em determinada zona de Minas Gerais — zona diamantífera — ou talvez em alguma parte do Norte do Brasil, nas adustas margens do Rio das Contas ou do Vasa Barris, um garimpeiro, finda a faina diária, deixara o seu cascalho para ser pesquisado no dia seguinte. Um outro, que ali também ourejava, por nada ter encontrado no seu produto arrancado ao fundo do rio, por não haver vigia, aventurou-se a examinar o cascalho do camarada de infortúnio.

E encontrou a gema ambicionada...

Ninguém o viu. Ignorância absoluta sôbre o fato. Vendeu o que o outro achara. Gastou o dinheiro. Recomeçou, então, o trabalho. No seu primeiro mergulho, viu no fundo do rio uma figura semelhante a uma mulher, que lhe dissera: "Lançaste mão do diamante achado por outro. Nunca mais a sorte te sorrirá! Jamais outro diamante pegarás!"... E por mais que continuasse pesquisando, nunca mais êsse garimpeiro achou outra gema, e morreu na mais indizível miséria. A sorte, a felicidade, se afastaram dele para sempre.

.....

Dessa lenda, o temor, a ignorância do desconhecido, a superstição, fizeram com que o cascalho do garimpeiro fôsse proibido e vedado a mãos alheias.

Daí o seu respeito místico, sagrado: ninguém quer caír na antipatia da sorte, no índice da felicidade!...

Criou-se, pois, o "direito ao cascalho": êste pertence indubitàvelmente ao garimpeiro que o encontrou!

Eis porque, lá no sertão, longe da civilização, onde não há polícia e a justiça é quase um mito, homens rudes e ignorantes, respeitam o produto do trabalho alheio, cousa tão difícil entre os civilizados, a despeito de bibliotecas de códigos e numerosa fôrça policial...

.....

Êsse direito, do garimpeiro sôbre o seu cascalho, teve a sua gênese como todos os outros. Já os primeiros legisladores e reformadores, para lograrem o respeito às suas prescrições, necessitavam simular havê-las recebido da divindade. Algumas vêzes, também, valendo-se da magia, atingiam resultados mais concretos, do que reis com exércitos e esquadras, porque invocavam o sobrenatural, que escapa a tôda humana apreciação.

Consentâneo com as sagradas escrituras, Moisés consegue o universal acatamento ao Decálogo porque, no Sinai, entre sarças de fogo, o recebe das mãos de Jehovah.

Zoroastro, depois de ter sido arrebatado da gruta de suas celestiais meditações, impõe e dita leis ao povo do Iran.

Até Licurgo, que denominou suas leis de "rhetras" (leis ditadas), para insinuar serem mais oráculos que leis, ouvidos do próprio Apolo.

Para os romanos, as Leis das Doze Tábuas impunham-se a um absoluto respeito, porque era corrente terem sido proferidas pelas próprias Musas, do alto do monte Albano!...

Tudo isso concorre para convencer, cada vez mais, que a evolução das criações humanas segue uma trajetória em espiral e não em linha reta, como a muitos pode parecer...

N. da R. - Êste trabalho do brilhante causídico e professor, Snr. Dr. Mário Lima Santos, é produto de investigação direta, o que, mais lhe vem enaltecer o conteúdo).

— x x x —

A POESIA DE EUCLIDES

Velhice Trágica

Por EUCLIDES DA CUNHA

Morrem os mundos... Silenciosa e escura,
Eterna noite cinge-os. Mudas, frias,
Nas luminosas solidões da altura
Erguem-se, assim, necrópoles sombrias...

Mas p'ra nós, di-lo a ciência, além perdura
A vida, e expande as rútulas magias...
Pelos séculos em fora a luz fulgura
Traçando-lhes as órbitas vazias.

Meus ideais! Extinta claridade —
Mortos, rompeis, fantásticos e insanos
Da minh'alma a revôlta imensidade...

E sois ainda todos os enganos
E tôda a luz e tôda a mocidade
Desta velhice trágica aos vinte anos...

A Flor do Carcere

Por EUCLIDES DA CUNHA

Nascera ali — no limo sorridente
dos muros da prisão — como uma esmola
Da natureza a um coração que estiola —
Aquela flor imaculada e olente...

E êle que fôra um bruto e vil descrente
Quanta vez, numa prece, ungindo cola
O lábio sêco na úmida corola
Daquela flor alvíssima e silente!

E êle — que sofreu e para a dor existe.
Quantas vezes no peito o pranto estanca!
Quantas vezes na veia a febre acalma.

Fitando aquela flor tão pura e triste!...
— Aquela estrêla perfumada e branca
Que cintila na noite de sua alma...

Rimas

Por EUCLIDES DA CUNHA

Ontem — quando soberba escarnecias
Dessa minha paixão — louca — suprema,
E no teu lábio essa rósea algema,
A minha vida — gélida — prendias...

Eu meditava em loucas utopias.
Tentava resolver grave problema...
— Como engastar tua alma num poema?
E eu não chorava quando tu te rias...

Hoje que vives dêsse amor ansioso
E és minha — és minha, extraordinária sorte —
Hoje eu sou triste, sendo tão ditoso!...
E tremo e choro — pressentindo — forte
Vibrar — dentro em meu peito, fervoroso,
Êsse excesso de vida — que é a morte...

D. Quixote

Por EUCLIDES DA CUNHA

Assim à aldeia volta o da "triste figura".
Ao tardo caminhar do Rocinante lento:
No arcabouço dobrado — um grande desalento.
No entristecido olhar — uns laivos de loucura...

Sonhos, a glória, o amor, a alcantilada altura
do Ideal e da Fé, tudo isto num momento
A rolar, a rolar num desmoronamento,
Entre os risos boçais do Bacharel e o Cura...

Mas, certo, ó D. Quixote, ainda foi clemente
Contigo a sorte, ao pôr nesse teu cérebro ôco
O brilho da Ilusão do espírito doente;

Porque há coisa pior: é o ir-se a pouco e pouco
Perdendo qual perdeste um ideal ardente
E ardentes ilusões — e não se ficar louco!

Sait-Just

Por EUCLIDES DA CUNHA

Quando à tribuna êle se ergueu, rugindo
— Ao forte impulso das paixões audazes
Ardente o lábio de terríveis frases
E a luz do gênio em seu olhar fulgindo.

A tirania estremeceu nas bases
De um rei na fronte ressumou — pungindo —
Um suor de morte, e um terror infindo
Gelou o seio aos cortezãos sequazes.

Uma alma nova ergueu-se em cada peito,
Brotou em cada peito uma esperança,
De um sono acordou — firme o Direito —

E Europa - o mundo, mais que o mundo, a França,
Sentiu numa hora sob o verbo seu
As comoções que em séculos não sofreu!...

Dantão

Por EUCLIDES DA CUNHA

Parece-me que o vejo iluminado,
Erguendo delirante a grande fronte
— De um povo inteiro o fúlgido horizonte
Cheio de luz, de idéias constelado!...

De seu crânio vulcão — a rubra lava
Foi que gerou essa sublime aurora
— Noventa e três e a levantou sonora
Na fronte audaz da populaça brava!...

Olhando para a história — um século é a lente
Que mostra-me o seu crânio resplandecente
Do passado através o véu profundo...

Há muito que tombou, mas inquebrantável
De sua voz o éco formidável
Estruge ainda na razão do mundo!

— x x x —

Euclides da Cunha e o momento atual

Estamos em plena Semana Euclidiana.

Há vários dias, estão sendo celebrados animados festejos, em São José do Rio Pardo e pelo Brasil todo.

A figura de Euclides da Cunha nunca, como agora, tão necessária parece ao país que êle profundamente soube amar e colocar acima de tôdas as coisas.

A sua augusta lembrança muito nos conforta e encoraja, nestes momentos difíceis da nacionalidade, em que o despudor e a incompetência como que procuram desviar o Brasil de seus gloriosos destinos.

É que êle tudo soube ser e tudo soube desempenhar com lealdade e superioridade de vistas. Quer como militar, quer como funcionário público, professor secundário ou profissional de engenharia, sempre a nobreza de caráter e o senso da responsabilidade lhe constituiram o princípio diretor dos cometimentos, pois vivia para o seu ideal e para a sua pátria, tão descuidada e tão desprezada pelos indignos sacripantas que a não mereciam.

Dêste modo, o seu acêrvo de excelentes e permanentes serviços ultrapassa qualquer expectativa, e, de muito, supera os mais avantajados esforços.

Como funcionário estadual, muito zêlo e competência costumava emprestar às tarefas de que o incumbissem. Estradas, pontes, prédios e outras muitas obras, aí estão ainda para atestar da sua idoneidade e inteligência. Na qualidade de funcionário federal do Ministério das Relações Exteriores, então, o que lhe devemos não tem conta: demarcou fronteiras, descobriu nascentes de rios, denunciou violências contra indefesos patrícios, perdidos no "inferno verde", estas e outras destemidas ações êle as praticou, sem esmorecimentos e sem tergiversações, de espécie alguma.

A propósito de sua inigualável coragem e fibra combativa, conta-se que, em determinada ocasião, ao tentar descobrir as nascentes de um dos rios da Amazônia, já exaustos êle e mais os remeiros que o acompanhavam, decidiu-se, no entanto, a prosseguir e, de revólver em punho, intimou a caipirada a continuar o trabalho até o ponto terminal, o que todos fizeram, com pleno êxito. É que para aquele titã não existia o impossível. Outro tivesse sido o seu país e outros os seus habitantes, e hoje a sua divina mensagem de amor e compreensão talvez já nos houvesse agigantado aos olhos do mundo.

Em vez da naçãozinha de cinquenta milhões de habitantes, poderíamos bem ser um modêlo de organização, com grandes sistemas rodoviários e ferroviários, imensa população alfabetizada, agricultura das mais modernas e prósperas, largas porções de terreno saneadíssimo e outros que tais benefícios da civilização.

Mas, nem tudo está perdido.

Um país, que tem uma geração de compenetrados como a que ora se reune em São José do Rio Pardo, pode ainda algo prometer, se bem não seja para os nossos dias.

Um Predestinado

(Especial para "Tapejara" — Por ALVARO PORTO ALEGRE)

Há nomes que jamais serão olvidados, nomes de sêres predestinados, lembrados a todos os instantes, pelo muito que fizeram no ciclo da existência.

Há, neste caso, um nome que tanto bem espalhou e tantos cometimentos executou, que conquistou admiração enorme, desmedida, espessada, criando fundas e profundas raizes no coração da sua gente: Euclides da Cunha.

Mestiço superior, genial, inteligência de cultura poliforme, radiosa como um Sol nas alturas, deslumbrou quando vivo, deslumbrando **post-mortem**, com a luz que deixou.

O seu poderoso cérebro, invejável por qualquer faceta por que for estudado, vem provar à evidência, demonstrar à saciedade, de modo inconcusso e irrefutável, que a raça branca não leva lampas, nem levará jamais sôbre a nossa raça mestiça, onde o generoso sangue selvícola tanto há culminado em todos os setores das atividades humanas, ganhando terreno, sobretudo, no da inteligência.

A mestiçagem daí provinda, a mestiçagem daí oriunda, não só se faz apreciar e admirar pela sensibilidade superaguda, mas ainda pelo largo descortino e ampla visão, grandiosa nas suas aspirações e sublime nos seus embates.

Não só entre nós, mas em tôda a América onde há sangue de índio, há inteligência robusta e lúcida, grande acuidade de espírito, delicadeza de sentimentos e primores incontáveis.

Uma figura exponencial dessa mestiçagem, senão a mais perturbadora e perfulgente, afigura-se-me ser a de Euclides da Cunha, se bem que há outros luminares por tôda a América de vôos aquilinos que prendem e atraem, que fascinam e deslumbram.

Um êrro, e grave êrro, julgar existir supremacia da inteligência da raça branca sôbre a nossa, onde há mestiçagem, inclusive a do negro, predominando a do aborígene. Isto, longe de nos diminuir, deve ser motivo de orgulho, porque é a raça brasílica.

Não posso compreender como entre outros pensadores que julgam superior a raça branca, quando é sabido não haver raça superior, equivalendo-se tôdas, se alinhe Gustave **Le Bon**, nome conceituado no ramo do saber humano, indiscutível vulto de projeção mundial, deixando, em determinado momento, atacado de amaurose, sem dúvida, escapar tão absurda afirmação.

Errar é humano. Como sabem, Euclides da Cunha sempre se fez admirar pelo seu caráter rijo e inquebrantável, granítico e sem doblez, respeitado pelas suas atitudes destemerosas, indômitas, de coragem raiando pela temeridade, servindo de espelho para quem quiser deixar de ser sombra, de simples mortal, para se tornar respeitado e admirado no cenário da vida. Esse astro luminoso que cruzou com celeridade, quase como um meteóro, pelo céu ridente da nossa Pátria, deixando luz e muita luz, luz forte, intensa, deslumbradora, luz a flux, luz a jorros, luz aos borbotões, foi um retraído. Um grande retraído. Tímido, afirmam muitos. Tímido, dizem amigos. Êle próprio assim se julgou, conforme carta que dirigiu à "Gazeta de Notícias".

Não creio. Não posso crer. Não poderei crer, nunca!

Quem assumia atitudes tão atrevidas e tão audazes e tão desassombradas, em certos momentos da sua amargurada existência, não poderia ser um tímido, mas um enojado dos homens...

Ser superior, se se retraía, em retraimento até prejudicial à sua pessoa, talvez o fizesse por desprêzo, reconhecendo sua superioridade entre medíocres, protegidos e invejosos, o que repugnava à delicadeza do seu sentir.

Incompreendido, sofreu e sofreu muito...

Um torturado. Um atormentado. Gostava do silêncio. Amava a solidão. Aí, não só se manifestava uma tendência natural proveniente do sangue indígena que lhe corria e lhe bulhava nas veias, mas ainda característico do homem de gênio.

O homem de gênio foge das multidões. O homem de gênio isola-se do mundanismo. As águias procuram os píncaros.

Doloroso, na verdade, um sêr superior integrar-se em ambiente de mediocridade, entre medíocres inflados de pretensões estultas, ostentando prosopéia irritante, demonstrativa da sua insignificância, deplorável insignificância.

Isso faria sofrer penosamente o grande cientista e notável homem de letras que se imortalizou com o seu livro "Os Sertões".

O certo é que no seu retiro, longe do borborinho humano, no seio acalentador da natureza amiga, afagado por cortinas de esmeralda, ouvindo o planger de ventos que passavam, contemplando, durante o dia, o nosso céu de azul tão lindo e de maciez tão doce, e, durante a noite, tão brilhante e encantador pelas miríades de astros que ostenta, como primoroso joial, nos deu páginas de saber profundo e de belezas tão variadas e rutilantes, que jamais serão esquecidas e que jamais desaparecerão, porque nessas páginas palpita um grande coração e vibra a alma de um povo. Entremeia-se, pois, o coração de Euclides com a alma da sua gente: o ameríndio... Revelou-se um escritor de rija têmpera, escritor de pulso e de raro esplendor, chamando, de imediato, sôbre sua gigantesca personalidade a atenção dos competentes, no campo cultural.

E, destarte, com assombro, logo se tornou conhecido em todo o País, irradiando o fulgor do seu nome além das nossas fronteiras, pequenas para conter as fulgurações do seu gênio. Como escritor, se mostrou justo e humano, com coragem desmesurada, com grande independência, dizendo verdades candentes que não podiam, nem deviam ficar em silêncio.

Procedeu como procede todo aquêle que tem consciência do seu valor e que não sabe fugir ao cumprimento do dever. O dever era sua religião. E tudo isso o fêz, como revolucionário transcendental, em prosa elevada, máscula, em forma majestosa e triunfal, em estilo próprio, todo seu, bárbaro como o sangue que lhe fervia nas veias.

A alma do índio cantava e vibrava nêsse prodigioso rebento de uma raça incompreendida e sofredora e que tanto renome há dado ao nosso Brasil...

... Embora oriundo de uma amálgama de povos, tendo em suas veias o sangue de multiraças, o brasileiro, caldeado através de muitas gerações, é êste povo irrequieto e dinâmico, ativo e incansável, generoso e inteligente, capaz dos mais grandiosos feitos e das mais nobres ações, por preponderar nele a energia nativa, a energia do selvícola.

Pretensiosos, em esgares simiescos, impando ciência embotelhada, não querem compreender o que ressalta aos olhos: o cantar da alma do índio em nosso sêr.

Através do tempo, mesmo no dobrar de muitos séculos, muita e muita cousa poderá desaparecer. Uma, porém, não desaparecerá, por maiores que sejam as modificações: A ALMA DO POVO BRASILEIRO, QUE SERÁ SEMPRE AMERÍNDIA.

Uma raça que tantos e tão notáveis varões nos há dado em todos os ramos das atividades humanas, dando-nos ainda nos domínios da inteligência inúmeros e destacados luminares, figurando, entre êles, em alturas sidéreas, um Euclides da Cunha, é raça que se impõe, tornando-se orgulho e nobre orgulho de todo aquele que desta raça tiver sangue, mesmo em parcela insignificante.

E, como não ser assim, se nos ofertou, além de tão numerosas e incontáveis dádivas de valores inestimáveis, êsse extraordinário vulto, "um cariri perfeito", como o tachou Sílvio Romero, outra prodigiosa inteligência mestiça de saber invulgar, credor também de merecida admiração.

Êsse "cariri perfeito" enriqueceu a literatura e a ciência brasileira com livros imperecíveis, como, entre outros, — **À margem da História, Perú versus Bolívia, Contrastes e Confrontos** e **Os Sertões**, sendo êste derradeiro o primacial, o que mais alvoroçou um povo, deixando-o estupefato, pasmado ante o imprevisto, imortalizando um nome que não veio de coxins de ouro, e glorificando um grande País: o Brasil.

Êsse caboclo, "misto de celta, tapuio e grego", conforme se retratou o excelso escritor, foi no campo lítero-científico o que desejou ser, o que quis ser: poeta, romancista, jornalista, panfletário, historiador, sociólogo, filósofo e ainda inconfundível artista da palavra escrita, modelando um estilo que bem revela a grandeza de sentimentos e reflete a pujança do caráter de um sêr super-humano.

Seria imperdoável não fazer figurar aqui uma passagem memorável da sua existência atribulada de lutador invicto.

Concorreu, em 1909, a uma cadeira de lógica no Colégio Pedro II. Encontrou, pela frente, como competidor, um temível gladiador, respeitado pela sua cultura multiforme e profundos conhecimentos de filosofia: Farias Brito.

O prestígio dêste nome era de estarrecer!

Os dois sábios se toparam e se encontraram, em dado instante, frente a frente, na trajetória da existência, numa encruzilhada da vida.

De láureas cobriu-se Euclides da Cunha.

Afigura-se-me, pois, que quem teve a petulância, senão temeridade, de medir fôrças com um Farias Brito, não ser um tímido, mas um campeador destemeroso, um "taura", como se diz no linguajar gaúcho, que só poderia demonstrar timidez e se sentir pequeno ante a fúria dos raios em noite trevosa, de tempestade bravia...

Um dia, a águia altaneira, sempre em vôos atrevidos e arrojados e em remígios soberbos e majestosas pelas alturas luminosas, pupilas dilatadas, observando o que se desenrolava pelo órbe terráqueo, baixou em movimentos violentos à terra, empestando as asas indomáveis em acingal pavoroso, sendo malferida, cerrando para todo o sempre as asas gloriosas, amolecendo o corpo e caindo pesadamente no sólo. O baque foi espantoso, de repercussão dolorosa. O fragor da queda foi tão formidável e apavorante, que, de espanto, fêz tremer tôda a população brasileira!

Fatalidade!

Mas Euclides da Cunha, mordendo o pó, não desapareceu, nem desaparecerá jamais, mergulhando, em larga esteira de luz, no seio da Imortalidade.

Álvaro Pôrto Alegre

(Sócio Correspondente do Centro Cultural "Euclides da Cunha").

Pôrto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul.

EUCLIDES DA CUNHA

OLYNTHO SANMARTIN

(Para "Tapejara" — Pôrto Alegre)

Euclides da Cunha, no ângulo literário, é um dos poucos escritores brasileiros que tem se mantido em relêvo no concêrto cultural do país.

Sua obra está escrita de tal modo que não se tornou popular no sentido exato de uma difusão sem limites, porque popular pròpriamente não quer dizer irradiação de cultura.

O que o povo lê, na generalidade, são livros cujas emoções romanescas constituem atrações momentâneas, recreação espiritual efêmera sem deixar resíduo de nenhum ensinamento positivo ou aproveitamento sicológico.

As edições dos livros de Euclides da Cunha se sucedem e sendo de ordem cultural não podem interessar às camadas populares. Como as edições se repetem, isso representa que Euclides da Cunha continúa atual e que seus leitores são de uma categoria seleta, os que lêm para aprender, para assimilar, para conquistar assim um melhor padrão de cultura. Se os livros de Euclides da Cunha não são destinados ao povo, são, no entanto, procurados pelos estudiosos, descutidos pelas inteligências esclarecidas, representando, isso, uma reserva de erudição rica e salutar.

Não é possível estabelecer paralelos da obra euclideana com outras de superficialidade comum. Enquanto a popular pode tomar extensão de superfície sem maior expressão humanística, a de Euclides da Cunha alcança profundidade, se classifica entre as melhores fôrças morais literárias, produto de uma rara atividade mental.

Uma obra literária com as dimensões profundas da de Euclides da Cunha, tem raízes verticais e sua condensação, no tempo, é de ordem moral, não se volatiza nem se deixa abalar pelas aparências, nem pelos artifícios de uma arte localista de ambiente restrito. O universalismo que se expande nas suas páginas, se irradia e mantém a claridade de uma rara purificação, que só a boa cultura é capaz de produzir.

Sabia expressar uma idéia e determinar um conceito, com tôda a dialética de uma sã harmonia verbal. Científica e literàriamente, uma obra de idéias repousa no senso moral da sua essência e na beleza substancial que possa fixar e transmitir com arte no apuro do próprio pensamento, em ação permanentemente poderosa.

O processo da sua imortalidade reside num valor indestrutível que, preso aos princípios fundamentais da arte escrita, é uma realidade: a realidade do seu conteúdo humanístico, fonte perene de sabedoria, onde gerações sucessivas vão saciar seus anseios de conhecimentos. Por certo que não será ùnicamente a elegância da forma ou a circunspecção do estilo que mantém vivamente destacada a obra euclideana. Todo um raciocínio preclaro a transbordar em ondas de erudição e de coerência clássica e histórica, vai dando volume a uma realidade palpitante com tôdas os esplendores de sua dignidade humana.

Legítima fecundidade concentrada numa obra que, sendo contemporânea, viria a se tornar simultâneamente da posteridade. É a função do espírito em altitudes geniais numa demonstração de infinitos recursos estéticos.

Euclides da Cunha comprazia-se em escrever, impelido por uma fôrça telúrica, onde punha o caráter inflamado da sua personalidade. Temperamento ardente e irriquieto, não analisava ùnicamente o panorama nacional sob um prisma de querer com suas idéias determinar uma supercrítica às inconveniências dos delírios políticos. Suas observações se espraiavam também para a face da história, dos sentimentos e comportamentos humanos, perturbações surgidas de uma sociedade eclética e em formação. Independente dêsse formalismo ingênito, sua obra retrata, num colorido imprevisto e forte, uma angústia interior de homem predestinado a todos os triunfos.

Se na sua obra há êsse traço de inquietação intelectual diante de uma uniformidade de cultos sociológicos caracterizados no fim do último século, há igualmente uma tirania de concepções que o tortura diante das impossibilidades de atingir os ideais preconizados.

Tais problemas o apaixonavam e faziam dêle um devoto intransigente e, com elevação de pensamento, escreveu páginas peregrinas de sabedoria, de penetração descritiva, de observação científica e de severidade estilística, do que resultou essa sua permanente atualidade no cenário da literatura brasileira. E seus livros continuarão a despertar o interêsse dos estudiosos, dos que se preocupam por tudo o que possa aprimorar o espírito lendo páginas que exigem meditação para assimilar um talento exuberante que tanto glorifica a cultura do Brasil.

Euclides da Cunha e sua obra

CYRO EHLKE

(Palestra aos microfones da PRJ-2, Rádioclube Pontagrossense S. A., por ocasião dos festejos da "Semana Euclidiana" e da passagem do cinquentenário de "Os Sertões" — 12-8-52).

Senhoras, Senhorinhas, Senhores:

Eis que, novamente, estamos a emprestar nossa modesta colaboração aos festejos da "Semana Euclidiana". Festejos êsses que, ora, assumem particularidade bastante distinta da dos anos anteriores, quando vemos passar o cinquentenário do lançamento de "Os Sertões", a obra máxima da literatura indígena.

Aqui, como em outras partes do Brasil, e mòrmente em São José do Rio Pardo, bêrço natal do livro, se procura festejar, pois, condignamente, êsse auspicioso evento. Logo, lícito é, em homenagem ao acontecido, que rememoremos algumas facetas da obra, vida e gênio, do emérito escritor de Canta-Galo. Não tentaremos biografá-lo, porque isso demandaria em esfôrço notável, e faria ultrapassar, outrossim, o estrito espaço de tempo que, gentilmente, nos é franqueado aos microfones desta rádiodifusora. Rebuscaremos, no entretanto, aqui e alí, imagens, fatos e aspectos, com relação ao Homem e sua obra, no propósito intencional de imprimir à presente palestra um cunho mais de divulgação que de estudo. E assim, pois, tanto quanto nos permitem a lembrança intelectiva, e o sabor pessoal, tentemos um esvoaçar sinuoso em tôrno do conhecimento e da imagem escrita, para deles colher os frutos verdejantes e imaginosos, da descrição e do talento.

x x x

Disponhamos o cenário. Enveredemos aos sertões abruptos e aos ínvios caminhos de nossa gentil mãi pátria. Em todo o seu barbarismo e primitividade, tal é o sertão, e a fibra inata do seu habitante esquecido, o sertanejo intemerato, a nos apontar no sentido e necessidade de redescobrir o Brasil, ensinando, como ensinar bem o soube a Euclides da Cunha, o de que reservas dispõe êsse mesmo interior desconhecido, essa "Terra Ignota" no dizer próprio de um tradutor de "Os Sertões". Gênio e interior, um dia se encontrariam. E ao se defrontarem, surgiria, a bem dizer, um élo invisível que os haveria de unir e identificar, sempre, nos anseios comuns nativistas. E a Campanha de Canudos, na epopéia dos jagunços de Antonio Conselheiro, é que havia de pôr desperto, em Euclides, o sentido inteiro de um plano a elaborar, de uma obra a desenvolver. À sombra majestosa das frondosas árvores que margeiam o Rio Pardo, em sua cabana de sarrafos e fôlhas de zinco, na calma e quietude características daquele ambiente tão saudosamente lembrado, mais tarde, é que o seu espírito se haveria de iluminar com as cintilações do gênio e da inspiração fecunda, ao concatenar fatos, reunir idéias, dispor, enfim, um verdadeiro manancial de verdades assustadoras, no ideal propósito, de há muito a lhe fervilhar no cérebro, que era o de um dia relatar ao Brasil, e ao mundo, o que foram a causa e os efeitos, daqueles lastimáveis dias de Canudos, onde, simples repórter, então, compreendeu, em fôrça e convicção, o inteiro sentido de erros e injustiças sociais e a forma de dar-lhes corrigenda.

Nas longas noites de vigília, aos intervalos de seus afanosos mistéres de engenheiro a reconstruir uma ponte, eis que iriam surgindo os esboços, as páginas e os capítulos, do que deveria chamar-se "Os Sertões". De grande valia, então, o estímulo intelectual que, felicidade sua, não lhe faltou naquele ambiente, como igualmente não lhe falhou nos momentos mais amargos de sua trágica existência, a se personificar no exemplo feliz de Francisco Escobar, e contemporâneos como Paschoal Artese, (êste último que ainda vive) e outros mais.

x x x

Tão interessante quão agradável é, igualmente, estudarmo-lhe o gênio. Espírito precocemente amadurecido; fêz-se homem, sem mesmo ter sido menino, nem permitido, a si próprio, os prazeres naturais da idade. Avêsso a festas, a recepções, e honrarias, não podia esconder sua aversão ao mundanismo pueril e nem às orgias silenciosas conseguiam induzí-lo os amigos da época. Amante fiel, pai e espôso amantíssimo, nem o destino, ainda, haveria de poupar-lhe a tragédia inglória, havendo por conduzí-lo, como em vida, ainda à morte, na defesa de sua honra pessoal e de seu lar profanado. Morreu, pois, como sempre vivêra. No caminho reto; com altivez e superioridade, características tão notáveis, de sua brilhante personalidade. E é interessante, outrossim, lembrarmos alguns episódios salientes, de seu arejado caráter. Acompanhemo-los, e teremos aquilatado melhor, de seu gênio e altivez. Exemplo notável, o que ocorrido na Escola Militar de seu tempo. De uma feita, para não trair seus ideais republicanos, atira, revoltado, aos pés do próprio Ministro da Guerra, sua espada de oficial. Gesto de suprema rebeldia, mas que lhe valeu a exclusão das fileiras do exército.

Numa expedição Amazonas acima, em seu então encargo oficial de demarcar fronteiras, mais uma vez seu gênio e coragem se revelariam. Pacífico que sempre o fôra, não lhe podiam caber, no entretanto, o desânimo e a deserção dos homens seus arregimentados, que não mais desejavam arremeter selva a dentro. Revólver em punho, determinado, domina os revoltosos. Intima-os a prosseguir; e o consegue, e vê coroada de êxito a missão.

Já no célebre encontro com a comissão peruana encarregada da confrontação dos cronômetros, na questão de fronteiras com nosso País, não lhe poderia agradar, em absoluto, a recepção que seria prestada aos nossos patrícios. Conquanto a bandeira peruana se achasse, alí, profusamente espalhada, era de se notar que nem sombra siquer havia do "auriverde pendão de nossa terra que a brisa do Brasil beija e balança". Não perde a calma, porém, ainda que revoltado. E ainda ao início da refeição que lhes haveria de ser oferecida na "Curança" peruana, pelo chefe Eloy Barbaran, eis que, súbito, uma idéia lhe acode ao cérebro. A própria mãi natureza, enfim, conspirava a nosso favor! E foi com feliz presença de espírito que, arrancando fôlhas de palmeiras alí ricamente existentes e da exata coloração verde-amarela de nossa bandeira, levanta-se, de pronto, fôlhas a mancheias, e agradece. Agradecimento que resultou desconcertante, para Eloy Barbaran e seu grupo. Nem fôra preciso, dissera, expor alí, para representar o Brasil, a bandeira de pano, no final de contas mercenário; a própria natureza disso se encarregára; alí estavam, para nos representar, soberbas e viridentes, as próprias fôlhas auriverdes das palmeiras, que, em sua altivez e retidão, eram bem símbolo do Brasil!

E as imagens se perdem, enfim, como os atos, na própria coloração dos fatos.

Hoje, no entretanto, decorridos que já são, 43 anos de sua malfadada morte, e 50 do surto vitorioso de "Os Sertões", muito há, ainda, que estudar e dizer. Sigam-lhe o exemplo os patrícios de hoje, e de amanhã, e teremos, então, o seu tão sonhado Brasil: uno, indivisível e pleno de suas possibilidades. Não desapareceremos; mas progrediremos; para lembrar-lhe o conhecido dito! Mas haveremos de marchar, é certo, para os caminhos dêsse seu sonhado Brasil: saneado, alfabetizado e melhormente socializado. E novas auroras haverão de surgir, e nos conduzirão, de certo, a êsses justos e naturais designios, **para felicidade nossa, e dos que haverão de vir!**

O Homem Euclides da Cunha

(TRECHO DE CONFERÊNCIA)

Pelo renomado Mestre da Universidade de S. Paulo, Snr. Prof. FERNANDO DE AZEVEDO

Engenheiro e militar, explorador e cartógrafo, foi nas letras, em contáto com a poesia e o drama, o ensaio e a história, que êle encontrou recursos para ultrapassar a profissão e tornar viva a ciência que acumulou, trabalhando com o vasto material que lhe fornecia, como um instrumento de análise e criação; foi nesse convívio com a literatura universal que se lhe desenvolveu o sentido poético e se lhe aguçou êsse espírito de finura que, para o humanismo, vale mais que o da geometria; foi, retemperando-se nessa fonte e colocando-se a essa luz sempre nova que "descobria, como diria, Marrou, as paixões do homem e seu coração profundo e adquiria assim uma certa experiência psicológica, um sentido afinado dos valores morais, do real e do possível, do homem e da vida". Em nosso século de inquietação, em que, ao princípio do humanismo clássico, isto é, do "Homem em primeiro lugar" já ameaçava suceder a aspiração de "a máquina antes de tudo"; nessa dispersão constante em que se dissipa o melhor de nós mesmos e o nosso tempo se retalha como sob os dentes de uma máquina de picar, teve Euclides o cuidado paciente de cultivar o seu campo, de juntar seus feixes de trigo e de recolher ao celeiro sua farta colheita. Com sua simpatia humana e sua capacidade de admirar, fêz saltar da rocha de uma vida agreste e dura essa provisão de entusiasmo que lhe permitiu, entre ásperas dificuldades, erigir um monumento cuja maior beleza consiste em refletir a unidade de um vida profunda, na diversidade extrema das contingências. Conservou-se sempre êle mesmo através de lutas e provações em que soube manter a elevação de sentimentos, o refrescamento ideal que os abalos emotivos produzem em nós e, como tinha provisões seguras de inteligência, energia e conhecimentos, pôde responder quase sempre com vantagem ao choque das emoções. Indiferente ao ruído e aos sucessos mundanos, sem intriga e sem ambições, ligado ùnicamente a idéias superiores, não só enfrentou o temporal que tantas vezes lhe rugiu às portas da casa e acabou por reduzí-la a ruínas, como sabia arrostar a bonança que, para os navios, como para um homem de seu temperamento, é às vezes mais perigosa do que a tempestade. Mas Euclides sabia que o homem luta com suas qualidades, quando as tem, mas sobretudo com os seus defeitos; e, tendo-as tantas e em tão alto gráu, os defeitos não participavam menos de suas lutas, vitórias e derrotas.

Aliás, os defeitos, que são reações de defesa, entram por igual na composição de tôda personalidade humana, e é sempre difícil traçar entre umas e outras uma linha nítida de demarcação. As fronteiras, pelo geral, são e se mantém tão flutuantes que, o que consideramos defeito, pode ser uma alta qualidade, em determinada circunstância, e o que temos por qualidade, em outros casos, se ultrapassa certos limites, já se transforma num defeito. O orgulhoso, o inquieto e o tímido não existem senão como tipos e exemplos; se há pessoas que têm êsses defeitos, ou um ou outro, e em cuja vida êles intervêm, suas próprias atividades e as circunstâncias tão diversas em que elas se sucedem, modificam também êsses defeitos da mesma maneira que êles se modificam uns aos outros, pelo só fato de sua coexistência. Como observa Ch. Fiessinger, no livro que dedicou ao estudo dos caracteres, retomando a linha dos grandes moralistas do século XVII, entre os dois centros nervosos que existem em cada um de nós, — o cérebro, com sua faculdade de associar idéias, de comparar, julgar e concluír, e o simpático neuro-glandular, com suas impulsões, seus instintos e suas taras, o equilíbrio perfeito é uma maravilha muito rara, um estado em que o homem, ainda quando o alcança, tem grande dificuldade em se manter. O que diz Fiessinger, ao analisar, a propósito dos caracteres, a influência dessa fisiologia secreta, não é que todos os nossos defeitos nos compõem nossa energia, mas que nós os empregamos, ao menos alguns dêles, para nos defendermos, e que, depois de os termos utilizado, se tornam habituais e preciosos até nos formarem o caráter. É o que se deu com o nosso grande Euclides. Se êsse equilíbrio instável entre a sensibilidade e a inteligência, é comum entre os indivíduos que as não têm em alto gráu, não é de surpreender seja às vezes tão violentamente rompido em um homem como Euclides, de sensibilidade extrema e poderosa inteligências, que tinha qualquer coisa de selvagem, e lembra, sob certos aspectos, uma figura escarpada dêsses povos mais próximos da natureza, ainda intatos na sua ganga nativa e com tôda a fôrça e frescura de seus impulsos naturais. Com essa mistura e desordem, em que as rudes imposições da vida intervêm como princípios reguladores, de equilíbrio, soube, porém, Euclides forjar-se uma realidade sintética, ideal, e criar-se, pela constante vigilância sôbre si mesmo um dêsses sêres de razão, mais reais, mais necessários e maiores do que o sêr acidental de que trazem o nome e que permanece, no entanto, concreto e vivo, em sua obra e em sua conduta, com tôdas as suas singularidades e contradições.

Na sua personalidade, múltipla e complexa, associam-se, alternam-se ou se chocam a timidez e a impetuosidade, a ternura e a veemência, a humildade e a altivez, e, aos cuidados, incertezas e dúvidas sôbre o próprio valor valor sucedem-se desabafos de confiança em si e nos outros, como a depressão ao entusiasmo, as esperanças, aos desfalecimentos. Eleito sócio correspondente do Instituto Histórico, agradece, surprêso, a distinção, julgando-a "entre as maiores que podia desejar, tão falto de méritos se considerava para recebê-la"; fiando-se ainda "muito pouco de seu valor", hesita em aceitar o convite para escrever uma memória sôbre o Duque de Caxias; sobressalta-se, diante de competidores, muito abaixo de seu nível, à vaga a que se candidatou, na Academia Brasileira de Letras, tendo-se por derrotado, se não por morta sua candidatura, se o desamparassem os amigos e não votassem alguns "imortais", distraídos pelos acontecimentos... Mas êsse homem estranho que, na sua modéstia, se inquieta e se aflige, diante da competição da mediocridade afoita que se acotovela na disputa de cargos, preferências e honrarias; que nunca perdeu, segundo êle mesmo o confessa, a reserva e a timidez, "êsse traço de filho da roça que o desequilibra intimamente ao tratar com quem quer que seja", é aquele mesmo que, aluno da Escola Militar, republicano intransigente, tentou quebrar ao joelho a carabina e a atirou aos pés de Tomás Coelho, Ministro da Guerra; o mesmo que, quando tenente, enfrentou Floriano na defesa de seu sôgro, o general Sólon, e, por não ter papas na lingua, em relação aos florianistas e ao próprio Floriano, foi transferido para Campanha; o mesmo que, segundo suas palavras, obedecendo ao "belo destino de caçador de perigos e à eterna ilusão de ser útil à sua pátria", estava sempre disposto a calçar as botas de sete léguas, para as batalhas obscuras e trágicas com o deserto. Como todos os homens de bem e tôdas as grandes almas, Euclides defende-se menos com os seus defeitos do que com os seus méritos e virtudes, tomada essa palavra **virtude** sobretudo no sentido etimológico e o mais verdadeiro que tem em latim o vocábulo **virtus**, e, italiano, **virtú**, especialmente na época da Renascença. Proveniente de **vir**, homem, como, entre nós, **virilidade**, o poder efetivo e eficaz de um homem, é o total do que êle vale na luta. Salústio não apresenta nenhum de seus personagens sem lhe avaliar a fôrça pela superioridade do que êle tem de energia sôbre o que tem de fraqueza, e aprecia ao justo a **virtus** de Catilina que é um homem cheio de defeitos, vários dos quais contam na balança de sua **virtus** e de seu valor individual. Em Euclides, porém, a virtude não só exprime a varonilidade, a **virtus** latina ou a **virtú** do italiano do Renascimento, mas a virtude, no sentido mais alto e mais largo, a probidade impecável, o perfeito cavalheirismo e a nobre retidão.

Euclides da Cunha, Artur Ramos e Gilberto Freyre

(Palestra de encerramento da Semana Euclidiana, lida pelo Dr. Faris Antonio S. Michaele, ao microfone da PRJ-2).

Prezados ouvintes:

O dever que me traz, hoje, ao microfone da Rádio Clube Pontagrossense é dos mais gratos e significativos.

Explico-me: devendo, na qualidade de presidente do Centro Cultural "Euclides da Cunha", encerrar a série de palestras comemorativas da Semana Euclidiana e do Cinquentenário de "Os Sertões", considero asado e de minha obrigação aproveitar o ensejo para, em tôrno da obra do nosso patrono, tecer alguns comentários e apreciações várias, que possam servir de contestação a certas críticas que lhe foram dirigidas, em ocasiões diferentes e por intelectuais também diferentes.

Quero referir-me a dois nomes mui familiares aos leitores brasileiros, pois que, incontestàvelmente, os seus trabalhos são inúmeros, conquanto nem sempre lhes sejam razoáveis ou fidedignos os conceitos, como iremos ver. São êles: Artur Ramos, já falecido, e Gilberto Freyre, ainda vivo, se bem não cesse de vasculhar em coisas mortas.

São duas figuras tidas como autênticos tabús, de que não há discordar, já que, dizem os seus áulicos, ninguém, antes deles, e talvez ninguém, depois deles, terá tido a originalidade e o desplante de pensar por conta própria, de enxergar além do vicioso círculo das anotações apressadas e dos ditirambos da velha e caduca erudição, enfim, da realmente negativa ciência do homem dentro dos moldes clássicos, quase sempre de resultados desfavoráveis ao nosso país.

Com êles, não, dizem os seus endeusadores. Procuram reabilitar o brasileiro, estudar-lhe as origens, a evolução e capacidades inatas, dentro do mais criterioso e imparcial dos métodos. Antes deles, a confusão, o preconceito, a subjetividade extremada. Depois deles, a clareza, a tolerância, o objetivismo largo e construtivo.

Como é natural, então, os nossos sociólogos, antropólogos e historiadores de antanho, são apontados como franco-atiradores, estudiosos de cultura falha e cheia de contradições, em suma, fautores nocivos e vergonhosos de nosso descrédito, lá fora. É longo o rosário: Sílvio Romero, Pôrto Seguro, Oliveira Lima, Euclides da Cunha...

Euclides da Cunha! Como sôa odioso e indesejável aos ouvidos dêsses depositários únicos da verdade o nome do gênio de "Os Sertões"!...

Comecemos por Artur Ramos, o antropólogo das Alagôas, desaparecido prematuramente, dizem uns, tardiamente, afirmam outros, nem prematura nem tardiamente, dizemos nós outros: morreu no momento preciso, que muito iria sofrer com os jagunços do Brasil Interior, bárbaro e inclemente.

Inimigo declarado, por vocação e persuasão, do caboclo e de seu antepassado indígena; espírito dos mais versáteis e menos transigentes de sua época agitada; enfim, cultura das mais vastas em extensão e ilusórias em profundeza; o emérito psicanalista parecia ser a própria encarnação da incoerência. Como sói acontecer aos que muito escrevem e muito procuram impressionar, bastas vezes, atribuia aos outros as suas próprias imperfeições. Que era incongruente, intolerante, parcial e, por vezes, superficial, um simples deletrear de seus livros fôra suficiente para nô-lo confirmar. Era psicanalista convicto, isto é, esposava um ponto de vista tipicamente do século XIX, mecanicista, sumamente simplista e absorvente, pois que tudo procura explicar através de uma só das facetas da sociedade, e, paradoxalmente, dizia adotar o método histórico-cultural, de tendências relativistas, um tanto místico, e quase sempre de resultados sujeitos a comprovações científicas.

Mas, não é só na orientação psicoantropológica que se lhe podem indigitar as contradições e imperfeições em geral. Em que pese à desfaçatez dos referidos áulicos que só têm olhos para as suas pretensas preexcelências, a ponto de tudo resumirem no vetusto Magister Dixit, também nos vários setores educacionais, sociológicos, e mesmo, psiquiátricos, em que se aventurou afoitamente não há contar os deslizes, paradoxos e juizos precipitados, dado o seu acentuado amor às compilações e falsas erudições de leituras pela rama.

Era, portanto, um obsedado e um iconoclasta.

Agora, avalie-se a extensão e intensidade de semelhante maléfica influência num país de cegos e primarotas, como o nosso.

Entretanto, a análise completa de sua obra, reservá-la-emos para outra oportunidade, que hoje nos baste o refutar as injúrias assacadas à memória de Euclides da Cunha, no segundo volume de "Introdução à Antropologia Brasileira".

À página 408 do mesmo, começa Artur Ramos por dizer que Euclides é o mais superficial dos três autores por êle estudados, sendo Nina Rodrigues e Sílvio Romêro, os outros dois. O prestígio de "Os Sertões" não seria mais que consequência lógica de seu estilo retumbante, empolado e cheio de artificialismos. Por conseguinte, o seu estudo sôbre as raças não merece muita fé, já que se lhe esponta, claro, o vício de origem. Podem, quando muito, as suas frases declamatórias, impressionar aos estudantes, tão afeitos a essa meia-ciência e aos falazes rótulos de erudições importadas. Donde, sem mais outra, concluir, o valente campeão da inteligência, pelo imediato expurgo de "Os Sertões", livro que é um autêntico anátema contra a nossa raça. Mas, não fica aí a ira incontida do discípulo de Freud. Senão que, por outro lado, também se insurge contra as predileções de Euclides, mais voltadas para o caboclo ou mameluco que para o Homo Afer. Condena, do mesmo passo, a importância exagerada que o autor atribúi ao fator climático e à inferioridade racial do brasileiro, pessimismo que Artur Ramos diz não encontrar nem nos autores estrangeiros. Nem lhe agrada a aproximação maior que Euclides diz existir entre o branco e o ameríndio, como lhe não agrada, por fim, a generalização, de que o homem do sertão é mais caboclo ou mameluco que mulato ou cafuso. Euclides, doutrina Ramos, para afirmar tais coisas, teria que pesar, medir, investigar, e mpoucas palavras, fazer um autêntico estudo científico entre os tipos das caatingas.

Êste, em síntese, o juizo que Artur Ramos faz da obra euclidiana.

Para refutar estas apaixondas e mórbidas assertivas, procuremos atacar as frases em separado, com vagar e serenidade.

Primeiramente, temos: **que Euclides é o mais superficial dos três.**

Está, aqui, um opinião pessoal que pouco representa. Mesmo no terreno da antropologia, não está o autor pisando firme, porque, no que tange a Sílvio Romêro, podemos dizer que nunca passou de bom amigo e péssimo inimigo, sempre cheio de contradições e violento nas críticas, por via de regra, nutrindo um ódio de morte à raça indígena, cujo sangue, por sinal, lhe corria nas veias. Quem, como êle, chegou a considerar de proveniência africana o **Mutirão** ou **Puxirão** (que já Cardim registava entre os índios) não pode servir de oráculo a quem quer que seja. Em relação a Nina Rodrigues, quase o mesmo juizo é lícito formular, porque todos os seus trabalhos referentes ao caboclo e ao índio estão eivados de citações do discípulo de Tobias. Bem pesadas as coisas, teríamos, então, que Euclides da Cunha, apesar de suas imperfeições, decorrência do próprio atraso da ciência antropológica de seus dias, foi mais otimista que os outros dois, porquanto, acabou escrevendo um livro de ataque à pseudo-civilização das gentes do litoral, descendentes espirituais da Europa e dos Estados Unidos.

E Artur Ramos, longe de relevar tais particularidades de mucama de cafuné, ei-lo se empertiga para exprimir ilações mui pouco respeitosas à memória do glorioso fluminense, tão pouco respeitosas, que não trepida em reduzí-lo a simpLes escritor gongórico, nocivo à Pátria.

Agora, é semelhante gongorismo que vamos analisar.

Que Euclides "escrevia difícil", "com cipó", "inintelegivelmente" e outras sandices mais, isso é assunto já velho e repisado, tão rasteiro e despeitoso, tão inconsistente e parcial, que não resiste à menor crítica. Já o erudito Prof. Meira de Angelis se dignou esclarecer o assunto, em outra palestra, aliás brilhantíssima. Apesar disto, porém, não me posso furtar ao dever de, pelo menos, mostrar a falta de preparo para a crítica literária, não só de Artur Ramos, como de Roquete Pinto, Graciliano Ramos e outros mais. Depois do que disseram José Veríssimo, Alencar Araripe, Ronald de Carvalho e outros mestres das letras, que importa a opinião de cientistas, especializados em outros setores? E, acaso, uma epopéia do quilate da de Canudos caberia num estilo adamado e ultralamuriante, como desejára o mancebo de Massangana? E que outras mãos, que não as nervosas e calejadas do engenheiro bisonho, foram capazes de feito tamanho e tão magnífica visão descritiva, na literatura brasileira?

Passemos adeante.

"Os Sertões" é um terrível anátema contra o nosso povo, diz Artur Ramos. Acha êle, por conseguinte, que devia ser expurgado, antes de o traduzirem para línguas estrangeiras. Expurgado e pôsto em dia, como se os próprios livros do enfurecido psicanalista fôssem esculpidos para a eternidade. Que a ciência evolúi, todos o sabemos, mas que os textos originais não devam ser respeitados é, agora, inovação de sábios brasileiros. Quem, de bom senso, não reconhecerá, logo, nessas idéias estapafúrdias, o produto inegável de maldisfarçado despeito, ante as glórias euclidianas? Porque, nada menos carcável ao espírito dos nossos homens de intelecto que o bom êxito de outrem, precisamente no mesmo ingrato mistér.

Apesar de seus exageros e franco ilogismo, as obras-primas da literatura mundial continúam intactas e respeitadas. E "Os Sertões", quer queira, quer não, o espírito de Artur Ramos, está sendo comparado aos livros exponenciais da literatura universal.

"Dom Quixote", "A Divina Comédia", as obras de Shakespeare, porque sublimes, viverão eternamente, e com elas "Os Sertões".

Mas, o que, na verdade, mais magôa os adversários de Euclides é a predileção que o Mestre de Cantagalo votava ao caboclo ou mameluco. É isto, por assim dizer, a causa primeira da ogeriza indiscutível dos afronegristas à incomparável Bíblia da Nacionalidade. Artur Ramos, aqui, injustificàvelmente, se insurge contra a idéia das preexcelências mamelucas, a chamada aristocracia paulista, a opinião preconcebida de ser o caboclo um forte e o mestiço do litoral nortista, um fraco, enfim, a própria epopéia das bandeiras, a seu ver, tão africana quanto indígena.

Não vamos, agora, analisar tôdas estas disparatadas e coléricas expressões de menoscabo à obra do glorioso engenheiro. Para destruir-lhes o fragílimo conteúdo, bastára o que disseram Luiz Viana Filho, Afonso de Taunay, Jaime Cortesão, Djacír Menezes, Angyone Costa e muitos outros.

Que o bandeirante era predominantemente lusoamerindio ninguém o pode negar. As crônicas, relatórios, memórias e documentos oficiais ou não, do tempo da colônia, são bem claros a respeito: o africano só começou a tomar parte nas bandeiras, quando se processou o ciclo da mineração, em pleno século XVIII. Aliás o próprio nome **negro** ou **tapaiuna (tapanhuna)**, em que se escuda Cassiano Ricardo, era de aplicação frequente aos tapuias ou gentio brasílico em geral. O papel do Homo Afer foi, portanto, secundário, na primeira fase das bandeiras, fenômeno antes lusoamerindio, e não apenas lusitano, como querem certos cronistas dalém-mar.

Em relação à fraqueza do mulato, temos a dizer que, embora não concordemos com nenhuma generalização, neste sentido, devemos, no entanto, reconhecer que o homem da cidade, dos centros civilizados, das metrópoles modernas do Brasil, é mais propenso ao debilitamento orgânico que o homem do interior, mesmo sendo êste menos nutrido e de vida mais precária. Temos certeza que Euclides da Cunha se referiu ao indivíduo como elemento receptivo das influências cósmicas, sem levar em conta as origens étnicas do mestiço neurastênico do litoral.

No que se relaciona com as influências climáticas, também podemos afirmar que o autor de "Os Sertões" não estava tão errado, como pretende o seu crítico. Quem quer que acompanhe o progresso da geografia humana, da culturologia e da própria sociologia em suas relações com a história da civilização, verificará que, modernamente, já se está encarando o clima como agente pouco de desprezar. Huntington e dezenas de outros sábios declararam, recentemente, que Ratzel tinha razão, quando estabeleceu as zonas de climas, embora não seja lícito vermos no homem meramente um sêr passivo. Por outro lado, Artur Ramos parece não haver refletido direito, quando afirmou que a cultura é que decide da sorte dos climas, porque, sendo aquela condicionada por êstes, teríamos um círculo vicioso nada de desejar, agora que estamos pondo a matéria nos devidos termos.

Ainda umas palavras, em relação à suposta falsidade das asserções de Euclides, quanto à composição étnica das caatingas. Diz Artur Ramos que o autor assentou como definitiva a verdade de que o elemento humano do interior do Nordeste é de fundo indígena. Euclides, segundo êle, não estava autorizado a semelhantes conclusões, porque não mediu, pesou, observou ou empreendeu qualquer das pesquisas requeridas pela ciência antropológica.

Até aqui, tudo muito certo, não fôra a mesma carência, da parte do crítico. Vem a talho de foice perguntar onde, quando e como, êle, Artur Ramos, houve por bem preencher semelhante lacuna. As suas suculentas obras de compilação apenas falam nas 2.000 fichas do Prof. Roquette Pinto, do Museu Nacional. São as já clássicas etiquetas de conscritos do Distrito Federal. Um cientista estrangeiro, da Europa ou Estados Unidos, perguntaria: De que raça é Roquette Pinto? Está êle credenciado a falar em nome dos brancos? Os seus brancos são realmente brancos? Bastam 2.000 fichas para caracterizar 52.000.000 de habitantes? E Artur Ramos? Que objetividade científica é essa que, quando tenhamos em mente os defeitos do brasileiro, aí só vamos enxergar a influência cabocla, embora, por outro lado, reconheça que o índio com quase nada contribuiu? Outras contradições e juizos precipitados avultam, com frequência, na obra do falecido antropólogo. Criticando Euclides, por exemplo, êle diz que, no nordestino, não se sabe onde começa o negro e termina o índio ou o português, isto é, que o caboclo daquela região é mestiço das três raças, uma espécie de **caboré** ou **cafuso**. Mas, em outro ponto da referida obra, não vacila em afirmar que a população cabocla da Amazônia nada perde em unidade, com a migração nordestina, porque o **paroára** é também lusoamerindio cem por cento.

Temos, então: Artur Ramos desmente Artur Ramos. É e não é, algo que faz lembrar a pretensa mentalidade pre-lógica do homem primitivo de Levy-Brühl.

E assim é muita coisa escrita pelo alagoano ilustre. Muito escreveu, muito criticou, mas muito errou, igualmente.

Digamos, agora, algo sôbre o segundo dos aludidos críticos ou, seja, Gilberto Freyre.

Em seu livro "Perfil de Euclides e Outros Perfís", que, em última análise, não passa de uma ampliação da conferência "Atualidade de Euclides da Cunha", o notável criador, entre nós, da chamada sociologia pitoresca muito se empenha por que pendamos para a representação negativista do gênio de Euclides. Do começo ao fim do mencionado ensaio, o vulto rebelde do imortal estilista brasileiro sofre uma ininterrupta série de investidas, qual a qual mais maldosa e virulenta. Não é que desejemos subestimar os méritos de Gilberto, do qual, sem dúvida, nos separam divergências assás ponderosas, senão que, como se poderá logo comprovar, é da própria essência de seus escritos apenas ressaltar o que conforme esteja com a sua orientação afronegrista, consequência do meio em que se criou e dos primeiros trabalhos que escreveu, inclusive a célebre tese de dou-

(Conclúi na página 11)

O POETA EUCLIDES DA CUNHA

(Escrito por Ottokar Hanns, do Centro Cultural "Euclides da Cunha", quando das comemorações da Semana Euclidiana de 1952).

Euclides da Cunha, o magistral estilista de "Os Sertões", cujo cinquentenário de publicação se comemora êste ano, foi também um poeta. Suas poesias, porém, não são muito conhecidas. São produções de sua mocidade e foram publicadas esparsamente pelos jornais, continuando outras ainda inéditas.

O Euclides poeta era muito expontâneo. Os versos jorravam sôbre o papel com uma facilidade extraordinária. Êste soneto é uma prova cabal do que afirmamos:

RIMAS

"Ontem — quando soberba escarnecias
Dessa minha paixão — louca — suprema
E no teu lábio essa rósea algema
A minha vida — gélida — prendias...

Eu meditava em loucas utopias
Tentava resolver grave problema...
— Como engastar tua alma num poema?
E eu não chorava quando tu te rias...

Hoje que vives dêsse amor ancioso
E és minha — és minha, extraordinária sorte
Hoje eu sou triste sendo tão ditoso!...

E tremo e choro — pressentindo — forte
Vibrar — dentro em meu peito, fervoroso,
Esse excesso de vida — que é a morte..."

x x x

Outro exemplo é o soneto intitulado:

A FLOR DO CARCERE

"Nascera alí — no limo sorridente
Dos muros da prisão — como uma esmola
Da natureza a um coração que estiola —
Aquela flor imaculada e olente...

E êle que fôra um bruto e vil descrente,
Quanta vez, numa prece, ungido cola
O lábio sêco, na úmida corola
Daquela flor alvíssima e silente!

E êle — que sofre e para a dor existe
Quantas vezes no peito o pranto estanca!
Quantas vezes na veia a febre acalma,

Fitando aquela flor tão pura e triste!...
— Aquela estrêla perfumada e branca
Que cintila na noite de sua alma..."

x x x

Francisco Venâncio Filho, um dos maiores admiradores de Euclides da Cunha, falando da poesia do Mestre, diz, em seu livro intitulado: "A Glória de Euclydes da Cunha":

— "Já com influência científica, prenúncio daquela identificação cósmica do homem, característica de sua obra genial", escreveu êle "êste lindo soneto:

"São tão remotas as estrelas que apezar da vertiginosa velocidade da luz, elas se apagam e continuam a brilhar durante séculos".

"Morrem os mundos... Silenciosa e escura,
Eterna noite cinge-os. Mudas, frias,
Nas luminosas solidões da altura
Erguem-se, assim, necrópoles sombrias...

Mas p'ra nós, di-lo a ciência, além perdura
A vida, e expande as rútilas magias...
Pelos séculos em fora a luz fulgura
Traçando-lhes as órbitas vazias.

Meus ideais! extinta claridade —
Mortos, rompeis, fantásticos e insanos
Da minh'alma a revôlta imensidade...

E sois ainda todos os enganos
E tôda a luz, e tôda a mocidade
Desta velhice trágica aos vinte anos..."

x x x

Mesmo escrevendo em prosa, Euclides foi poeta. Suas descrições revelam, à primeria vista, um poeta vigoroso, que descreveu, com alma, com um sentimento inaudito, o que vira. Leia-se, em "Os Sertões", a parte concernente à "Terra", onde o Nordeste é descrito de maneira maravilhosamente real.

Há, muitas vezes, em sua poesia, comparações que afirmam seu gênio. Neste soneto, escrito em 1890, temos uma prova magnífica do que afirmamos:

D. QUIXOTE

"Assim à aldeia volta o da "triste figura"
Ao tardo caminhar do Rocinante lento:
No arcabouço dobrado — um grande desalento,
No entristecido olhar — uns laivos de loucura...

Sonhos, a glória, o amor, a alcantilada altura
Do Ideal e da Fé, tudo isto num momento
A rolar, a rolar num desmoronamento,
Entre os risos boçais do Bacharel e o Cura...

Mas, certo, ó D. Quixote, ainda foi clemente
Contigo a sorte, ao pôr nesse teu cérebro ôco
O brilho da Ilusão do espírito doente;

Porque há coisa pior: é o rir-se pouco a pouco
Perdendo qual perdeste um ideal ardente
E ardentes ilusões — e não se ficar louco!"

x x x

Euclides acompanhou de perto tôda a Campanha de Canudos, obtendo assim os dados necessários para a sua Imortalidade; ao voltar daquelas plagas, tinha já em mente "Os Sertões". Em 1897, na Bahia, ou para sermos mais explícitos, no dia 14 de outubro de 1897, escreveu êle no álbum da exma. sra. dona Francisca Praguer Froes, espôsa do Dr. João Américo Froes, o seguinte soneto, no qual deixa entrever, ainda que de leve, o que tinha em mente:

PÁGINA VAZIA

"Quem volta da região assustadora
De onde eu venho, revendo inda na mente
Muitas cenas do drama comovente
Da guerra despiedada e aterradora,

Centro não pode ter uma sonora
Estrofe, ou canto ou ditirambo ardente
Que possa figurar dignamente
Em vosso álbum gentil, minha senhora.

E quando, com fidalga gentileza
Cedeste-me esta página, a nobreza
De vossa alma iludiu-vos, não previstes

Que quem mais tarde, nesta fôlha lesse
Perguntaria: "Que autor é êsse
De uns versos tão mal feitos e tão tristes?"

x x x

Em dezembro de 1902, Euclides da Cunha publicou sua obra-prima: "Os Sertões". Para escrevê-la, precisou assistir àquele drama pungente passado nas caatingas nordestinas, àquela luta medonha, desigual em extremo, onde os jagunços, fortalecidos pela natureza inclemente, pelo fanatismo religioso e pela obediência cega a Antônio Conselheiro, êsse misto de mártir e de louco, combatiam como feras encurraladas; para escrevê-la, precisou sentir tôda aquela ânsia, todo aquêle sofrimento, as-

(Conclúi na página 12)

Euclides da Cunha, Artur Ramos e Gilberto Freyre

(Conclusão da página 10)

toramento, na Universidade de Columbia. A famigerada tese que intenta explicar a história do Brasil pela monocultura da cana de açúcar da sociedade escravocrata e patriarcal do Nordeste, sub-área do litoral pernambucano. Dentro daquele esquema regional, que é uma verdadeira idéia fixa, o nosso intrépido desbravador de Apipucos procura encaixar tôda a evolução do povo brasileiro, analisado como processo simplista em que o africano pontifica, já racial, já culturalmente. E os absurdos, então, se sucedem, numa linha geral de comparações, confrontos e equiparações de estarrecer, como iremos ter ocasião de verificar.

Sendo um autêntico intérprete do Brasil Interior, com seus currais e seringais infindáveis, onde o elemento étnico entra em completo desacôrdo com as injuntivas premissas das monografias de Freyre, teria, forçosamente, Euclides de caír no desagrado do mesmo.

Assim, resumindo, temos os seguintes defeitos, incorreções ou imperfeições de Euclides e sua obra-prima: nada tinha de helênico; demonstrava a mania de engrandecer e glorificar, em repentes esculturais, ou, seja, a tendência ao monumentalismo; não gostava das formas arredondadas, que lembram as curvas femininas; redigia com dificuldade, e "Os Sertões" constitúi livro de colaboração; foi um generalizador apressado, incapaz de uma grande caracterização; em suma, uma cultura falha, em todos os terrenos, a quem devemos fazer restrições em nossa perigosa mania dos aplausos incondicionais.

Comecemos com a pretensa carência de helenismo em Euclides.

Desde logo, não será necessário dizer o que se deva entender por semelhante expressão. O logicismo da frase, a clareza do pensamento, a precisão do têrmo, tanto quanto a riqueza de idéias e imaginação, são, sem dúvida, requisitos necessários a qualquer estilo com pretensões a ático ou com vislumbres de estética. Pois, tudo isso (e mais o **humour** que Freyre lhe nega) vamos encontrar em seus escritos. Aliás, é de um brilhante sociólogo francês — o Prof. Roger Bastide — a afirmativa de que, lendo Euclides, êle se acha mais em casa do que quando lê Machado de Assis. E que povo, mais que o francês, herdou as grandes qualidades da gente do Olimpo?

Agora, que Euclides tivesse a mania de engrandecer e glorificar, tal nada representa de extraordinário, porquanto, na literatura em geral, abundam os casos dos paisagistas estatificantes ou dos retóricos magnificentes, sem que, no entanto, a nenhum deles possamos ligar Euclides. Nele, a paisagem, às vezes, se dinamiza, movimenta, agride e cria, conquanto, quando necessário, tenha êle o raro pendor de tudo reduzir à inércia, para que melhor se possa processar o reajustamento **ambiente geral-agente contemplativo**. Ademais, como já tivemos ocasião de dizer, que outra expressão, que não a sublime, tem o condão de traduzir os miríficos feitos da epopéia? Sem o escultural, sem o têrmo adequado e grandiloquente, ou sem a imaginação criadora a exalçar-lhe as linhas mestras, nenhuma obra épica resiste ao pêso dos anos.

Quanto ao fato de evitar Euclides as formas arredondadas ou quaisquer curvas que lembrem a natureza em seus prolixos relevos de carne e excitação, isto nada diz contra o seu estilo, uma vez que vem deixar claro, como é o próprio autor quem reconhece, em outro ponto, que aquí é o matemático que se nos depara, com a sua frase comedida, na qual a idéia parece enclausurar-se, numa disciplina rígida, cheia de ângulos, de austeridade ascética, de relevos masculinos, como convém ao cenário dos sertões. Ao contrário dos ambientes moles das casas grandes e senzalas, nas caatingas, não há fugir ao dilema "mata ou morre", em que a aridez desértica exclúi qualquer conceito de lazer concupiscente, como fôra do gôsto do sociólogo de Apipucos. E, em troca, que nos apresenta Freyre como estilo próprio? Apenas nebulosidades e repetições monstruosas, tudo vazado numa linguagem, por vezes, de autêntico baixo-calão, sem as virtudes da forma de expressão de Euclides e com muito mais defeitos.

Expurgado dos termos impronunciáveis e das idéias menos decentes, semelharia um dêsses jogos infantis, em que se forjasse a monótona sequência da palavra final a iniciar novas frases: tem havido incidentes; incidentes provocados por agitadores; agitadores que nos chegam da Moscóvia; Moscóvia de Pero Botelho, e assim por deante. Aliás, essa infantilidade inexplicável, êsse insôsso retôrno à imatura quadra das parcerias de malungo, aparece bem evidente em outros escritos de Freyre. Quem quer que tenha lido "An Interpretation of Brazil", livro escrito para o público de língua inglesa, ter-se-á certificado da veracidade do que afirmamos. Aquele seu ar de colegial queixoso, como que a dar parte ao professor (no caso, os Estados Unidos) do geito peralta do colega (a Argentina) tem qualquer coisa que cheira a saudosismo do canavial...

Prossigamos. Eis se nos depara, a esta altura, a pretensa dificuldade que Euclides sentia em redigir, o que lhe teria valido a ajuda de amigos.

Que Euclides sentisse dificuldade em redigir notas de jornal, é coisa que todos sabemos, porque poucos intelectuais servem para tais misteres de importância minguada. O mesmo, ainda, é lícito dizer da pouca facilidade que teria para esboçar perfís ou traçar paralelos, já que o genial artista era um eterno torturado da forma, um incansável e insaciável burilador da frase. O que não está certo, porém, é querer o sr. Freyre insinuar que "Os Sertões" seja resultado da colaboração de Teodoro Sampaio, Orville Derby e outros. Se alguma participação tiveram, não passou de esclarecimentos nas respectivas especialidades, procedimento bem normal, a que não escapa nem o próprio Freyre.

Finalmente, analisemos a pecha de generalizador apressado, com que vamos encerrar esta palestra.

Acreditamos que já se disse o suficiente para que o escritor pernambucano não seja levado a sério, quando fala em generalizações apressadas de outrem. Porque, quem, como êle, tem lutado para forçar o esquema escravocrata da cana de açúcar ao resto do Brasil; quem, como êle, paradoxalmente, combatendo todos os racismos, engendra o afro-brasileiro, para concluir pela superioridade da inteligência do baiano sôbre os demais brasileiros; como se o fenômeno não fôsse antes de natureza histórica, pois que, sem dúvida, a Bahia foi a primeira capital do Brasil, tendo as primeiras escolas; quem, como êle, prega que o caboclo ou mameluco é, no Brasil, figura de retórica, cada vez mais, uma alma do outro mundo; quem, enfim, como êle, procura equiparar os jóvens ilhéus e os vaqueiros do Nordeste ao escravo africano, unicamente para diminuir o opróbrio da nefanda instituição à custa dos mesmos; quem procede assim, de boa ou má fé, não importa, não pode falar em generalizações apressadas.

E quanto a culturas falhas, seja-nos lícito obtemperar que a dele, Gilberto, por vezes, dá a impressão de ser de leitura de relance ou de capítulos interessantes. Não fôra assim, por que não se estende êle sôbre o assunto das bandeiras, da história do Rio Grande, da Amazônia, do Brasil Central e outros pontos do nosso território? Por que não discorre sôbre os conhecimentos anatômicos e, mesmo sociais, entre os índios do Brasil? Por que não menciona a cooperação indígena no século XVI, tão bem estudada por Marchant?

Muito mais teríamos que perguntar.

Encerremos esta palestra. Façamo-lo, porém, ao contrário do que escreveu Euclides em seu livro máximo. Aquí, em meio à incerteza e à vertigem, uma luz sempre estará a guiar-nos, pelos meandros: a que dimana da fonte eterna de seu gênio incomparável!

Euclides da Cunha e o Sertão Nordestino

Por THIAGO GOMES DE OLIVEIRA

Prezados ouvintes da P. R. J. 2, boa noite!

Como filho do nosso Nordeste brasileiro, que sou, é com o mais vivo entusiasmo e ardor patriótico que vimos a êste microfone trazer a nossa singela contribuição à Semana Euclidiana, a qual o Centro Cultural Euclides da Cunha vem comemorando anualmente, à maneira de cidades outras dêste querido Brasil, para cultuar a imperecível memória de seu patrono e genial escritor brasileiro.

Vindo eu, das caatingas pardacentas e adustas do Nordeste, dificilmente poderia iniciar o nosso trabalho, com outro título que não fôsse o supra aludido. Sim, porque quem viveu os horríveis dramas das sêcas, quem percorreu estradas poeirentas sob a ação causticante da soalheira impiedosa, fugindo aos rigores climatéricos daquela terra ignota, como o próprio Euclides expressivamente a cognominou, nunca jàmais, lerá as páginas da monumental obra "Os Sertões" sem sentir, de chofre, a penetração lídima e arguta do fulgurante gênio do autor, no âmago daquele sertão silente, ao descrever, com atilado espírito, a luta titânica que, desafiando os séculos e poderes públicos, se vem ferindo dramàticamente entre o homem e a terra. Euclides da Cunha, mais que ninguém, soube sentir e transladar para o papel, em forma de arte literária, a dôr do sertanejo que, insulado entre o mar e o deserto, nunca, a despeito do mais rígido sofrimento, foi dominado ou feneceram-lhe o ânimo e o intrépido heroísmo que caracteriza os fortes. Com ou sem letras, sabe o nosso boníssimo e indômito caboclo ser paradigma de nacionalidade. E quem se incumbiria de nos afirmar o estoicismo e a inquebrantável fibra dos nossos titãs, se os sociólogos e mestres de grande saber e aguda inteligência se compraziam a mirar o vai-vem das ondas em nossas praias das metrópoles ou a contemplar do asfalto o progresso citadino? Sem olhar introspectivamente para o Brasil interior. Necessário era, pois, que surgisse alguém que não fôsse apologista incondicional do confôrto nem guiado pelo cabotinismo comum nos vaidosos, e êsse alguém surgiu, foi o grande, o imortal Euclides da Cunha, o atleta consumado das letras, que, não crendo só nas lendas, que a enfática literatura do além e aquém mar nos apontava, como feitos de certos supostos super-homens, penetrou com a sua aprimorada cultura, com o seu espírito perscrutador e alma imbuída de sadio patriotismo, sertão a dentro, para mostrar, também, aos descrentes dos grandes feitos heróicos, o de que o nosso caboclo brasileiro é capaz, maiores rasgos de bravura e alto espírito de hospitalidade, nobilitantes atitudes morais e sacrifícios mais ingentes, principalmente quando essa renúncia lhe é imposta, para fazer valer a sinceridade de um compromisso, lhe custe êste ou não, na sua palavra de fé, a própria vida.

E Euclides da Cunha, ao perlongar o sertão, foi sublime ao analisar, não deixando de perceber, com requinte de minúcia, os gestos eloquentes que o fizeram acreditar piamente que "o sertanejo é, antes de tudo, um forte", mas, essa sua legendária afirmativa, como parece, à primeira vista, não se limita ao corpo desvitaminado e desnutrido dos homens do sertão, deve alongar-se mais para o espírito, porque, para resistir àquele terçar de armas, em que o homem e a natureza se digladiam eterna, heroica e eloquentemente, é necessário um forte espírito para se não vencer, não se deixar ser vencido. E foi isso precisamente que Euclides notou, na argúcia com que o sertanejo se lhe apresentava, principalmente quando êle afirma: "e o sertanejo simples transmuda-se, penetrando-o no fanático destemeroso e bruto" "despertou-os adversários que imaginavam ir surpreender", e "A caça caçava o caçador". Isso, afora a observação feita sôbre os costumes e o fácie do sertão inteiro, realizada pelo corifeu da nossa literatura. Observou tudo, até mesmo com altiva minudência... desde a trempe, o pedaço de pedra que acompanha o sertanejo, na sua jornada de nômade até a sua astúcia, ao armar a rede que o acompanha em forma de bêrço e que também lhe serve de esquife; no umbuzeiro que lhe oferece sazonados frutos como alimento e as raízes que em forma de tubérculos, armazenam grande quantidade de reserva líquida com que lhe mitiga a sêde. Viu, com os olhos do pensamento e principalmente da grande alma de brasileiro, o sofrimento daqueles nossos irmãos mártires, que, na douta afirmação, do escritor primoroso, se fazem homens, sem chegar a ser crianças, porque cedo têm que se acordar para a fratricida luta pela existência.

Foi assim que o caboclo de Euclides da Cunha foi apresentado ao seu grande público ledor do Brasil metropolitano. E assim êle continuará ornando os seus grandes feitos, com lídimos exemplos da nacionalidade, que são, antes de tudo, um grito épico e fervoroso da raça mestiça, de quem tanto têm falado os antropo-sociologistas, na sua clássica e científica palavra falada e escrita. Honras, pois, a Euclides da Cunha e viva o nosso caboclo brasileiro que é, por excelência, a matéria prima de que o Brasil necessita para levar de vencida a grande e impostergável jornada que lhe está afeta, no conceito das nações democràticamente civilizadas. Porém, para conseguirmos o grande evento, é mistér que se dêem aos homens do Brasil interior letras e assistência social, porque é o de que necessita "o cerne da nossa nacionalidade", os nossos bravos mamelucos brasileiros.

Que Pensa o Sr. de Euclides da Cunha?

Palestra pelo Snr. Prof. MEIRA DE ANGELIS

Prezados ouvintes!

Foi essa a pergunta que, há dias passados, um dos meus alunos me formulou. Surprêso, apenas lhe respondi:

— Acaso já não sabe você, quem é Euclides da Cunha? Não ouviu, na terceira série, do segundo ciclo, preleções em classe, acêrca dêsse escritor? É de se estranhar, de vez que, além das aulas dadas no Colégio, ainda o "Jornal do Paraná" e o Centro Cultural "Euclides da Cunha", dirigido pelo sábio mestre Dr. Faris Michaele, têm dado grande divulgação às críticas, feitas em tôrno de Euclides.

Imediatamente o consulente me retorquiu:

— Realmente não seria necessário fazer-lhe essa pergunta, se eu não houvesse lido a terceira série das Páginas Floridas, do Prof. Silveira Bueno, onde encontrei êste juízo crítico que me surpreendeu:

"A maioria elogia "Os Sertões" sem lhe ter lido siquer um têrço das suas páginas. Elogia por ouvir elogiar. Roquete Pinto diz que a parte científica é contraditória e errada. Agripino Grieco é textual: dois têrços dos Sertões são ilegíveis. Quanto ao estilo, Joaquim Nabuco dizia que o autor escrevia com cipó, tal o emaranhado das frases difíceis e empoladas, do vocabulário precioso e escolhido, sem espontaneidade. Afrânio Peixoto que o sucedeu na Academia afirma que o gongorismo domina tôda a obra de Euclides."

Devo confessar que não me era estranho êsse trecho da crítica do ilustre Professor Silveira Bueno, da Escola de Filosofia, de São Paulo.

Atendendo à consulta do aluno, expliquei que, oportunamente, haveria de demonstrar que o Prof. Silveira Bueno era, ao contrário, admirador de Euclides, apesar de lhe opôr algumas restrições. Essa oportunidade se me depara, agora, de vez que o Centro Cultural "Euclides da Cunha" houve por bem convidar-me para colaborar na Semana Euclidiana.

Realmente quem lê as considerações da página 272, da referida obra do Prof. Silveira Bueno, fica imediatamente supondo que o notável Professor, de São Paulo, não é admirador das obras euclideanas. Não se pode, porém, chegar a essa conclusão, lendo-se apenas uma obra, um livro, uma página. É preciso sondar o verdadeiro pensamento do autor, procurando outros livros, outras produções para se aquilatar, realmente, o que êle pensa e o que êle julga. Nas Páginas Floridas há um resumo de opiniões alheias.

Antes de tudo é preciso compreender em que consiste a crítica literária. Deve ela, em primeiro lugar, ser verdadeira, documentada, imparcial. Focalizar o autor, dentro da escola e da época, do ambiente em que foi elaborada. Se a crítica ressalta as idéias principais, atingindo o fundo e a forma do estilo, analisando a composição no seu todo e nas suas partes, bem como o gênero, os recursos de expressão, as figuras de estilo, os tropos, o vocabulário, o senso estético, a pureza da linguagem, a harmonia e a vivacidade de expressão — embora encontrando defeitos ou qualidades — haverá crítica. Aquela que só deprime, rebaixa, sem encontrar nada de belo, de interessante — pode ser parcial, tanto quanto a outra que apenas exalta, engrandece, sem apontar um defeito siquer. Ora, isso não é próprio da verdadeira crítica. Infelizmente, entre nós, a maioria dos nossos críticos não têm a necessária imparcialidade. Ou é incenso excessivo que sufoca, ou porrete de matar. Eu quero crer que o ilustre Prof. Silveira Bueno tentou, com bom êxito, a respeito de Euclides, exercer a crítica como realmente ela deve ser feita: com moderação e imparcialidade. A sua sinceridade das obras euclideanas, pois, tenho dêle um artigo publicado na "Fôlha da Manhã", em São Paulo, do qual vou extrair algumas linhas:

— "O livro, apesar das suas várias partes, possui

(Continua na pág. 13)

O Poeta Euclides da Cunha

(Conclusão da pág. 11)

sistir, com o coração amargurado, tôda aquela hedionda crueldade.

Em dezembro de 1902, Euclides publicou "Os Sertões". Enviou alguns exemplares aos críticos da época e aos amigos. Para Lúcio de Mendonça e Coelho Netto escreveu, no retrato que acompanha o livro, alguns versos como dedicatória.

E nesses versos, Euclides expressa tôda a sua alma, grandiosa e inquebrantável, indômita e ao mesmo tempo cheia de doçura. Punha à mostra uma alma de poeta, de sonhador: uma grande alma de sentimental.

Os versos que dedicou a Lúcio de Mendonça, são os seguintes:

"Em falta de um "postkarte", iluminura
Que enquadre do que penso ou sinto a imagem,
Em relêvo, na artística moldura
De um trecho fugitivo de paisagem —

Aí vai, para saudá-lo no remanso
De um lar, onde terá digno aconchêgo,
Este caboclo, êste jagunço manso
— Mixto de celta, de tapúia e grego... —"

E, no livro dedicado a seu amigo Coelho Netto, Euclides burilou os seguintes versos, que bem mostram o íntimo de seu sêr:

"Felizmente
Esta fisionomia,
De onde ressalta a rígida expressão
Da face de um tapúia, espantadíssimo,
Hás de achá-la belíssima
Porque saberás ver, nìtidamente,
Como os raios X de tua fantasia,
O que os outros não vêem: um coração."

x x x

Depois da publicação de "Os Sertões", Euclides, engenheiro que era, aceitou seguir viagem com a Comissão Brasileira do Alto-Purús. Destas viagens, temos os seguintes livros como resultado: "Perú versus Bolívia" e "Contrastes e Confrontos".

Em uma fotografia que os membros da Comissão tiraram, e onde figura Euclides, há um soneto, escrito por Euclides para os seus amigos, e talvez seu último trabalho poético. É o seguinte:

"Se acaso uma alma se fotografasse
De sorte que, nos mesmos negativos,
A mesma luz puzesse em traços vivos
O nosso coração e a nossa face;

E os nossos ideais, e os mais cativos
De nossos sonhos... Se a emoção que nasce
Em nós, também nas chapas se gravasse
Mesmo em ligeiros traços fugitivos;

Amigo! tu terias com certeza
A mais completa e insólita surpreza
Notando — dêste grupo bem ao meio —

Que o mais belo, o mais forte, o mais ardente
Dêstes sujeitos é precisamente
O mais pálido, o mais triste, o mais feio."

x x x

Voltemos, porém, ao Euclides estudante. Aos 14 anos, já compilava um caderno de poesia, a que deu o nome de "Ondas"; isso, em 1883, muito antes de Luiz Murat publicar as suas "Ondas". Nesse caderno, há poesias que são verdadeiros rasgos de gênio; outras, dignas de um poeta principiante: nem boas nem más. Euclides mesmo, encontrando entre seus papéis, em 1906, o caderno de poesias, escreveu no frontispício esta nota:

"14 anos de idade. Observação fundamental para explicar a série de absurdos que há nestas páginas."

Se muitos poetas modernos, autores de verdadeiros e reais absurdos, os quais mesmo a cêsta de lixo sente vergonha em receber, de tão loucos e abusivos à lei da estética literária, reconhecessem que suas poesias são realmente baboseiras disfarçadas em poesia, então, finalmente, teríamos, de novo, poesia de verdade, poesia que merecesse o título de "poesia".

x x x

Ainda adolescente, já mostrava Euclides, em seus escritos, o gênio que tinha em si latente. Após assistir a uma aula de História, na qual o professor falou sôbre a Revolução Francêsa de 1793, Euclides apanhou um pedaço de papel e esboçou em verso os perfís de quatro grandes revolucionários: Dantão, Marat, Robespierre e Saint-Just.

São quatro sonetos admiráveis. Eis o que descreve Dantão:

"Parece-me que o vejo iluminado.
Erguendo delirante a grande fronte
— De um povo inteiro o fúlgido horizonte
Cheio de luz, de idéias constelado!...

De seu crâneo vulcão — a rubra lava
Foi que gerou essa sublime aurora
— Noventa e Três e a levantou sonora
Na fronte audaz da populaça brava!...

Olhando para a história — um século é a lente
Que mostra-me o seu crâneo resplandente
Do passado através o véu profundo...

Há muito que tombou, mas inquebrável
De sua voz o éco formidável
Estruge ainda na razão do mundo!"

x x x

Termino aqui esta minha palestra, que foi mais um recitativo de poesias de Euclides da Cunha. Não me cabia, porém, outra faceta de seu gênio, que essa da poesia. Admiro imensamente, e em qualquer língua, a grandeza da Poesia. Ela é a alma de um povo. E a poesia euclidiana é bem u'a amostra do povo caboclo, dos jagunços de minha terra natal.

Fica aqui, pois, minha colaboração modesta para a Semana Euclidiana de 1952. Espero que tenha sido compreendido em meu propósito.

A Poesia das Trovas Caboclas

FELIX AYRES
(Da Academia Maranhense de Letras).

Prezado ouvinte de PRJ-2:

Aqui me tendes, honrado que fui pelo convite de Thiago G. de Oliveira e dr. Faris Antonio S. Michaele, ambos príncipes do cavalheirismo e da generosidade desta terra; aquele, intelectual irmão do norte; êste, destacado mestre da cultura brasileira.

As palavras informes, porque de ocasião; as idéias incolores, porque de emergência.

A alegria de ser recebido dentre vós, a riqueza que me empresta a vossa deferência, o ouro do vosso convívio é a maior dádiva. Prazer maior não me proporcionaria a sorte, que o de possuir a vossa camaradagem, pois não há quem de vós se aproxime, senhores do Centro Cultural "Euclides da Cunha", que não fique devendo muita coisa.

E é à claridade dêste sodalício que me protejo por um momento para vos falar, em homenagem ao autor de "Os Sertões", do caboclo brasileiro, que faz trovas tão lindas e que improviso ao pé da viola, inteligente, antes de tudo, na gloriosa frase do gênio.

Tobias Barreto afirmava que êle tem tanta argúcia, que não precisa de advogado para lhe defender as causas.

No cerne da raça, cada qual com seu feitio, seu geito, sua alma, tão simples, tão grato, tão excelso, mártir, fiel!

Elemento feito da mestiçagem cada vez mais expressivo, legítimo representante de nossa nacionalidade. E donde veio? Daqueles socavões abruptos, baixadas ermas e sombrias, altiplanos quebrados de bibocas, matas fechadas, serras altaneiras... regiões que a civilização ainda não conhece, para dar lições de coragem, pelejar qual gigante, resistir qual herói! Misto de sangue ameríndio e português! Nenhum país do mundo conseguiu êsse amálgama. Do português o atilado espírito latino; do índio a astúcia, a alma guerreira! Daí é que nasceu o mestiço brasileiro que fez maior o nosso civismo e a pátria muito maior. O poeta mais culto, o sábio mais esclarecido, o gênio mais glorioso. Em todos os ramos de conhecimentos humanos está êle pelejando na vanguarda, no passado e no presente, no difícil e no exemplar, no firme e no gigantesco. É nele que a inteligência reponta mais vívida de fraternidade e a pátria mais nobre se imortaliza no mundo.

Euclides da Cunha, filho de baiano, órfão de mãe aos 3 anos, era um dêsses bravos, retratado assim por Alberto Rangel: "— o físico tinha a vulgaridade mameluca da nossa humilde e boa caipiragem... mais lhe aparecia a insignificância do caboclo magricela de fonte escampa, e arcadas zigmáticas saltadas, onde os olhos brilhavam com reverberos de incêndio à beira dágua e à noite".

E êsse caboclo genial, que em memorável discurso, em São Paulo, lembra o nome de Castro Alves para patrono e símbolo da mocidade estudiosa, era também poeta e também fez versos:

> Há nos teus olhos escuros,
> tantas centêlhas, que ao vê-las
> penso na treva e nos brilhos
> das noites cheias de estrelas...

E êsse caboclo genial que um dia se insubordina e atira aos pés do Ministro da Guerra a espada de estudante, notável publicista, geógrafo e historiador, hoje, tantas vezes estudado e admirado vezes tantas, no Brasil e no mundo, possuía também o coração boníssimo de um Messenas, quando auxiliava o intelectual desgarrado, no caso do poeta cearense Quintino Cunha, no Amazonas.

Indo a Manáus o chefe da Comissão Brasileira no Alto Purús, no lago Coari, confluência do solimões, nota, a frente de seu caminho fluvial u'a montariazinha triputada por 3 homens:

— Bom dia, amigo!
— Bom dia.
— Que está a fazer?
— Pescando a vida.

Fôra esta resposta a apresentação do poeta Quintino a Euclides. Daí por diante, grandes amigos. O historiador da terra de Ararigbóia protegendo o aedo do solo de Iracema, a ponto de colocá-lo na Prefeitura da Capital amazonense e de lhe apreciar elogiosamente os versos em crônicas aí publicadas e em Belém do Pará.

x x x

De alguns anos a esta parte, empenho-me na organização da antologia "Trovas Nacionais", coletânea que põe em evidência o interêsse poético, folclórico, chamando a atenção pelo lado antológico e pela documentação histórica. Figuram no trabalho todos os poetas de grande público nos Estados, e pelas unidades federativas da pátria é dividida a lírica troveira nacional.

Porisso ouvireis, agora, minhas senhoras e meus senhores, uma revoada de trovas das mais lindas dos jardins da poesia brasileira. Desfilarão diante de vosso bom gôsto alguns dos nossos maiores menestréis caboclos da redondilha em homenagem à memória do imortal Euclides da Cunha:

De Catulo da Paixão Cearense:

> E a sabiá pulos gáio
> da laranjêra serena
> cantava como se fosse
> uma viola de pena!

De Antonio Sales (coleção):

> Os cabelos dessa dona
> quando se soltam do pente
> dão um cacho perfumado
> do ouro mais incelente!

De A. R. Maranhão:

> Eu lhe quero procurá,
> flô que brota no espinheiro:
> todo mundo sente o cheiro,
> mas ninguém pode i buscá!

(Conclúi na pág 24)

"Que Pensa o Sr. de Euclides da Cunha"

(Conclusão da pág. 12)

perfeita unidade de conjunto, coerência completa, concorrendo as partes, em absoluta harmonia, para unidade do livro: - o homem. A ênfase aparece-nos claramente, crescendo o interêsse, à medida que o mesmo se desenvolve, sabendo o autor valer-se do melhor instante para o melhor pensamento, e, do melhor vocábulo, para melhor idéia. O estilo de Euclides da Cunha é original, personalíssimo, dos mais enérgicos e brilhantes da nossa literatura. Predominam as descrições que sabe entremear com exposições muito suas, concisas, mas completas. O diálogo é raro e o tom geral, elevado, solene, quasi declamatório. Forte em sua síntese, o autor rebusca o têrmo precioso, a frase rara, trabalhada, o que reverte em perda da espontaneidade e da clareza. A maneira de dizer, nervosa, vibrante, reflete o temperamento impulsivo e nevropata do engenheiro literato, marcando fortemente a sua personalidade abrupta na mente do leitor".

Ora, apenas, essas palavras seriam suficientes para demonstrar que o referido Professor não desconsidera as obras de Euclides, antes, ao contrário, muito as valoriza, tanto assim que, dêle são estas palavras:

"Constitui na opinião da maioria, a obra mais forte que se escreveu nestes últimos vinte anos".

Mas, como a crítica não consiste, apenas, em gabos e elogios, o ilustrado Professor Silveira Bueno, compreendendo que tem de ser rigorosamente imparcial, escalpelar os senões e efetuar as restrições que se tornam necessárias, não é de se estranhar que prossiga, depois, comentando a abundância dos têrmos técnicos, na primeira parte dos Sertões, o que, diz êle, dificulta a leitura e não raro prejudica o entendimento geral do volume. Tal o espírito de imparcialidade que domina a crítica que logo em seguida acrescenta:

"O pitoresco e o vivacíssimo da segunda parte, em que o poder descritivo de Euclides da Cunha nos faz ver, sentir e presenciar tôda essa simultaneidade de fatos, figuras e coisas, compensa extraordinàriamente as fadigas da introdução denominada a — Terra".

Refere-se, também, Silveira Bueno aos neologismos euclideanos, para, logo em seguida, acrescentar o seguinte, assaz expressivo que bem evidencia a admiração e o aprêço que lhe mereceu os Sertões:

"Tôdas estas coisas não conseguem, entretanto, diminuir a beleza de colorido e de movimento que há nessas páginas. Percebe-se em cada uma delas o homem que sentiu, que se emocionou, escreveu tudo isso com alma e coração. As diversas edições que se vão tornando, cada vez mais frequentes, afirmam que o número de leitores cresce, concorrendo assim para que maior se faça a glória de Euclides da Cunha".

Seria, pois, necessário dizer mais? Que poderia acrescentar? Bastam essas palavras. São elas mais que suficientes para demonstrar que o autor do belo artigo não subscreve as opiniões dos censores, cujos nomes figuram nas Páginas Floridas.

Subscrevo in-totum as opiniões de Silveira Bueno com relação a Euclides, e nem por isso deixo de me considerar um euclidiano.

Quanto ao conceito de Agripino Grieco, devo acrescentar o seguinte. Quando nesta cidade esteve Agripino, numa das suas memoráveis palestras, o notável crítico proferiu elogios e honrosas expressões sôbre o autor dos Sertões. Nada pode dar idéia exata do aprêço que Agripino dispensa àquele escritor. Muita coisa escrita por Agripino eu aqui poderia transcrever. Desejo, apenas, ressaltar estas linhas:

"Os Sertões, eis a obra que melhor reflete a nossa terra e a nossa gente."

Comentar os conceitos de Roquete Pinto, em matéria de ciência, seria desviar os intuitos dêste artigo. No entanto, de relance, convém lembrar que contraditória e errada é a obra de Roquete, como por êstes dias, irá demonstrar o Dr. Faris Michaele. Respeito à opinião de Nabuco, ela não merece fé, nem confiança, porque o notável parlamentar brasileiro não fez uma obra de crítica, revelando incompetência na análise literária, parcialidade extremada e incapacidade para compreender que o estilo é o homem. Falou em cipó. Não teve inteligência para estabelecer a relação entre o temperamento e o estilo, o homem nevrosado e o sentido estético do escritor. Cipó seria, apenas, sinônimo de gongórico. Se aquilo é cipó para exprimir um emaranhado incompreensível — aquela obra, os Sertões, não seria imortal. É exato que a nevropatia de Euclides se revela no estilo, marcando-lhe a individualidade com uma evidencia singular, na tessitura dos períodos. Não existe, propriamente obscuridade. Há um tumultuar de idéias, agitadas, que cascateiam na ciclotimia de um temperamento mórbido. Diriam loucura. Talvez! A loucura dos gênios, a divina loucura que lega à posteridade a refulgência do talento. Bendita a nevropatia se ela é inspiradora de obras imortais! Dela, porém, não provém. Só o gênio, só o talento é que, realmente, escreve para a posteridade.

Antes, porém, de terminar esta palestra, permiti, senhores, apreciar Euclides, apenas, sob um aspecto. Não se trata propriamente de uma crítica, olhar sob um ângulo, uma aresta, uma face.

Para mim, Euclides é o escritor nacional no seu verdadeiro sentido. Não porque houvesse escrito sôbre o Brasil.

Muitos estrangeiros poderão descrever cênas da natureza brasileira, fatos relativos à nossa vida e à nossa gente, e deixar de ser um escritor nacional. Até mesmo um escritor brasileiro pode não sê-lo, se faltam nas suas obras não só as cenas da natureza, senão os costumes do povo, o comentário das festas religiosas, a descrição das procissões, da vida psicológica do povo, procurando retratar o meio físico e a vida das cidades e dos campos. Se aqui ou ali houver apenas esboços, e não surgir, no fundo, a evasão sentimental do filho da terra em meio à vida do povo, pintando-a, colorindo-a com tintas reais, a obra do escritor nacional não será completa.

Nos Sertões, não há, apenas, o conhecedor emérito dos problemas sociais do Brasil. É que, os seus jagunços, os seus caucheiros, os seus seringueiros, os seus gaúchos — movem-se com intensa manifestação de vitalidade, numa vida real, intensa, humana, sem ficções ou exagêro. São personagens que sangradas deixaram escorrer o sangue do jagunço. Nas nossas letras, ninguém se aprofundou tanto no conhecimento da terra e do homem, dos seus costumes e da sua vida. Ninguém penetrou tão profundamente na análise do drama rural, analisando os processos da vida, aplicados no Amazonas, desde Marajó até o Javari que para o autor era — a mais criminosa organização de trabalho que ainda engenhou o mais desaçamado egoísmo.

Em que obra das letras brasileiras, o espírito nacionalista supera o dos Sertões? Não se trata ali, apenas, da exaltação do caboclo, do jagunço. Sente-se uma expressão de nacionalidade, de civismo, como se a alma da nação repontasse naqueles feitos dos titãs obscuros da selva. Aqueles rudes jagunços, filhos da terra, cernes da nacionalidade, são figuras excepcionais de heroísmo e resistências incomparáveis. É a ação maravilhosa de uma epopéia de bravos. Não há, em Euclides, a preocupação de diminuir o homem civilizado, o militar, senão o desejo sincero de exaltar os feitos bélicos daquela gente simples e rude, dentre a qual surgiram os titãs obscuros do heroísmo e da bravura. Analisando e comentando o sertanejo no maravilhoso da sua ação e da sua resistência, os Sertões nos dão a impressão real de que, o jagunço brasileiro é algo de surpreendente, de notável, mercê da sua capacidade de resistência ao sofrimento, à fome, ao tempo, à destruição da guerra. Nada lhe quebranta o ânimo. Nada o intimida. Nada o detém. Indômito, audaz, é um símbolo de heroísmo, de bravura. Tem o sangue dos valentes, o sangue dos heróis, o sangue brasileiro. Por isso, Canudos não se rendeu. Canudos foi destruída... Foi uma epopéia de bravos como outra não há na história! Os Sertões de Euclides evidenciam a raça dos jagunços, invencíveis na guerra, escrevendo, com sangue, façanhas inconfundíveis, inegualáveis.

O Brasil civilizado ficou conhecendo os irmãos da terra, os caboclos audazes e invictos! Euclides no-lo mostrou tal como êle é...

Acresce, ainda que nos Sertões surgem os comentários dos costumes e da vida rural, as ladainhas, as rezas, os rituais religiosos daqueles titãs autênticos da nacionalidade que a obra de Euclides projetará intensamente, através do tempo e do espaço. É como se fôra uma epopéia em prosa. Por isso, e por tudo mais, e porque fiquei conhecendo melhor o meu irmão do Norte, eu considero Euclides como um legítimo escritor nacional, no seu verdadeiro sentido.

MEIRA DE ANGELIS
(Catedrático de Português do Colégio "Regente Feijó" e da Faculdade de Filosofia, de Ponta Grossa).

A Poesia das Trovas Caboclas

(conclusão da pág. 13)

De Napoleão de Menezes:

Se um dia eu te falasse
cheio de amô e ciume,
talvez que um ano passasse
arrotando o teu perfume!

De Exupero Monteiro:

Ficou lá meu coração
no peito duma caboca,
istrepado nos ispinho
da rosa da sua boca.

De Renato Caldas:

E si num fosse pecado
Sá Dona, pode me crêr,
eu fazia um oratoro
e botava vosmincê.

De José Coriolano de Souza Lima:

— Quero pedir-lhe uma coisa...
— Duas e três. Diga, peça!...
— Não se zangue: dê-me um beijo...
— Tudo farei, menos essa...

De Felícia Alves:

O vento faz carrapeta
aboiando junto ao má,
é a noite é uma vaca preta
dando leite de luá.

De Florentino Nobre:

Os seus seio é vê assim
(Me perdoe Nossa Senhora!
Dois campina no seu nim
com as cabecinha de fóra.

De Luiz Dantas Quesado:

De duas coisas, no mundo,
já gostei, não gosto mais:
calça com bolço no fundo,
palitó lascado atrás!

De Sinfrônio Pedro Martins:

Eu atrás de cantadô
sou como vento por práia,
como piôlo por cabeça
ou pulga por cós de sáia!

De Zé da Luz:

Caboca dos óio grande
vou fazê dos óio meu
dois canequinhos de frande
prá bebê água dos teu.

De Mardokeu Nacre:

O paudarco enfulorado
é bonito de encantá...
Mas porém, é mais bonito
os cabelos de Iaiá!

De Ary Lima:

E a sodade, no seu pento,
como as pomba do sertão,
começa a gemê tristonha
nas tardes do coração.

De Esaú José Dantas:

Sou angélica no cheiro,
sou serafim na pintura,
sou cravo na gentileza,
sou rosa na formosura.

De João Lóia:

Curitiba e Maceió,
Natal, depois João Pessoa;
ai, como a sodade fere,
como a sodade magôa!

De Custódio Bauro:

Meu canto é igual ao da rola,
arisco como a nambú,
quando ando de ceroula
já tou perto de andá nú!

De J. Simões Lopes Neto (coleção):

Seu soubesse que morria
mandava fazê a cova
e roçava o mato bravo
com a foice da lua nova.

De José de Pano:

Mesmo que Jesus não queira,
eu serei feliz um dia,
porque me acosto à bandeira
da Santa Virgem Maria!

De Lino José Leal:

Quando vejo dona Rosa
passá pulos corredores,
eu mode coisa que sinto
qui si machuca fulores!

De Marcos Paixão:

O casar tem quatro esses
e eu te digo o que é que são:
s — sáia, s — sapato,
s — sal, s — sabão.

De Fausto Mambira:

Para mim igual ao S
não houve nem haverá,
s — sabê e senhora,
s — santa, s — sinhá!

Aqui está, senhoras e senhores, parte de meu mostruário de jóias faiscantes. Um adendo à história dos mestres da redondilha popular brasileira. A trova que é em geral guardada em jarros de ouro, nos movimentos associativos das atividades culturais que o interêsse coletivo impulsiona. Daí sua divulgação merecer destaque, associado à honestidade, ao gôsto estético, à exposição sóbria.

A redondilha é a necessidade para o gênio expansivo do pobre, o veículo da satisfação da gente simples. O bom gôsto expresso na distinção dos costumes, o que de melhor realça e distingue a face dos festejos, objetivo natural que encerra tudo.

Ninguém ama sem a declaração feita na trova, nem exalta qualidades sem a jactância das 4 linhas rimadas, nem sofre saudades sem transbordar por êsse cômodo desafôgo que melhor dizer sabe o que nos vai nalma. Tão pequenina e sem par na distinção dos costumes, na história do povo, na generosidade dos ideais, nos ânimos dos feitos. Porisso que os rimadores sertanejos são tão estimados — todos querem colher flores de improviso ao pé da viola. A nota sedutora das festas, das demonstrações de alegria, das serenatas. Vinho do sabor que embriaga a todos. Vício que não se despreza, costume que não se deixa.

Mais um punhado, agora, de quadrinhas humorísticas, como esta de Américo Pinto:

Procuro, mas não descubro,
e fico contrariado
saber o nome do féra
que inventou o "fiado"!

De Augusto Linhares:

Quando sinto o que se chama
vontade de trabalhar,
deito-me logo na cama
até a vontade passar...

De Manoel Sobrinho:

Ache graça quem quiser,
mas foi verdade êsse arranjo,
trocando homem por mulher
dei um beijo num marmanjo...

De Quintino Cunha:

O vento bateu na porta
e eu cuidei que era Joana,
valha-me Nossa Senhora!
até o vento me engana!...

De Jader de Andrade:

Teus vestidos eu não acho
mui decentes, minha prima:
são altos demais em baixo,
são baixos demais em cima.

De Inácio Raposo:

Aos quinze, um príncipe ingente
é o que deseja a mulher;
aos vinte, um moço decente,
aos trinta, um diabo qualquer!

De Alvaro Martins:

Todas as noites a lua
com grande descaramento,
fica inteiramente núa
nos braços do firmamento!

De Antonio Sales:

Não há viagem feliz
como ir devagarinho
do teu queixo ao teu nariz,
parando a meio caminho.

De Alcides Carneiro:

Mulher feia dá sossêgo,
mulher bonita, aflição;
descobri que andar aflito
me faz bem ao coração.

De Soares Bulcão:

Maria da Soledade,
tenha juizo, me deixe;
se aparecer novidade,
você de mim não se queixe!...

De Felício Alves:

O saber, quando é profundo,
das superstições dá cabo,
a verdade é o deus do mundo,
pois a mentira é que é o diabo!...

Cada improvisador ao pé da viola é uma fábrica de trovas e sôbre os assuntos mais sérios e mais simples, melhor conduzidos e mais desencontrados. As quadras equivalem a poemas longos, tão ajustados, oportunos, impressionantes, como esta de uma brasilidade incrível!

Minha pátria, o céu é belo,
verde mar, terra bendita;
vestido verde-amarelo,
não há outra mais bonita!

Ecôam pelos sertões afóra, surpreendentes, e se eternizam na lembrança. O cérebro do improviso é o dínamo da inteligência.

Vejamos êste quadro de um retratista exímio:

Velhinho, o rosto franzido,
vergada ao pêzo da idade,
maracujá murchecido
na gaveta da saudade!

Quem não conhece aí o tipo descrito. A fruta murcha, mais doce do que a madura, rara felicidade que se guarda e não se esquece mais.

Êste mimo de fragrância poética:

Me lembra daquela moça
com quem falei outro dia,
era uma chicra de louça
cheia do chá da alegria!

E mais outro, psicológico e atualizado:

O repente me protege,
é a boa enxada no eito:
antes se sê protegido,
do que mesmo tê direito!

Os sertões deixarão de ser atrativos, com tôda sua área enorme, fortuna e beleza, no dia em que se não encontrar neles um improvisador de trovas frescas, oportunas, apreciáveis; um cantador ao pé da viola, bandeirante caipira, rei do verso, verdadeiro imperador da poesia rude.

Numa vila do interior brasileiro mandava o sr. Maia, coronel que exercia simultâneamente tôdas as funções dos cargos civis do lugarejo.

Indo à cidade, a velhinha que tem quitanda na vilota, dessas vendas que se denunciam logo pela garrafa pendurrada à porta, o taboleiro de bolos no peitoril e as frutas penduradas nos cordões ou enfiadas nas paredes de palha, bodega muito conhecida dos sertanejos, dá-lhe pequena quantia para que o mesmo lhe trouxesse alguns côvados de chita destinada ao feitio de uma sáia. O corretor meteu o páu nos cobres, esqueceu a encomenda e, de volta, nem lhe deu satisfações. A pobrezinha, temendo a autoridade, um desacato, com certeza, de parte do coronel, conta o "causo" a certo desocupado, dêsses carade-cêca-bodega, que sempre aparecem nessas ocasiões, e que, por coincidência, era dos tais que se dão ao vício do improviso. O boêmio pede-lhe uma pinga e explora a mania de tirar motivos de todos êsses pequenos incidentes, com esta trova realmente notável:

Para não brigar com o Maia,
a venda a senhora venda;
saia daqui e compre a sáia
com a mesma renda da renda!

Belo trocadilho! Não se pode exigir coisa melhor. Tudo bem feito aí está. O metro, o ritmo, a urdidura do trocadilho soberbo e a obrigação das rimas. A oportunidade, o improviso, a facilidade do dizer. Só comparável à magnificência desta outra do príncipe trovador Belmiro Braga:

(Conclúi na página 15)

No cincoentenário de "Os Sertões"

Apontamentos sôbre a arte poética de Euclides da Cunha

J. LEÃO BORGES
(Vitória, Espírito Santo)

Há cincoenta anos, no segundo semestre de 1902, foi a literatura brasileira enriquecida com o livro de estréia de um escritor fluminense, até então sòmente conhecido através dos jornais de São Paulo.

É provável que os primeiros exemplares dêsse livro tenham sido entregues ao público em outubro; já estava pronto êste artigo, quando, ao ler o trabalho de Sílvio Rabelo, "Euclides da Cunha", encontrei às páginas 215 e 216 uma informação interessante. "Euclides sugeriu o adiamento da venda" por causa das festas programadas para a chegada do Barão do Rio Branco a 1º. de dezembro. Anteriormente já havia adiado a venda em virtude de ter encontrado oitenta erros de tipografia. "No auge do desespêro, suspendeu a venda", conta-nos o biógrafo citado. Confrontando-se êsses dados com os trechos das cartas de Euclides, é lícito concluir que seu livro já se encontrava impresso em outubro, porém só foi posto à venda em dezembro; com efeito, em carta ao seu amigo Francisco Escobar, datada de 3 de outubro, escrevia Euclides da Cunha:

"Parti logo para o Rio; lá conversei com os Laemmert sôbre o livro que estará pronto ao fim dêste". (1)

Porém, já a 19 do mesmo mês, por outra carta ao mesmo amigo, vê-se que a obra já estava então impressa:

"Chamaste-me a atenção para vários descuidos dos meus "Sertões"; fui lê-lo com mais cuidado — e fiquei apavorado! Já não tenho coragem de o abrir mais. Em cada página o meu olhar fisga um êrro, um acento importuno, uma vírgula vagabunda, um (;) impertinente...

Um horror! Quem sabe se isto não irá destruir todo o valor daquele pobre e estremecido livro? — Vou escrever ao Laemmert para reduzir quanto possível a primeira edição, se houver tempo" (2).

Mas a verdade é que êsse "pobre e estremecido livro" estava fadado a ser o maior acontecimento literário do meio século passado e, na opinião da maioria dos críticos e entendidos, o nosso maior livro.

Afranio Peixoto, em sua "Literatura Brasileira" insinúa que, a mesma se divide em dois períodos: antes dos "Sertões" e depois dos "Sertões"; antes, imitação das letras estrangeiras; principalmente portuguesas e, depois de Euclides, literatura brasileira nacional, "literatura emancipada ou independente", como diz textualmente. (3)

Euclides terá sido, assim, uma espécie de Pedro I da nossa literatura; mas um Pedro I caboclo, e portanto brasileiríssimo.

Livro que ainda há 25 anos empolgava a mocidade acadêmica do meu tempo, na Bahia, é natural que êle mereça meu despretencioso preito de homenagem êste ano, quando atinge, no seu cincoentenário, sua vigésima quarta edição.

Hoje, devido principalmente a fatores econômicos, a cultura literária da maioria dos jovens estudantes desceu bastante do nível de outrora; desceu tanto que veio esbarrar na leitura quase exclusiva das "Seleções do Reader's Digest", em cujas páginas muito bem impressas e ilustradas em ótimo papel, a preço módico, a tremenda propaganda mercantil yankee apresenta como "best-sellers" tudo que de mais medíocre aparece no país dos dólares; valendo das expressões de um próprio escritor norte-americano (J. Snyders), poderíamos dizer que alí se encontra "a sabedoria de entulho importada de Hollywood".

Inteiramente estranho à profissão de escritor, viso apenas, nesta minha croniqueta, uma finalidade: chamar a atenção dos homens de letras — escritores e principalmente poetas e professores de literatura — para um pormenor curioso dos "Sertões": a enorme quantidade de versos involuntários que se encontram em suas páginas.

Receio que venha repetir coisas já reveladas. Será que estou "descobrindo a pólvora"? Confesso porém que nunca li referência ao assunto. Se algum crítico ou literato, que por acaso venha a ler estas linhas, tiver encontrado algures referencia anterior a êsse meu "achado", que me faça o favor de apontar a fonte de origem.

Bem sei que Coelho Neto chamou o livro de "poema épico" e Araripe Junior, "formidável" poema social". (4) Ambos, portanto, sentiram um sentido poético no conjunto da obra, poesia essa que também, mais recentemente, Gilberto Freyre assinalou, chamando-lhe "um livro também de poesia" e, adiante: "Os Sertões foram, na verdade, o reino do poeta Euclides da Cunha". E em outro passo: "O poeta viu os sertões com um olhar mais profundo que o de qualquer geógrafo puro". (5)

Entretanto nenhum dêsses autores citados nem outro qualquer dos que tenho lido, acidentalmente, nos intervalos dos afazeres profissionais, nenhum outro assinalou, que me conste, a existência de mais de mil e seiscentos versos, ou, para ser mais exato, mais de 1.660 fragmentos de prosa com ritmo e sonoridade de versos, no grande livro sôbre a "Campanha de Canudos".

No estudo do estilo euclideano, ninguém dissecou tantas minúcias como o grande mestre da arte de escrever e de estudar escritores que foi Afranio Peixoto, sucessor de Euclides na Academia Brasileira. Sua primorosa conferência "Dom e arte do estilo" (6) analisa magistralmente, palavra por palavra, a obra do estilista inconfundível que foi Euclides da Cunha. Porém tão pouco nesse trabalho se encontra referência à frequência com que Euclides versejou, sem querer, nas páginas dos "Sertões".

Aponta Afranio os "gerúndios que se alongam em sílabas harmoniosas" e o "ritmo de medidas opulentas dos seus longos períodos"; em outra conferência (7) diz que "a palavra havia de ser sonora e rara" e "tôdas aquelas qualidades dissimulavam de fato apenas o poeta"... "por amor de palavra sonora ou pela sedução de imagem brilhante"...; e conclue: "de fato em Euclides da Cunha dominava o poeta".

Mas não cita, em nenhuma passagem, um verso dêsse poeta.

Teria sido proposital essa omissão? Será que tanto Afranio como outros entusiastas de Euclides procuravam silenciar sôbre êsse pormenor por considerá-lo defeito?

Parece que foi Boileau (ou Albalat? ou Graça Aranha?) que em seus estudos sôbre a arte de escrever aconselhava os novos escritores a evitarem, na prosa, o ritmo, a musicalidade ou as rimas dos versos.

Nesse caso, ao pretender homenagear a memória de Euclides, eu estaria focalizando, como um legítimo "amigo da onça", em sua obra um vício de estilo. Paciência! Não foi essa a minha intenção. Eu acho admirável, incomparável a prosa dos "Sertões"; como eu, milhares e milhares de leitores, há cincoenta anos, lêem e relêem suas páginas imortais. E portanto, pelo menos no que toca a Euclides da Cunha, erraram redondamente, em sua teoria, Boileau, Albalat ou Graça Aranha. Mesmo recheiados de versos, seus períodos são de uma beleza inimitável.

Ainda um outro ponto que me preocupa e me fez hesitar em trazer estas linhas à publicidade: serão mesmo versos todos os fragmentos que adiante se vão ler?

Como disse no começo, sou um desentendido em técnica literária sobretudo no que se refere à matéria. Garanto porem que se não são versos, são com tôda a certeza "frases cantantes", na expressão de Aragon (8).

Daqui lanço meu apêlo ao mestre no assunto, que é o Dr. Ciro Vieira da Cunha, para que me socorra com sua crítica esclarecedora, porém, por caridade, clemente.

E que me perdôe o leitor se não procurei, como devia, entronhar-me antes nos segredos da arte de fazer versos a fim de poder classificar em alexandrinos, decassílabos, etc. os pedaços de poesia que se seguem.

Catei êsses versos, respingando-os nas páginas queridas do "Os Sertões" com o mesmo carinho e entusiasmo com que Euclides, no alto sertão do nordeste da Bahia, no seio daquela "rude sociedade de vaqueiros", ouvia e anotava

"as rimas das trovas prediletas ao toar langoroso das tiranias de tropeiros felizes, sesteando".

Vejamos pois alguns exemplos escolhidos dentre cêrca de 1.600 outros: os números das páginas referem-se à 12ª. edição de "Os Sertões".

I) A maioria dos versos encontrados são os de dez sílabas (sem contar a última, átona), cujo modêlo está nos Luziadas (porém já cinco sões eram passados").

Exemplos:

a cruz resplandecente de Orion (287)
desde o primeiro alvor da antemanhã (538)
mais uma vez o drama temeroso (350)
à meia luz dos rápidos crepúsculos (284)
as catingas trançadas em abatizes (308)
serrotes empinando-se em redutos (308)
os arbustos mais altos e frondentes (308)
veredas rendilhadas de espinhos (316)
tímidos de água cristalina e fresca (337)
de listas vivas e botões fulgentes (378)
o silêncio das noites sertanejas (422)
o despertar de velhas ilusões (430)
um traço vivo de altivez selvagem (457)
ao róseo vivo dos rebentos novos (47)
quebra-se o encanto de ilusão belíssima (72)
descanta pelas frondes verdejantes (75)
ao toar merencorio da cantiga (128)
rebrilham longas noites nas chapadas (135)
sôbre aquelas paragens infelizes (478)
seus raios rebrilhavam ofuscantes (478)
até ao fundo dos grotões mais fundos (495)
rolando transbordante, intransponível (510)
num mesmo afago carinhoso e ardente (502)

(Conclúi na página 16)

— x x x —

A Poesia das Trovas Caboclas

(Conclusão da página 14)

Nossa Senhora! Um vestido
tantos rendados requer,
que hoje as rendas do marido
vão nas rendas da mulher!

Outra quadra de valor, conhecida e repetida pela gente de espírito do agreste, dizem que feita quando o poeta anônimo, doente, olhava um cacho de bananas que amarelecia no seu quarto de enfêrmo:

Você aí já está curado,
e eu aqui metido em cura:
você está dependurado
e eu estou na dependura!

O humorismo ressalta agressivo, lindo, profundo! Os cantadores Fausto Mambira e Marcos Paixão, do interior maranhense, improvisaram estas lindíssimas quadrinhas para mostrar sabedoria ao professor do povoado:

Fausto — Quando aprendí, decorei
essas aspinhas que são
duas diivsas de cabo
no braço da oração.

Marcos — Que disse tudo êle julga,
mas, porém, vou dizê mais,
o acento agudo é uma pulga
na cabeça das vogais!

Fausto — Cedilha é barba de ç
um b com i é b — i — bi;
o 3 é o bucho do B
e o pingo, o boné do i!

Marcos — O til é o S esticado,
não vale estando só,
é a constipação do som,
põe fanhoso o a e o o!

Foi Sílvio Roméro, caboclo autêntico, quem disse: "Si vocês querem poesia, mas poesia de verdade, entrem no povo, metam-se por aí, por êsses rincões, passem uma noite num rancho, à beira do fogo, entre violeiros, ouvindo trovas de desafio".

E aquí estão elas, minhas senhoras e meus senhores, atestando a inteligência do caboclo, êsse mesmo que tem tomado parte em tôdas as guerras do Brasil:- no Prata, Paraguai, Canudos, Balaios, Cabanos, nas montanhas da Mantiqueira, na fronteira de São Paulo-Paraná!

Nas lutas está o gigante da gloriosa definição euclidiana: antes de tudo um forte! que nem o meio ambiente esmorece, nem as calamidades esmagam, nem o desamparo oficial desencoraja na sua resistência titânica!

Caboclo da poesia dos sertões, salve!

— x x x —

Caboclo de minha terra...

Pelo Snr. HÉLIO SEREJO
(Matogrossense)

Não há ninguém que se lhe compara em nobreza e bondade, em abnegação e heroísmo.

Se há necessidade de ser dócil como a pomba rôla, êle o é; se, porém, o momento exige arrôjo e bravura, o caboclo se transforma num segundo, tornando-se feroz e agressivo como o jaguar acuado.

Como o filho das coxilhas dos pampas, concorda em dar um boi para não entrar na "peleia", mas, uma vez dentro dela, dá a boiada tôda para não saír mais...

Caboclo bom e audaz da minha terra, caboclo atrevido que tens sangue de bororo nas veias, eu te bendigo.

Caboclo desconfiado que tens no olhar parado a argúcia do jaguar faminto e nas pernas cicatrizadas a agilidade da corça, eu te saúdo.

Tu és a verdadeira sentinela de mármore da minha terra. Teu passado é um livro aberto, cheio de exemplos dignificantes para as gerações do futuro.

Vejamos em rápido esbôço:

Quando, uma tarde, "uma escolta de recrutamento" bateu à porta do teu ranchinho de pau-a-pique, plantado no mais recôndito da selva bruta, entre os espectros apavorantes da paulama sêca, pedindo o auxílio que a pátria necessitava de ti, tu, caboclo quebra, não hesitaste em trocar o machado produtivo pela "Comblein" sanguinária.

Beijaste os teus filhinhos e tua mulher, estrangulando soluços de angústia na garganta enrouquecida, para dias após, com um sorriso vago e intraduzível nos lábios, tombares, exânime, no campo sagrado da luta, com

(Conclúi na página 16)

O Cincoentenário de «Os Sertões»

(Conclusão da página 15)

II) Encontram-se, em menor número, versos de doze ou mais sílabas:

Correra nos sertões um toque de chamada (309)
molde monumental da seita combatente (196)
Passou pelo sertão um frêmito de nevrose (144)
truncado nas quebradas, revolto nos pendores (184)
Quando ao primeiro bruxolear da manhã (349)
Dentro da claridade morta do crepúsculo (349)
Sibéria canicular do nosso Exército (298)
acidentada, revolta e turbulenta.

III) Há outros versos, curtos, de número de sílabas variável:

outra casinha de taipas
no recosto de uma lomba,
tendo ao sopé as águas de um riacho (485)

o araticum, o ouricurí virente,
a marí elegante,
a quixaba de frutos pequeninos (244)

pelas paragens cobertas
das ribanceiras do rio (324)

de modo que em tais veredas
cindidas de boqueirões (379)

Corria um listrão de flamas,
caía feito um rastilho (444)

canhões da Favela
bramiam despertos (445)

saíra de Monte-Santo
o Comandante-geral (382)

Eram locadas,
cruzando os fogos
sôbre as veredas (307)

surgindo por toda parte
e por toda parte invisível (401)

IV) São frequentes os versos onomatopaicos, usados desde Virgílio:

rolam as turbas turbulentas
das maritacas estridentes (48)
estrepitam britando e esfarelando (128)

o crebro crepitar dos tiroteios (539)
num longo crepitar de estalidos (541)
os estampidos estalavam sêcos (283)
retumbaram os tambores na vanguarda (314)
crepitavam nos ares com estalidos (445)
O tropear soturno das fileiras (316)
os tinidos das armas esbatiam-se (316) um foguetão ascendia rechiando (471)
estrepitosamente sôbre a tropa (444)
atordoados pelos estampidos (397)
prolongado rumor de terremoto (126)
estrídulo estrepitar de maxilas percutindo (48)
tiros rasantes pelo tombador (331)
em descargas rolantes e nutridas (330)

V) Às vezes os versos se sucedem, emendando-se num mesmo período:

desabrochando numa florescencia extravagantemente colorida (356)

no pardo escuro da terra requeimada, como uma nódoa amplíssima, de sangue (278)

a vestimenta efêmera da flora
velando-lhe os pedroiços e os algares (320)

Quem se aventura nos estios quentes
à travessia dos sertões do norte,
afeiçoa-se a quadros singulares (483)

o salitre apanhado à flor da terra,
mais para o norte, junto ao São Francisco (309)

uma parada súbita na azáfama,
um como sobressalto, estuporando (310)

luar admirável alteou-se
sobre os batalhões adormecidos...
mas era (uma) placidez enganadora (398)

"em que através dos costumeiros vivas
ao "Bom Jesús" e ao "nosso Conselheiro".. (269)

raposas ariscas e medrosas
saltando das janelas e desvãos
— olhos em chamas (e) pêlo arrepiado —
atufando-se, nos pinchos, nas macegas (481)

alevantava as duas altas torres,
assoberbando a casaria humilde (390)

pelos pequenos sitios de Passagem
"Cana Brava", "Brejinho", "Masari" (408)

gandaieiros de todos os matizes,
recidivos de todos os delitos (290)

e não é crível que os gravetos finos
quebrem o arranco das manobras prontas (239)

... o sino da igreja velha
batia calmamente a Ave Maria (466)

Porém fora do centro da campanha
com surpreza geral dos combatentes,
da 2ª. coluna, que — olhos fitos
na Favela — esperavam ver descendo
as vertentes do norte, os batalhões (?)

Exararam-se votos de pezar
nas atas das sessões municipais (366)

VI) Finalmente há certos versos que poderiam ser agrupados, formando sentido. Foi seguindo um processo semelhante que no século XVI o padre Angelo Spera compôs uma das obras mais pacientes e curiosas de que tenho conhecimento: a Paixão de Cristo escrita com versos de Virgílio (10).

Tentei imitar o padre Spera nas seguintes passagens, aliás curtíssimas:

A luz crúa dos dias sertanejos (17)
a paragem sinistra e desolada (12)
daquela natureza torturada (18)

O sol descia vagarosamente;
caía sôbre o dorso da montanha
o seu último clarão. A cavaleiro
cintilaram nos píncaros altaneiros,
por instantes, como enormes círios,
prestes acesos, prestes apagados...

Branqueando nas noites estreladas (532)
as torres das igrejas sacrosantas (256)

E à luz crua do dia tropical
os estampidos estalavam sêcos

No ânimo de muitos repontava
a esperança de que os deixariam
na existência simples do sertão;
os chefes, porém, não se iludiam (307)

visadas divagantes pelos topos,
distâncias averbadas nos ponteiros
numa unidade traiçoeira — a légua (303)

Reparavam-se as armas. No arraial
a orquestra estridente das bigornas,
à cadência dos malhos e marrões,
consertando a fecharia perra
das velhas espingardas e garruchas
e maleando as foices entortadas (308-309)

ardor do sol bravio do verão,
reverberar intenso das areias (316)
onde à faúlha de um isqueiro ateia
incêndios (15)

um ondular de risos mal contidos (322)
naquela alacridade singular (321)

De um esporão do morro da Favela
avassalando os cerros para léste, (329)
aparecia de improviso, toda (328)
misteriosa cidade sertaneja,
que se expusera temeràriamente (395)

Ele sentou-se à beira do caminho;
o vulto levantou-se e encobriu-se,
considerando a fôrça por instantes;
e prosseguiu depois tranquilamente (331)

Correndo em grupos, bandos erradios,
correndo pelas estradas, pelas trilhas,
correndo p'ra o recesso das catingas (351)
corriam; corriam doudamente (353)
Desgarraram sem rumo, errando à tôa (354)

Daquele vale sinistro da Favela
um emissário seguiu furtivamente (404)
Um luar fulgurante desvendava
a vigilancia temerosa, em torno (428)

Desdobravam bandeiras e enchiam
os ermos quietos de toques de alvorada (431)
Pervicácia feroz dos sertanejos: (429)
compassavam-lhe os hinos triunfais
com as balas ressoantes dos trabucos (431)

a infinita tristura das colinas
na imprimadura do horizonte claro (443)
Era uma evocação: como se a terra,
recordando um recanto de Iduméia,
na paragem lendária, que perlonga (444)

as escorralhas de uma vida infame

(Conclúi na página 5)

———— x x x ————

Caboclo de minha terra...

(Conclusão da página 15)

o corpo bordado pelas balas do inimigo.

Quando o coronel Camisão, o grande Francisco de Morais Camisão, necessitou de um homem para seu ordenança, que "tivesse a destreza da onça parida de novo e os pulsos fortes como a aroeira", foi em ti que recaiu a escolha.

Quando o heróico bandeirante Antônio Dias, tipo materializado do desbravador audaz, compreendeu que com os tímidos negros de São Paulo e com os sisudos goianos nada faria e dificilmente chegaria ao "El Dorado", mandou parar as pirogas, e foi à tua procura, tu vieste, caboclo macanudo, satisfeito e sem ambição, auxiliar o paulista amigo que vinha trazer o progresso para a nossa terra...

E com a tua ajuda, a bandeira triunfou.

Em quase todos os combates da guerra cruente e ambiciosa de Lopez, surgia como a ave da lenda egípcia — a tua figura máscula: Itororó, Peribebuí, Jejuí, Lomas Valentinas, Curupaiti, Humaitá, Cururu, Avaí, etc.

Em Laguna, nessa trágica mas gloriosa retirada, quando a cólera morbus atacou nossa tropa, tu, caboclo de sangue íncola, ajudaste a transportar na padiola centenas de voluntários coléricos. Mais ambientado, eras sempre o último que curvava os joelhos e beijava a terra úmida, em dolorosos torcicolejos, implorando água.

Quantos caboclos não morreram queimados, quando, naquela noite procelosa e sinistra, o inimigo diabólico, como último recurso, ateou fogo no capinzal esturricado?

Quantos!

E os que ficaram mutilados para sempre e carregadinhos de filhos na formidável e épica resistência de Avaí?

Adão Gomes, por exemplo. Poucos são os que conhecem êsse herói anônimo.

Queimou até o último cartucho ao lado do chefe da coluna e quando viu êste escabujando no solo para morrer, e a tropa tôda debandando, não querendo caír nas garras dos terribilíssimos guaranís, atirou-se de cabeça num abismo...

Por todos os lugares onde passaste, foste deixando o rastro luminoso da tua bravura.

Ontem, no teu tempo, caboclo cuera, era a guerra da audácia contra o heroísmo, o esmagamento de homens contra homens; hoje, tudo é diferente, é a guerra da dúvida contra a incerteza, o esfacelamento de máquinas contra máquinas.

Entretanto eu disse e torno a confirmar que isso tudo: submarinos fantasmas, combates químicos, raios misteriosos, navios invisíveis, trens blindados, bomba atômica, e sei lá mais o que, não valem mesmo, caboclo de sangue selvagem, POR UMA BRIGA DE FACA CONTIGO...

———— x x x ————

Arte e Vida

(Conclusão da página 6)

ridícula... Menos perigoso é estetizar motivos "sérios", coisas sociais ou explicitamente metafísicas. Há temor e sorrisos de sarcasmo, especialmente para os versejadores de amor... bobagem da juventude... recalque sexual, dirá um freudiamo cheio de sabença... Tal desvalorização do eterno motivo artístico, fecundador dos maiores poemas do gênero humano — o amor, funda-se, sem dúvida, em prejuizos da filosofia materialista e sexualista, que, felizmente, mais e mais vai deixando de ser curiosa novidade... Pois se o sexo não é imortal, o que êle não pode ser é o ideal...

Esquece-se que se fôra possível ao homem amar na vida, tanto como a sente através da arte, êle não seria mais homem — seria santo. O santo, em boa verdade, é o supremo poeta: ao invés de estetizar a vida, vivifica a arte. O santo é o poeta supremo — vive o que o poeta sente; o poeta sente o que o santo vive. Pela mesma razão que ninguém cairá no ridículo de ridicularizar o santo, muito menos ainda há-de julgar ridículo o poeta... Ridículo, com efeito, jàmais fôra a poesia, mas a falta de poesia, em que todos podem incidir. A falta de arte é a ausência ou pobreza do valor estético — é a arte desvalorizada em vida, ao invés da vida valorizada em arte.

x x x

A emoção romântica, a qual há em todos os homens, não pode nunca ser otimista. O otimismo é uma filosofia sem amor, porque sem dor. É uma atitude de espírito tipicamente racionalista, sem raízes na totalidade do homem. Daí, porém, não é fatal, o caminho schopenhauriano... A dor faz mal aos pessimistas, porque êles não na vêem como **meio**, mas como **fim**. A dor é **meio**, o **fim** é o amor. E a arte, a poesia, é a expressão dêsse amor, que nasce da dor. Schopenhauer pôde ser um filósofo; nunca seria um poeta...

O artista vive, porque sofre, e sofre, para amar.

A arte, a poesia, em tôdas as modalidades expressionais, encerra o mistério dessa metamorfose da dor em amor, do mal em bem, do êrro em verdade, do profano em santidade, do feio em belo — do real em ideal! E só o santo vive essa metamorfose; o artista sente-a. Donde partirá êsse estudo metafísico? — Do ser: do homem, êsse desconhecido... A metafísica procura justamente demonstrar a alguns o que a poesia vislumbra aos olhos de todos.

(Curitiba, 1943) LOURIVAL SANTOS LIMA

The Indian Element in the Brazilian Population

The Indian element is really predominant in the States bathed by the Amazon River. But, it is available all over Brazil, as, for instance, in the midlands of the socalled Nordeste (Northeast), though, to some extent, modified by intermixtures. Straight hair and high cheekbones are very frequent here.

To this vigorous and pertinacious population belong all those gigantic representatives of Brazilian Culture. Poets, prosewriters, philosophers and scientists came out of it, to honor their country and enrich human knowledge.

Among so many others, the following are to be remembered: **Euclides da Cunha**, the greatest stylist of our literature; **Coelho Neto**, a fecund prosewriter; **Capistrano de Abreu**, who achieved fame as a historian; **Rocha Pombo**, an excellent historian, too; **José Verissimo**, a marvellous critic and scholar; **Sílvio Romero**, critic and philosopher of uncommon talent and skill; **Franklin Távora**, **João Francisco Lisbôa**, and **Odorico Mendes**, are some other names of firstrate men of letters.

So far as political affairs are concerned, we come across: Marshal **Floriano Peixoto**, **Quintino Bocaiuva**, **Benjamin Constant**, **Diogo Feijó**, **Prefeito (Mayor) Pereira Passos**, **Assis Brasil**, **Joaquim Murtinho**, **João Alfredo (Conselheiro)**, etc.

The military career comprises: **General Osório**, **General Tibúrcio**, **General Rondon**, etc. On the other hand, many priests and ecclesiastical people have lived in Brazil, who carried Indian blood: **Cardeal Arcoverde**, **Padre Ibiapina**, **D. Romualdo de Seixas**, etc.

In the field of art, **Pedro Américo** and **Carlos Gomes** are topmost.

Finally, from colonial times to the Twentieth Century, in the many sectors of human activity, we cannot help mentioning: **José Basílio da Gama**, **Felipe Camarão**, **Albuquerque Maranhão**, **Tibiriçá**, **Barão de Penedo**, **Brandão de Amorim**, **João Mendes**, **Augusto de Mendonça**, **Adelino Fontoura**, **Teófilo Dias**, **Augusto dos Anjos**, **Pontes de Miranda**, **Érico Veríssimo**, **Assis Chateaubriand**, **Agamenon Magalhães** and many others.

That is what Indian blood means to Brazil.

TAPEJARA

Este interessante trabalho, escrito pelo Snr. General Mário Travassos, retrata, de maneira clara, o movimento cultural do Brasil interior.

Êsse é o título do órgão do Centro Cultural "Euclides da Cunha", fundado há cerca de um lustro na cidade de Ponta Grossa, Estado do Paraná, com a finalidade de congregar intelectuais em tôrno de temas literários, científicos e artísticos, e de estimular o intercâmbio de idéias com o resto do País e das Américas.

Vem do tupi o título que os euclidianos de Ponta Grossa escolheram para seu órgão de publicidade e divulgação — **tapé** ou pé, caminho, estrada e **jara** ou **yara**, senhor, conhecedor. Tapejara, senhor do caminho, guia, condutor. O indianismo, em verdade, é o elo que os euclidianos de Ponta Grossa vêm forjando para ligar, culturalmente, os brasileiros entre si, do mesmo modo que os americanos, a começar pelos do sul, aos que se engastam nessa impressionante massa continental.

Êsse é dos aspectos mais interessantes das atividades do Centro Cultural "Euclides da Cunha", por isso que vale por uma bandeira pela reivindicação de nossas origens etno-sociais e pela reabilitação antropológica do nosso índio.

Por outro lado, não há dúvida que o indianismo entra na fórmula da civilização americana como fator comum de indiscutível importância, representando, assim, papel decisivo, porque profundo, em qualquer movimento de interação americana. Talvez não fosse exagerado dizer-se que êsse sentimento indianista seja o "background" das atividades culturais que "Tapejara" reflete em suas edições, cada vez melhor apresentadas com os seus estudos demográficos, antropológicos, econômicos, geográficos e sociais.

E, ainda, é preciso assinalar a oportunidade com que surge o movimento indianista dos "caboclos" euclidianos de Ponta Grossa, em particular depois de organizados e em crescente desenvolvimento os centros de estudos afro-brasileiros do Nordeste, sob a liderança da obra de Nina Rodrigues.

Andávamos correndo o risco de generalizações menos exatas, tal a feição unilateral das pesquisas e conclusões. Longe de nosso pensamento **denegrir** os trabalhos afro-brasileiros, como não poderíamos fazer com quaisquer outros respeito ao sangue branco, que também corre em nossas veias. Mas é necessário pôr as coisas em seus verdadeiros termos, não deformar o sentido da mestiçagem brasileira, aos poucos se reduzindo ao mulato.

Na verdade, seria um êrro esquecer o fundo indiano das populações amazônicas, nordestinas (em grande parte), sulinas e do planalto central, e as figuras de fundo indígena de Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu, Floriano Peixoto, José Veríssimo, Rondon, Rocha Pombo, Benjamin Constant, Arco-Verde, Pedro Américo, Carlos Gomes, Quintino e por aí vai, todos com a marca telurica de sua origem projetada sôbre os destinos da nacionalidade, nas artes, nas ciências, nas letras, na política.

Fatos dos mais inequívocos já asseguram a vitória ao grande movimento, inclusive o berço de seu nascimento, a brava cidade de Ponta Grossa, que em si própria encontra a gente de que precisa para nuclear os lances de suas campanhas culturais por um Brasil brasileiro e americano. E à sua frente está a figura mansa de Faris Michaele, conhecedor profundo da língua tupí-guaraní e de invulgar cultura, com tôdas as qualidades de verdadeiro líder oculto na serenidade do seu saber e na fortaleza da sua vontade.

Desde logo nos incluímos entre os bravos caboclos pontagrossenses e, desde então, não cessamos de trabalhar, na medida de nossas possibilidades, pelo fortalecimento da corrente cultural que "TAPEJARA" documenta e difunde.

Mário Travassos

Da Influência Indígena no Português

Prof. **Márcio José Lauria**
(São José do Rio Pardo) — Trecho de Conferência)

É impossível negar-se que a língua portuguesa falada no Brasil difere em vários aspectos daquela que se usa em Portugal. Para tanto, são diversas as causas e entre elas ressalta nitidamente o facto de ser o Brasil povoado por agrupamentos étnicos diferentes, e no final do caldeamento naturalmente, a par de um tipo humano peculiar, deveria surgir uma linguagem que tivesse vestígio dêste ou daquele idioma formador.

Enquanto em Portugal o falar já atingir a um estágio quase definitivo, pouco susceptível de fundas modificações, no Brasil ainda não se chegou a isso. Povoado por três raças distintas, e recebendo constantemente novos fluxos migratórios, o país viu formar-se aos poucos um dialecto, que, sem divergir totalmente da língua européia, apresenta aspectos próprios na morfologia, lexiologia e semântica — ao lado de umas poucas divergências sintácticas (a maioria delas arcaísmos lusos, abandonados pelos de além-mar, e cujo uso se conservou por estas bandas do Atlântico).

Três raças, línguas diferentes entre si. Resultado: falar menos duro, mais suave e maleável, sobremodo enriquecido pelas contribuições afro-índias. Vejamos a parte atinente aos índios.

Como se poderia apressadamente supor, o idioma dos primevos colonizadores brancos não levou de vencida a dos nativos. Apesar de o Português ser o porta-voz de uma civilização notável sob todos os pontos, e de haver-se muito bem no longo convívio com o castelhano e o árabe, sua implantação na nova terra foi em extremo demorada, só se completando, a bem dizer, nos fins do século XVII. Até aí, manteve-se em nítida inferioridade numérica em relação ao Tupí, língua geral dos aborígenes. Teodoro Sampaio afirma que, no século de setecentos, a língua geral sobrepujava o idioma exótico na proporção de três para um. Quais seriam os motivos? Acaso os colonizadores não se empregavam na tarefa de consolidar e ampliar os domínios do Português? — Não. Êles mesmo eram o maior veículo para a conservação e até expansão do abanheen. A maior parte dos cruzamentos aqui realizados era entre mulheres índias e homens reinóis, os quais, por lhes não sobrar tempo, pouco se lhes dava que os filhos aprendessem ou não o idioma paterno.. As índias, na impossibilidade de agirem por outra maneira, iniciavam as crianças no manejo da língua local. O testemunho do Pe. António Vieira é claro e elucidativo: "É certo que as famílias dos portugueses e índios de São Paulo estão tão ligadas umas as outras que as mulheres e os filhos se criam mística e domèsticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portuguesa vão os meninos aprender à escola..."

Se, à primeira vista, parece que os Portugueses procuravam estender os domínios linguísticos, poder-se-á também pensar que idêntica atitude tomassem os jesuítas. Pois não. Eis outros propagadores da língua dos selvícolas. Preocupados com a catequese dos naturais da terra, não hesitaram em aprender-lhe o idioma, para maior divulgação e aproveitamento de seu apostolado. E foram mais além: Anchieta compôs a gramática e o dicionário ("Ars Grammaticae Linguae Latinae" e "Dicionarium ejusdem Linguae").

Nos colégios da Companhia de Jesus os inacianos ministravam aulas do tupí, ao lado do português, e é fácil avaliar-se, dada a propensão para usar-se a língua nativa, o significado disso, pois que o tupí era o veículo natural de expressão aos habitantes da colônia.

Finalmente, houve uma outra não menos importante causa pró-difusão do abanheen: as bandeiras. No seu trabalho de penetração pelo território desconhecido, os bandeirantes, usando de ordinário condutores aborígenes, faziam largo uso de sua língua como instrumento de comunicações diárias; levaram palavras tupis além dos domínios desta língua. Ampliaram seu uso. Como prova, temos um sem-número de palavras tupis nas mais longínquas regiões do país. A única explicação plausível para o caso é o constante uso de tais palavras pelos brancos.

E a situação de inferioridade do português perdurou até que se iniciou o grande surto emigratório de Portugal para o Brasil. Vieram os lusos em tão grande número — assanhados naturalmente pela riqueza da terra e pelo descobrimento de ouro nas Minas Gerais — que a metrópole se viu de hora para outra quase que despovoada.

Aos poucos, a hegemonia da língua nativa foi cedendo terreno à inconteste superioridade do falar europeu, que agora já contava com mais gentes que o falassem. Repelido afinal dos centros civilizados, o selvícola brasílico se refugiou nas florestas longínquas do Amazonas, Mato Grosso e Goiás, guardando, junto com os costumes, a língua de seus maiores. Ainda hoje o homem branco não se impôs de todo naquelas paragens, e podemos observar que o linguajar que ali se usa é entremeado de termos indígenas.

xxx

Conversa de Caipiras

O caipira é um homem que não foi, ainda, contaminado pelos vícios da civilização e come, evangelicamente, o seu pão.

Semeando e colhendo, alimenta as indústrias e enriquece os magnatas da cidade. Pensa e raciocina como os que frequentaram escola. Apenas, ignora as regras da estilística, não sabe dar forma a seu pensamento. Não conhece as misérias do luxo nem a ganância dos ricos. Trabalha d'Alva ao pôr do Sol. A natureza é o cenário imenso de sua vida. Em chegando a noite, olha o céo para observar as chuvas que hão de regar a seara verde dos trigais. Muito cedo, dorme sem pesadelos e sem remorsos. O mundo de amanhã nasce do suor do seu rosto e do vigôr dos seus braços.

Não sabe o que é filosofia. Nós também não sabemos, a fora intrincadas definições decoradas e mal compreendidas. Sistema geral dos princípios e das causas, a filosofia arremessa o espírito humano para o centro de dois termos inatingíveis pela sabedoria do homem: o começo e o fim das coisas.

Mas, contudo, os caipiras filosofam com a lógica, que a vida lhes ensinou.

Os homens da roça deixam a lavoura e vão, manhanzinha, assistir à missa no povoado. É domingo.

Depois da solenidade religiosa, Zé Bode e Malaquias dirigem-se à vendinha, bebericam alguns goles da branquinha, compram um naco de fumo e voltam à choça de sapê.

Em chegando a seu rancho, preparam o chimarrão e sentam, palestrando entre fumaradas de cigarro creoulo.

Malaquias — Êste Brasir é grande!

Zé Bode — É muito grande, cumpadre.

Malaquias — Mas afiná, Zé, de quem é o Brasir?

Zé Bode — Uê, cumpadre, é dos brasilero!

Malaquias — Então tá mar dividido; nóis não temo nada. Ao despois, as terra que vêm dos banhado Diabo **inté o socavão da serra são do Salamão e êle veio das** Oropa. Não tá direito, cumpadre. Nóis trabaiemo prá êle, prantemo às meia. O lamão ganha mais que nóis.

Zé Bode — Tá dereito, Malaquia, pois êle usa ócrcs e lê nos livro. Nóis semo narfabeto.

Malaquias — Mais uma coisa, cumpadre, o Brasir tem escretura das terra que são dele?

Zé Bode — De certo que tem, pois não admete intruso. Quando quarquê extrangero qué um pedaço das nossa terra, tudo os brasilero se levanta e briga mêmo.

Malaquias — Não é bem ansim, cumpadre. Os que tem automóve bunito, casa bunita, dinhero nos banco, êsses não briga, escreve nos jorná e fais discurso nas praça. Êles não pode panhá serêno, costipa e se come virado de fejão tem a tar de toxicação. Nóis e nossos fio é que briguemo.

Zé Bode — Briguemo mêmo. Nóis semo mais brasilero que os mocinho das cidade, graças a Deus.

Malaquías — Cumpadre, é hora de drumi que, menhã, nóis temo puchirão na roça do nhô Antonho da restinga. Inté amenhã.

Zé Bode — Inté amenhã.

Assim despedem-se os dois caboclos, **de mãos calejadas** e conciência limpa.

Jean Aicard, insígne poeta francês, nos seus belíssimos versos, **Le Semeur**, referindo-se às sementes que o semeador leva nas mãos sujas de terra, termina nesta estrofe que tem luz e verdade:

Ah! ce que tu tiens dans ta main,
Maître, — C'est la force du monde!
C'est tous les hommes de demain.

Uma crônica do Snr. Professor **Manoel Grott**

ERVA-MATE

Por ADALTO G. DE ARAUJO

É o tempo da colheita da Erva Mate
E parece
Que os caboclos
Se embainham na penumbra do sertão
De tão ambientados que estão!...
Cáa-Jarí, dá-me a tua beberagem,
Que eu cansei de lutar com tigres!...
Dá-me de beber, Cáa-Jarí,
Doce visagem!...
Sái do fundo do mato!...
E eu te vejo detrás da folhagem
Com dois olhos verdes,
Quais estrelas esmeraldinas
Faiscando na sombra
De eterna juventude
E a cabeça coroada,
Verde, bem verde,
De halo crepuscular!...

1946

NOTA DA REDAÇÃO:

Esta magnífica poesia foi extraída do livro "Cântico para o Século XX", da autoria do consagrado poeta pontagrossense, Dr. Adalto G. de Araujo.

Em seus versos profundamente humanos transparece tôda aquela visão transcendental dos espíritos predestinados, que muito sabem intuir, em sua modéstia inata.

x x x

Euclides da Cunha

Celebraste o Brasil desconhecido,
Nas brônzeas páginas dos teus "Sertões";
A terra hostil e o sol incandecido
Que gera a Séca, a fome e as migrações.

Contemplamos o homérico alarido
Dos vaqueiros, lutando como leões,
Contra um govêrno cego e fementido,
Que os vexava com grandes extorsões...

Enaltece a raça de gigantes,
Cujo crime sòmente consistia
Em emigrar para os sertões distantes.

Criaste o culto da brasilidade,
Numa terra caótica e bravia,
Conquistando os lauréis da eternidade!

RIBAS SILVEIRA
(Do Centro Cultural "Euclides da Cunha")

x x x

GALERIA DOS JORNALISTAS EUCLIDEANOS.

Arary Souto

I

Nascido a 18 de abril de 1908, em Jacareí, no Estado de São Paulo, um dos mais veltos representantes da tradicional família Salles Souto, cujo tronco é originário do famoso banqueiro portuguêa, Visconde Souto, falecido no Rio de Janeiro. Após desempenhar, no Estado de São Paulo e Mato Grosso, cargos administrativos de grande relevância, inclusive os de caráter público, transportou-se para o Paraná, há seis anos, tendo aqui se dedicado às lides jornalísticas.

É sócio e membro da diretoria do Centro Cultural "Euclides da Cunha", do Grupo Panamericanista de Intelectuales y Artistas de Montevideo, Uruguai; da Associação de Cultura Panamericana, de Buenos Aires, Argentina, da Associação Cultural Agustin Aspiazú, de La Paz, Bolívia, Da Ordem de Constantino, de Londres, Inglaterra, acadêmico "honoris-causa" da Academia de Letras de San Marino; acadêmico "honoris-causa" da Accademia Universale de Inventori e Autori de Roma, Itália; secretário geral da secção do Paraná do Instituto de Cultura Americana, e Diretor Seccional no Paraná, da Associação Internacional de Imprensa. É, também, atual diretor de redação do "Jornal do Paraná", matutino editado nesta cidade e Diretor Assistente da Cia. Impressora do Paraná, cargos que vem desempenhando com proficiência.

Segundo parecer do Dr. Henry C. Link, diretor do Centro Psicológico de New York, é o sr. Souto profundo conhecedor da psicologia, nos seus vários aspectos, de acôrdo com atestado publicado, há alguns anos, no "Jornal do Paraná", com a apreciação do Dr. Faris Antonio S. Michaele.

Êstes, em linhas gerais, os traços inconfundíveis da personalidade do nosso prezado companheiro.

Fandango de São Gonçalo

(Por AGENOR SALGADO).

Parece natural, numa terra em que os costumes europeus ganham chão, que as tradições folclóricas morram, pouco a pouco, esmaecidas e esquecidas.

Mas tal cousa não acontece em Santa Catarina. Se é certo que o estrangeiro traz consigo o seu "modus vivendi", também o é que o caboclo Barriga Verde conserva um sem número de velhos costumes que muito bem o identifica com os seus irmãos de outros estados.

Alma simples, coração extremamente sentimental, o sertanejo catarinense encontra em tudo que o cerca um motivo de enlêvo e entretimento espiritual. Se a lua rasga o céu com a sua imagem brilhante e pálida, êle indubitàvelmente assoma no terreiro da choupana para remoer as suas queridas recordações e contemplar meiga e longamente a paisagem deslumbrante. Naturalmente que a mudez de quadros desta espécie assombra o seu espírito ingênuo e assim êle se deixa ficar, por longo tempo, nessa benéfica quietude espiritual. Mas, também, êle não deixa de quedar-se mudo de espanto quando a natureza tôda, num reboliço infernal, perde o juízo e comete desatinos desastrosos.

A chuva quando cái de mansinho o faz adormecer, mas quando é um rio que desagua sôbre a sua choupana, êle, de punhos erguidos ameaçadoramente, faz ver aos seus os seus direitos de Rei da Criação. Logo em seguida, porém, amolece porque o trovão num grito surdo lhe responde à altura a ameaça fútil e inofensiva; então, vendo a sua insignificância e pequenez, cái de joelhos diante da imagem benta de seu santo protetor, aí reza preces sem sentido e nexo até restabelecer a calma perdida.

É, assim, um genuino brasileiro, poeta de alma e coração, deixa-se com a maior facilidade arrebatar pelas cousas espirituais. Suas cerimônias religiosas são, quase sempre, um mixto de diversão e religião.

No Fandango de São Gonçalo êle dá caráter religioso a uma diversão puramente mundana.

E serve-se de qualquer pretexto para realizá-lo. Paga promessas de pessoas mortas, cujas almas aqui voltaram a fim de pedir o fandango. O convite corre célere pelo povoado. A imagem é colocada sôbre uma mesa, numa grande sala e, então, em pares, o caboclo sapateia animadamente, sem virar as costas ao Santo. Geralmente, se inicia com rezas, reverências e outros sinais de respeito e impreterivelmente termina à meia noite. Então, a festança continua até o amanhecer com outras modalidades de danças populares. A mais apreciada é a chamarita.

As violas e os quentões fazem com que a animação cresça. O sertanejo despreocupado se diverte com as lindas caboclinhas. Bebe, dança e cantarola até o corpo sentir fortemente o cansaço, então, já alta madrugada, êle toma, feliz, o rumo da tapera e notem, às vezes, ainda anda cinco horas para chegar ao seu ninho.

Curitiba, 7 de maio de 1952.

x x x

Jeronymo d'Albuquerque Maranhão

Por Manoel Pinheiro Chagas
(Português)

É êste um dos grandes vultos dos tempos meio legendários da colônia, d'esses tempos em que os heroes são quasi semi-deuses e em que têm uma estatura homerica. Era filho d'Affonso d'Albuquerque e d'uma india, mestiço por conseguinte e mameluco, que era este o nome que se dava aos filhos de indias e de brancos. Seu avô materno era chefe respeitado, e por isso o moço Jeronymo, que nascera nas proximidades de Olinda em 1.548 e em Olinda aprendera com os jesuitas a lêr, escrever e contar, por isso elle, que nunca se esquecera da lingua de sua mãe, tinha um grande prestigio entre os indios, o que lhe facilitou, quando foi homem, as emprezas colonizadoras. Foi elle que fundou a colonia do Rio Grande do Norte, sendo nomeado capitão d'essa colonia. Em 1.613 fundou tambem uma povoação no Ceará, mas, sabendo que uns navios francezes tinham arribado à ilha do Maranhão, e alli tinham fundado uma colonia, correu contra elles, apesar de ter forças muito inferiores; o comandante dos francezes, Revardière, nem o quiz esperar na ilha, lançou tropas no continente para o obrigar a retirar-se, mas só lucrou vêr essas tropas completamente batidas pelo heroe brasileiro. Enfim, depois de varias peripecias, em que chegou a haver um armisticio concedido por Jeronymo d'Albuquerque para se receberem ordens da Europa, Revardière foi definitivamente expulso da ilha. Jeronymo d'Albuquerque foi nomeado capitão-mór do Maranhão, e d'este epico episodio ficaram duas memorias, o nome de S. Luiz que ainda hoje conserva a capital da provincia, e o nome de Maranhão que Jeronymo d'Albuquerque accrescentou aos seus appelidos de familia e transmitiu com justo orgulho. Maranhão morreu em S. Luiz no dia 11 de fevereiro de 1.618 com 70 annos d'idade.

Carta de um brilhante intelectual, conterrâneo de Euclides da Cunha

Do brilhante poeta fluminense, Snr. Hélio Chaves, recebeu a Diretoria do Centro Cultural "Euclides da Cunha" a seguinte carta:

"Excelentíssimo Senhor Presidente de o Centro Cultural "Euclides da Cunha": Digníssimo Intelectual Doutor Faris Antonio S. Michaele.

Transmito a Vossa Excelência os meus mais sinceros protestos de agradecimento, pela generosa honra que me foi conferida, concedendo-me o Diploma de Sócio Correspondente dessa expressiva Entidade Cultural, que sobremodo dignifica e eleva ainda mais alto a tradição artística do Estado do Paraná, uma gloriosa fôrça dinâmica do Brasil. Como fluminense, sinto-me mais uma vez honrado, por ter sido escolhido, como patrono dessa Associação, o nome inconfundível de meu grande conterrâneo, cuja significação para as letras já não é mais de âmbito nacional apenas, mas do universo, porque a luz, que irradia a sua obra genial, atravessou as fronteiras da Pátria, indo fixar-se no horizonte infinito, onde as eternas idéias despejam interminàvelmente os cântaros da verdade, do saber, da ciência e da beleza, iluminando a humanidade, com os poderosos focos da inteligência universal. Euclides da Cunha foi um bárbaro, um gigante do barbarismo, porque de outra forma, sem êsse estigma da natureza rebelde, não poderia traçar as linhas mestras de uma obra que se identifica, se corporifica, se espiritualiza com esta natureza selvagem e agressiva, que constitue a portentosa terra brasileira. Êle é bem a alma do sertão, possui bem a natureza desengonçada do homem que descreveu, a energia indomável da terra, o mimetismo das grandes almas, que se amalgamam apaixonadamente com o sentido da vida que realizam, fixando a memória das situações com a genialidade dos eleitos e dos incomparáveis.

Muito grato, gratíssimo, Senhor Presidente, a Vossa Excelência e a Seus Pares, pela honra conferida.

HÉLIO CHAVES
(Petrópolis)

x x x

Regeneração

(Para "TAPEJARA")
Aos espíritos cultos dos prezados confrades Dr. Faris Antonio S. Michaele e Jayme Duarte do Nascimento — — — — — —

Cruzei longos caminhos, triste e vagamente...
Sofri amargas dores nesta luta insana.
Olhava para o mundo, cético, descrente,
Zombando, horrivelmente, da miséria humana!

A vida para mim, vasia, indiferente,
Não via além de nós Justiça Soberana.
A morte era um sofisma e a minha Fé profana
Fazia-me arrastar qual misera serpente!

Fisgado pela dôr, na mais triste penúria,
Meu corpo a palmilhar a estrada da luxúria
Trilhou, por muito tempo, ao lado dos atêus...

Hoje, porém, diviso uma outra luz brilhando
E aquele meu sofrer amargo e miserando
Me transformou num crente fervoroso em Deus!...

ALBERTO ISAIAS RAMIRES
(Da Associação Internacional de Imprensa)
Rio, 1951.

x x x

UMA POESIA NO IDIOMA GALEGO.

¡Medio Seculo de Vida Ceibe!

(Acróstico dedicado a Cuba, da autoria do intelectual galego, Sr. Fuco G. Gómez).

V int'e cinco pares d'anos cumpre agano de vida
I sta Repûbrica de Cuba, ceib'e e soberana.
V inte cinco pares d'anos fai que foi redimida
A heroica, groriosa e porguesista Nazón Cubana.

C ontra o mais bárbaro dos imperialismos loitaron
U n Céspedes, Gómez, García, un Maceo, un Martí...
B enzcados sempre han de ser todol-os qu'ofrendaron
A s suas vidas por Cuba, de Sant Antón à Maisí.

L ongo i-espiñoso foi o camiño por vós percorrido,
I ntrépidos defensores da amada Liberdade,
B enemèritos d'ista bel Pátria e da Humanidade...
R ealmente, Cuba é un país cívico e gradecido,
E pra él desexamos paz honrosa e prosperidade.

Habana, janeiro de 1952.

Desdobramento do Curso de Geografia e História

A Comissão de Educação e Cultura do Senado Federal aprovou o parecer do Sr. Flavio Guimarães sôbre o projeto que trata do desdobramento do curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia. Declara o senador pelo Paraná em seu trabalho:

O artigo primeiro do projeto consubstância-lhe o fundamento: O atual curso de Geografia e de História das Faculdades de Filosofia do País é desdobrado em dois cursos independentes: Curso de Geografia e curso de História.

Parágrafo único. O desdobramento a que se refere êste artigo não importará em aumento de despesa, nem determinará a criação de novos cargos.

Basta atentemos para o prodigioso valor aquisitivo de conhecimentos das duas disciplinas e ficará ressaltante a necessidade evidente de serem desdobrados os respectivos cursos.

A Geografia atualmente se apresenta como ciência dominadora de tão extensos e profundos conhecimentos humanos, que houve quem preconizasse a especialização do grupo geográfico em Faculdades de Geografia. Por que, a geografia física pode ser estudada sob o aspecto climatológico, hidrográfico, orográfico e agrológico. A geografia biológica pode ser estudada, por parte que lhe é intrínseca, em dois poderosos ramos: a fitogeografia e a zoogeografia.

A geografia humana, a geografia astronômica e matemática, comportam tôdas inúmeras divisões e subdivisões.

A geografia poderá ser estudada, ainda, sob o aspecto filosófico ou seja a justa compreensão dos fatos geográficos ligados à existência humana, sob cujo prisma já foi largamente delineado por Kant, Herder e Lamarck. Pode ser ainda: militar, histórico-político, industrial, linguística, orosférica, pedeológica marítima e sobreleva a geografia econômica, que estuda o homem em relação ao consumo, produção e circulação das riquezas. (Enciclopédia Portuguêsa-Brasileira).

A preocupação atual não é simplesmente o relêvo geográfico, com a infindável e exaustiva decoração de nomes, mas compreender determinada porção da geografia física, da geografia matemática, da geografia política, da geografia histórica, zoológica, militar, marítima, humana, linguística, filosófica, etc.

E quanto ao ensino da história, que é a narração completa dos acontecimentos no tempo, ou "a representação atual sob a forma de narração sistemática dos fatos e dos acontecimentos de tôda a espécie realizados no passado" a complexidade é, igualmente, absorvente.

O estudo da história pode ser universal, ou geral, na produção metódica de acontecimentos ligados a grupos especiais. Pode ser simplesmente o estudo da história antiga, ou da moderna, ou da média. Particularmente há especialistas devotados a conhecimentos específicos da história de Roma, da Grécia, do Brasil, dos Estados Unidos, da América do Sul, da América do Norte, da América Central ou a história de biografias humanas.

O estudo que a história faz dos movimentos mais importantes das sociedades humanas pode ser profano, religioso, leigo, sagrado, eclesiástico, da civilização cristã, dos governos, dos reis, dos continentes, das guerras, das revoluções. Ainda o complemento da filosofia da história, que deduz leis sociológicas do destino do homem sôbre a face da terra e pode prever, pelas deduções anteriores, determinados acontecimentos futuros.

Paulo Setubal, maravilhoso escritor, foi o encantador romancista da história do Brasil e deu maior amplitude pedagógica e maior claridade a narrativas pejadas de datas e ensinamentos obscuros e sombrios. Porque, os métodos educativos da história, como ensina Froebel devem ser feitos em narrativas animadas, cheias de vida e encanto; o relato dos acontecimentos animados do passado deve ser contado aos alunos, abrindo-lhes a recetividade atenta e cuidadosa.

Rocha Pombo nega que a história seja mero registro de fatos sociais armazenados, através do tempo, porque "precisa haver esforços, no intuito de apanhar sentido em que se exerce a ação coletiva de um agrupamento humano". E arremata: "Para os modernos consiste a tarefa do historiador em apanhar, cada vez mais e com precisão e o mais nitidamente possível as relações entre os fatos humanos, para sabermos cada vez melhor e com segurança em que sentido êles se vão desenvolvendo".

Na justificativa do projeto, o ilustre deputado José Alves Linhares lembra que, em 1940, o Congresso de Geografia realizado em Florianópolis aprovou a recomendação que encarecia a necessidade urgente de ser ensinado o curso de história, separadamente, do curso de Geografia. Lembra ainda a douta justificação que o Conselho Nacional de Geografia, em diversos apêlos, propugna pela sábia medida. E cita a resolução número 156 de 18 de abril de 1944, do Diretório Central e a Mensagem dirigida ao ministro da Educação, pela Assembléia Geral daquele Conselho, cheio de iniciativas utilíssimas à vida nacional.

A Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, em consonância com as mesmas idéias pedagógicas, não só aguardava a concretização da proposta, como também porque tornára autônomas as duas disciplinas e livres no regime de trabalho.

Vê-se, assim, que o projeto está em condições de ser aprovado.

x x x

Um Paranaense na Conquista das Missões

(Conclusão da página 2)

Santo Inácio e, em seguida, caem de surpresa sôbre o acampamento de D. José Manoel de las Cañas, em S. Martinho. Estabelecem, depois, o sítio ao povo de S. Miguel, defendido por dez peças de artilharia, crescendo em três dias a tropa sitiante, pois vieram juntar-se-lhes mais de mil índios que abandonavam as reduções próximas e aliavam-se aos luso-brasileiros na luta pela conquista do solo sagrado e consequente expulsão dos espanhóes. O comandante espanhol, D. Francisco Rodrigues, intimado por Canto e Gabriel Ribeiro, capitulou afinal, entregando todo o território das Missões Orientais àqueles valentes patrícios que fizeram hastear a bandeira lusitana na praça conquistada.

Gabriel Ribeiro de Almeida tomou posse então, em nome de seu soberano, dos povos de S. Lourenço, S. João, S. Luiz Gonzaga e Santo Angelo. Manoel dos Santos Pedroso excedeu-se na prática de atos irregulares e desnecessária violência. Borges do Canto, reconhecidamente bravo, tinha a macular-lhe um passado comprometedor como desertor do Exército e aventureiro. Os chefes militares da época primaram pela inércia profissional e ausência do teatro de operações. Sòmente o mameluco paranaense Gabriel Ribeiro de Almeida, feito depois tenente e, mais tarde, capitão de milícias, seria o cavaleiro sem mêdo e sem mácula daquela cruzada memorável. Legou-nos com os melhores serviços à Pátria a sua "Memória sôbre a tomada dos sete povos de Missões da América Espanhola", que é uma prova de seu valor intelectual a par de notável contribuição para a formação histórica do Brasil. Vários de seus descendentes distinguiram-se mais tarde nas lutas do primeiro e segundo Império.

x x x

A VIDA DOS INDIOS

A vida dos índios era simples e fácil. Madrugavam e iam logo se banhar. Gostavam imenso dos banhos e não passavam por um rio ou lagoa que nêles não se metessem. O trabalho deixava de ser-lhes uma obrigação, mas um recreio, porque suas necessidades eram reduzidas e tinham ao alcance das flechas ou das rêdes os peixes, as aves, e outros animais. Passavam o dia a vagar ou a lutar, os homens, e nos encargos das ocas e no trato das crianças, as mulheres. Iam dormir cedo, mal caía a tarde, porque temessem o escuro. Era de noite e pelas matas que vagavam os entes sobrenaturais a que temiam: caaporas, saci, jurapiru.

O Anhangá era o inimigo dos caçadores. Tinham-no por veado alvo com olhos de fogo. O Jurapiru era o protetor dos pássaros e atraia felicidade às casas onde se instalasse. O Caapora, um menino ou um gigante cheio de cabelos negros, montado num porco, e quem o encontrasse estava fadado a uma eterna desgraça. A Iara era a divindade dos lagos e rios, o Corupira, um indiozinho de pés para trás; o Saci, também um pequenino índio coxo. O Boitatá era uma serpente de fogo.

Admite-se que os índios cultuassem um sêr superior, Tupã, que se manifestava nos fenômenos violentos da natureza como os vendavais, as enchentes, os trovões, os raios. E à maneira dos povos da antiguidade reverenciavam o Sol (Guaraci), e a Lua (Jaci) aos quais estavam subordinados muitos dos entes de que já tratámos.

Havia mesmo um deus para o amor: Perudá ou Rudá. Habitava nas nuvens e corria com os ventos.

Tinham ainda noção de "gênios domésticos", "gênios nacionais" e conheciam lendas sôbre a formação do mundo, um diluvio, a origem da mandioca e muitas outras que os folcloristas brasileiros recolheram e estudaram em obras que vale a pena consultar. O Pagé, entre os índios, era a autoridade que regia os ritos religiosos e presidia as práticas de feitiçaria.

Aos mortos prestavam homenagens. Enterravam-nos dentro de grandes potes de barro (igaçabas), de cócoras, e faziam os cadáveres levar consigo suas armas e ornatos distintivos pondo-lhes também nas sepulturas alimentos e uma rêde. Diziam que os mortos iam descansar num bom lugar.

Não precediam as uniões conjugais de uma cerimônia pròpriamente religiosa, mas havia geralmente um pedido e um consentimento. Quando havia uma negativa o pretendente desterrava-se. Em algumas tribos o casamento era motivo de festas: danças, libações, cantos. Às vêzes, o noivo, para merecer a noiva, tinha de trabalhar por algum tempo para os futuros sogros. Existiam impedimentos de consanguinidade para os matrimônios: mãe, irmã, filha, estendendo-se em certas nações, à sobrinha filha de irmão. Conheciam alguns impedimentos sociais — os membros das famílias nobres não se uniam aos de classes inferiores. Em regra a viúva casava-se com o irmão do marido, se êle a aceitasse. A monogamia era comum. Os chefes, apenas, mantinham mais de uma mulher, porém, quando isto acontecia, a mais velha fazia juz a maiores direitos e considerações.

Os filhos, embora não recebessem uma educação dentro de princípios morais como os concebemos, mereciam dos pais cuidados no sentido de torná-los robustos, valentes, adextrados nas armas, para a guerra, e nos misteres da caça, da pesca, da lavoura e no fabrico de objetos de utilidade. Além dêsses ensinamentos, havia, também, os do culto de obediência e respeito aos mais velhos. As mães criavam os filhos com certo afeto e dedicavam-se a êles. As crianças aprendiam a dançar.

Tinham os homens direitos absolutos sôbre as mulheres e os filhos, mas em muitas tribos a situação das espôsas já se revestia de bastante dignidade e elas já não eram, como se quis generalizar, umas novas escravas, votadas ao trabalho, enquanto os maridos dormiam ou vagabundeavam. Possuiam os índios um grande sentido de liberdade e sabiam respeitar a das tribos alheias.

Outra virtude dêles era a hospitalidade. Ao hóspede concediam o que de melhor possuissem e usavam até de uma cerimônia com que procuravam traduzir seus sentimentos de cordialidade: a saudação lacrimosa. Logo que o hóspede chegava ofereciam-lhe uma rêde e ali traziam-lhe alimentos, enquanto as mulheres, em volta, com o seu pranto faziam curiosa saudação.

Em geral, os índios eram robustos e sadios. Não se conheciam, entre êles, muitas das doenças comuns aos civilizados e que foram introduzidas no Brasil pelos europeus. Praticavam, porém, os indígenas, a medicina, utilizando plantas e até tentavam a cirurgia.

Tribos havia que se comunicavam à distância por meio de um engenho que lembra o nosso telégrafo: de um tronco ôco de árvore, no qual espichavam um couro, êles tiravam sons convencionais que serviam de comunicação de um ponto a outro. Muitas tribos possuiam o culto da previdência, armazenando o mel, as caças, o milho e outras utilidades.

Nem é preguiçoso, como o quiseram apresentar os primeiros cronistas por um preconceito de raça, nem tão pouco desprovido de inteligência. Ao contrário, tinham a maior facilidade em aprender as coisas que lhes ensinavam ou viam fazer, executando-as depois, com a maior perfeição e revelando aptidões várias.

(Uma página de MARIO SETTE)

x x x

Formiguinha

Desta velha janela exígua fresta
Elegeu por morada uma formiga.
Ao peitoril como por praça antiga,
Sái de passeio, a ver o sol em festa.

Foge ao menor rumor, lépida e lesta,
Lembrando-me, — permite que te diga —
A almazinha que tens, formosa amiga,
A que a todos se esquiva por modesta.

Se é surpreendida acaso, e o tempo é estreito
Para tornar, fugindo, à frincha escura,
Súbito estaca... nem um passo além;

E ruiva como a luz, e de mistura
Com a luz, na luz se some de tal jeito
Que, estando à vista, não a vê ninguém.

Alberto de Oliveira

NOTAS E NOTÍCIAS CULTURAIS

Colégio Libre de Estudios Superiores (Cátedra de Alejandro Korn)

Das instituições que se destinam à filosofia, uma há, em Buenos Aires, que se salienta, de maneira notável: é o "Colégio Libre de Estudios Superiores". Orientado pela figura excepcional do Prof. Francisco Roméro, sem favor, uma das maiores cerebrações do mundo moderno, mòrmente no que se refere aos citados estudos, essa opulenta "Casa do Saber", vem difundindo conhecimentos e divulgando nomes por tôda a América.

Ao Centro Cultural "Euclides da Cunha" é particularmente honroso tal contáto, que já se está tornando tradicional. Ainda agora, fomos distinguidos com uma notável coleção de "Grandes Pensadores da Humanidade", em finíssimas fotogravuras, o que vem enriquecer, imenso, o nosso patrimônio.

Ao Sr. Prof. Roméro e companheiros os nossos eternos agradecimentos.

"Casa de Euclides", de Natal

A "Casa de Euclides", de Natal, Rio Grande do Norte, constitúi, incontestàvelmente, um dos liames mais seguros e eficientes entre o Norte e o Sul do País. Sendo orientada pelas figuras insígnes de Rodrigues de Melo e Luís da Câmara Cascudo (êste último um dos maiores folkloristas do mundo) muito tem ela contribuido a que se divulgue a mensagem euclidiana de amor, civismo e brasilidade, pelo melhor estudo da autêntica e inegável cultura brasileira e do tipo do homem sertanejo, que é o cerne vivo da nacionalidade.

E o que realiza essa gente prodigiosa está bem patenteado em "Bando", revista que se edita na Capital potiguar. Muita colaboração escolhida, muito capricho na confecção e muita variedade de assunto. O que, desde logo, chama a atenção, nessa revista, é o seu pronunciado amor às coisas históricas do Brasil. Numa época de macaquerações vergonhosas, um grupo de brasileiros do Nordeste nos brinda com uma publicação, que é um autêntico documento de integral brasilidade e compreensão.

Aos bravos irmãos de Natal os agradecimentos e cumprimentos dos jagunços do Pitanguí!

Academia Paranaense de Letras

O Estado do Pará, ao contrário do que afirmava Humberto de Campos, é verdadeiro celeiro de intelectuais. Para comprová-lo, bastaria lembrar os nomes de José Veríssimo, Inglês de Souza, Raimundo Morais, Angyone Costa, Oswaldo Orico e inúmeros outros, vivos e mortos. O que caracteriza o paraense (como o paranaense), isto sim, é o seu profundo retraimento caboclo. São ambos oriundos da mesma cepa racial, e porisso, em ambos, se evidencia essa tão prejudicial timidez. Nada conhecemos mais convincente, neste particular, que a "Revista da Academia Paraense de Letras", que nos acaba de chegar às mãos. Colaboram, na mesma, as mais brilhantes penas do Norte e, quiçá, do Brasil, porque, quem escreve como escrevem os nossos irmãos do Norte, merece, sem fávor, o designativo de Grande.

A começar pelo atual Presidente, Sr. De Campos Ribeiro, com seus três poemas, tudo aí é grandioso e brasileiro, de uma grandiosidade só mesmo comparável à do Rio-Mar com suas impenetráveis florestas.

Mais uma vez, os nossos sinceros agradecimentos aos nossos confrades do Pará, pelo privilégio que nos concederam, de podermos ler tão útil publicação e admirar, ainda mais, o seu formoso e esplendente Estado.

Transcorreu, em abril último, o 10°. aniversário da

José Joaquim Dantas

Transcorreu, a 11 de abril último o 10°. aniversário da morte do jóvem pontagrossense Snr. José Joaquim Dantas.

Dizer o que tal data representa, para todos nós, desnecessário fôra, porquanto, ainda hoje, o seu lugar não foi ainda preenchido no coração de seus inúmeros amigos e colegas.

Espírito dos mais brilhantes e vivazes; coração dos mais bem dotados, mòrmente no que se refere ao amor filial; cidadão dos mais destacados e empreendedores; companheiro dos mais expansivos e dispostos; cavalheiro dos mais inconfundíveis e compreensivos; êle tudo o foi, em grau tal e de tal modo, que a sua figura vale por todo um símbolo de geração.

Quando do seu passamento, um dos diretores dêste órgão não se pôde furtar ao dever sagrado de lhe dizer algumas palavras de ADEUS, que vinha a ser o próprio grito inconformado de tôda a roda de amigos do DANTINHA, daqueles que não queriam crer que tão boníssima criatura partisse tão cedo desta vida.

Contando apenas 32 anos, pois nascera a 21 de outubro de 1910, José Joaquim Dantas, como nenhum outro, soube ser digno da vida, por ter sido bom brasileiro, bom marido e bom filho.

Tendo concluido, com brilho, os preparatórios, e ingressado, com maior brilho ainda, na Faculdade de Engenharia, o talentoso pontagrossense estava fadado a elevar sobremaneira o nome de sua terra, não fôra o traiçoeiro golpe que o fulminou.

Fôsse, hoje, vivo José Joaquim Dantas, e certos estaríamos de pertencer ao grupo dos euclidianos que tanto o prezaram, em vida, e tanto lhe veneram a memória, depois de morto.

Museu dos Campos Gerais

O museu dos Campos Gerais continúa a receber valiosas doações. Dentre os últimos objetos recebidos, destacam-se: 1 objeto de pedra polida, arte chiriguana, doado pelo Snr. Felipe Justus Júnior; várias pedras de quartzo, oferecidas pelo Snr. Major Melo Morais, vários fósseis do 2°. Planalto, obséquio do Prof. Riad Salamuni; 1 punhal de taquara e uma bengala, arte guaraní, doados pelo Snr. João Alves Pereira; 1 moeda boliviana, de rara aquisição, pelo Snr. João Serighell; vários fósseis, restos humanos dos sambaquís e machados de pedra lascada, pelo Snr. João Henrique Domingues; 1 garrucha antiga, que figurou nas "cavalhadas" de Palmas, oferecida pelo Snr. Amilcar Saporiti; uma rosca de pedra polida, arte indígena, e uma mão de pilão, oferecidas pelo Snr. João Henrique Domingues; 1 machado de pedra polida, gentileza do Snr. Francisco Bertagnoli; 1 chave, fabricada por um escravo, doação do Snr. J. Jamil; vários bonus de cidades brasileiras e fotografias históricas, doação do Snr. Egídio Brisolla; 1 riquíssima coleção de moedas, oferecida pelo Snr. João Mascarenhas Ribeiro; dois enfeites de platibandas, gentileza do Snr. Edgar Kossatz.

A todos os sinceros agradecimentos da Diretoria do Museu.

Faculdade de Farmácia e Odontologia

Por recente decreto do Snr. Governador do Estado, acaba de ser criada a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Ponta Grossa. Fica, assim, graças à atividade dos Snrs. Dr. Mário Lima Santos, acatado professor e causídico, do Snr. deputado José Hoffmann, de seus companheiros de bancada, Drs. A. Puppi, Chafic Cury e João Vargas de Oliveira, bem como do Dr. Otton Nascimento, iniciador do movimento, e outras figuras do magistério local, graças a todos êstes, fica, assim, realizado mais um sonho dos estudantes pontagrossenses.

Sociedade de Astronomia

Foi, recentemente, fundada, nesta cidade, uma Sociedade de Amadores da Astronomia. A novel instituição cultural, que já conta com bom material e numerosos sócios, tem a sua Diretoria assim constituida: Presidente, Snr. Manoel Machuca; Vice-Presidente, Dr. Faris Michaele; 1°. Secretário, Snr. Luís Carlos Blanc; 2°. dito, Waldomiro Honeko; 1°. Tesoureiro, Snr. Clodomir de Lima; 2°. dito, Snr. Omar Leite Gondim; Bibliotecário, Snr. Modualdo Albuquerque; Assistente Técnico: Snr. Elício E. Mezzomo; Assistentes Científicos: Dr. Eurico Batista Rosas e Frederico Waldemar Lange; Conselho: Snr. Abílio Holzmann e Cyro Ehlke.

Valiosa Doação de Livros

A biblioteca do Centro Cultural "Euclides da Cunha" acaba de ser enriquecida sobremodo com uma valiosíssima doação de livros de filologia e glotologia, feita pelo Snr. Prof. Dr. Raul Gomes, da Universidade do Paraná. O eminente homem de letras não vacilou em abrir mão de quase duzentos volumes de sua biblioteca para oferecê-los aos "jagunços" do Pitanguí, conforme sua própria expressão. Gesto raro, nos dias que fluem, não podíamos deixar de aqui consignar os nossos sinceros e profundos agradecimentos pelo que acabamos de receber, que são obras raras, em sua maioria esgotadas, de há muitos anos.

Que Deus o recompense pelo bem que está fazendo à mocidade brasileira.

Cinquentenário de "Os Sertões"

O Cinquentenário de "Os Sertões" foi festivamente comemorado em todo o país. Em Ponta Grossa, houve uma série de brilhantes palestras, a cargo dos Snrs. Thiago G. de Oliveira, Ottokar H. Hoeldtke, João Alves Pereira, Cyro Ehlke, Prof. Meira de Angelis, Dr. Faris Michaele e Dr. Felix Ayres. Todos êstes trabalhos estão reproduzidos em páginas dêste jornal. Houve, também, uma Maratona Intelectual para estudantes, tendo saido vencedores os Snrs. Rolando Guzzoni, Nelson Rodrigues e Thiago G. de Oliveira, os quais fizeram jús aos prêmios da "Casa de Euclides", de São oJsé do Rio Pardo. Inaugurou-se, em seguida, uma exposição de edições antigas de "Os Sertões". Local: Livraria Euclides da Cunha.

Como parte final das festividades, apresentamos, agora, esta edição especial de "TAPEJARA".

Em São José do Rio Pardo, o programa foi dos mais brilhantes, tendo falado os seguintes intelectuais: Plínio Barreto, Gal. Inácio José Veríssimo, Dr. Agripino Ribeiro da Silva, Dr. F. T. de Almeida Magalhães e outros.

Como sempre, uma semana de vibração patriótica e intelectual. Aos irmãos euclidianos, de São José, as nossas saudações cordiais!

7 de Setembro e 15 de Setembro

Nestas duas datas magnas da nacionalidade e de Ponta Grossa, respectivamente, vários oradores se fizeram ouvir. No dia sete, falou Cyro Ehlke, o qual se houve com brilho e entusiasmo. No dia quinze, fizeram uso da palavra, em Sessão Solene da Câmara, presidida pelo Snr. Governador do Estado, Dr. Bento Munhoz da Rocha Neto, os seguintes oradores: Snr. Daily Luiz Wambier, Snr. João Maia, Dr. João Vargas de Oliveira, Prof. Meira de Angelis, Dr. Chafic Cury, Dr. Petronio Fernal e Governador Munhoz da Rocha. Durante a cerimônia, foi entregue ao Dr. F. Michaele, incansável intelectual paulista, aqui residente, o título de Cidadão Pontagrossense. Sua Senhoria agradeceu, visivelmente comovido. Outros atos se verificaram: a criação da Faculdade de Farmácia e Odontologia, auxilio a entidades várias, homenagem à cidade, pelo seu aniversário. Pela manhã, proferiu ligeira oração, junto ao obelisco, o euclidiano Ottokar H. Hoeldtke.

Guardas da Alfândega Lingüística

Por TENÓRIO D'ALBUQUERQUE

"A nossa melhor colônia é o Brasil, depois que deixou de ser colônia nossa." (Alexandre Herculano. Citação de Pedro Calmon na "História Social do Brasil", tomo II, página 121). — — —

É inobscurecível, o menosprezo com que alguns gramáticos e filólogos portuguêses, se referem ao nosso **falar**, ao **dialeto brasileiro**.

Dissemos alguns, por quanto há portuguêses, notáveis estudiosos do nosso idioma, como: Fidelino Figueiredo, Vasco Botelho do Amaral, Xavier Fernandes, Rebelo Gonçalves e alguns outros, que se reportam elegantemente às nossas peculiaridades linguísticas, honestamente distinguindo deturpações, de modismos nossos, de formas divergentes.

Por parte da maioria dos autores portuguêses, há desinteresse pela nossa literatura, pelos nossos escritores mas não pelo nosso público comprador. Nas antologias portuguêsas, raras são as páginas de escritores brasileiros. Um ilustre professor e filólogo português, Vasco Botelho do Amaral reconheceu essa recriminável falha, êsse menosprezo aos escritores brasileiros, tendo escrito: "Como professor da nossa língua, desejo chamar a atenção de quem se interesse pelos problemas culturais luso-brasileiros para uma evitável e lamentável deficiência no ensino português: **a ausência quase total das glórias literárias do Brasil nas nossas seletas e antologias.**

Quem perpassar os olhos pelos florilégios onde a mocidade estudiosa de Portugal é oficialmente obrigada a apreciar as mais belas páginas da literatura da língua portuguêsa ou não encontra nada que diga respeito aos escritores brasileiros antigos e modernos, ou se encontra alguma coisa, é muitíssimo pouco, horrìvelmente pouco.

Esta injustiça constitui, ao mesmo tempo, um grande prejuizo cultural. Bastará percorrer, em rápida visão, o panorama da literatura brasileira, para nos convencermos de que não podemos nem devemos continuar alheioos na educação portuguêsa, aos esplendores literários do Brasil".

("Meditações Críticas sôbre a Língua Portuguêsa", página 296 e 297).

"Os nossos estudantes quase só vagamente conhecem de nome (quando conhecem) essa gloriosa-literária luso-brasileira que se chamou Machado de Assis, clássico nas duas pátrias, quer no romance, quer no conto, no teatro, na poesia, ou na crítica. E, no entanto, como disse Rui Barbosa, êle prosava como Sousa e cantava como o nosso épico.

Além de João Francisco Lisboa, autor duma castiça "Vida do Pe. Antônio Vieira", não deveria esquecer-se o admirável artista José de Alencar, autor de verdadeiros poemas em prosa, o símbolo do romantismo brasileiro.

E deveria ser condignamente apreciado em Portugal o precursor do realismo nas letras brasileiras, Aluizio de Azevedo ("IBIDEM, pág. 301).

É Vasco Botelho do Amaral, prestigioso e erudito filólogo português, quem assim se manifesta tão sincera e lealmente.

Nos discutidores de questões gramaticais, são raríssimas as citações de autores nossos e, quando o fazem, não se desapegam de um grupo restrito: Rui Barbosa, Afrânio Peixoto, Eduardo Carlos Pereira, Sá Nunes, e mais um que outro. Machado de Assis, por vêzes, apenas. Aparecem ainda um pouco menos, Coelho Neto e Euclides da Cunha.

Alguns vão ao extremo de pretender reduzir o grande valor de João Ribeiro (1), sem a menor sombra de dúvida, uma das mais complexas culturas do Brasil.

E por que? Tão sòmente porque o meu saudoso e sábio professor se bateu em defesa dos nossos escritores, das nossas particularidades linguísticas, dos nossos regionalismos.

Outrora se tinha em conta de deslises, quanta construção ou vocábulo não era de uso corrente em Portugal. Desde que uma frase nossa, pela sua construção ou porque enfeixe um têrmo estranho a Portugal, não se ajustava aos moldes da "outra banda do Atlântico", era tida e havida como uma degeneração e depreciativamente classificada de **brasileirismo.**

O conceito de **brasileirismo.** O têrmo deixou de ser

(Conclúi na página 2)

ÓRGÃO DO
CENTRO CULTURAL
'Euclides da Cunha'

Tapejara

IMPRESSO NA
GRÁFICA
Montes & Pereira

Diretor
FARIS ANTONIO S. MICHAELE

Secretário
DAILY LUIZ WAMBIER

Redatores:
JOÃO ALVES PEREIRA e
ROLANDO GUZZONI

ANO II ** PONTA GROSSA, SETEMBRO DE 1952 ** Nº. 8

COMO CONHECI EUCLIDES

JOÃO ALVES PEREIRA
(Do Centro Cultural "Euclides da Cunha")

EUCLIDES DA CUNHA,
o gênio da raça.

O meu contacto com Euclides da Cunha constitue, em princípio, a história de como me tornei possuidor do meu livro Os Sertões, e também, os episódios que a pretensão de sua leitura assinalaram nos meus sonhos de conhecimentos.

O relato desta história é a minha contribuição às homenagens pelo cincoentenário da consagrada obra do grande escritor brasileiro, e uma confirmação de que, as leituras difíceis, muito concorrem para a elevação do nível cultural de um povo.

Começarei a história pelo que tange ao livro. Preliminarmente, consideremos como se processa a aquisição de um livro. De um modo geral, êle vai parar na estante do leitor pela via comum das casas do ramo, ou, então, pela gentileza de um presente. Raramente por outros meios.

O meu livro veio para minha estante pelo caminho mais raro das aquisições. Começou por ter sido achado na margem da linha da estrada de ferro, no trecho entre Valinhos e Teixeira Soares, por um maquinista meu amigo. Viajava êle para o sul, com um trem de cargas, quando a uma certa distância divisou, quase junto ao trilho, um objeto parecido com uma caixa. Palpitante de curiosidade, foi diminuindo a marcha do trem e, finalmente, parou no lugar onde estava o objeto. Desceu da máquina e foi ver o que era. Surprêsa sua. O que parecia uma caixa era, apenas, um livro! O que, sim, um livro bonito. Encadernação aprimorada, coberta com percalina côr cinza, onde impresso com tinta branca, em baixo relêvo, se lia: Euclydes da Cunha — Os Sertões — Campanha de Canudos, 4ª. edição corrigida — 1911.

Depois de apanhado o livro, com a simplicidade e monotonia de uma tarefa normal, prosseguiu, meu amigo, a sua viagem.

Êste fato se deu lá pelo ano de 1914, mais ou menos. Eu me lembro que foi desde essa época o meu primeiro contacto com Os Sertões, de Euclides. Eu o via sempre em cima da mesa de trabalho daquele meu amigo, com o que adorna seu modesto escritório destinado para as reportagens de viagens.

Muito grato é, para mim, relatar que foi na residência simples daquele ferroviário que travei conhecimento com Os Sertões, isto bem claro, que não foi por sua leitura e compreensão, mas, pelo manuseio como satisfação da curiosidade pelo belo livro que todos quantos viam apreciavam.

O acontecimento que venho historiando coincidiu com a minha entrada para as oficinas gráficas de um jornal local. Era o início de uma carreira profissional cuja tarefa condicionava a leitura como base da obra final. Nesse mistér passava muitas horas do dia absorvido pelos trabalhos intelectuais que faziam parte da matéria do jornal. Vivia integrado no conceito de que o tipógrafo é um proletário de cérebro dos outros. E assim, pela fôrça da missão cotidiana do ganha pão, eu comecei, também, a ganhar um pouco de conhecimento da obra literária dos escritores nacionais, através das críticas e comentários do jornal ou, então, das palestras que ouvia na redação. Ali se falava constantemente a respeito do autor do livro que foi encontrado ao lado do trilho da estrada de ferro por meu amigo.

Assim, despertado pelas apreciações dos que escreviam sôbre Euclides e pela leitura de trechos destacados de seu livro para argumentar as dissertações de seus críticos na imprensa, resolvi conhecer o conteúdo da obra em tôda sua plenitude.

É justo afirmar que a pretensão de ler Os Sertões plantou o marco zero da estrada intelectual que se abria para formar a minha história de leitor.

A fim de concretizar minha intenção da leitura, resolvi tomar emprestado o livro ao meu amigo. Logo que o fiz ciente do meu desejo, me encheu de surpresa dizendo: "sabe de uma coisa, o José Chaves está doido por êsse livro; até me informou que a edição está esgotada e que por isso estão pagando quinhentos mil réis pelo exemplar — mas isso não interessa; tome o livro, é um presente que te faço". Francamente, foi a primeira das finezas que já recebi.

Nesse mesmo dia, iniciei a leitura. Comecei pelas explicações das notas preliminares. Estas duas páginas, que denunciavam a proposição científica da obra e que apoiava sua sinceridade num conceito, em francês, de Taine, já me deixaram entre deslumbrado e confuso. Depois passei para o primeiro capítulo. É o estudo sôbre a característica e a influência da terra do nordeste como responsável pela conduta da vida em seu meio.

Na leitura do primeiro capítulo começou o conhecimento, não da obra monumental de Euclides, mas o da minha santa ignorância. Eu pensava que ler Os Sertões era o mesmo que fazia de compondor na mão nos artigos destinados para as colunas do jornal, isto é, em linguagem corrente, simples, desataviada de vocabulário técnico ou científico, e que dispensa o dicionário e a cultura.

O fato é que a minha leitura, naquela ocasião, não foi além de umas poucas páginas. Não era possível a uma aprendiz de tipógrafo, um rapaz de quinze anos, produto dos escassos recursos do ensino em Ponta Grossa há quarenta anos passados, compreender matéria de tão elevado didatismo.

Razões como esta e outras de ordem econômica fizeram com que a minha luta para ler "Euclides" durasse mais de dez anos, depois dos quais consegui, enfim, transpor as primeiras sessenta páginas que tratam das condições, formações, transformações e efeitos geológicos, assunto de profunda cultura, o que considerei, segundo um conceito do próprio livro, uma vitória de "jagunço destemeroso", dada minha deficiência acima explicada, e daí chegando até à última página que enfeixa a obra.

Mas, pensaria alguém, por que mais de uma década de avanços e recuos para a leitura de uma obra, quando seu autor em igual período atingiu sua completa formação intelectual e no espaço de seis, isto é, de 1896 a 1902, brindou o mundo literário de língua portuguêsa com um monumento grandioso de observação estética, de pensamentos e sentimentos humanos?

A resposta é de que, essa é a luta de todos os auto-didatas. É a história de todos que aprendem um pouco, porém, com muita dificuldade e que, embora os naturais percalços, é preciso enfrentar a leitura de obras do valor de Os Sertões, fontes de onde nascem e correm mananciais de idéias, e, ao mesmo tempo, um imperioso convite ao estudo da extensa bibliografia que substancia tais trabalhos.

A verdade é que se aprende um pouco. A verdade é que outros autodidatas aprenderam em profundidade e qualidade como Alexandre Herculano, glória das letras portuguêsas, — enfim, depois de começar a ler, aprendendo, as páginas de Os Sertões são para deixar extasiado, em muda interrogação, de como é possível o engenho do pensamento humano encadear um vocabulário descritivo da natureza e paisagem do nordeste, com tanta fidelidade como se fôra uma projeção em tela cinematográfica, ou, então, interpretar, do mesmo modo, a alma hostil da vegetação, frente a qual parece ao homem, neste recorte do texto:

> "que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama spinescente e não o atrai".

É um quadro primoroso no qual Euclides da Cunha apresenta mais um elemento à soma dos fatores do meio que devia moldar o espírito do brasileiro daquela região.

Como se vê, a obra surpreende, pela sua elevação o leitor desavisado, mesmo assim, supera o seu orgulho, porque compreende nela o sentido de valorização da raça, pela exposição do caldeamento de onde emergiu o caboclo do Brasil e porque todos os seus atributos de inquebrantável tenacidade.

Uma tenacidade e valentia que sobressái em todo relato da luta do homem com o meio — e depois — por uma causa em que se apoiava na mais nobre das convicções — o bem de sua gente!

Tenacidade e valentia do caboclo nordestino personificada na figura do Beatinho, à frente de uma legião "desarmada, faminta e claudicante", apresentando um quadro de tão chocante tristeza que até os soldados da legalidade, ainda com a arma fumegante da fusilaria, consideraram, no dizer de Euclides, como "um assalto mais duro que o das trincheiras em fogo". Tal era o cortêjo que o acompanhava, de velhos e velhas, mulheres cadavéricas e crianças esqueléticas, e que marchavam rumo ao bivaque do comandante militar.

Jámais alguém sonhou estratégia de caboclo até na rendição. Na realidade, aquilo que parecia rendição, era, apenas, o prelúdio de mais uma prova do valor do jagunço. E evidencia esta suposição o fato de ter sido o Beatinho executado.

Depois do fato consumado ficou transparente que, na diplomacia daquele sertanejo, havia um objetivo mais elevado — preservar, daquele modo, para o futuro da pátria uma estirpe de autênticos heróis, já que no Arraial de Canudos só haveria de cessar a luta — quando tombasse por terra o seu último defensor...

Termina aqui êste meu relato em homenagem ao cincoentenário de Os Sertões, no qual, historiando minha odisséia de leitor e tecendo alguns comentários em tôrno da matéria, desejo adicionar minha profunda admiração à plêiade de intelectuais que mantêm viva a figura de Euclides da Cunha no coração da nacionalidade que êle tanto amou e dignificou, com suas obras culturais.

Aniversário de Fundação de Ponta Grossa

O nosso companheiro **Daily Luiz Wambier**, na qualidade de Vereador à Câmara Legislativa dêste Município, foi designado pelo Presidente dessa Assembléia popular a fim de falar na Sessão Magna de 15 de Setembro em curso, sôbre o 129º. aniversário de fundação de Ponta Grossa.

São estas as palavras daquêle nosso amigo:

Honrou-me o Sr. Presidente desta Casa Legislativa com a incumbência de dizer algumas palavras sôbre a maior data municipal de Ponta Grossa, o aniversário da sua fundação.

Permitam-me que eu passe por cima da respectiva cronografia, pois sabemos que a cidade comemora mais um ano de vida, o 129º. aniversário. E sabemos, ainda quais as circunstâncias que rodearam os começos da nossa existência, no seio da comunidade paranaense com Rocha Carvalhais em primeira plana, secundado pelas pombas que pousaram na colina, localizando o centro da nascente povoação.

É que o calendário, na vida das cidades como nos dos indivíduos, não tem fôrça para lhes emprestar méritos ou deméritos perante o mundo, como elementos úteis ou perniciosos à comunidade em que atuam.

São os seus atos e atitudes, bons ou maus, que os situam — cidades e indivíduos — marcando-lhes os níveis da sua superioridade ou inferioridade.

Os padrões morais das cidades, como dos indivíduos, se alimentam, não de datas, mas da dignidade dêsses atos e dessas atitudes.

Em Ponta Grossa as datas se perdem no fragor das lutas que vem sustentando pelo bem comum; as datas desaparecem ante o trabalho inteligente da sua população; as datas se apagam em face do ímpeto criador do seu povo; as datas silenciam à vista do trepidar das máquinas do progresso nas ruas, nas oficinas e nos escritórios, no soberbo afã de realizar a prosperidade comum.

Não somos, porém, um povo excepcional. Nem pretendemos nos colocar acima dos nossos irmãos do Paraná e do Brasil.

Na verdade, como a Bagéense de Afrânio Peixoto, Ponta Grossa é uma cidade como as outras. Nem cheia de vícios nem vazia de virtudes.

Pode, contudo, orgulhar-se do seu passado, das suas tradições. Ligada a todo o território brasileiro e plantada no coração da terra paranaense, Ponta Grossa muito fêz no sentido de contribuir com a parcela do esfôrço que o Brasil lhe exigia, desde os tempos em que, entrecruzada de caminhos rudes, unindo o Sul ao Norte do País, era o ponto de passagem das tropas gaúchas que demandavam as famosas feiras de Sorocaba.

A sua prosperidade não cresceu no clássico "do dia para a noite" das cidades do Norte do Estado. Ela foi edificada, ano após ano, através do trabalho incansável e ininterrupto da sua gente operosa, diligente e dinâmica. A sua economia, por isso mesmo, repousa em bases sólidas.

A contribuição pontagrossense, assim, tem sido das mais úteis à prosperidade estadual, de onde a situação de evidência em que se encontra.

Há, além disso, um aspecto que se não pode deixar de assinalar, no dia em que se acrescenta mais uma etapa na sua vida autônoma.

Aludo ao aspecto moral e espiritual que ela soube imprimir aos seus atos e atitudes, não obstante possuir uma população cosmopolita, quando os problemas dessa ordem se apresentam de solução mais difícil.

Efetivamente, não é de agora que Ponta Grossa vem se insurgindo contra a imoralidade e a indecência, nas suas múltiplas maneiras de se manifestar. Não é de hoje que daquí se projetam, para o Brasil inteiro, os reflexos dos seus empreendimentos de cunho essencialmente espiritual ou de sentido eminentemente moral.

Sua posição, em face do bem, é notória. Seus princípios cristãos firmes, como a estrutura dos granitos que enfeitam os verdes ondulados dos Campos Gerais do Paraná.

Reagindo, como tem reagido, contra as fôrças negativas da nacionalidade, que lhe pretendem aniquilar os valores morais e espirituais, Ponta Grossa tem espelhado, nessas conjunturas, o verdadeiro esfôrço do seu povo, que repele quaisquer investidas tendentes a destruir êsse esplêndido patrimônio de justiça e de amor, de paz e de liberdade. E os anos decorridos outra coisa não têm feito senão confirmar e ampliar êsse trabalho de nossa gente.

Servindo de barricada contra os atentados que tenham por fim diminuir ou limitar os contornos dêsse ingente esfôrço comum, esta cidade, graças a Deus, jàmais deu provas de enfraquecimento nas suas campanhas. A cada embate, suas energias como que se retemperam e se renovam, para novos cometimentos no sentido do bem, anulando os tufões da imoralidade que se esforçam por extinguí-los.

Ainda agora, quando se engrossam e criam corpo essas fôrças dissolventes da corrupção e do aviltamento, nós vemos Ponta Grossa formando na primeira linha de combate, insurgindo-se, vigorosamente, contra os que não crêm nas construções do espírito. Contra os que não acreditam na poderosa fôrça moral dos que agem com a consciência e o coração.

Os filhos desta terra sabem que as suas obrigações crescem na medida do crescimento de Ponta Grossa.

E sabem, de outro lado, que a posição das cidades se apoia no trabalho de sua gente e se alimenta na dignidade do seu povo.

Vivemos dias de intranquilidade e angústias. A confusão e o desassossêgo se avolumam por tôda parte, e o mundo se desarvora e se desorienta, como se estivesse varando as escuridões sombrias de oceanos desconhecidos. Desordenadamente, todos se entregam à ázafama de desviar os perigos iminentes, contornando os abismos que nos ameaçam. Inquietos e insatisfeitos, os povos atritam, separam, confundem e perturbam, sobrenadando os baixios lodosos dêsse imenso mar de exaltações e violências, de cupidez e egoísmo, de negações e ausência de escrúpulos.

Ponta Grossa, contudo, marcha, tranquila, para os seus destinos, convencida de que, hoje mais do que on-

(Conclúi na página 2)

A Maior Vitória na Campanha de Canudos

(Do livro "A GENTE DA TERRA DE IBIRAPITANGA" — Capítulo 53º — Prudente de Morais). Autor: Major Murillo Teixeira Barros)

Um grave acontecimento, porém, veio perturbar a paz interna que reinava de pouco tempo: o caso de Canudos.

Nos sertões da Bahia, Antonio Conselheiro — um indivíduo desequilibrado, conseguiu empolgar grande parte da população do interior, fundando o arraial de Canudos, junto ao rio Vasa-Barris, situado em pleno coração do peior sertão baiano. Lendas e fantasias sôbre falsos milagres e fatos extraordinários empolgaram uma gente rústica, ignorante e cuja mentalidade tinha 200 anos de atraso. E os fanáticos de Antonio Conselheiro, pitorescamente denominados "jagunços", não tardaram a realizar excursões e tropelias pelos arredores, ameaçando cidades e alarmando as populações sertanejas.

Canudos tornou-se um valhacouto de bandidos e criminosos que, para lá acorriam, por encontrar segura proteção dispensada pelo profeta bronco, podiam viver livres da perseguição policial. E o seu desenvolvimento foi uma aberração social, constituindo um quadro sui generis, cujos fatores: clima, meio, circunstancias, idéias e formação — fornecem interessantíssimo estudo à Psicologia, Etnografia, História e Sociologia.

O fato de Antonio Conselheiro prègar contra a República fez derramar por todo o país uma onda jacobina de furor republicano e, para extirpar a aberração social, recorremos à peior de tôdas as soluções, transformando-a em um caso militar.

As condições especialíssimas da luta determinaram uma série de erros militares e humanos, caracterizando, em côres carregadas, a praxe nacional das imitações, que seriam risíveis se não fossem convertidas em dolorosas tragédias.

A Escola Militar era, nessa época, um centro cultural de valor. Os jovens oficiais, que dela saíam, conheciam Matemática, Filosofia, Sociologia e História. Mas nada sabiam de terreno, empregavam mal o armamento, não sabiam manobrar a tropa e pouco entendiam do funcionamento dos serviços. Em compensação, sabiam de côr os princípios de tática mais modernos e todos os artigos mais atualizados do Regulamento de Infantaria dos exércitos europeus.

Uma campanha militar está condicionada aos fatores: missão, inimigo, terreno e meios.

A missão consiste em destruir as fôrças inimigas, cortando suas fontes de suprimentos e impedindo que receba refôrços.

O inimigo é outro fator ponderável. Estudar suas possibilidades, o seu valor combativo, os seus métodos de ação e a sua capacidade de resistência, é o dever precípuo de todo chefe militar que não quer ser derrotado no primeiro combate.

O terreno deve ser considerado da maior ou menor reação à operação que deve ser executada.

E, finalmente, os meios consistem no emprêgo da tropa, tirando o máximo de rendimento do armamento, fazendo a manobra fogo e movimento e funcionando os serviços de abastecimento, de remuniciamento e de evacuações.

As tropas do exército, enviadas contra o arraial sedicioso, combatiam de acôrdo com os preceitos mais modernos da tática e, por isso, eram mal sucedidas. Os batalhões, em ordem cerrada, executavam perfeitos movimentos de ordem-unida, a toque de corneta, ostentando vistosos uniformes de túnica azul e calças vermelhas, e assim investiam contra as posições dos jagunços que, dispersos no terreno, fuzilavam, por trás de excelentes cobertas, os esplêndidos alvos formados pelas tropas legais. Havia, portanto, da parte dos chefes militares, a preocupação de cumprir o Regulamento de Infantaria mais atualizado, que não se adaptava ao caso, e desprezavam os outros fatores preponderantes e indispensáveis a uma bôa solução militar.

Os jagunços, com suas roupas adequadas ao meio e com um maravilhoso instinto de defesa, aproveitavam judiciosamente o terreno e tiravam excelente rendimento do armamento rudimentar, levando indiscutível vantagem sôbre os métodos clássicos, rígidos, inflexíveis e vulneráveis.

O fracasso da primeira expedição não serviu de lição e nem se procurou corrigir suas falhas para as expedições imediatas.

A segunda, embora tivesse repetido os mesmos erros da anterior, repeliu um ataque dos jagunços e teria tomado Canudos, se não fosse obrigada a retroceder por ter as suas munições esgotadas.

A terceira expedição, apesar de todo aparato bélico, foi chefiada por um semi-louco, cujo plano, no expressivo dizer de Euclides da Cunha, consistiu em meter 1.300 baionetas dentro de Canudos, o que não era decisão de um chefe militar e sim a de um delegado policial enérgico.

O seu desastre comoveu profundamente a alma nacional. A opinião pública, mal esclarecida pela imprensa, viu, no ruidoso insucesso do coronel Moreira César a ação insidiosa dos inimigos da República. E a multidão, exercendo ação vingadora, cometeu desatinos, praticando assassinatos, empastelando jornais monarquistas e fazendo outras violências.

E, finalmente, o govêrno mobilizou 18 mil homens e o Marechal Carlos Machado Bittencourt, ministro da guerra, transportou-se para Monte-Santo, base de operações, para dirigir a campanha. Não era um gênio militar e nem procurou nos compêndios uma solução clássica entre os melhores mestres da guerra.

Como discípulo de Caxias, aplicou a singela doutrina: "a guerra é ganha com os serviços". Na guerra do Paraguai, era tenente e viu o Patrono do Exército só os serviços estavam organizados e em pleno funcionamento. E fez a mesma cousa.

Cuidando de enviar comboios, com regularidade, o Marechal Bittencourt deu solução ao problema e viu Canudos, depois de heróica e desesperada resistência, cair, encerrando uma das páginas mais trágicas de nossa história.

Nessa luta inglória, porém, tivemos uma brilhante vitória que nenhuma guerra ainda obteve: um livro que orgulha a literatura brasileira: "Os Sertões" de Euclides da Cunha.

Foi na campanha de Canudos que o Brasil do litoral conheceu fundamente a existência de outro — o Brasil dos Sertões.

— "Antes de Canudos pode se dizer que a Nação era oficialmente constituída pelas cidades do litoral, as margens das estradas de ferro, as zonas de produção fácil — os brasileiros que liam jornais e votavam nos partidos do govêrno — a camada superficial da população que explorava a riqueza, constituía o corpo de funcionários e vivia de pequenos recursos. (1)

E Euclides da Cunha no seu "brado vingador", como sugestivamente denominava "Os Sertões", nos fez a estupenda revelação do nosso interior, tarefa gigantesca e dificílima que reclamava os concursos de — "um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista que sabe ver e descrever". (2)

E Euclides da Cunha foi tudo isso ao mesmo tempo, pois reunir uma inteligência brilhante e uma vastíssima cultura, conciliando qualidades complexas e antagônicas ao compor "o maior monumento da literatura nacional" e que seria o Evangelho do futuro do Brasil.

O problema decisivo dos destinos do Brasil consiste em integrar o interior na comunhão nacional.

A mudança da Capital Federal para o planalto central; o saneamento do São Francisco, com tôdas as obras complementares para o aproveitamento de Paulo Afonso; a organização da agricultura e da pecuária; a abertura de estradas, escolas e postos de higiene; e tudo que não se fez até agora em proveito das populações sertanejas, que vivem com 200 anos de atraso; são problemas que Euclides da Cunha pôs em equação e que, dentro de programas realizadores, reclamam estadistas de pulso e administradores de visão ampla que, trabalhando apoiados por uma opinião pública esclarecida, transformem o Brasil em uma terra de trabalho, fartura, paz e liberdade.

Murillo Teixeira Barros

2 de julho de 1952.

Bibliografia

(1) Silvio Rabelo — "Euclides da Cunha".

(2) José Veríssimo — "Estudos de Literatura" (Transcrição de Sílvio Rabelo).

Euclides da Cunha

MESQUITA NETO
(Intelectual do Espírito Santo) — —

Preferimos ler o que outros escrevem, têm escrito sôbre Euclides da Cunha, a escrever, e sòmente agora, pela primeira vez, nos aventuramos a fazê-lo, menos para estudar-lhe a vida e a obra, que têm sido estudadas por amigos, cultores e admiradores, do que para algumas referências à sua personalidade multiforme, ao seu patriotismo acendrado, à sua grandeza moral, como homenagem à memória daquela inteligência prodigiosa que se apagou há 43 anos, no dia 15 de agôsto de 1909.

Comemora-se, no momento, no país, a semana de Euclides da Cunha. Associações culturais, entidades e pessôas que sabem reconhecer os méritos das grandes figuras humanas, estão sempre atentas às datas mais significativas de cada uma delas para render-lhes culto.

Euclides da Cunha é um deus das letras nacionais e, como tal, possui altares numerosos em grêmios e corações, pelo Brasil inteiro, a exemplo de Castro Alves, Ruy Barbosa, Machado de Assis, Rio Branco e outros.

Euclides era um espírito cheio de contrastes, inconformado consigo, com todos e com tudo, ora resoluto, ora desanimado, às vezes encontrava caminhos abertos a todos os seus planos e aspirações, mas, de momento, cerravam-se os horizontes e êle se sentia desorientado, perdido, sem rumo.

Engenheiro por necessidade, detestava a profissão que exercia sòmente pela obrigação de trabalhar, pois era pobre. "Mas, em São Paulo, não encontrou Euclides a tranquilidade por que tanto ambicionava. Nem a profissão que ia então encetar, nem os amigos que certamente iria fazer e nem mesmo o ambiente doméstico, lhe dariam a tranquilidade que nunca teve em menino nem em nenhuma época da vida.

A princípio, Euclides permaneceu na fazenda do pai, em Belém-do-Descalvado, plantando e colhendo café. "Eu levo aqui vida trabalhosa de roceiro — escreveu a João Luiz Alves — felizmente a agitação exclusivamente muscular em que vivo, deixa-me o cérebro adormecido, numa grande e benéfica inconciência do que vai pela nossa terra". Algum tempo depois, êle se cansaria da vida roceira e voltaria às suas funções de funcionário público, na Superintendência de Obras de São Paulo. "Por aí já vês que a minha atividade intelectual agora converge tôda para os livros práticos — deixando provisòriamente de lado os filósofos, o Comte, o Spencer, o Huxley — magníficos amigos por certo, mas que afinal não nos ajudam eficazmente a atravessar esta vida cheia de tropeços..." Entretanto, Euclides não deixaria, nem definitiva nem provisòriamente os seus filósofos. Mesmo em viagens de fiscalização pelo interior do Estado, êle tinha um jeito de levar consigo um livro da sua predileção: o seu Buckle ou o seu Carlyle. Também, durante mais de um ano, hesitaria entre o funcionalismo e a atividade agrícola. Êle não sabia bem a que aspirar. Muitas vezes deixava o remanso da fazenda do pai, certo de que não poderia suportar por muito tempo a insipidez do campo. Mas na cidade, fôsse São Paulo, fôsse Lorena ou Santos, no seu trabalho de engenharia, êle estava constantemente a lamentar-se, já com saudades da fazenda. "Não sei quando realizarei o ideal de viver na roça, numa cidade pequena, com um círculo pequeno de amigos, estudando e trabalhando, sendo mais útil à nossa terra" — escrevia ao seu amigo, de Campanha. Apesar de tôdas as suas lamentações, onde menos se aborrecia Euclides era nas suas viagens a serviço da Repartição de Obras. Ao menos satisfazia a sua tendência para a variedade, para o imprevisto e para a aventura". — "Euclides da Cunha", de Sílvio Rabelo.

"Oliveira Lima não conhecia Euclides, nem o homem nem o escritor, quando certa vez, veraneando perto do vulcão Asaiama, no Japão, recebera da Livraria Laemmert um exemplar de "Os Sertões". É Oliveira Lima mesmo quem conta as impressões da leitura dêste livro, em artigo de jornal. "Li-o, não de um trago, mas de muitos tragos, porque não é muito fácil a absorção daquele licor acre e inebriante. Não sei se influindo a sugestão do meio, achei o livro vulcânico, isto é, impetuoso e explosivo: interessante, porém, e sugestivo ao extremo. Pareceu-me uma verdadeira revelação literária, a mais notável que eu jàmais presenciara em minha terra". (Ibidem).

José Maria Belo, por sua vez diz: "Não há em tôda a literatura brasileira uma obra mais forte e que maior emoção tivesse despertado".

Euclides nasceu a 20 de janeiro de 1866 em Santa Rita do Rio Negro, município de Cantagalo. Em 1892, na Escola da Praia Vermelha, diplomava-se em engenharia militar. Em 1893, em consequência de malentendidos provocados pelos artigos que publicava na "Gazeta de Notícias", deixou o Exército. Em 1897, seguiu para Canudos, como correspondente do "Estado de São Paulo". Os trabalhos dêsse tempo é que constituiram "Os Sertões", sua primeira obra, publicada em 1902. De 1907 são "Contrastes e Confrontos" e "Perú versus Bolívia", que não desmentiram o vigor da primeira manifestação, de 1902. Em 1908, dava-nos "Martim Garcia". "A Margem da História", também notável realização de seu talento, é obra póstuma.

Os estudiosos das grandes questões políticas, sociais e econômicas do Brasil conhecem-lhe a vida e a obra inteira, como lêem trabalhos diversos e ensaios numerosos que surgem a seu respeito.

Os que estudam se familiarizam com o autor de "Os Sertões" desde os bancos escolares, pois os livros didáticos transcrevem os trechos mais fortes, mais belos do maior livro já escrito no país.

No dia 15 dêste transcorrerá mais um aniversário de sua morte, remate cruel, é verdade, a uma vida atribulada mas gloriosa pelo valor espiritual, pela dignidade, que Euclides da Cunha foi sobretudo um homem de caráter, e os homens de caráter e vergonha merecem tôdas as homenagens porque êsses dons morais são raros. Euclides teve-os sublimados, como superiores foram sua inteligência, talento e cultura.

Sua obra resistirá ao tempo porque os problemas e propósitos que a motivaram continuam atuais, insolúveis aquêles, bem intencionados êstes.

Honra, pois, à memória de quem, tendo vivido sôbre espinhos, produziu tantas flôres e frutos de valor inestimável!

O Culto de Euclides

FRANCISCO PATI

Como vem acontecendo últimamente, não poderei tomar parte, êste ano, em São José do Rio Pardo, nas comemorações euclidianas, à frente das quais se encontram os meus amigos, drs. Almeida Magalhães e Osvaldo Galotti.

Numa das palestras que realizei na União Cultural Brasil-Estados Unidos, no ano passado, sôbre "Os Sertões", tive ocasião de reivindicar para São José o título de "Fidelíssima". Não há outro exemplo no Brasil e na América de cidade mais devotada à memória de um homem e ao culto de um livro. Campinas é o bêrço de Carlos Gomes e não me consta sejam ali executadas todos os anos as óperas do grande Toniquinho. Nesta capital tem nascido uma porção de gente ilustre, inclusive o poeta Alvares de Azevedo, um dos maiores do Brasil. Nem as comemorações do primeiro centenário do nascimento do lírico de "Se eu morresse amanhã" tiveram proporções condignas!

S. José edifica, empolga e comove. Já agora não se pode dizer seja o "euclidianismo" da cidade obra de dois ou três homens: os já citados Almeida Magalhães e Osvaldo Galotti e outros. Almeida Magalhães, presidente da "Casa de Euclides", mora hoje em São Paulo. Em seu lugar ficou o dr. Galotti. No dia em que êste ilustre médico e homem de letras se mudar de São José, o culto continuará inalterável. Cada habitante da cidade tem interêsse em conservar acesa a chama do euclidianismo. Honório de Sylos mora em São Paulo e é no entanto um dos mais fieis incentivadores da obra que a formosa e progressista cidade paulista realiza, em louvor dos "Sertões" e de seu autor.

Eu não sou de São José. Pois bem, se dependesse de mim as comemorações de 15 de agôsto contariam obrigatòriamente com o patrocínio de tôdas as instituições culturais ou simplesmente pedagógicas do Estado e do Brasil.

Registro, em verdade, uma idéia. Deveria o govêrno de São Paulo associar às festas de Euclides na cidade mogiana tôdas as cidades do Estado. Seria o caso de se sortear anualmente representantes de tôdas as cidades paulistas às comemorações euclidianas de São José do Rio Pardo. A cada um dêsses representantes entregaria a "Casa de Euclides" um diploma ou talvez um simples certificado de presença. Assim como há gente que se orgulha de ter participado em São Roque da "festa do vinho", em Jundiaí da "festa da uva", ou da "festa do pêssego", ou, ainda, da "festa do morango", nós nos orgulharíamos de possuir um atestado do nosso comparecimento às festas de Euclides em São José. Seria um atestado de exemplar comportamento... literário.

São José, segundo o tenho dito tantas vezes, é, na história das cidades americanas e mesmo européias, caso virgem.

Verona, na Itália, ao que informam turistas, continua a exibir o balcão de Julieta; Florença exibe a casa de Dante; em Bolonha havia, antes da segunda conflagração universal, uma placa de bronze na casa onde Byron e a condessa Guiccioli se amaram; em Paris há uma placa recente na casa de Neuilly onde faleceu Eça de Queiroz; no Rio de Janeiro temos a "Casa de Rui Barbosa", aos cuidados do dr. Lacombe; em Niteroi existe a "Casa de Antonio Parreiras"; aqui na capital mostramos a casa do Barão de Ramalho, na rua da Consolação, em frente ao cine "Odeon"; em Amparo, na minha infância, havia a "Biblioteca Carlos Ferreira", em lembrança do poeta gaúcho das "Rosas Loucas", amigo e companheiro de Castro Alves numa "república" do largo de São Francisco. Cidade que guarde o culto de um livro só existe no mundo São José do Rio Pardo!

Na Grécia sete cidades disputavam a honra de terem servido de bêrço a Homero. Nenhuma, todavia, se preocupava a bem dizer com a "Odisséia" nem com a "Ilíada".

As festas euclidianas do ano em curso têm uma significação especialíssima. Como os leitores não ignoram, completar-se-á em dezembro próximo o primeiro cincoentenário da publicação dos "Sertões" pelo velho Laemmert. Na bibliografia organizada por Francisco Venancio Filho encontra-se isto: "Os Sertões" (Campanha de Canudos) — 1a. ed. — Rio de Janeiro, Laemmert & Cia., dezembro de 1902 — 1 vol. com VII e 632 págs., 4 mapas e 4 gravuras — Contém um prefácio e está dividido em 7 partes: A terra, etc." Já em junho do ano seguinte publicava o mesmo editor uma segunda edição, com notas e índice. Em 905 a terceira.

Depois da terceira edição houve um intervalo grande: seis anos. Entre a 5a. e a 6a. foi maior o intervalo: 9 anos. Daí por diante as reedições se sucedem com maior frequência. Hoje é um livro que não dá prejuizo ao editor. A segunda edição, publicada em 1903, foi, pelo autor, vendida ao Laemmert por um conto e seiscentos, menos de trezentos réis (moeda da época) por página!

— x x x —

Cincoentenário...

(Conclusão da página 16)

gota a gota nas lágrimas vertidas (192)

na praxe costumeira das tocaias (465)
revidava de longe entre ciladas (466))

o rancor longamente acumulado
exigia revides fulminantes (451)

um foguetão ascendia rechiando
feito um rasgão no firmamento escuro (472)

companheiros que a morte libertara (482)
exaustos, pelas curvas do caminho (483)

aquela pertinácia formidável
de sua resistência inconcebível (471)

os filhos pequeninos, arrastados,
— crianças engelhadas como fetos (522)

longas barbas descendo pelo peito, (178)
resignado, estoico, inflexível (442)

plena manhã esplendorosa e ardente
quando o nordeste atrita rijamente (315)

num repentino deflagrar de tiros
revezavam soldados ofegantes
dentre as moitas esparsas, aprumados (269)

Fiquemos por aquí nessa colheita que já vai longe. Parece-nos que a coletânea aí publicada constitue farto material para um estudo sério sôbre os grandes dotes de um poeta que se escondeu na prosa euclidiana. Faltam as rimas e a sequência ou continuidade dos versos; mas, diz Aragon, "é na beleza do que escreve que o poeta se faz insubstituivel". Repito: aí ficam uns apontamentos para um estudo mais amplo. Eu porém tenho que me limitar a registrar o fato, como simples copista, deixando aos especialistas — professores de português e de literatura — a tarefa de estudar e interpretar o fenômeno.

Valendo-me das próprias palavras modestas de Euclides, excuso-me porque
"faltaram-me, do mesmo passo, tempo e competência" (11) para o trabalho completo. Principalmente competência, no meu caso.

Guaraparí, 3 de Janeiro de 1952.

J. LEÃO BORGES

NOTAS:

(1) Francisco Venancio Filho — "Euclydes da Cunha a seus amigos" vol. 142 da col. "Brasileira". — 1938, págs. 76.

(2) id., ibid., pág. 78 — 9.

(3) Afranio Peixoto. — "Literatura Brasileira", pág. 190.

(4) "Por protesto e adoração", — Rio, 1919 (edição do Gremio Euclydes da Cunha).

(5) Gilberto Freyre — Introdução a "Canudos" (Rio, 1939 — José Olympio Editora, pág. VII, XI).

(6) Afranio Peixoto: "Poeira da Estrada" 2ª. ed., Rio, 1921, págs. 45 — 76).

(7) id. ibid., págs. 31 e 36.

(8) Aragon — "Crônicas do Bel-canto" in "Temário", n. 3, pág. 60.

(9) Euclides da Cunha — "Os Sertões", 12ª. ed., Rio, 1933, pág. 547).

(10) "Paixão de N. S. Jesus Christo escripta com versos de Virgilio "pelo Padre Pietro Angelo Spera. (Tradução: Rio — 1884).

(11) E. da Cunha. — Os Sertões, pág. 112.

— x x x —

Folklore do Paraná

(FANDANGO DE GUARATUBA)

Por MARIZA LIRA

Há uma forma de fandango, em Guaratuba, chamado do "Rincão Pequeno". Na fase da chimarrita os instrumentais cantam "a porfia" ou seja o desafio.

Permitam-me apresentar-lhes os dois cantadores que vão "porfiar" por um copo de cachaça: Zé Barata, violeiro, caboclo; Ricardo Chico, homem do prato e do pandeiro, negro.

Vai ter início a porfia em tôrno da questão da côr da pele.

Zé Barata joga os cumprimentos:

Meu sinhô dono da casa,
Desculpe a minha esperteza,
Mas cantadô sem cachaça,
Não pode fazer grandeza.

O negro retruca permethico:

Eu não sei porque o caboclo
Quando não bebe chachaça
É capaz de ficar louco
Que nem corvo na fumaça.

O caboclo não se agasta:

Caboclo bebe cachaça
Bebendo se cria e cresce
Triste do negro no mundo
Que nem cachaça conhece.

A porfia continúa numa troca de críticas mais ou menos acêrbas até que é lançado pelo caboclo o último ridículo:

Onde é que o negro algum dia
Mete o caboclo no saco?
Caboclo é raça de gente
Negro é raça de macaco.

Mas o negro ainda censura:

O negro não sendo nada
Ao menos é obediente
O caboclo até cantando
Quer se fazer de valente.

E encerram a porfia cantando ambos:

Com êste copo na mão
Uma saúde vou fazer
Quem não vier no fandango
De peste há-de morrer.

Há várias formas de "porfias", mas, ao contrário do desafio, raramente há agressão. Aliás, um característico notável: o paranaense não é rixento.

— x x x —

América

! AMERICA INMORTAL, TIERRA de encanto
dónde plasma su sueño el idealista,
AMERICA qué inspiras al artista
y luchas por EL BIEN sin un quebranto,

PATRIA MIA qué siempre quise tanto
al admirar tu espíritu altruista,
con amor inflamado nativista
en líricas estrofas, yo te canto!

Subyuga la pureza de tus cielos
porque tienen eterna luz de gloria
inundando su bella inmensidad.

! PATRIA MIA de mil loables anhelos
marcando firmes rumbos en LA HISTORIA:
TU NOMBRE significa LIBERTAD!

Juan R. Buschiazzo Bordone

Montevideo, Rep. Oriental del Paraguay, 1950.

— x x x —

Poema de Elogio a Euclides

(Especial para "Tapejara")

A memória de EUCLIDES DA CUNHA

Teu nome vive
e o teu valor existe
na expressão eterna das tuas atitudes.

Que melhor testemunho
a marcar a tua presença
do que a mensagem
que ficou
a enaltecer
cada vez mais
a tua existência.

Enquanto existir na terra
o amor pela terra
e o frescor das fontes...

Enquanto existir no mundo o mundo,
Ou mesmo até ao fim do mundo
(se o mundo algum dia findar)
tua fama existirá para tua glória
e do teu povo.

E podes crer,
seja como for,
(acabe ou não acabe o mundo)
o teu nome,
cheio de brilho e de louvor,
ficará de novo
a lembrar ao povo
o nome do teu povo.

MÁRIO MOTA

Inédito — Lisboa, 20 de julho de 1952.

— x x x —

ÓRGÃO DO
CENTRO CULTURAL
'Euclides da Cunha'

Tapejara

IMPRESSO NA
GRÁFICA
Montes & Pereira

Diretor
FARIS ANTONIO S. MICHAELE

Secretário
DAILY LUIZ WAMBIER

Redatores:
JOÃO ALVES PEREIRA e
ROLANDO GUZZONI

ANO III | ** | PONTA GROSSA, MAIO DE 1953. | ** | N.º 10

Puraukeçaua Maranguaua Opanaíma Tenhên

ARARY SOUTO

De fato, "o trabalho é uma luta sem fim". Vencem-no os fortes, aquêles que desprezam o lado material das coisas e se entregam, espiritualmente, ao afã de incentivar a cultura, espalhando-a pelo universo em proveito da humanidade. Dentre ela destaca-se a do índio, o legítimo dono da raça, o propulsor das maiores mentalidades que o Brasil possuiu e ainda possue.

O criador do nosso caboclo é olhado, hoje, com o carinho e o respeito de que se fez merecedor e para êle os homens cultos voltaram a sua atenção, amparando-o e difundindo o seu idioma e os seus costumes. Foi criado, em Mato Grosso, um vastíssimo Parque Indígena, propriedade indissolúvel do índio brasileiro, iniciativa essa de ilustres patrícios da terra dos "chavantes", "caiuás", "terenos", "guaranís", "carajás", "guaicurús" e outros. Sim, o matogrossense sempre dispensou carinho e amor ao índio. O General Cândido Mariano Rondon, para nós, que vimos de perto a sua obra em benefício dos seus antepassados, os índios, é a aroeira que o tempo não corroerá porque já a tornou cerne. É o caboclo impoluto que sacrifica a sua existência em holocausto ao seu irmão índio. E como êle, outros surgiram e se entregaram de corpo e alma em favor da sublime causa do índio. Faris Antonio S. Michaele, nome sobejamente conhecido pela sua probidade, pela sua cultura e pelo seu amor aos assuntos indianistas, tornou-se o difusor e o incentivador dos mesmos, traduzindo-os em letras pelos seus acurados conhecimentos do "nhêengatu", do legítimo idioma brasileiro que é o tupi-guaraní. A propósito e patenteando a extensão de mencionados conhecimentos, Faris A. S. Michaele recebeu, recentemente, a carta que abaixo transcrevemos, sendo seu autor o ilustre matogrossense e escritor de renome, Hélio Serejo, outro indianista que surgia, arregimentando-se aos outros com a finalidade altruística de preservar, infinitamente, o tradicional direito dos verdadeiros donos do imenso solo pátrio, os índios brasileiros.

São Paulo, 11 de Junho de 1952.

Meu distinto patrício Prof. Faris Antonio S. Michaele.

Acabo de ler o seu precioso livro "Manual de Conversação da Língua Tupí", vindo à luz em tão boa hora, pois é sabido por todos que muitas nações, nestes dias tormentosos, estão se interessando, vivamente, pelo ensino do idioma cativante dos nossos maiores.

Conhecendo, superficialmente, a lingua Guaraní, uma vez que nasci e me criei na fronteira, pude saborear, em parte, a sua magnífica obra que possue, é de justiça que se diga, o sabor agradável da pitanga brava amadurecida com as primeiras chuvas de setembro. Foi para mim prazer intraduzível receber êsse livrinho precioso, em cujas páginas, logo à primeira vista, ressaltam os vastos conhecimentos linguísticos do autor.

O seu livro, meu caríssimo Prof. Michaele, pela beleza da forma e pelo sentido humano das argumentações, é uma autêntica jóia. Jóia magnífica, de fulguran-

(Conclui na pág. 18)

OTIMISMO

Daily Luiz Wambier

Há quem diga que eu carrego no pincel, exageradamente, quando procuro fazer o esbôço do atual panorama brasileiro, no que tange à sua sociedade, administração pública, família, política, religião, ensino, etc., como a dizer que encaro a vida e o mundo de hoje com pessimismo ou sob ângulos escuros demais.

É claro que eu gostaria de me utilizar de outras tintas — a azul ou rosa, por exemplo — para pintar isso que aí está, rotulado de Civilização Cristã. Não pode ser, entretanto. Por maior boa vontade que eu tenha, por mais tolerante e compreensivo que eu seja, não posso me calar nem tenho coragem de silenciar ante o acanalhamento quase geral, em face da profunda decadência que qualquer indivíduo poderá observar, desde que o faça em atitude serena e criteriosa, apreciando tudo com absoluta isenção de ânimo.

Primeiro, até há poucos anos, apenas alguns órgãos do organismo nacional se apresentavam com sinais evidentes de gangrena. Hoje, desgraçadamente, é êsse organismo que deixa mostrar, à evidência, as marcas visíveis da necrose que se está generalizando de modo alarmante.

Os poucos que me contradizem, fantasiados de anjos de inocência, fazem me lembrar a história daquele homem que dizia não estar acometido de lepra. O seu mal era o de Hansen. Nem por isso, contudo, o morfético conseguia alterar suas feições intumescidas nem esconder as chagas virulentas denunciadoras da terrível moléstia.

O mais estranhável de tudo, no entanto, está no volume cada vez maior das pessoas que correm, pressurosas, aos templos religiosos, como a quererem demonstrar, aos outros, que a virtude maior — a crença e o respeito às glórias espirituais — ainda é uma chama bem viva a crepitar no recôndito de sua alma.

O Brasil também está cheio de gente que vive a proclamar a necessidade de se elevarem os padrões morais dos indivíduos, reconhecendo, de outro lado, a veracidade do que um político declarou: que estamos caminhando para o abismo de tôdas as decadências.

Contudo, nada de concreto se faz e muito pouco de objetivo se obtém, porque a maioria dessas pessoas, senão mesmo a sua quase totalidade, o que deseja é construir, em tôrno de si, a muralha com que pretende tapar as suas mazelas e disfarçar as suas tremendas vergonheiras.

Não é possível que alguém exemplifique apenas com palavras de conteúdo muito vago ou com atitudes de simples aparência.

Ninguém acredita na sinceridade religiosa do Antônio, que comparece aos cultos da sua crença com o pensamento inteiramente ocupado com os motivos que lhe poderiam propiciar ensêjo para lograr o seu sócio, para furtar os outros, para conspurcar o lar do seu "melhor e mais querido amigo".

Ninguém acredita nas palavras dêsses tartufos que vivem a apregoar falsas virtudes para, com mais certeza e eficiência, assenhorear-se da propriedade alheia, com passes de mágica que envergonhariam o próprio demônio, se acaso êle tivesse a coragem de vir para cá, na Terra, competir com os homens.

Ninguém acredita nessas pessoas que esqueceram mulher e filhos, com o único fim de conseguir maiores gozos mundanos e amontoar mais riquezas materiais.

Ninguém acredita, ainda, nêsses hipócritas que vivem a anunciar, aos quatro ventos, uma honestidade e dignidade nas quais são os primeiros a não crer.

Ninguém acredita, finalmente, em quem não sabe renunciar, em quem não possui espírito de sacrifício, em quem não olha o seu semelhante, seja êle quem fôr, como um seu igual, mas como uma fonte que poderá ser explorada em seu próprio proveito.

É claro que existem as exceções. Não fôssem elas as clássicas honrosas exceções...

Em regra, porém, o homem é êsse aglomerado de coisas más que o tornam perigosíssimo, que o transformam num verdadeiro ajuntamento de tôdas as ruindades que se possa imaginar.

O pior é que ninguém vê perspectiva de dias melhores. Não se vislumbra coisa alguma, num futuro próximo ou distante mesmo, de que a situação venha a sofrer as alterações que se impõem, antes que tudo acabe sendo engolido pelo abismo de tôdas as decadências a que se referiu o Snr. Danton Coelho.

Pode-se, assim, em sã consciência, usar outras côres menos escuras para pincelar o panorama de hoje?

Eu acho que não.

Se você, leitor, acha que sim, eu o cumprimento com respeito e lhe dirijo estas palavras: porfie no caminho otimista e, por favor, me forneça um pouco dêsse otimismo tão necessário para os que, como eu, têm a certeza de que o homem não veio à Terra para ser o que é.

"TINGUIANAS"

e o sentido de uma vocação

O espírito regionalista, para certa gente, não passa de coisa anacrônica e insuportável.

Alegam, êsses supra-modernos, que o próprio nacionalismo já se está tornando insípido, visto não mais haver lugar para distinções entre os povos, neste incrivel um mundo só dos aviões a jato e da bomba atômica.

Teòricamente, tudo estaria certo, não fôsse, porém, a incoerência que se nos depara, a um ligeiro exame do que, desavisadamente, importamos dos outros países.

Tomando como ilustração o modernismo internacional de Hollywood, por exemplo, podemos afirmar que, apesar das aparências, não deixa, o mesmo, de trair a origem genuinamente americana e regional, pois que, em última análise, o que impõe ou sugere é uma filosofia da vida tipicamente nacionalista, da América Saxônica.

E assim, os demais produtos de infiltração de outras proveniências. Em tudo, sempre vamos descobrir a vontade soberana de fôrças desagregadoras, a expandir-se para além das respectivas fronteiras étnicas, à procura de benévola receptividade em povos de quase nenhuma conciência telúrica.

Donde, portanto, a confusão entre moderno e estrangeiro, internacional e humano, divulgação superficial e conhecimento científico, democracia como salvação universal e anarquia como viveiro de sacripantas e renegados.

Deante disso, que valor poderá ter uma genuina expressão de viço e originalidade regional, em qualquer setor da cultura, num país como o Brasil, se a própria mocidade nova ou novíssima prefere, ao seu, o padrão cultural de outras latitudes?

Estas e outras considerações nos afluem ao cérebro, ao tomarmos contato com a obra, recém-publicada e já vitoriosa, de Mestre Valfrido Piloto: "Tinguianas".

Dizemos já vitoriosa, porque, em suas cento e poucas páginas, parece estar contido o que de mais belo, compreensivo e fundamental se possa imaginar, como expressão de uma identidade absoluta entre o agente intelectual e o mundo natural que o rodeia, com seus elementos inconfundíveis, já humanos, já paisagísticos, o que, sem dúvida, lhe vem conferir a auréola da consagração geral.

Como quer que o analisemos, apresenta o referido livro uma auto-ciência dos nossos valores e das nossas possibilidades, rara de encontrar em autores dos nossos dias, porque, na profusa sentimentalidade do homem de letras, a própria realidade majestática da terra araucariana parece vibrar, em essência imutável, para entoar um hino de estranha e colorida experiência telúrica, apenas vislumbrada por espíritos outros.

E tudo aí se agita, e avulta, e extasia, e esmaga, como em sobrehumana visão onírica, de que jàmais nos olvidássemos.

Um após um, lá se sucedem os quadros, numa afirmação eloquente de que nem tudo está perdido, muito menos o desplante, a hombridade, a nobreza de saber ser.

Começando em "19 de Dezembro" e rematando com "Curitiba, a espiritualíssima", com passagem demorada pela poesia, história, pintura, humanidades e problemas sociais, o Dr. Valfrido Piloto realiza o milagre de envolver, em precioso esbôço de composição crítica, mil e um aspectos da vida da terra de Guairacá, hoje ponto alto das cogitações nacionais.

A esta altura, não nos podemos furtar ao dever de mencionar, profundamente sensibilizados, as palavras de vivo encorajamento e imerecido penhor de amizade com que o autor se dirige à atual geração pontagrossense, para êle, verdadeiro modêlo de capacidade e idealismo.

Num estilo límpido, dinâmico, sugestivo e cheio de sadios propósitos, característica, aliás, de todos os seus escritos, o Dr. Valfrido nos comove às lágrimas, num ponto, para fazer-nos o deleite espiritual, noutro além.

Grande em tudo, portanto, o seu interessante "Tinguianas".

E destas colunas de combate do núcleo jagunço de Pitanguí, que lhe cheguem, sinceras e cordiais, as expressões de nossa admiração crescente e profundo reconhecimento.

O Curitibano Histórico

Herbert Munhoz van Erven

Foi, como ninguém ignora, o litoral paranaense — cerca de meio século após a descoberta do Brasil — povoado por levas de portuguêses oriundas de Cananéa e São Vicente. Chegaram êles, pelo rio Nhundiaquara e por estreitos carreiros, a Morretes, estendendo-se até a raiz da imponente serra do Mar. Galgaram-na, depois, superando dificuldades inauditas, atingindo o primeiro planalto curitibano. Rocha Pombo, um dos três maiores historiadores brasileiros, observa: "Enquanto se faziam lentamente estas penetrações pela marinha, outros aventureiros entravam pelo norte. Os colonos de S. Vicente começaram a entrar, principalmente rumo do sul, por meados do século XVI. E assim se foi conhecendo a zona dos Campos Gerais, por onde é provável que com as vicentistas se pusessem logo em concorrência os aventureiros que de Paranaguá chegavam ao planalto de Curitiba e iam avançando para oeste. Como se sabe, nos primeiros tempos (desde os meados do século XVI) eram os jesuítas, no entusiasmo de sua função, pioneiros mais abnegados e audaciosos na avançada sôbre os sertões". (R. P. — "História do Paraná", 1930).

Povoava-se ao mesmo tempo, ainda que de modo escasso, o extremo oeste do território, descoberto — até o Paraguai — pelos portuguêses Aleixo Garcia e dom Gonçalo da Costa, em 1525, se não há engano.

Castelhanos, acompanhando dom Alvaro Nunes Cabeza de Vaca, adelantado de Assunção, seguindo pelos sertões, do Atlântico ao Paraná, chegaram às barrancas do rio, em 1541. Treze grandes reduções jesuíticas constituiram, mais tarde, naquela região, a provincia indo-cristã de Guaíra.

Estendia-se entre os dois núcleos de população ibérica, a oriental e a ocidental, separando-os, a verde ondulado dos incomensuráveis campos iluminados intensamente pelo sol planaltino ou a meia-luz da catedral imensa dos pinheirais, com milhões de cúpulas formadas pelos guarda-sóis gigantescos, encimando hercúleos troncos da "araucáriabrasiliensis".

x x x

O "curitibano" (sinônimo histórico do atual paranaense) possuia, uma centúria depois da sua fixação ao solo, personalidade bem definida. Romário Martins, o inegualável estudioso do pretérito paranaense, falecido em 10 de setembro de 1948, documenta perfeitamente a assertiva. Diz o grande historiador: "O curitibano — designação geral do habitante da comarca paulista de Curitiba — constitui um tipo étnico diferente dos demais grupos de povoadores da capitania de S. Paulo.
k) — Nomear o Orador Oficial, Terinador, Capi-
Esse fato foi notado pelo governador D. Luís Antonio Ayres de Cazal, Saint Hilaire e outros. D. Luís, em 1770, achou que essa "gente de Curitiba" era semelhante ao índio nos costumes, habituada ao uso do cavalo, audaciosas nas suas emprêsas sertanistas e "propensa a desertar para o lado dos castelhanos por seu mui parecida com êstes."

A prosódia paranaense conserva muito dessa influência. O emprêgo do você e outros elementos idiomáticos sustentam firmemente a tese.

Curitiba era um importante centro de recrutamento no Brasil colonial e no primeiro império, dadas as características guerreiras e o feitio moral de sua gente. Eram, frequentemente, drenados os elementos mais aventureiros para as bandeiras e campanhas militares. Não retornava a maioria dêles, sendo essa uma das causas, por certo, de não possuir a cidade de Curitiba, na atualidade, pelo menos o dôbro do número de habitantes: 320.000 em vez de 160.000, sucedendo o mesmo com outras cidades da Comarca.

Recorda ainda hoje Curitibanos, em Santa Catarina, na clareza toponímica, o deslocamento da população para o sul.

Permaneciam em Nossa Senhora da Luz dos Pinhais (nome de Curitiba nos primórdios) portuguêses natos, "sem cruza ameríndia", atraídos pela mineração. Curitiba é ainda distrito aurífero.

Refere, em 1820, Saint'Hilaire, tão bem traduzido pelo historiador Davi Carneiro, não ter conhecido em nenhuma parte do Brasil tantos homens verdadeiramente brancos como no distrito de Curitiba.

Impressionou-o bem a singeleza e a hospitalidade do curitibano: "Desde que cheguei ao Brasil, não fui melhor recebido em parte alguma."

x x x

Falámos, por exigência sistematizadora, sucintamente embora, do português e do espanhol. O "curitibano", primeira etnia obtida nos 3 planaltos, ficou ligeiramente mencionado. Relacionemos, pela mesma exigência e com a concisão que nos for possível ter, o elemento caldeiador.

Eram do numeroso grupo tupí as tribus que dominavam as terras regadas pelos rios Paranapanema, Paraná, Tibagí, e Iguaçú.

Os indígenas encontrados pelos lusos, no litoral, eram carijós. Hans Staden havia entrado em contacto com tupiniquins em Guaraquessaba, as quais atribue a impressão que dêle tiveram: "o meu almôço vem andando"...

O planalto curitibano era habitado pelos tinguís ("tin"-nariz; "gui"-afilado — segundo R. Martins).

Moravam em buracos abertos no campo, certamente para abrigarem-se do frio. Chamavam-nos os espanhoes mbiazais. Não hostilizavam o homem branco.

Telêmaco Borba, autor de "Atualidades Indígenas", observador direto em muitos anos do sertanismo e muita pesquisa etnográfica, deixou-nos valiosos subsídios de indiologia.

Entrou na obtenção do curitibano histórico, fartamente, o sangue índio dos grupos crên (Martius) ou caiapó (von der Stein), mòrmente caingangs (cain: mato, gang: homem), camés, votcoões, rucrês, curutons, etc. O grupo gê pouco deve ter influído, dada a hostilidade e antiguidade ("homem dos sambaquís", pré-histórico).

Foi, sem dúvida, o grupo tupí, através das tribus carijós e tinguí, o grande elemento autóctone na formação do curitibano histórico.

x x x

«Os Sertões», de Euclides da Cunha

(ESBÔÇO CRITICO)

Considero Euclides da Cunha um dos maiores estilistas da literatura brasileira. Sem imitar e sem apresentar influência de qualquer outro escritor, Euclides tem um vigor de estilo e um colorido de cena que o podem colocar entre os melhores do mundo.

Onde o autor d'**Os Sertões** é admirável é no trágico das descrições. Apenas êle só pode ser excedido pela **Eneida** de Virgílio, ao descrever o assalto do palácio do rei Priamo de Tróia, descrição essa que coloca o grande clássico muito acima de qualquer escritor antigo ou moderno.

Vejamos o vigor de estilo neste trecho d'**Os Sertões**:- "A igreja sinistra bojava em relêvo sôbre a casaria em ruinas e, impávida ante as balas que sôbre ela convergiam, viam-se, no esplendor fugaz das fuzilarias, deslisando pelas paredes e entulhos, subindo pelas tôrres derrocadas, ou caindo sôbre elas abaixo, de borco, presos aos blocos desjungidos, como titans fulminados, vistos de relance num coruscar de raios, aqueles rudes patrícios indomáveis".

Aqui sobressái a beleza do estilo, mas é no trágico que Euclides se iguálha a Dante, na morte de Ugolino na tôrre da fome, ou então a Dostoiewski, no banho dos forçados, em "Recordação da Casa dos Mortos".

Vejamos como êle descreve o último assalto a Canudos com o vigor de expressão de um trágico inexcedível: "Adeante atordoava a assonância indescritível de gritos, choros e imprecações, refletindo, ao mesmo passo, o espanto, a dor, o exaspêro, é a cólera da multidão torturada que rugia e chorava. Via-se indistinto, entre os lumaréus, um convulsivo prevagar de sombras. Mulheres fugindo dos habitáculos em fogo, carregando ou arrastando crianças, entranhando-se às carreiras, no mais fundo do casario; vultos desorientados fugindo ao acaso para tôda a banda; vultos escabujando por terra, vestes presas das chamas, ardendo; corpos esturrados, extorcidos, sob tições fumarentos... e, dominantes sôbre êste cenário estupendo, esparsos, sem cuidarem de ocultar-se, saltando sôbre os brazeiros e aprumando-se sôbre os colmos ainda erguidos, os últimos defensores do arraial. Ouviam-se as suas apóstrofes rudes, distinguiam-se vagamente os seus perfís revoluteando por dentro da fumarada e por tôda a parte, salteadamente, a dois passos das linhas de fogo, aparecendo improvisas fisionomias sinistras laivadas de mascaras, bustos desnudos, chamuscados e escoriados, embatendo-se em assaltos temerários e doidos".

O sertão, descrito por Euclides, não é o sertão dos poetas, alcatifado de flores e do gorgeio da passarada. É visto por um observador arguto e meticuloso, que sabe descrever a estrutura do terreno, o clima hostil, a natureza agressiva, a vegetação rala e a secura das várzeas batidas por um sol inclemente. Fêz também um estudo da formação etnográfica, elaborada por um caldeamento de raças diferentes, salientado as características do sertanejo, endurecido e forte na luta pela vida, com seus usos e costumes próprios.

Euclides é muito original e só segue as suas observações pessoais. Não estuda e nem compara as suas observações. Eis porque encontramos frequentes contradições e repetidas conclusões apressadas. Por exemplo, diz êle:- "Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sôbre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso... de sorte que o mestiço é quase sempre um desequilibrado...". (Os Sertões, página 108).

Ora, os fátos estão aí para provar que se dá precisamente o contrário. A raça superior, nos seus cruzamentos, inclúi os elementos inferiores e apresenta muitas vezes tipos mistos superiores aos da raça pura.

No Brasil, os mestiços teem apresentado elementos de valor na música, nas artes e nas ciências. E em outras nações sucede também a mesma cousa.

Na Martinica, por exemplo, um fidalgo francês casa com uma crioula e o filho dêste casal é um desequilibrado ou retardado? Não! É um general francês. E, por sua vez, o filho dêste general é um gênio da literatura mundial, é o maior romancista francês, é Alexandre Dumas.

O retrato do imortal autor de **Memórias de um Médico** mostra a sua ascendência crioula pelas feições grossas, cabelos e côr da pele. Outra conclusão apressada, tirada por Euclides, foi, ao analisar as causas do conflito de Canudos. Diz êle que as causas originais da luta estavam no isolamento que viviam as populações sertanejas, impedidas de qualquer contacto com a civilização e ignorando a própria pátria.

Isto, no tempo de Euclides, era êrro comum. Tôda a gente pensava assim. E Euclides seguiu a opinião errada dos seus contemporâneos. Com o desenrolar dos acontecimentos, verificou-se, porém, que o isolamento e o atraso social não são motivos de agressão. A China e o Japão, enquanto viveram fiéis às tradições seculares de sua formação, dentro de seus peculiares modos de vida, nunca constituiram ameaça para ninguém. Mas, ficando em contacto com os europeus, tiveram fábricas, escolas, academias, exércitos, esquadras e organização, tornando-se, então, povos perigosos e agressivos.

O Japão, dominado pelo partido militarista, ataca os países mais fortes, conflagrando, por muitos anos, todo o Pacífico e, para abater o seu formidável poderio, é preciso (oh! como a história se repete!) empregar "as fôrças máximas da natureza engenhadas à destruição e aos estragos", esquecendo-se, por um momento, os mais elementares princípios de humanidade e de justiça.

O conflito de Canudos não foi devido ao isolamento e sim à insatisfação, à miséria e ao descontentamento em que viviam as populações sertanejas. Qualquer agitador que prometesse uma vida melhor as empolgaria.

Antonio Conselheiro, prometendo aos seus adeptos um céu cheio de venturas, tornou-se um líder bronco; e na Rússia as promessas de fartura e paz, empolgando os camponeses e operários, facilitaram a vitória do credo vermelho. Houve quem visse n'**Os Sertões** uma áspera censura ao Exército Brasileiro, e graves ofensas aos oficiais que se mostraram ineficientes na luta e bárbaros nas execuções dos vencidos.

Não vemos motivo para se tirarem semelhantes conclusões. Euclides descreveu as peripécias da luta, tal como as viu e sua delicada sensibilidade revoltou-se com os castigos. Mesmo fazendo esfôrço, não podemos ver ofensas aos militares. O herói, o verdadeiro herói da campanha de Canudos, é o exército brasileiro. Lutando, sem meios adequados, em um sertão árido, sem estradas e em uma região desconhecida, embora estivessem no Brasil, e com os serviços desorganizados, nossas tropas fatalmente tinham que ser batidas.

A História apresenta muitos exemplos de tropas irregulares, mal armadas e sem disciplina, tendo apenas o conhecimento do terreno, baterem, fàcilmente, tropas invasoras bem armadas e superiores em disciplina e comando.

No findar do século passado, um exército italiano, com 13 mil homens, foi envolvido e aprisionado pelos abissínios, em Abí-Garimá. Na guerra do Transwaal, as tropas inglesas sofreram tremendos reveses ante as fôrças irregulares do Transwaal, chefiadas por fazendeiros e criadores. Não sabemos também das monumentais catástrofes de D. Sebastião em Alcácer-Kibir e de Napoleão na Rússia?

No Brasil, a guerra holandesa é um exemplo típico. O fazendeiro João Fernandes Vieira, à frente de um punhado de heróis, com tropas irregulares e mal armadas, bateu tropas disciplinadas de um dos melhores exércitos europeus, chefiadas por vultos de valor, como Brinck, Leichtart e Sigismundo van Schoppe.

E o que diria Euclides da Cunha, se visse a guerra moderna? Êle que ficou tão revoltado com os fusilamentos e degolamentos dos vencidos, tão contrários ao seu grande humanismo, como se sentiria angustiado com o bárbaro massacre da família imperial russa, e com a implantação do asfixiante regimen da "foice e do martelo"?

O que não diria, também, do fusilamento da linda atriz Mata Hari e da execução da enfermeira Edite Carvel, tirada da cabeceira dos doentes para ser levada ao muro do fusilamento?

Como iria recriminar o fáto dos generais alemães, que não eram os rudes cangaceiros do Nordeste, e sim oficiais da nação vencida, entretanto foram enforcados, como criminosos comuns, em uma prisão de Nuremberg?

E quanto ficaria indignado, se soubesse da tortura de prisioneiros nos campos de concentração, dos bombardeios aéreos em que cidades inteiras desapareceriam em um mar de fogo, na visão apocalítica de um cataclisma, ou então, navios carregados de famílias serem torpedeados, afundando e fazendo centenas de vítimas?

Euclides da Cunha, de certo, quebraria a pena por se julgar incapaz de juntar tamanhas atrocidades.

ALERANO DE BARROS

Fortaleza, Ceará, 24 de Novembro de 1952.

ÓRGÃO DO CENTRO CULTURAL "Euclides da Cunha"

DIRETOR FARIS ANTONIO S. MICHAELE

SECRETÁRIO DAILY LUIZ WAMBIER

Tapejara

IMPRESSO NA GRÁFICA Alves Pereira Ltda.

REDATORES JOÃO ALVES PEREIRA e ROLANDO GUZZONI

ANO IV • PONTA GROSSA, ABRIL DE 1955 • N.º 15

REMINISCÊNCIAS

DAILY LUIZ WAMBIER

É gostoso a gente, de quando em vez, isolar-se do presente, mandando o pensamento visitar os tempos passados, os episódios que formaram a nossa vida de antigamente. Os fatos, por mais corriqueiros que tenham sido, que pontilharam a nossa existência, já envolta nas brumas que os anos vão criando, inexoràvelmente, chegam até nós. E isolamo-nos, sem fazer comparações. E se elas teimam em aparecer, espichando-se em longos e dolorosos paralelos, devemos reagir e fazê-las sumir dos nossos devaneios. Das nossas reminiscências. Da nossa volta aos tempos idos, através do suave encantamento das recordações. Para que elas, as comparações, não atrapalhem os nossos sonhos.

Essa atitude nos proporciona ensêjo de reviver coisas, fatos e personagens que não existem mais. Que saíram da nossa vida, depois de a ela terem dado instantes inesquecíveis, cuja recordação é um bálsamo para as feridas que se abriram em nossa alma. As próprias cruzes, que fomos deixando pelo caminho percorrido, embora se apresentem ao nosso espírito umedecido pelas lágrimas da saudade, fazem-nos bem. Dão-nos a certeza de que essas cruzes representam jornadas concluídas, trabalhos executados, missões cumpridas. E reanimam, por uma estranha emulação, a nossa própria marcha pelas ásperas e pedregosas trilhas da nossa vida.

Os fatos e as coisas do passado, à proporção que nêle afundamos, vão surgindo, primeiro imprecisos devido à neblina que os recobre. Depois, os seus contornos vão se delineando com maior nitidez. Tornam-se, daí por diante, como acontecimentos que se desenrolam sob as nossas vistas, cheios de vida e de movimento. Na realidade, tudo não passa de fantasmas de um tempo que se foi para nunca mais voltar.

A fôrça milagrosa do pensamento!

A precisão miraculosa dessa fôrça!

O encantamento das reminiscências!

Dizem que recordar é viver. E é mesmo. Mas, um viver inteiramente diferente do atual. Que nos dá alegrias sinceras e francas, com ressonâncias de paz e de calma para a nossa alma tão amargurada pelos revezes da vida. Já ia me desviando para as confrontações. Deixemo-las à margem dos caminhos. Relembremos, apenas. Sòmente revivamos os dias que ficaram sepultados pela poeira dos anos transcorridos. E que constituem o acêrvo dos prazeres e das tristezas pelos quais passamos.

Embalados, assim, na rêde macia das nossas recordações, deixemos que o tempo se escôe, na mesma sucessão de horas e dias, de meses e anos, até que o Eterno ponha fim à nossa peregrinação terrenal. Logo mais, os dias de hoje serão passado também. E os lembraremos com o mesmo encanto e misticismo de que agora se revestem os dias distantes que já vivemos.

É assim o mundo e a vida.

E assim somos nós todos.

Até que, num certo dia e num determinado instante, nosso corpo se exaure, nosso espírito se afasta, e deixamos de ser. Para, então, tornarmos a ser, efetivamente, no Além. Na grande pátria espiritual.

ALBERT EINSTEIN

MANOEL GROTT

Einstein morreu. Cessaram as suas relações objetivas com a sociedade dos homens. Subjetivamente, porém, continua na história e nas suas teorias científicas, que devem ser estudadas, compreendidas e continuadas. Certo, ele foi, também, um continuador dos conhecimentos adquiridos através de milênios de revolução. A cultura é obra de conjunto. Para a ciência nada há de isolado e absoluto.

Certa vez, na Câmara de Deputados, quando alguém exigia igualdade absoluta para os direitos do cidadão, o grande Tobias Barreto, num aparte famoso, disse que "igualdade e absoluto são termos que se repelem, porque igualdade é uma simples relação".

Em verdade, afora alguns efeitos e relações, nada sabe a ciência humana de absolutamente certo e positivo.

Para além da nossa lógica, que se enquadra em seis métodos precários, há, sempre, alguma coisa superior, intangível pela inteligência do homem, sábio ou medíocre.

Einstein fundamentou a teoria da relatividade em dois postulados. E postulado, sabe-o todo mundo, é uma verdade evidente mas indemonstrável.

Eis os fundamentos dogmáticos da sua impressionante concepção: 1.º) Quando dois sistemas estão em movimento uniforme e retilíneo, é impossível ao observador, que se encontra em qualquer dêsses sistemas, outra coisa observar além dêsse movimento relativo;

2.º) a medição da velocidade da luz, nos sistemas referidos, tem, sempre, o mesmo valor, independente da posição da fonte luminosa.

A sequência matemática dêsses postulados deu origem à mágica concepção da Relatividade, ainda distante de nossa minguada inteligência. Ainda, numa extensão prodigiosa, o mestre formulou equações para o movimento dos astros que enchem os espaços infinitos. Não parou aí a ousadia do mestre. Equacionou o universo, determinando as relações das fôrças relativas de gravitação e electromagnetismo com a matéria, o espaço e o tempo. Assim, Einstein unificou todas as leis que regem o universo. Apenas, de longe, lobrigamos abeirar-nos das deduções prodigiosas do sábio imortal e distanciado dêste século.

Não obstante a sua genialidade, a morte levou-o para regiões não compreendidas e insondáveis, onde silenciam tôdas as demagogias e se nivelam grandezas e misérias. Além de físico e matemático, Einstein era, também, grande violinista. A música tem qualquer coisa do universo, é, na definição de Descartes, a harmonia dos números pelo espaço.

Fato extranho, examinado o cérebro do sábio inconfundível, nada nele encontraram mais do que no comum dos homens, nem mais massa cinzenta, nem mais circunvoluções. Nada diferente, tudo igual à cabeça dos pequenos e dos grandes.

Para nós está certo assim, porque, se a inteligência estivesse na razão da matéria, o animal mais inteligente do mundo seria o elefante. A supremacia intelectual não é uma consequência da matéria, mas uma faculdade do espírito, que é uma centelha divina. É um efeito da razão superior que o próprio Einstein muitas vezes encontrou em suas luminosas deduções.

Einstein fôra um cético em assuntos religiosos, mas, não obstante, morreu cristàmente, repudiando o emprêgo da bomba atômica em lutas internacionais.

De pé, elevando o pensamento às regiões misteriosas do além, formulamos votos de respeito e admiração ao gênio singular e imortal que, em vida, foi Albert Einstein. Sursum corda!

O PANAMERICANISMO E O BRASIL

A data de 14 de Abril representa uma das passagens mais significativas da História.

Com efeito, além do sentido de liberdade e soberania que nos proporciona, cumpre também mencionemos o lado humano da fraternidade e desejo de harmonia geral, que a experiência dos séculos de convívio intenso lhe inculca.

É, por assim dizer, a demonstração e reconhecimento de invulgares qualidades viris, de independência e auto-determinação, tanto quanto uma extraordinária vocação de unidade ou espírito de compreensão e cooperação espontâneas, o que, de sobejo, se verifica na vida de cada uma das nossas repúblicas. Quem quer que compulse os escritos a respeito, cedo se compenetrará da veracidade do que afirmamos.

Inspiradas pelas fôrças ecumênicas, de diferentes aspectos; ou ditadas pela própria indomabilidade do sangue jovem dêstes povos; ou ainda pela natural inclinação a dignificar-se a condição de humano, evidente em todos quantos se derem conta do valor da liberdade espiritual e física; o que é certo é estarmos em frente de algo inteiramente novo nos registos da história universal.

Realmente, sem que saiamos do terreno puramente histórico e nos embrenhemos nas selvas espêssas da ciência do homem, noutros termos, persistindo na interpretação específica da mestra da vida, ainda assim, não poderemos negar a existência duma como atração dos agentes telúricos, sempre a agir no sentido da assimilação ou absorção dos elementos alienígenas, qualquer o ponto geográfico donde promanem. O conjunto dos elementos ecológicos parece mesmo amoldar à sua imagem e semelhança a matéria, até certo ponto passiva, das massas forasteiras, sem que, no entanto, lhes desdenhe a notável reação cultural, suscetível de enriquecer o conjunto, após indiscutível aculturação.

Mas, o que salta, inegàvelmente, aos olhos de qualquer pessoa, é a identificação completa e eficiente do adventício com a mãe-América, em qualquer das suas regiões. Ela o recebe de braços abertos, e o acaricia, de maneira tal e tão intensamente, que êle, por via de regra, acaba por transfigurar-se, envolvido nas malhas convidativas do mestiçamento mais generalizado, ou sorvido no vórtice ergológico das néo-culturas nativas; ou mesmo, no labirinto das crendices, abusões, tradições e costumes das populações americanas.

Seja como fôr, uma coisa daí resulta, indiscutivelmente grandiosa: o reconhecimento da unicidade do modo de ser entre o homem e a natureza exuberante do Novo Mundo. A própria história do Brasil nos poderia esclarecer, efusivamente, o que levamos declarado acima. Ninguém ignora os episódios de Stradelli, Kurt Nimuendajú e tantos outros, que tanto se enamoraram da vida selvagem (sendo êles professores universitários estrangeiros) que chegaram a confundir-se com as populações indígenas. E o caso dos filhos de imigrantes que, logo, passam a considerar-se "caboclos" ou "jagunços" é mais interessante ainda.

Passando ao segundo aspecto do fenômeno americanizante no lato do têrmo, ou seja, a indomabilidade do sangue novo ou renovado em terras da América, seja-nos, igualmente, lícito invocar a operosidade incessante da mais intensa miscigenação de que se tem notícia na história dos povos.

Efetivamente, decorrência ou não da própria vastidão territorial do nosso continente, com sua opulência natural em todos os reinos; ou produto de contingências históricas, provocadas pela ambição do homem branco, que cedo se esqueceu da sua consciência; o fato é que tivemos, logo, uma crescente tolerância, em quase todos os quadrantes do continente de Colombo, em que pese a certas restrições ou prevenções, mais ou menos acentuadas nalguns estoques étnicos, mòrmente do hemisfério boreal. E ainda aqui, sem que excursionemos por terras estranhas, a nossa vida histórica nos acena com inúmeros fatos, como, por exemplo, o da guerra holandesa, em que as outras raças, isto é, a indígena e a africana, souberam lutar por algo que já consideravam delas, se bem que, ainda, continuassem as perseguições aos ameríndios e a escravidão inapelável dos profícuos filhos da África. Ainda não havia decorrido século e meio de convívio inter-racial, e já as outras parcelas étnicas do nosso povo se haviam deixado arrastar pelos argumentos falazes do pretenso civilizado da Europa.

O sangue novo, a nova fé, os novos laços de parentesco, a nova culinária, os novos perigos, tudo iria aguçar o instinto de defesa e consequente espírito de coragem dos povos em confronto.

A esta altura, talvez possa parecer paradoxal que Toussaint L'ouverture, na longínqua Hispaniola, representando africanos puros, se rebelasse contra a ordem de coisas criada pelo colono francês. Ainda aqui se não invalida o nosso asserto, porquanto, o sangue belicoso das tribus melânicas da outra banda do Atlântico, mais uma vez, se renovou, ao contacto das verdes selvas, infundindo-lhe, estas, o amor à liberdade, sem que esqueçamos, por outro lado, que também houve a miscigenação de culturas, pois o haitiano atual é francês pela língua e civilização.

Se, agora, passarmos ao terceiro elemento que milita em prol da americanização no amplo do têrmo, ou seja, o modo de ser e sentir a natureza americana com todos os seus agêntes naturais, neles incluindo o próprio homem; veremos, de pronto, que a inata inclinação a dignificar a condição de humano, acentuada na preservação da integridade física e na valorização das aquisições espirituais, com o conjunto dos valores ditos morais, em nenhuma parte, como aqui, tem tido campo propício ou clima adequado para vicejar. Sem embargo dos tropeços e preconceitos afrontosos de outras éras — decorrência natural do espírito vicéento de então — mesmo assim, vamos encontrar, em mais de uma conjuntura, o ideal cristão a sobrepairar, sublime, as paixões e imperfeições humanas. Sempre houve os defensores intimoratos, a arrostar o perigo dos degredos e perseguições das almas mercantilizadas pela prêsa fácil ou pelo encorajamento, proveniente das atitudes dúbias dos administradores das metrópoles. Assim é que, ao lado das ações maléficas de certos colonos e protegidos das corôas, nunca perderemos de vista a obra edificante e compreensiva dos missionários, para não falarmos, novamente, na atividade permanente das fôrças genésicas, por sem dúvida, mais ponderáveis que as separações artificiais de classes e castas.

A religião, com os princípios sublimes do cristianismo, de sentido universal, pôde aqui operar verdadeiros prodígios, chegando ao ponto de santificar uniões profanas, dando, assim, uma visão nova, de estabilidade e respeito, aos que apenas obedeciam aos impulsos momentâneos da carne.

De qualquer modo, entretanto, a grande aproximação se realizou, imprimindo, dest'arte, aos destinos humanos novos rumos empós da fraternidade e sentimento de concórdia entre os homens. Alguém poderá objetar que, em outras passagens da história dos povos, tem havido, também, fenômenos idênticos de superação das barreiras de classe, pela união livre entre raças diferentes. A estes se poderá

(Conclue na última página)

A TEORIA DA RELATIVIDADE E O — CONHECIMENTO —

Por FARIS ANTONIO S. MICHAELE

Se, sob o ponto de vista físico, realmenet não poucas têm sido as discrepâncias que se observam em relação ao modo de interpeetar os princípios relativistas e as consequências que daí emergem, já, no terreno filosófico, principalmente no que se refere à epistemologia ou teoria do conhecimento, sobremaneira notável se torna o número delas, variando com a própria concepção de cada autor, geralmente influenciado, por sua vez, pelo campo científico, donde provém.

Ora, é fato incontestável que, atualmente, não mais se pode negar a existência duma interrelação, melhor que interação, geral dos diversos setores do conhecimento. Assim é que o físico, até aqui, pouco propenso à transcendência quasi insolúvel das questões filosóficas — em virtude de profundamente adstrito à pretensa **causalidade irrestrita**, apesar das impugnações de Hume (8) (o efeito não está contido na causa) entre outros — verificou, de repente, estar deante de um grande número de fenômenos, cujo esclarecimento lhes implicava a formulação, como condição necessária.

Ao espírito físico moderno, desejoso de conseguir a emancipação da sua ciência, isto é, de não na haver por matemática aplicada simplesmente, começou, logo, a ocorrer a imprescindibilidade e a evidência dos processos subjetivos, denotadores da importância do coeficiente individual e de modo nenhum confundíveis com as divagações irracionais (intuitivio, como a de Bergson, por exemplo, que diz que a experiência íntima é intraduzível, em virtude da incompreensão entre vida e inteligência: o racional deforma o vivido). (9)

Rehabilitada, assim, uma legítima atitude humana — cuja essência se denuncia pela auto-valorização dos elementos que se referem ao sujeito na obtenção da meta proposta — eis que cresce de vulto a tal ponto a **indeterminação** atômica, que se chega a aventar a possibilidade duma lógica especial, num novo modo de encarar a realidade transfenomenológica.

Tal estado de cousas, no dizer de Reichenbach, não seria uma consequência da falta de conhecimento de nossa parte, senão que correria por conta da apreensão das relações matemáticas e empíricas, concentradas na mecânica quantista.

Por outro lado, porém, para complicar o assunto, já a relatividade, inspirada, em parte, nas novas vias trilhadas pelas geometrias não euclidianas, empreende, em certo modo, uma destruição das falsas suposições, aceitas sem crítica, que acompanham a noção clássica de tempo.

Sugere, então, a experiência que se faça, até certo ponto, a união da matemática e da física, sem que isso signifique subordinação desta àquela, mas um maior destaque da interação mútua.

Adaptada às condições físicas, tem a matemática, através do seu ramo que trata das posições dos corpos, assinalado um novo marco nas relações que existem entre as diversas secções do conhecimento, qual seja a especificação do papel das interações, que, no caso, se verificam e a delimitação, tanto quanto possível, exata da esfera de influência de cada qual.

E é, precisamente, a esta altura — quando se tem em mira a depuração dos conceitos físicos mais familiares, como o espaço e o tempo, por meio da crítica do sentido que possam ter nos diversos setores que se interpenetram — que se faz sentir a influência inegável das investigações epistemológicas.

O físico-matemático embebe-se, então, de idéias referentes a dados duma experiência, que lhe é, aparentemente, albeia. Não vai nisso, entretanto, mais que mera reciprocidade no intercâmbio dos elementos susceíveis de auxiliar a compreensão do todo e das partes constitutivas.

Não implica tal, no entanto, nenhuma especulação de caráter metafísico.

Enquanto não se afastar da experiência, não merece o físico, por mais que se lhe complique o objeto, nenhuma outra denominação. E nem fora lícito conceber doutro modo a atitude do filósofo moderno: cresce, dia a dia, ainda que pareça inerível, o prestígio da filosofia científica, na acepção de colher seus dados, segundo as notas que procedem do conjunto da experiência.

O conceito de espaço, por exemplo, que, para o filósofo de gabinete, especulativo, varia, como dissemos, de acôrdo com a sua concepção, visto pelo físico moderno, não passa de simples função da matéria.

Encarado, porém, sob um prisma mais epistemológico, notaremos, logo, certas propriedades que lhe emprestam uma fisionomia relacional bem mais notável, unida a uma idéia da experiência, de todo, peculiar.

Assim, para Einstein, (10) a experiência dos sentidos não contém nenhuma qualidade que possa ser considerada como espacial. Não quer isto dizer, porém, que não possa ela servir ao investigador, representando o tríplo papel de: excitantes, valorizadora e inspiradora dos sistemas conceptuais científicos.

Excita-os, como o faz em geral: desfigurando-se, em parte, para mais bem se lhes amoldar à forma. Valoriza-os, sujeitando-os — através do complexo conceptivo formal — a inevitável imperativo: o de a tomarem como ponto de referência, no caso da significação. Inspira-os, por fim, proporcionando-lhes por meio da sucessão temporal vivida, o conjunto dos elementos livremente instituídos, suscetíveis de modificados e completados, intelectualmente.

Mas, tais sistemas, como se poderá verificar, não se originam, de modo nenhum, lògicamente, do conteúdo da experiência.

Antes, ao contrário, atribue-se-lhes origem na atividade espontânea do nosso espírito. Deante disso, não será impossível ver na **ordenação** dos objetos materiais da experiência uma **espacialização** (ou complexo dos acontecimentos, considerados quanto à sua **realização**, segundo Whitehead). (11).

Os objetos materiais da experiência constituem, portanto, lògicamente, o imprescindível conceito primário. Constituem, pricipalmente, um meio de efetivar a continuidade de determinados grupos de complexos da experiência.

É-lhes, pois, igualmente, necessário o conceito de relação. E a sua conexão com a experiência elementar dos sentidos, que se processa por meio das aludidas relações, é o ponto de partida da nossa ilusão a respeito do conhecimento, em tal caso, dos corpos materiais. Isso nós só o conseguimos indiretamente. Não há negar, todavia, o contacto às vezes permanente dos corpos. Já nos encontramos, então, na esfera da ciência das posições.

Satisfatório ou não, a tal conceito sobram as virtudes de, ainda que pareça aberrar do senso comum e se enclausurar num subjetivismo extremado, fazer ruir velhos hábitos mentais, avistáveis através das linhas solipsistas dalguns concepções, e por meio dos contornos realistas, de grande inconsistência, doutras.

Se a prioridade mental descobre a chave da interpretação do sentido da experiência, não o faz senão através duma conciliação judiciosa entre atitudes diversas do espírito, sem ser, portanto, influenciada pelo exagêro da **libertação do presente**, pelo evocar da **experiência vivida**. (12)

Não há, pois, incompatibilidade entre o pensamento e o conceito, de um lado, como produtos do nosso espírito, e a experiência, doutro, com a qual guardam conexões íntimas. E, justamente, aqui que se acha a sílaba tônica do vocábulo espacial einsteiniano.

E, como na interpretação física, aqui, também, não prima pela ausência o conceito de tempo, numa inseparação bem condizente com a **desdivinização da natureza**, que se processa, como ficou dito atrás, pela rejeição de metáforas que não demonstram ter relação alguma com os fatos que servem de base aoconhecimento físico.

O tempo, geralmente tomado como a sequência de instantes presentes definidos, durante os quais tôda a matéria é simultaneamente real, não mais pode ser levado a sério.

Depois que Whitehead, com a originalidade de seu sistema conceptual, procurou definir o tempo como uma "simples sucessão de durações distintas, constituindo cada qual uma época determinada" e como "uma sucessão de elementos divisíveis e contíguos neles próprios", a idéia de **temporalização**, como sucessão atômica, isto é, como algo composto de épocas, conduziu as relações de espaço e tempo a outros terrenos. O espaço pode, agora, — por meio da extensão ou complexo dos acontecimentos virtuais — ser considerado o tempo **atualizado ou realizado**.

Daí, a necessidade da duração, exigida pelo próprio caráter virtual do tipo que é revelado pela realização do acontecimento.

A duração é, por conseguinte, definida como a "repetição do tipo nos acontecimentos sucessivos".

Sendo requerida pela realização dêste último, a duração deve, forçosamente, compreender a divisibilidade e a extensão.

E o caráter interativo de tais relações vai-se-nos tornando, a pouco e pouco, claro. Por onde, franca e indiscutível revalorização dessas formas conectivas, fortadoras de interdependência geral, e não menos indiscutível e franca quebra da rigidez de vista, orientada no sentido da forma simples e superficial, consequência, em última análise, do viciado antropomorfismo, a que nós nos acostumamos.

(8) Ver **A. N. Whitehead** — Science and the Modern World, Penguin, 1938, pág. 14.
(9) **H. Bergson** — Évolution Créatrice, Alcan, 1932, pág. 179 e seguintes.
(10) **A. Einstein** — Space (Artigo da Encyclopaedia Britannica).
(11) **A. N. Whitehead** — op. cit., pág. 151.
(12) **M. Wentscher** — Teoria del Conocimiento, Labor, 1927, pág. 57.

ATUALIDADE DE EUCLIDES DA CUNHA

(Continuação da página 9)

Entretanto, chegou ao gravíssimo êrro de não entender, perfeitamente, a guerra do Paraguai, tão grande foi a influência da filosofia positivista no seu espírito. Julgou-a "uma página tristemente gloriosa" e "um desvio de nossa história" e explicou-a superficialmente como delírio de grandeza de um despota e a preocupação de um imperador em desviar para o exterior as graves questões políticas internas. Embora tivesse analisado, agudamente, questões da política sul-americana como a ilha de Martim Garcia e o canal de Panamá, que iria prejudicar a Argentina porque afastava os portos peruanos da Europa de 12.000 para 6.400 milhas, fazendo com que Callao e Buenos Aires ficassem a mesma distância de Southanton e Hamburgo e deixasse penetrantes conceitos sôbre a necessidade da estrada de ferro Madeira-Mamoré, aí falhou. Não viu que o Paraguai era um estado central da América do Sul e que por uma lei géo-política era fatal a sua expansão para o oceano Atlântico, embora fôsse profundo conhecedor de geografia. Aliás, graças à impatriótica e errônea campanha de desmoralização da guerra do Paraguai feita pelos positivistas, notadamente, por Teixeira Mendes e Miguel Lemos, creou-se no Brasil u'a mentalidade "lopista", errada 100%, que procura endossar argumentos pueris e ridículos sôbre a guerra do Paraguai, citando Euclides, quando, na realidade, o julgamento do grande escritor sôbre a memorável campanha representa um profundo "desvio" do pensamento euclidiano...

Aliás, Euclides cometeu outros erros. Mostra-se estreitamente racista em "Os Sertões", onde no prefácio logo diz que "Gumplowicz mais genial do que Hobbes vislumbreou o esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes". Foi também exagerado no julgamento dos Jesuitas, que reputa indivíduos da pior espécie na Europa. Julgou o exército alemão de Guilherme II "um exército de parada", quando a guerra de 1914 demonstrou, exatamente, o contrário. Comentou, insuficientemente, os efeitos da abolição na queda do Império, tema aliás que não foi ainda bem desenvolvido. E no exame de outras causas da república no Brasil foi, manifestamente, superficial, talvez porque estivesse muito próximo de tais acontecimentos e nêles tivesse tido ativa participação.

Entretanto, tais senões na obra euclideana, não são suficientes, de modo algum, para diminuir o valor do conjunto. E cumpre reconhecer que fez êle um esfôrço sobrehumano para depurar seu pensamento de erros e preconceitos, que gozavam fóros de dogma de alta sabedoria no seu tempo.

Escritor angustiado, a sua vida foi uma grande dor. Era calado e retraído embora, vez por outra, assumisse atitudes desassombradas e viris, inclusive a que lhe custou a vida no trágico dia 15 de Agôsto de 1909.

Previu o artificialismo da pomposa constituição de 1891, dizendo: "Copiámos, numa quasi agitação reflexa, COM O CÉREBRO INERTE, A Constituição norte-americana, arremetendo com as mais elementares noções do NOSSO TIROCÍNIO HISTÓRICO E DA NOSSA FORMAÇÃO, VIOLANDO DO MESMO PASSO AS NOSSAS TRADIÇÕES E A NOSSA ÍNDOLE". (18).

Em outra passagem afirma que "A TAREFA DOS FUTUROS LEGISLADORES SERÁ MAIS SOCIAL QUE POLÍTICA". (19), observação tão profunda que inda hoje há muito quem não possa entendê-la bem, como dão exemplo tantos políticos e líderes...

Combateu durante os efeitos do sistema capitalista. Advertiu que os privilégios da burguesia eram maiores que os da nobreza feudal. DEFENDEU AS CORPORAÇÕES DA IDADE MÉDIA. Esposou o ponto de vista de KARL MARX que era o trabalho a única fonte de produção, o que hoje está provado que não é exato. Defendeu a socialização dos meios de produção. Disse que o triunfo do socialismo era inevitável. Mas foi utópico em afirmar que no final da crise contemporânea surgiria o reinado tranquilo das ciências e das artes...

Previu o crescimento assombroso da Rússia. Mostrou que a devastação das matas haveria de dilatar a zona da sêca até São Paulo, observação assombrosa que os nossos dias vieram confirmar de modo tão flagrante.

Diante do exposto pode-se verificar, à saciedade, quanto foi profundo o pensamento de Euclides da Cunha para o seu tempo, avantajando-se, em demasia, do quadro político e social dentro do qual teve que desenvolver a sua singularíssima personalidade.

Licínio Cardoso, grande escritor, que havia de desesperar dos destinos do Brasil, se suicidando em 1931, assim resume a obra vastíssima de Euclides da Cunha: "É o seu sucesso, o seu êxito, a sua glória, em suma, decorre apenas do fato de haver tido CORAGEM para evitar que não fosse a sua "chapa cerebral" impressionada em demasia pela obra de qualquer vulto europeu entre nós com carinho aclimatada. Evitando Vieira, Vitor Hugo, Stendhal, D'Annunzio, Eça de Queiroz ou Anatole France, contrariamente ao que fizeram outros do seu tempo em nossas letras: admirando-os sem querer deles se dizer discípulo, Euclides fez com que a nossa terra, as nossas gentes, as nossas cousas tão sòmente deixassem impressões fundas na placa sensível do seu espírito incomparável. E, dêsse modo, ao revelar a fotografia da vida colhida por seu cérebro, êle deixou que pósteros viessem a perceber a originalidade de sua obra: EUCLIDES DA CUNHA, FOI, DE FATO, O FOTÓGRAFO DA ALVORADA DA CONCIÊNCIA DA NACIONALIDADE DE NOSSA RAÇA.

Cultuemos, pois, com o melhor dos nossos fervores, a ousadia de sua inteligência, o atrevimento do seu espírito, a ausência do seu caráter em não querer ser bastardo de NENHUM DOS ESCRITORES EUROPEUS, respeitemos nele a grande conciência brasileira de sua obra, O VAGIDO ENÉRGICO DE UMA NACIONALIDADE QUE ANUNCIA, EM SUMA, O SEU PRÓPRIO MERECIMENTO". (20).

Tenho dito!

Luiz de Barros

Índice de citações

(1) — Licínio Cardoso, A margem da história do Brasil, pág. 234.
(2) — Gilberto Freyre. Perfil de Euclides e outros perfis, págs. 61 e 62.
(3) — Euclides da Cunha, A margem da história, pág. 282.
(4) — Euclides da Cunha, Contrastes e Confrontos, 5.ª Edição, Livraria Lelo, Irmãos, Editores, Porto, 1941, pág. 72.
(5) — Idem, idem, pág. 72.
(6) — idem, idem, pág. 90.
(7) — Gilberto Freyre, Perfil de Euclides e outros perfis, pág. 42.
(8) — Licínio Cardoso, A margem da história do Brasil, pág. 231.
(9) — Gilberto Freyre, Perfil de Euclides e outros perfis, pág. 26.
(10) — Euclides da Cunha, Contrastes e Confrontos, pág. 85.
(11) — Idem, idem, pág. 86.
(12) — Idem, idem, pág. 84.
(13) — Idem, idem, págs. 277 e 278.
(14) — Idem, idem, págs. 293 e 294.
(15) — Idem, idem, pág. 465.
(16) — Idem, idem, pág. 165 e 166.
(17) — Idem, idem, pág. 174.
(18) — Idem, idem, págs. 293 e 294.
(19) — Idem, idem, pág. 225.
(20) — Licínio Cardoso, A margem da história do Brasil, pág. 258.

ATUALIDADE DE EUCLIDES DA CUNHA

(Conclusão do número anterior)

IV — OUTROS ASPECTOS DO PENSAMENTO EUCLIDIANO

"Euclides descobriu a Terra, as gentes interiores e as gentes delas, os curibocas, os sertanejos e os caucheiros, os sertões adustos do Nordeste e aquela Amazônia perigosíssima e estuante, "a última página a escrever-se no "Geneses", a "terra infante" a terra em ser, a terra que está ainda crescendo". (8).

Essa afirmativa de Licínio Cardoso situa com muita felicidade o pensamento euclidiano na evolução de nossa literatura.

É preciso observar também que não é só "Os Sertões" o único trabalho de vulto do inesquecível escritor. "Contrastes e Confrontos" e "A margem da história" são também estudos notáveis de interêsse marcante, a quem quer que deseje conhecer a nossa história, nossos problemas e até questões internacionais da mais alta importância.

A desnacionalização do Brasil, a regência, o segundo império, a região amazônica, a situação da mentalidade brasileira no fim do império, a devastação das matas, as sêcas, a constituição de 1891, a questão social que inspirou penetrantes estudos para o Brasil de 1900, além de muitos outros assuntos, tiveram amplo desenvolvimento dessa privilegiada inteligência. Também a crítica literária teve estudos notáveis, como se evidencia no discurso de recepção da Academia Brasileira de Letras, onde analisa Valentim Magalhães e o magnífico prefácio que escreveu para os "Poemas e Canções" do ilustre poeta Vicente de Carvalho.

Daí a lapidar expressão de Gilbert Freyre: "Euclides da Cunha, escritor diantadíssimo para o Brasil de 1900 que foi: escritor fortalecido pelo traquejo científico, enriquecido pela cultura sociológica, aguçado pela especialização geográfica (9)

O estudo da terra foi para êle uma preocupação absorvente. Nada feria mais sua sensibilidade que o abandono do nosso hinterland, a destruição de nossas riquezas, a miséria em que vegetava o homem do Brasil.

Fez sérias e oportunas advertências contra o cosmopolitismo dissolvente, que apavorava o espírito lúcido de EDUARDO PRADO, nome que, criminosamente vamos esquecendo.

Dizia Euclides: "Ao adquirirmos a autonomia política, talvez porque com ela lògicamente se deslocasse tôda a vida nacional para os litorais agitados — OLVIDAMOS A TERRA; e os explendores da flora, e os encantos das paisagens, e os deslumbramentos recônditos das minas, e as energias virtuais do solo, e as transfigurações fantásticas da flora, entregamo-la numa INCONCIÊNCIA DE PRÓDIGO SEM TUTELA, à contemplação, ao estudo, ao entusiasmo e à glória imperecível de alguns homens de outros climas". (10)

E noutra passagem: "Alheiamo-nos desta terra. Criámos a extravagância de um exílio subjetivo, que dela nos afasta enquanto vagueamos como sonâmbulos pelo seu seio desconhecido". (11).

Desejava que tivéssemos um patriotismo consciente, ativo, atento à realidade dos fatos. Procurava convencer seus contemporâneos do domínio do homem sôbre a terra afirmando: "A exploração científica da terra — coisa vulgaríssima hoje em todos os países — é uma preliminar obrigatória do nosso progresso, da qual nos temos esquecido, porque neste ponto rompemos com algumas das mais belas tradições do nosso passado. Realmente, a simples contemplação dos últimos dias do regimem colonial, nas vésperas da independência, revela-nos as figuras esculturais de alguns nomes que hoje mal avaliamos, tão apequenadas andam as nossas energias e tão grande o descaso e o desamor com que nos voltamos para os interêsses reais dêste país". (12)

Pertencendo à geração republicana, tendo trabalhado pela implantação do novo regimem, Euclides, breve, se desiludiu. E proferiu amargas verdades, entre as quais a de achar que não foi o Marechal Floriano Peixoto que subiu e sim o Brasil que desceu...

Reconheceu a fôrça unificadora da monarquia. Julgou o 15 de Novembro de 1889 uma exagerada glorificação de minúcias. E foi implacável em vislumbrar os erros e desvios da mocidade estudiosa do fim do Império, que lhe inspirou [illegible] ... bom senso realista. [illegible] achar exagerada nossa afirmativa [illegible] a geração do fim do império foi a mais desorientada que já viveu no Brasil, melhor confirmação não posso oferecer que o testemunho de Euclides da Cunha, quando analisava a implantação do realismo no Brasil, revolução literária que preparou a república, no dizer de Tristão de Ataíde: "O espírito nacional RECONSTRUIA-SE PELAS CIMALHAS, arriscando-se a ficar nos andaimes altíssimos, luxuosamente armados. Os novos princípios que chegavam não tinham o abrigo de uma cultura e FICAVAM NO AR, INÚTEIS, como fôrças admiráveis, mas sem pontos de apôio; e tornaram-se frases decorativas sem sentido, ou capazes de todos os sentidos; e reduziam-se a fórmulas irritantes de UMA CATURRICE DOUTRINARIA INATURAL; e acabaram fazendo-se palavras, meras palavras, rijas, sêcas, desfibradas, disfarçando a pobreza com as vestimenta das mais preciosas maiúsculas do alfabeto.

Houve então o solenísimo prestito do [illegible], da Evolução, do incociente, do incognoscível, em que se amatulavam, intrusas, algumas velhas carpideiras do romantismo: a Justiça, a Escola, A Liberdade...

Assim, não maravilha que a nova geração, do avançar aferrado, NÃO SOUBESSE, afinal, por onde seguir". (13).

E em outro trecho o antigo propagandista da república redimindo-se dos erros e superficialidades dos primeiros anos ainda é mais veemente em analisar o [illegible] crepúsculo do império liberal e mentalidade dos pretensos reformadores de nossa vida política e social: "Quando a peregrina palavra "evolução" se tornou a rima fácil de todos os versos, ROMPEMOS COM ESTA LEI FUNDAMENTAL DA HISTORIA — tão bem expressa na continuidade de esforços das gerações sociais sucedendo-se com um dinamismo progressivo — e apresentamos o quadro de uma desordem intelectual que, depois de refletir-se no disparatado de não sei quantas filosofias decadentes, nos impoz, na ordem política, A MAIS FUNESTA DISPERSÃO DE IDÉIAS, levando-nos aos saltos e ao acaso DO ARTIFICIALISMO DA MONARQUIA CONSTITUCIONAL PARA A ILUSAO METAFISICA DA SOBERANIA DO POVO ou para os exageros da ditadura científica, ao mesmo passo que na ordem artística famos dos desfalecimentos de um romantismo murcho, às demasias de um falso realismo, QUE ERA A DOR DAS IDEALIZAÇÕES, PORQUE ERA A IDEALIZAÇÃO DOS ASPECTOS INFERIORES DA NOSSA NATUREZA". (14).

[illegible], demoradamente, a região amazônica, Euclides escreveu penetrantes conceitos sôbre "o inferno verde", [illegible], especialmente, o trabalho de [illegible] do rio Amazonas, a exploração brutal do seringueiro, para o que reclamava, urgentemente, um código de trabalho, e o esfôrço ciclópico do cearense, fazendo referências e comentários a estudos de Fred Katzer, Humboldt, Goeldi, Wallace, Mawe, Edwards, d'Orbigny, Martius, Bates, Agassiz, Hartt, Herbert Smith e Alexandre Rodrigues Ferreira.

Opinou que o Perú tinha que transpor os Andes e procurar uma saída para o Atlântico pelo rio Amazonas. Preconisou a construção de uma estrada de ferro do Juruá ao Acre, mostrando que o percurso de um mês seria feito em 2 dias.

Renovou os estudos de nossa história, fazendo justiça ao caluniado e benemérito D. João VI, que, no seu dizer, era um estóico e um sincero e que compreendeu com plena lucidez tôdas as necessidades do Brasil de seu tempo, onde "tudo estava por fazer".

Reputou Caxias "a escora de um reinado".

Mostrou a evolução desigual do Brasil, citando como exemplos frisantes que nem a inconfidência mineira abalou ao norte e nem a guerra holandesa ao sul do Brasil.

Denunciou o perigo da imigração alemã no sul do país.

Fez plena justiça ao Império, quando no começo da república se propalava que, afinal, o Brasil se havia integrado (?) na América, porque adotava suas instituições, advertindo: "A república tirou-nos do remanso isolador do Império para a PERIGOSA SOLIDARIEDADE SUL AMERICANA". (15). E focalizando a personalidade de D. Pedro II comentava: "O Imperador, em que pese à sua educação [illegible] e suas sensíveis falhas de [illegible] o grande plenipotenciário [illegible] bom senso equilibrado e da nossa seriedade. A sua bela meia ciência, tôda ornada de excertos hebráicos e das estrelas da astronomia doméstica de Flammarion, mas anciosamente atraída para o convívio dos sábios e a contumaz frequentadora de institutos, era a nossa mesma ancia, talvez precipitada, mas nobilíssima de acertar, e a sua bonhomia, os seus hábitos modestos e simples, os mesmos hábitos modestos, certo, sem brilho, mas em todo o caso decentes, com que andávamos na história". (16).

ONDE O HOMEM É AINDA UM INTRUSO — IMPERTINENTE —

FELIX AIRES

(Do Centro Cultural "Euclides da Cunha")

Quatro horas. Turvo. Igual sete horas noutras terras.
Chega a noite a encobrir imaginarias serras.
Vão-se pelo céu alto amplas faixas anues . . .
Esturram nos rincões onças, sucurijús !
Faz frio. Esfumaceia. É tudo triste. Agora,
a saudade é um punhal na voz da sericóra !
O zinir da cigarra enche a hora da prece;
cai a gente prostada, em desânimo, adoece...
Sem fôrças, sopesando êsse tédio profundo
da amargura que vem mais travosa do mundo!
Fêcha-se o abismo verde. É um túmulo a choupana.
O ambiente fere, espanta, assombra, desengana!
Febre. Sono. Torpor. Cansaço. Aquietamento.
Domina a solidão acompanhada ao vento.
A vista penetrante apreende o contrabando
de ouro que o sol deixou nas brenhas cintilando.
Não tem conta o estrondar dos barulhos. A mata
estreme a fremir, e logo se desata
a cena do terror, nessa vida custosa.
Oito horas, mas em tudo é ainda côr de rosa...
Sombria encenação. O vento resfolega,
vem de longe, friorento; as ramagens esfrega
uma às outras, derreia as árvores gigantes
e atiça os animais notívagos, andantes !
Ecos, zinzins, zun-zuns por tudo se estravasam,
colchetes de ramais nas árvores se casam.
O quadro vesperal intenso arma-se indómito,
irriquieto, febril, com repuchos de vômito !
Urros, gritos, refrões nos atalhos fluviais,
mais um baque, um estrondo, um trovejar a mais!
quando a ave negra esvoaça, o animal fero corre;
no fervor que cea irrompe ou no vozear que morre !
Gorgoleja o gorgólo e grasla e grusla e gane
todo o estranho rumor que a melhor calma bane.
E o cabocio sòzinho, à frente da fogueira,
representa o valor da gente brasileira.
No purgatório verde, aí, pobre alojado,
prêso no seu pelejar, ei-lo, sempre confiado.
Necessita advinhar, prever, mantendo a guarda,
encostado ao punhal ou ao rifle, à espingarda.
Vive e revive aí nessa grande aventura
audácia e destemor, calma, astúcia, bravura.
Nada o faz descurar da investida traçada,
vencer é o galardão da alma predestinada;
pois, queimado de sol, curtido de invernias,
a Selva o não assombra ou as charnecas bravias;
ferrões de ferro em braza, as mutucas de fogo.
Agiganta-se, força e aniquila a aspereza,
flexa, bote, veneno, inundação, braveza !
A tempestade, o frio, os animais daninhos,
tudo ! em paga de nada : — os lucros mais mesquinhos !
Ei-lo, que, a levantar o ingresso quasi incrível,
rompe a estrada fatal aonde a vida é impossível !
Para êle não existe ainda a Independência,
estoico no abandono e audaz na penitência !
Ser livre é ficar prêso e crime é ter confôrto;
confiar no direito é achar o mundo torto !
Na terra que deixou, a sêca exaure e mata,
no solo que procura, o estigma desacata !
Maltrapilho, esfomeado, é um modêlo de brio,
sua inimiga — a Selva e seu algoz, o rio !
Voltar, uma loucura e seguir, um temor !
Tem que viver à fôrça e à fôrça ter valor !

.. ..

Sem nada resolver, hoje, outro mundo atrai
e o irmão do Nordeste entontecido sai !
Deixa tudo que tem, pois o seu tudo a Sêca
esturricou num dia e levou tudo à breca !
Seja para onde for, é melhor que ficar !
E ei-lo, sujo, esfomeado e triste a se mudar !
Despovoa regiões e no êxodo se vê,
vem aumentar ainda o número dos que
pedem trabalho ao Sul, irmão que, fraternal,
acolhe ao estrangeiro e... encosta ao nacional !

.. ..

Caboclo do Brasil, cavalheiro disposto,
que te batise o rio e o sol te beije o rosto !
Ama, vive, peleja, alto eleva a cerviz,
orgulha-te de ser fiél ao teu país.
Lembras Ararigbóia, Henrique Dias, Potí,
Barroso em Riachuelo, Osório em Tuiutí !
Marquês de Herval, Greenhalgh, e quantos outros sóis
sustendo o Pavilhão que faz bravos e heróis.
Descendes, forte que és, dos baluartes humanos :
— Canudos, Pirajás, Balaios e Cabanos !
E és dos gigantes de hoje, a glória do presente,
de coração mais puro e peito mais valente,
que no Monte-Castelo as refregas travaram,
do mais mais alto heroísmo as sementes plantaram,
que hão de florescer, de sempre, no estrangeiro,
reafirmando o valor do povo brasileiro !

ÓRGÃO DO CENTRO CULTURAL "Euclides da Cunha"

DIRETOR FARIS ANTONIO S. MICHAELE

SECRETARIO DAILY LUIZ WAMBIER

Tapejara

IMPRESSO NA GRAFICA Alves Pereira Ltda.

REDATORES JOÃO ALVES PEREIRA e ROLANDO GUZZONI

ANO IV • PONTA GROSSA, ABRIL DE 1955 • N.º 15

REMINISCÊNCIAS

DAILY LUIZ WAMBIER

É gostoso a gente, de quando em vez, isolar-se do presente, mandando o pensamento visitar os tempos passados, os episódios que formaram a nossa vida de antigamente. Os fatos, por mais corriqueiros que tenham sido, que pontilharam a nossa existência, já envolta nas brumas que os anos vão criando, inexoràvelmente, chegam até nós. E isolamo-nos, sem fazer comparações. E se elas teimam em aparecer, espichando-se em longos e dolorosos paralelos, devemos reagir e fazê-las sumir dos nossos devaneios. Das nossas reminiscências. Da nossa volta aos tempos idos, através do suave encantamento das recordações. Para que elas, as comparações, não atrapalhem os nossos sonhos.

Essa atitude nos proporciona ensêjo de reviver coisas, fatos e personagens que não existem mais. Que saíram da nossa vida, depois de a ela terem dado instantes inesquecíveis, cuja recordação é um bálsamo para as feridas que se abriram em nossa alma. As próprias cruzes, que fomos deixando pelo caminho percorrido, embora se apresentem ao nosso espírito umedecido pelas lágrimas da saudade, fazem-nos bem. Dão-nos a certeza de que essas cruzes representam jornadas concluídas, trabalhos executados, missões cumpridas. E reanimam, por uma estranha emulação, a nossa própria marcha pelas ásperas e pedregosas trilhas da nossa vida.

Os fatos e as coisas do passado, à proporção que nêle afundamos, vão surgindo, primeiro imprecisos devido à neblina que os recobre. Depois, os seus contornos vão se delineando com maior nitidez. Tornam-se, daí por diante, como acontecimentos que se desenrolam sob as nossas vistas, cheios de vida e de movimento. Na realidade, tudo não passa de fantasmas de um tempo que se foi para nunca mais voltar.

A fôrça milagrosa do pensamento!

A precisão miraculosa dessa fôrça!

O encantamento das reminiscências!

Dizem que recordar é viver. E é mesmo. Mas, um viver inteiramente diferente do atual. Que nos dá alegrias sinceras e francas, com ressonâncias de paz e de calma para a nossa alma tão amargurada pelos revezes da vida. Já ia me desviando para as confrontações. Deixemô-las à margem dos caminhos. Relembremos, apenas. Sòmente revivamos os dias que ficaram sepultados pela poeira dos anos transcorridos. E que constituem o acêrvo dos prazeres e das tristezas pelos quais passamos.

Embalados, assim, na rêde macia das nossas recordações, deixemos que o tempo se escôe, na mesma sucessão de horas e dias, de meses e anos, até que o Eterno ponha fim à nossa peregrinação terrenal. Logo mais, os dias de hoje serão passado também. E os lembraremos com o mesmo encanto e misticismo de que agora se revestem os dias distantes que já vivemos.

É assim o mundo e a vida.

E assim somos nós todos.

Até que, num certo dia e num determinado instante, nosso corpo se exaure, nosso espírito se afasta, e deixámos de ser. Para, então, tornarmos a ser, efetivamente, no Além. Na grande pátria espiritual.

O PANAMERICANISMO E O BRASIL

A data de 14 de Abril representa uma das passagens mais significativas da História.

Com efeito, além do sentido de liberdade e soberania que nos proporciona, cumpre também mencionemos o lado humano da fraternidade e desejo de harmonia geral, que a experiência dos séculos de convívio intenso lhe inculca.

É, por assim dizer, a demonstração e reconhecimento de invulgares qualidades viris, de independência e auto-determinação, tanto quanto uma extraordinária vocação de unidade ou espírito de compreensão e cooperação espontâneas, o que, de sobejo, se verifica na vida de cada uma das nossas repúblicas. Quem quer que compulse os escritos a respeito, cedo se compenetrará da veracidade do que afirmamos.

Inspiradas pelas fôrças ecumênicas, de diferentes aspectos; ou ditadas pela própria indomabilidade do sangue jovem dêstes povos; ou ainda pela natural inclinação a dignificar-se a condição de humano, evidente em todos quantos se derem conta do valor da liberdade espiritual e física; o que é certo é estarmos em frente de algo inteiramente novo nos registos da história universal.

Realmente, sem que saiamos do terreno puramente histórico e nos embrenhemos nas selvas espêssas da ciência do homem, noutros têrmos, persistindo na interpretação específica da mestra da vida, ainda assim, não poderemos negar a existência duma como atração dos agentes telúricos, sempre a agir no sentido da assimilação ou absorção dos elementos alienígenas, qualquer o ponto geográfico donde promanem. O conjunto dos elementos ecológicos parece mesmo amoldar à sua imagem e semelhança a matéria, até certo ponto passiva, das massas forasteiras, sem que, no entanto, lhes desdenhe a notável reação cultural, suscetível de enriquecer o conjunto, após indiscutível aculturação.

Mas, o que salta, inegàvelmente, aos olhos de qualquer pessoa, é a identificação completa e eficiente do adventício com a mãe-América, em qualquer das suas regiões. Ela o recebe de braços abertos, e o acaricia, de maneira tal e tão intensamente, que êle, por via de regra, acaba por transfigurar-se, envolvido nas malhas convidativas do mestiçamento mais generalizado, ou sorvido no vórtice ergológico das néo-culturas nativas; ou mesmo, no labirinto das crendices, abusões, tradições e costumes das populações americanas.

Seja como fôr, uma coisa daí resulta, indiscutìvelmente grandiosa: o reconhecimento da unicidade do modo de ser entre o homem e a natureza exuberante do Novo Mundo. A própria história do Brasil nos poderia esclarecer, efusivamente, o que levamos declarado acima. Ninguém ignora os episódios de Stradelli, Kurt Nimuendajú e tantos outros, que tanto se enamoraram da vida selvagem (sendo êles professores universitários estrangeiros) que chegaram a confundir-se com as populações indígenas. E o caso dos filhos de imigrantes que, logo, passam a considerar-se "caboclos" ou "jagunços" é mais interessante ainda.

Passando ao segundo aspecto do fenômeno americanizante no lato do têrmo, ou seja, a indomabilidade do sangue novo ou renovado em terras da América, seja-nos, igualmente, lícito invocar a operosidade incessante da mais intensa miscigenação de que se tem notícia na história dos povos.

Efetivamente, decorrência ou não da própria vastidão territorial do nosso continente, com sua opulência natural em todos os reinos; ou produto de contingências históricas, provocadas pela ambição do homem branco, que cedo se esqueceu da sua consciência; o fato é que tivemos, logo, uma crescente tolerância, em quase todos os quadrantes do continente de Colombo, em que pese a certas restrições ou prevenções, mais ou menos acentuadas nalguns estoques étnicos, mòrmente do hemisfério boreal. E ainda aqui, sem que excursionemos por terras estranhas, a nossa vida histórica nos acena com inúmeros fatos, como, por exemplo, o da guerra holandesa, em que as outras raças, isto é, a indígena e a africana, souberam lutar por algo que já consideravam delas, se bem que, ainda, continuassem as perseguições aos ameríndios e a escravidão inapelável dos prolíficos filhos da África. Ainda não havia decorrido século e meio de convívio inter-racial, e já as outras parcelas étnicas do nosso povo se haviam deixado arrastar pelos argumentos falazes do pretenso civilizado da Europa.

O sangue novo, a nova fé, os novos laços de parentesco, a nova culinária, os novos perigos, tudo iria aguçar o instinto de defesa e consequente espírito de coragem dos povos em confronto.

A esta altura, talvez possa parecer paradoxal que Toussaint L'ouverture, na longínqua Hispaniola, representando africanos puros, se rebelasse contra a ordem de coisas criada pelo colono francês. Ainda aqui se não invalida o nosso asserto, porquanto, o sangue belicoso das tribos melânicas da outra banda do Atlântico, mais uma vez, se renovou, ao contacto das verdes selvas, infundindo-lhe, estas, o amor à liberdade, sem que esqueçamos, por outro lado, que também houve a miscigenação de culturas, pois o haitiano atual é francês pela língua e civilização.

Se, agora, passarmos ao terceiro elemento que milita em prol da americanização no amplo do têrmo, ou seja, o modo de ser e sentir a natureza americana com todos os seus agentes naturais, neles incluindo o próprio homem; veremos, de pronto, que a inata inclinação a dignificar a condição de humano, acentuada na preservação da integridade física e na valorização das aquisições espirituais, com o conjunto dos valores ditos morais, em nenhuma parte, como aqui, tem tido campo propício ou clima adequado para vicejar. Sem embargo dos tropeços e preconceitos afrontosos de outras éras — decorrência natural do espírito violento de então — mesmo assim, vamos encontrar, em mais de uma conjuntura, o ideal cristão a sobrepairar, sublime, as paixões e imperfeições humanas. Sempre houve os defensores intimoratos, a arrostar o perigo dos degredos e perseguições das almas mercantilizadas pela prêsa fácil ou pelo encorajamento, proveniente das atitudes dúbias dos administradores das metrópoles. Assim é que, ao lado das ações maléficas de certos colonos e protegidos das coroas, nunca perderemos de vista a obra edificante e compreensiva dos missionários, para não falarmos, novamente, na atividade permanente das fôrças genésicas, por sem dúvida, mais ponderáveis que as separações artificiais de classes e castas.

A religião, com os princípios sublimes do cristianismo, de sentido universal, pôde aqui operar verdadeiros prodígios, chegando ao ponto de santificar uniões profanas, dando, assim, uma visão nova, de estabilidade e respeito, aos que apenas obedeciam aos impulsos momentâneos da carne.

De qualquer modo, entretanto, a grande aproximação se realizou, imprimindo, dest'arte, aos destinos humanos novos rumos empós da fraternidade e sentimento de concórdia entre os homens. Alguém poderá objetar que, em outras passagens da história dos povos, tem havido, também, fenômenos idênticos de superação das barreiras de classe, pela união livre entre raças diferentes. A estes se poderá

(Conclue na última página)

ALBERT EINSTEIN

MANOEL GROTT

Einstein morreu. Cessaram as suas relações objetivas com a sociedade dos homens. Subjetivamente, porém, continua na história e nas suas teorias científicas, que devem ser estudadas, compreendidas e continuadas. Certo, ele foi, também, um continuador dos conhecimentos adquiridos através de milênios de revolução. A cultura é obra de conjunto. Para a ciência nada há de isolado e absoluto.

Certa vez, na Câmara de Deputados, quando alguém exigia igualdade absoluta para os direitos do cidadão, o grande Tobias Barreto, num aparte luminoso, disse que "igualdade e absoluto são termos que se repelem, porque igualdade é uma simples relação".

Em verdade, afora alguns efeitos e relações, nada sabe a ciência humana de absolutamente certo e positivo.

Para além da nossa lógica, que se enquadra em seis métodos precários, há, sempre, alguma coisa superior, inatingível pela inteligência do homem, sábio ou medíocre.

Einstein fundamentou a teoria da relatividade em dois postulados. E postulado, sabe-o todo mundo, é uma verdade evidente mas indemonstrável.

Eis os fundamentos dogmáticos da sua impressionante concepção: 1.º) Quando dois sistemas estão em movimento uniforme e retilíneo, é impossível ao observador, que se encontra em qualquer dêsses sistemas, outra coisa observar além desse movimento relativo;

2.º) a medição da velocidade da luz, nos sistemas referidos, tem, sempre, o mesmo valor, independente da posição da fonte luminosa.

A sequência matemática dêsses postulados deu origem à mágica concepção da Relatividade, ainda distante de nossa minguada inteligência. Ainda, numa extensão prodigiosa, o mestre formulou equações para o movimento dos astros que enchem os espaços infinitos. Não parou aí a odisséia do mestre. Equacionou o universo, determinando as relações das fôrças relativas de gravitação e electromagnetismo com a matéria, o espaço e o tempo. Assim, Einstein unificou todas as leis que regem o universo. Apenas, de longe, lobrigamos abeirar-nos das deduções prodigiosas do sábio imortal e sustanciado dêste século.

Não obstante a sua genialidade, a morte levou-o para regiões não compreendidas e insondáveis, onde silenciam tôdas as demagogias e se nivelam grandezas e misérias. Além de físico e matemático, Einstein era, também, grande violinista.

A música tem qualquer coisa do matemático, e, na definição de Descartes, a harmonia dos números pelo espaço.

Fato estranho, examinado o cérebro do sábio inconfundível, nada nele encontraram mais do que no comum dos homens, nem mais massa cinzenta, nem mais circunvoluções. Nada diferente, tudo igual à cabeça dos pequenos e dos grandes.

Para nós está certo assim, porque, se a inteligência estivesse na razão da matéria, o animal mais inteligente do mundo seria o elefante. A supremacia intelectual não é uma consequência da matéria, mas uma faculdade do espírito, que é uma centelha divina. É um efeito da razão superior que o próprio Einstein muitas vezes encontrou em suas luminosas deduções.

Einstein fôra um cético em assuntos religiosos, mas, não obstante, morreu cristàmente, repudiando o emprêgo da bomba atômica em lutas internacionais.

De pé, elevando o pensamento às regiões misteriosas do além, formulamos votos de respeito e admiração ao gênio singular e imortal que, em vida, foi Albert Einstein. Sursum corda!

ÓDE AO NATAL

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA — do Centro de Letras do Paraná

I — A ANUNCIAÇÃO

Vida suspensa, a face posta ao chão,
extática talvez, queda Maria,
Murmurando beatífica oração
que a Deus, em terno enlêvo, a conduzia.

Eis se lhe achega mística visão,
que um profundo mistério lhe anuncia.
E a Virgem freme... grande é a comoção.
Hora solene! Glorioso dia!

— Em Deus achaste graça... que mais queres?
E bendita serás entre as Mulheres,
oh Maria... e por toda a Eternidade!

Um Filho tu terás... — O Anjo de luz
lhe diz... — a quem hás de chamar Jesus"
— Faça-se em mim, segundo Sua Vontade!

II — VISITAÇÃO A IZABEL

" — Minh'alma glorifica o Salvador,
pois por todos os séculos chamada
serei, por certo, a Bemaventurada,
à qual votou seu mais profundo amor.

Em mim fez grandes cousas o Senhor,
cuja glória é no céu apregoada,
a sua serva recolheu do nada
quem de Israel é eterno protetor.

Manifestando a fôrça de Seu braço,
no humano coração quebra a vindita
porém, do justo lhe encaminha o passo.

A Seu serviço, pois, que eu me encontre!"
— Entre as Mulheres sejas tu bendita,
seja bendito o Fruto de teu ventre!

III — RUMO A BELÉM

Ei-los, rumo a Belém. Labor insano
ao modesto viajor! Rude é a estação
porém, com Deus, santos esposos vão,
para cumprir um édito romano.

Vão dormindo ao relento — e não me engano —
pousada os hospedeiros não lhes dão,
porquanto pobres e humildes são
e é muito grande e vil o egoismo humano.

Longe, afogueado o sol, o poente doura.
Já cai a noite... e lá se vão os dois,
agazalhar-se em triste mangedoura,

na qual mais tarde... — assim vai Deus querer —
sob o bafêjo de solertes bois,
há de Jesus, miserrimo, nascer!

IV — NOITE SANTA

Noite estrelada! Vêm dos céus rumores.
Balam ovelhas quase docemente.
Repousa o mundo... mas subitamente
acordam pressurosos os pastores.

Anjos descem do céu, entre esplendores.
Um cântico se eleva, de repente,
de susto enchendo a humilde alma da gente,
porém não há razão para temores.

É que anunciam jubilosos dias.
É que êles cantam que nasceu o Messias
Alegrai-vos, portanto, oh Humanidade!

E ouve-se voz clamando às creaturas:
"Louvores ao Senhor Deus nas alturas
e paz aos homens, sim, de boa vontade!"

V — OFERENDA DOS REIS MAGOS

— É êste o Incenso! Aceita-o Deus Menino,
que t'o ofertamos sem nenhum desdouro
Vens, na terra, cumprir alto destino,
cumprir a tua missão que vale ouro.

Vens dos homens domar o desatino,
qu'importa seja malfadado o agôuro?
Das almas puras ouvirás o côro,
abençoando-te o nascer divino!

— É êste o Incenso! Ganha-o tu, Messias,
são as preces tornadas harmonias,
que hão de subir aos céus, em teu louvor!

— Esta Mirra traduz agro suplício.
Mas sê louvado pelo sacrifício
que há de imortalizar o teu amor!

VI — APOTEOSE

Ao colo de Maria, finalmente,
Jesus repousa. Há místicos louvores
em tôrno! E às vozes dos pastores,
as dos anjos se unem docemente.

Já doura o sól as fímbrias do ocidente.
Sorri Jesus! E pétalas de flores
sôbre o Menino caem, multicôres,
e há um mistério profundo no ambiente.

NATAL! NATAL! Cumpriu-se a profecia.
Mas soluça Jesus! É que o consomem
dores sem conta, no primeiro dia.

Choram de mágua os ternos olhos seus,
no infinito martírio de ser Homem,
na suprema ventura de ser Deus!

Curitiba, dezembro de 1954

OS SERTÕES

É verdadeiramente impressionante o culto votado a Euclides da Cunha pela população paulista, como, de igual maneira, a Ruy, ambos, entretanto, filhos de outras plagas do Brasil.

Poucos anos são decorridos da conclusão de uma modernissima praça fronteiriça ao magestoso Palácio da Justiça, na capital de São Paulo, e à mesma foi dado o nome aureolado de Clóvis Bevilaqua, cearense, mas, inegàvelmente, um autêntico orgulho da nacionalidade, quando, não obstante, ser coisa conhecida da existência de inúmeros jurisconsultos paulistas de projeção até internacional.

E ainda vegetam indivíduos que ousam falar em regionalismo de Estado **leader** da federação!

No mês passado assisti, em companhia do insigne euclidiano General Langleberto Pinheiro Soares, na capital paulista, interessante palestra do Prof. Vasconcelos, da Faculdade de Filosofia local e organizador da hora literária da rádio "A Gazeta", tendo por tema a obra imortal de Euclides da Cunha.

Apresentado pelo culto Prof. Almeida Magalhães, numa oração empolgante, abordara, entre outros pontos, o conhecedor profundo de "Os Sertões", o da imperiosa necessidade de incutir-se, entre os brasileiros, o gôsto pela leitura de tão maravilhosa obra, tanto que, êle próprio, estava ultimando uma seleção de suas partes mais atraentes, uma espécie de antologia, para contribuir na consecução dêsse desiderato.

Na verdade, a maneira descritiva de Euclides, dada a sua vasta erudição, a fôrça de seu espírito e, ainda, o cuidado meticuloso no emprêgo dos vocábulos, mòrmente quando têm por objetivo a **Terra**, aplicando, como não podia deixar de sê-lo, os têrmos técnicos apropriados, desconhecidos de grande parte dos leitores, tornam a assimilação de "Os Sertões", de certo modo, difícil e, daí, ser notório que só as partes propriamente da luta, o desenrolar dos combates, etc., são os que possuem a primazia dos admiradores de nossa bíblia espiritual.

E, a propósito, numa evocação sentimental, que me seja permitida, pudemos ler, há pouco tempo, em a revista "O Cruzeiro", na secção "Arquivos Implacáveis", a afirmativa de que meu pai, para poder compreender melhormente "Os Sertões", se acercava sempre de vários dicionários...

Aqui em Ponta Grossa, graças ao idealismo de Faris Michaele, a sugestão do conferencista da paulicéia já anda em estágio de concretização, nessas séries de palestras pelos intelectuais pontagrossenses, filiados ao "Centro Cultural "Euclides da Cunha", anualmente, na semana consagrada ao inigualável escritor.

Todavia, ainda se poderia ir mais além, nas reuniões em que lido que fôsse, dado capítulo de "Os Sertões", com os esclarecimentos ministrados por quem tivesse prèviamente a sua designação para tal fim, houvesse o debate, que, todos sabemos, estimula a discussão, aviventa o raciocínio e, indubitàvelmente, possibilita uma decantação de assunto que tenha originado a divergência.

Penso que seria o processo mais racional para o estudo e interpretação do famoso livro.

Eis a minha modesta contribuição, em um assunto tão fascinante, que entrego ao nosso Centro Cultural "Euclides da Cunha", na pessoa de seu fundador e mentor até hoje: Prof. Faris Michaele.

Ponta Grossa, 9 de Maio de 1.955.

TITO GALVÃO FILHO.

O DIA PANAMERICANO

Hoje, 14 de Abril, é o Dia Panamericano.

Por Dia Panamericano entendemos a celebração do comum ideal de fortalecimento da unidade americana, pela percepção do comum destino das varias nações do continente, agora mais do que nunca, concientes da tremenda responsabilidade que lhes pesa aos ombros, qual a de defender e perpetuar os sagrados princípios da Democracia e da Civilização.

Se bem só há pouco nos tenhamos, de certo modo, apercebido de semelhante identidade de destino, não há negar, no entanto, que de longa data já a vinham cultivando os espíritos privilegiados que enchem as páginas da História.

Sempre existiu, na América, quem vislumbrasse dias de infinito esplendor para a mesma, dentro do sublime anseio de concórdia, união e progresso, confraternização só aos eleitos suscetível de ser confiada.

Assim o conceberam e desejaram Bolivar, Monroe e San Martin, e assim o concebem e desejam os grandes políticos, intelectuais e amigos da América em geral.

Não há, neste abençoado Continente de Colombo, um cérebro de escol, um caráter forjado na escola da dignidade e da compreensão, enfim, um coração realmente afeito às transcendentais coisas da alma, que não pense exatamente como o fazemos.

É que, pela prática da bondade, hospitalidade, harmonia e tolerância, sugeridas por Mater-América, a tal ponto nos acostumamos a ver nos outros, acima de tudo, nossos iguais, que já reputamos absurda qualquer diferença ou restrição que, noutras plagas, acaso possam existir.

Não foi, pois, em vão que Washington, Bolivar, D. Pedro I, José Bonifácio, San Martin, O'Higgins, Martí, Toussaint L'Ouverture e outros, em lutas tremendas do corpo e da alma, durante tantos anos, empreenderam legar-nos, livre, êste sacrossanto chão das Américas.

A própria celebração que, hoje, realizamos é a mostra cabal dessa magnitude de compreensão, que o tempo jamais borrará.

— ooo —

RAÇA TUPI

ADALTO G. DE ARAUJO

Raça Nobre de herois e de guerreiros,
Alcandorada no furor da guerra,
És, na história sem par de minha Terra,
A herança varonil dos brasileiros!

Estirpe de brasis aventureiros,
Cujo valor titânico se encerra
Nos mares, nas florestas e na serra
Que tanto amaste em sonhos condoreiros.

Teu sangue de Titãs, sangue de bravos,
Que não pulsa nas veias dos escravos,
Canta os feitos de Fôrça e Heroicidade!

Bendita sejas, pois, raça de Eleitos,
Hás-de viver cantando em nossos peitos
Os cânticos de amor à Liberdade.

O ÚLTIMO BANDEIRANTE

Hermogenes Carneiro! Heroi anônimo,
Que desbravaste as plagas paranistas,
Inda escaldadas pelo fogo impuro
Das bandeiras brutais, escravagistas

Nasceste na campanha princesina
Quando o descito século findava;
A fazenda da Barra foi teu berço
E o Tibagi, o rio que te banhava.

Embora a hodierna geração te olvide,
Já celebrou-te um romancista inglês,
Porque teus feitos são dignos da História,
Repovoaste o sertão sem um revés.

És filho e neto dos varões ilustres
Que perante o Monarca intercederam
Em prol da fundação de Ponta Grossa,
E a justa pretenção logo venceram,

As primeiras colunas do baluarte
Que Princesa dos Campos se nomeia,
Por tuas destras mãos foram erguidas
Nas Atas teu valor se potenteia.

A povoação nascente muito deve
Ao teu esfôrço, amor e inteligência,
Que fez surgir, na solidão dos campos,
Um manancial de vida e de opulência.

Encaminhaste os passos vacilantes
Da freguezia humilde e feiticeira,
Traçando ruas, alinhando praças,
Tornando-a bela, progressista e ordeira.

Desbravaste o sertão dos arredores
A fim de afugentar os índios bravos,
Que roubavam o gado das fazendas
E atraiam à taba alguns escravos.

Pouco mais de 30 anos contarias
Quando saiste do torrão natal,
Para consolidar pátrios domínios
Na campanha de Palmas, virginal.

Na solidão dos prados infinitos,
Entre selvas sem fim e grandes rios,
Onde pululam feras monstruosas
E habitam muitos bárbaros gentios.

Fundaste grande estância hospitaleira,
Povoando-a de homens e rebanhos mil,
Afugentando o intruso castelhano,
Ampliando os domínios do Brasil

Meia dúzia de tabas vegetavam
Ocultas pela mata, em derredor,
Vivendo de caçadas e rapinas,
Talando os bens do nobre benfeitor.

A indiada, escarmentada pela audácia
Dos bandeirantes rudes e traiçoeiros,
Te hostilizou, feroz, por longos anos,
Massacrando os incautos pegureiros.

Com grande mansidão, paciência infinda,
Retribuindo os insultos com presentes,
O patriarca foi domesticando
Os íncolas perversos e indolentes.

Chefiando duas tribus poderosas
Os caciques — Condá e o audaz Nonohai,
Firmaram amizade com Hermogenes,
Chamando-o doravante — o grande pai.

A estância prosperou dia após dia,
Vivendo horas miríficas e calmas,
Sendo fundada a nova freguezia,
Oasis dos campos infinitos — Palmas.

Regressaste à soberba sesmaria
Que possuias à margem do Chopim,
Medindo dezesseis léguas quadradas
De campos férteis e pinhal sem fim.

Povoaste os prados com rebanho enorme,
Criando bois e cavalhada audaz,
Que nos valeram nas futuras guerras
E arautos foram do progresso e paz.

Construiste currais nos vales ermos,
Grandes fontes de vida e bem-estar;
O começo e o final dos povos cultos
Reside na pecuária salutar.

Possuias três domínios florescentes
— Cada qual em riqueza se esmerava —
Conceição do Chopim, na fria Palmas,
A bela Lagoa Sêca, em Guarapuava;

No fastígio dos campos princesinos,
As fazendas da Barra e Boavistinha;
Nhoandira, separado das primeiras,
E mais algum curral e invernadinha.

Foste um campeão da paz e do progresso,
Civilizando as solidões dormidas,
Espalhando rebanhos nas queimadas
Sem receio das tribus atrevidas.

Emprestaste muito ouro aos fazendeiros
Para comprarem tropas no Rio Grande;
Graças à tua liberalidade,
O teu berço natal cresce e se expande.

Apesar dos trabalhos e riquezas,
Mantinhas sempre sentimentos nobres;
Eras um bom cristão e, após à morte,
Legaste um terço de teus bens aos pobres.

Paradigma dos homens princesinos
Pelo teu dinamismo, fôrça e ardor,
Porque serviste à pátria heròicamente
E votaste ao teu berço imenso amor.

Desta cidade que fundaste ha um século,
Inda és, agora meu Avô querido,
O maior dos varões que aqui nasceram
E que melhor à Pátria tem servido!

RIBAS SILVEIRA

ÓRGÃO DO
CENTRO CULTURAL
'Euclides da Cunha'

Tapejara

IMPRESSO NA
GRÁFICA
Montes & Pereira

Diretor
FARIS ANTONIO S. MICHAELE

Secretário
DAILY LUIZ WAMBIER

Redatores:
JOÃO ALVES PEREIRA e
ROLANDO GUZZONI

ANO III | ** | PONTA GROSSA, MAIO DE 1953. | ** | N.º 10

Puraukeçaua Maranguaua Opanaíma Tenhên

ARARY SOUTO

De fato, "o trabalho é uma luta sem fim". Vencem-no os fortes, aquêles que desprezam o lado material das coisas e se entregam, espiritualmente, ao afã de incentivar a cultura, espalhando-a pelo universo em proveito da humanidade. Dentre ela destaca-se a do índio, o legítimo dono da raça, o propulsor das maiores mentalidades que o Brasil possuiu e ainda possue.

O criador do nosso caboclo é olhado, hoje, com o carinho e o respeito de que se fez merecedor e para êle os homens cultos voltaram a sua atenção, amparando-o e difundindo o seu idioma e os seus costumes. Foi criado, em Mato Grosso, um vastíssimo Parque Indígena, propriedade indissolúvel do índio brasileiro, iniciativa essa de ilustres patrícios da terra dos "chavantes", "caiuás", "terenos", "guaranís", "carajás", "guaicurús" e outros. Sim, o matogrossense sempre dispensou carinho e amor ao índio. O General Cândido Mariano Rondon, para nós, que vimos de perto a sua obra em benefício dos seus antepassados, os índios, é a aroeira que o tempo não corroerá porque já a tornou cerne. É o caboclo impoluto que sacrifica a sua existência em holocausto ao seu irmão índio. E como êle, outros surgiram e se entregaram de corpo e alma em favor da sublime causa do índio. Faris Antonio S. Michaele, nome sobejamente conhecido pela sua probidade, pela sua cultura e pelo seu amor aos assuntos indianistas, tornou-se o difusor e o incentivador dos mesmos, traduzindo-os em letras pelos seus acurados conhecimentos do "nhêengatu", do legítimo idioma brasileiro que é o tupi-guaraní. A propósito e patenteando a extensão de mencionados conhecimentos, Faris A. S. Michaele recebeu, recentemente, a carta que abaixo transcrevemos, sendo seu autor o ilustre matogrossense e escritor de renome, Hélio Serejo, outro indianista que surge, arregimentando-se aos outros com a finalidade altruística de preservar, infinitamente, o tradicional direito dos verdadeiros donos do imenso solo pátrio, os índios brasileiros.

São Paulo, 11 de Junho de 1952.

Meu distinto patrício Prof. Faris Antonio S. Michaele.

Acabo de ler o seu precioso livro "Manual de Conversação da Língua Tupí", vindo à luz em tão boa hora, pois é sabido por todos que muitas nações, nestes dias tormentosos, estão se interessando, vivamente, pelo ensino do idioma cativante dos nossos maiores.

Conhecendo, superficialmente, a lingua Guaraní, uma vez que nasci e me criei na fronteira, pude saborear, em parte, a sua magnífica obra que possue, é de justiça que se diga, o sabor agradável da pitanga brava amadurecida com as primeiras chuvas de setembro. Foi para mim prazer intraduzível receber êsse livrinho precioso, em cujas páginas, logo à primeira vista, ressaltam os vastos conhecimentos linguísticos do autor.

O seu livro, meu caríssimo Prof. Michaele, pela beleza da forma e pelo sentido humano das argumentações, é uma autêntica jóia. Jóia magnífica, de fulguran-

(Conclui na pág. 18)

OTIMISMO

Daily Luiz Wambier

Há quem diga que eu carrego no pincel, exageradamente, quando procuro fazer o esbôço do atual panorama brasileiro, no que tange à sua sociedade, administração pública, família, política, religião, ensino, etc., como a dizer que encaro a vida e o mundo de hoje com pessimismo ou sob ângulos escuros demais.

É claro que eu gostaria de me utilizar de outras tintas — a azul ou rosa, por exemplo — para pintar isso que aí está, rotulado de Civilização Cristã. Não pode ser, entretanto. Por maior boa vontade que eu tenha, por mais tolerante e compreensivo que eu seja, não posso me calar nem tenho coragem de silenciar ante o acanalhamento quase geral, em face da profunda decadência que qualquer indivíduo poderá observar, desde que o faça em atitude serena e criteriosa, apreciando tudo com absoluta isenção de ânimo.

Primeiro, até há poucos anos, apenas alguns órgãos do organismo nacional se apresentavam com sinais evidentes de gangrena. Hoje, desgraçadamente, é êsse organismo que deixa mostrar, à evidência, as marcas visíveis da necrose que se está generalizando de modo alarmante.

Os poucos que me contradizem, fantasiados de anjos de inocência, fazem-me lembrar a história daquele homem que dizia não estar acometido de lepra. O seu mal era o de Hansen. Nem por isso, contudo, o morfético conseguia alterar suas feições intumescidas nem esconder as chagas virulentas denunciadoras da terrível moléstia.

O mais estranhável de tudo, no entanto, está no volume cada vez maior das pessoas que correm, pressurosas, aos templos religiosos, como a quererem demonstrar, aos outros, que a virtude maior — a crença e o respeito às glórias espirituais — ainda é uma chama bem viva a crepitar no recôndito de sua alma.

O Brasil também está cheio de gente que vive a proclamar a necessidade de se elevarem os padrões morais dos indivíduos, reconhecendo, de outro lado, a veracidade do que um político declarou: que estamos caminhando para o abismo de tôdas as decadências.

Contudo, nada de concreto se faz e muito pouco de objetivo se obtém, porque a maioria dessas pessoas, senão mesmo a sua quase totalidade, o que deseja é construir, em tôrno de si, a muralha com que pretende tapar as suas mazelas e disfarçar as suas tremendas vergonheiras.

Não é possível que alguém exemplifique apenas com palavras de conteúdo muito vago ou com atitudes de simples aparência.

Ninguém acredita na sinceridade religiosa do Antônio, que comparece aos cultos da sua crença com o pensamento inteiramente ocupado com os motivos que lhe poderiam propiciar ensêjo para lograr o seu sócio, para furtar os outros, para conspurcar o lar do seu "melhor e mais querido amigo".

Ninguém acredita nas palavras dêsses tartufos que vivem a apregoar falsas virtudes para, com mais certeza e eficiência, assenhorear-se da propriedade alheia, com passes de mágica que envergonhariam o próprio demônio, se acaso êle tivesse a coragem de vir para cá, na Terra, competir com os homens.

Ninguém acredita nessas pessoas que esqueceram mulher e filhos, com o único fim de conseguir maiores gozos mundanos e amontoar mais riquezas materiais.

Ninguém acredita, ainda, nêsses hipócritas que vivem a anunciar, aos quatro ventos, uma honestidade e dignidade nas quais são os primeiros a não crer.

Ninguém acredita, finalmente, em quem não sabe renunciar, em quem não possui espírito de sacrifício, em quem não olha o seu semelhante, seja êle quem fôr, como um seu igual, mas como uma fonte que poderá ser explorada em seu próprio proveito.

É claro que existem as exceções. Não fôssem elas as clássicas honrosas exceções...

Em regra, porém, o homem é êsse aglomerado de coisas más que o tornam perigosíssimo, que o transformam num verdadeiro ajuntamento de tôdas as ruindades que se possa imaginar.

O pior é que ninguém vê perspectiva de dias melhores. Não se vislumbra coisa alguma, num futuro próximo ou distante mesmo, de que a situação venha a sofrer as alterações que se impõem, antes que tudo acabe sendo engolido pelo abismo de tôdas as decadências a que se referiu o Snr. Danton Coelho.

Pode-se, assim, em sã consciência, usar outras côres menos escuras para pincelar o panorama de hoje?

Eu acho que não.

Se você, leitor, acha que sim, eu o cumprimento com respeito e lhe dirijo estas palavras: porfie no caminho otimista e, por favor, me forneça um pouco dêsse otimismo tão necessário para os que, como eu, têm a certeza de que o homem não veio à Terra para ser o que é.

"TINGUIANAS"
e o sentido de uma vocação

O espírito regionalista, para certa gente, não passa de coisa anacrônica e insuportável.

Alegam, êsses supra-modernos, que o próprio nacionalismo já se está tornando insípido, visto não mais haver lugar para distinções entre os povos, neste incrível um mundo só dos aviões a jato e da bomba atômica.

Teòricamente, tudo estaria certo, não fôsse, porém, a incoerência que se nos depara, a um ligeiro exame do que, desavisadamente, importamos dos outros países.

Tomando como ilustração o modernismo internacional de Hollywood, por exemplo, podemos afirmar que, apesar das aparências, não deixa, o mesmo, de trair a origem genuinamente americana e regional, pois que, em última análise, o que impõe ou sugere é uma filosofia da vida tipicamente nacionalista, da América Saxônica.

E assim, os demais produtos de infiltração de outras proveniências. Em tudo, sempre vamos descobrir a vontade soberana de fôrças desagregadoras, a expandir-se para além das respectivas fronteiras étnicas, à procura de benévola receptividade em povos de quase nenhuma conciência telúrica.

Donde, portanto, a confusão entre moderno e estrangeiro, internacional e humano, divulgação superficial e conhecimento científico, democracia como salvação universal e anarquia como viveiro de sacripantas e renegados.

Deante disso, que valor poderá ter uma genuína expressão de viço e originalidade regional, em qualquer setor da cultura, num país como o Brasil, se a própria mocidade nova ou novíssima prefere, ao seu, o padrão cultural de outras latitudes?

Estas e outras considerações nos afluem ao cérebro, ao tomarmos contato com a obra, recém-publicada e já vitoriosa, de Mestre Valfrido Piloto: "Tinguianas".

Dizemos já vitoriosa, porque, em suas cento e poucas páginas, parece estar contido o que de mais belo, compreensivo e fundamental se possa imaginar, como expressão de uma identidade absoluta entre o agente intelectual e o mundo natural que o rodeia, com seus elementos inconfundíveis, já humanos, já paisagísticos, o que, sem dúvida, lhe vem conferir a auréola da consagração geral.

Como quer que o analisemos, apresenta o referido livro uma auto-ciência dos nossos valores e das nossas possibilidades, rara de encontrar em autores dos nossos dias, porque, na profusa sentimentalidade do homem de letras, a própria realidade majestática da terra araucariana parece vibrar, em essência imutável, para entoar um hino de estranha e colorida experiência telúrica, apenas vislumbrada por espíritos outros.

E tudo aí se agita, e avulta, e extasia, e esmaga, como em sobrehumana visão onírica, de que jàmais nos olvidássemos.

Um após um, lá se sucedem os quadros, numa afirmação eloquente de que nem tudo está perdido, muito menos o desplante, a hombridade, a nobreza de saber ser.

Começando em "19 de Dezembro" e rematando com "Curitiba, a espiritualíssima", com passagem demorada pela poesia, história, pintura, humanidades e problemas sociais, o Dr. Valfrido Piloto realiza o milagre de envolver, em precioso esbôço de composição crítica, mil e um aspectos da vida da terra de Guairacá, hoje ponto alto das cogitações nacionais.

A esta altura, não nos podemos furtar ao dever de mencionar, profundamente sensibilizados, as palavras de vivo encorajamento e imerecido penhor de amizade com que o autor se dirige à atual geração pontagrossense, para êle, verdadeiro modêlo de capacidade e idealismo.

Num estilo límpido, dinâmico, sugestivo e cheio de sadios propósitos, característica, aliás, de todos os seus escritos, o Dr. Valfrido nos comove às lágrimas, num ponto, para fazer-nos o deleite espiritual, noutro além.

Grande em tudo, portanto, o seu interessante "Tinguianas".

E destas colunas de combate do núcleo jagunço de Pitanguí, que lhe cheguem, sinceras e cordiais, as expressões de nossa admiração crescente e profundo reconhecimento.

O sentido brasileiro da obra de EUCLIDES

Prof. MOACYR CAMPOS

O HOMEM

Um sentido de brasilidade ressalta, imanente, e até certo ponto, agressivo, na obra de Euclides da Cunha, o que o torna comparável àquele **buriti perdido** de que nos fala Afonso Arinos, sentinela do deserto a ver as gerações desfilarem, passando, enquanto êle permanece arêto, solitário e altivo, traduzindo na paradoxal simplicidade de seu estadear, a grandeza das coisas verdadeiras e, por isso mesmo, eternas. De fato, os estudos de Euclides sôbre serem raros numa terra em que se tornou clássico, por parecer de bom gôsto, o modêlo estrangeiro, que não previu, nem podia prever assuntos que nos são peculiares, acham-se eivados, de tal maneira, de sentimento de brasilidade, que chegam a cobrir, por sua extensão, todo o imenso território da pátria. E, como é natural em se tratando de quem tinha a mística da sinceridade, que lhe era ingênita, essa inclinação nacionalista marcou-lhe acentuadamente o pensamento, a vocação, o campo de atividade profissional, o estilo literário; dirigiu-lhe o destino, dominou-lhe a vida, empolgou todo êle, enfim.

Atentemos, porém, para a causa determinante dêsse pendor: a origem racial, ou melhor, o atavismo que o prendia a um passado remoto, diluído, talvez, num autoctonismo que não nos é possível desvendar. Fisicamente, denotava Euclides, nos traços, a sobrevivência de ancestrais mongóis, ou, mais precisamente, do elemento aborígene, antigo dono da terra: maçãs do rosto salientes, pouca barba, olhos pequenos — onde, ao fundo, as pupilas brilhavam, ora irrequietas, ora vagamente perdidas — cabelos pretos e duros, algo rebeldes; porte pequeno e fino, um todo de tristeza a envolver-lhe a figura. A face, por suas pronunciadas angulosidades e pelo tom bronze-mate, dir-se-ia falquejada em canzeleira. É o próprio Euclides que, possivelmente sem o pretender, nos diz de sua formação etnica, reconhecendo suas marcas evidentes, nesta confissão feita a Coelho Neto, na dedicatória de um retrato:

"Esta fisionomia,
De onde ressalta rispida expressão
Da face de um tapuia espantadíssimo..."

E a Lúcia de Mendonça faz alusão ao "meltingpot" processado no cadinho da nacionalidade, dizendo, sem esquecer seu avoengo de tanga, no verso de uma fotografia:

"... aí vai, para saudá-lo...
... Êste caboclo, êste jagunço manso
— Mixto de celta, de tapuia e grego!"

Referir-se-á à sua "rigidez e finura nativa de caboclo ladino", à "vida triste dêste caboclo malcriado e teimoso", assim demonstrando, e por várias vêzes, um certo alarde por sua origem, na qual, justificadamente, só via motivos para orgulhar-se.

Pois bem; foi êsse "tapúia espantadíssimo", êsse "caboclo malcriado" que um dia entrou para a Escola Militar da Praia Vermelha. Impulsivo, de irritante franqueza, aferrado às suas opiniões, graniticamente firme na estacada para defender seus ideais, revela-se em dado momento, por fôrça dos pingos de sangue brasílico que lhe correm nas veias, o filho da selva; e, único entre tantos, sem medir consequências, arrebatadamente, dá um viva à República e desfeiteia o ministro da Guerra do Império, atirando-lhe aos pés a baioneta que não conseguira quebrar... E foi ainda por conta dessa pequenina dóse indígena entrada em sua formação que Euclides, num arranco, apresenta-se a Floriano para interpelá-lo sôbre a prisão de seu sogro, o general Solon.

Alberto Rangel, que privou de sua intimidade, no-lo retrata como um tipo impermeável à mais rudimentar elegância, pois que tinha a simplicidade mameluca da gente da nossa hinterlândia, do "caipira" humilde e bom, se bem que bravo e desconfiado. Não se afazia às delicadezas e fatuidades sociais, à corriqueira hipocrisia humana, sendo absolutamente canhestro nesses assuntos, quando então mais se evidenciava sua figura sumida e tímida, de fronte escampa, arcadas zigomáticas em ressalto, olhos a faiscar "com revérberos de incêndio à beira dágua e à noite".

A roupa, usava-a como o índio bisonho que a vestisse pela primeira vez. O casaco, mal ageitado, parecia ser-lhe incômodo, o pescoço era como que engulido por um colarinho inimigo, onde a gravata, de laço torto e bandas desiguais, terminava fugindo do vértice de um colete, cujos botões, em guerra permanente contra a ética da indumentária, acabavam ocupando as casas de que não eram inquilinos. Seus ásperos cabelos de borbôo combinavam perfeitamente com um bigode despretencioso e maltratado. Vale a pena reproduzir êste pedacinho de ouro de Alberto Rangel: "Não se encalamistrava, não se apavonava. E não sabemos mesmo que idéia poderia ter da patetice degenerada dos casquilhos e francelhos abomináveis que nos infestam".

Na confirmação exuberante do seu feitio de sertanejo, encontramo-lo sem a alegria característica das gentes de outras plagas, de semblante corado e pisar duro. Euclides reconhece seu normal estado melancólico, tanto que se referira, em carta, à sua "tristeza congenial de bugre", além de enviar a José Veríssimo uma fotografia da Comissão do Alto Purús, valorizando-a com um soneto, em cujo último verso dirá que, entre os do grupo retratado, êle é "precisamente, o mais triste, o mais pálido, o mais feio". E quem poderá afirmar, em sã consciência, que o brasileiro é alegre? Não fosse êle, como disse Bilac em referência à música que lhe é inerente, uma "flôr amorosa de três raças tristes"...

Em Euclides, essa melancolia assinalou-se desde o berço, a começar pelo nome do lugar onde abriu os olhos à vida: **Fazenda da Saudade**. À sua tristeza juntou-se o fatalismo ingênuo do caboclo, que o induzia a aceitar, embora sob protesto, uma situação que não era de seu agrado, mas contra a qual não sabia se rebelar de modo prático, negando assim, se bem que em fases de transitoriedade, o tapúia impulsivo da Escola Militar. Ei-lo que diz a Max Fleiuss: "Aqui estou às voltas com o meu triste ofício de engenheiro. Calcule a minha revolta contra essa situação lastimável: chumbado à profissão ingrata que me desvia tanto dos estudos prediletos." E a Vicente de Carvalho: "Quem definirá um dia essa Maldade obscura e inconsciente das coisas, que inspirou aos gregos a concepção indecisa da Fatalidade?".

Bem de vêr-se que, em seu ânimo, quando não era o índio triste, era o mameluco fatalista que falava ou agia.

Vêm-lhe, amiúde, saudades inexplicáveis, que não passam, entretanto, do grito interior da tribo perdida no tempo a apelar por seu filho. Abomina a cidade, sendo sua aspiração máxima "deixar de vez êste meio deplorível, com as suas avenidas, os seus automóveis, os seus "smarts" e as suas fantasmagorias de civilização pesteada. Que saudades do escrito de fôlhas de zinco e sarrafos, da margem do rio Pardo!"

Anseia por mergulhar no deserto: alimenta o sonho de um passeio ao Acre. A partida para o Alto Purús, é ainda o seu maior, o seu mais belo e arrojado ideal. Aguarda a "selva selvaggia" misteriosa e salvadora, onde pretende entrar "com os arremêssos britânicos de um Livingstone e a desesperança italiana de uma Lara"...

O sertão comburido de Canudos, o retiro do rio Pardo, a solidão amena da tebaida de Vila Glicínia, em Manaus, dizem muito àquela alma torturada e incompreendida, mas não a satisfazem inteiramente, porque seu anelo é sentir a floresta e a imensidade verde em tôda sua pujança e agressividade, menos por inclinação panteísta do que pela necessidade de se embuir da seiva do passado. E longe, bem longe das cidades, onde "para tudo faz-se mistér o pedido e o empenho — duas coisas que lhe repugnavam "— em meio ao misticismo bárbaro da natureza brasílica e no gôzo eufórico de um confôrto estranho, que os "pais da pátria", acostumados à facilidade de vida e à macieza fôfa das poltronas, repeliriam horrorizados, a aspiração suprema ao dizer: "Obedeço ao meu belo destino de caçador de perigos e à eterna ilusão de ser útil à nossa terra, que merece tudo." E mais nitidamente declarado ao afirmar suas esperanças na realização do seu ideal de bandeirante: Que melhor serviço poderei prestar à nossa terra? Não desejo Europa, o "boulevard", os brilhos de uma posição, desejo o sertão, a picada malgradada, e a vida afanosa e triste do pioneiro."

Essa vocação patriótica, manifestada por motivo independente de sua vontade, pois que lhe vinha da própria essência, surge nimbada de altaneria e civismo no momento solene em que, além da fronteira, no rincão de Curanja, onde tremulava o pavilhão peruano, Euclides dá, de maneira elegante, mas enérgica, a formidável lição, correspondente à mais bela das orações à Bandeira, que Coelho Neto narrou no episódio da "dracena", quando do ágape oferecido pelo "ciudadano" Elói Barbarán.

O Brasil palpitava inteiro dentro de Euclides que, eterno enamorado, tinha-o consigo em seus estudos de geografia humana e física, conservava-o no coração ao pesquisar-lhe a história militar e política, retinha-o nos olhos, fixando-lhe a inegualável paisagem de selvas e montanhas, de largos rios e românticas lagôas. Sua alma era sua pátria. E não há exagêro na afirmativa, pois mesmo nas vezes em que, momentâneamente desanimado, se refere "à pasmaceira trágica dêste país que esperneia galvanizado na Praia Vermelha e morre à fome nos sertões", obrigando-o a fugir, através dos livros, para o convívio de outras gentes, ainda vamos encontrar uma explosão de nacionalismo, por isso que traduz o protesto de quem se reconhece, desgraçadamente, impotente para transformar, de súbito, os defeitos de sua terra em virtudes que a redimem.

Tôdas essas manifestações exteriores deixam à mostra o caboclo que, a despeito da civilização, não perdeu suas qualidades marcantes, entre as quais o cumprimento do dever e os ditames da honra se estampam, inamolgáveis, em seu rosto côr de bronze. Longe iríamos na exemplificação da assertiva; ater-nos-emos, pois, à citação apenas de um ou outro fato mais frisante. Destarte, vem-nos logo à mente o episódio de Euclides a bordo de um pequeno rebocador, numa cinzenta madrugada, sob a chuva, aos solavancos de um mar tempestuoso e lúgubre, ouvindo a litania sinistra dos elementos em fúria, a insistir na realização da travessia entre a ilha deserta dos Búsios e a da Vitória, no litoral paulista. Não cuidava da vida, porque o preocupava unicamente um exagerado sentimento de dever. E aferrado a êle, desdenhava do perigo, para dizer, semblante alterado, em patético esgar: "A ordem é ir à Vitória; é preciso que vamos!"

Outra passagem empolgante é, por certo, a da sua investida, doente, de Manáus para o Alto Purús, aventura em cujo avançado decurso, à vista das lanchas encalhadas e do desânimo geral, exclamaria, alma posta no seu dever, decidido resolutamente e sem embargo das conseqüências, a ir até o fim: Para a frente, mesmo que seja a pé!"

Depois, a ponte sôbre o rio Pardo, quanta preocupação não lhe trouxe! E por que? Amor-próprio, noção de responsabilidade, horror à maledicência... Que diga de seus temores, de sua agonia, de suas noites maldormidas, pensamento fixo na idéia infundada de uma possível ruptura da ponte, aquêle abnegado e raro Francisco Escobar, seu confidente, o "seu melhor colaborador no êrmo de São-José-do-Rio-Pardo."

Parece-nos que temos dito bastante para mostrar que, em Euclides, ao lado do caldeamento racial que lhe transparecia na estampa, eclodiam também, para mais enobrecê-lo, as virtudes da gente primitiva dêstes Brasís.

x x x

Indios da Nossa História

O AMOR DE NONINE

Por J. E. Cafruni

Os índios que passaram à História distinguiram-se não só pelo heroísmo, senão também por grandes e tocantes afeições.

Recolheu Alves do Prado essa narrativa comovente, que mereceu ingresso nas páginas conspícuas de Rocha Pombo, o nosso maior historiador, ao tratar da índole do selvagem brasileiro.

Conta-se que no terceiro quartel do século dezoito, em Mato Grosso, à margem oriental do Paraguai, acampavam duas tribos guaicurús, nação de índios cavaleiros que se realçou pelo seu valor e entranhado amor à liberdade.

Seus chefes, que eram muito amigos, orgulhavam-se da excelência de seus cavalos e da quantidade de seus escravos, pois que os guaicurús diziam-se nobres e que as demais nações, por sua origem inferior, estavam destinadas à escravidão. Porém, do que mais se envaideciam era da graça de seus filhos.

Um deles tinha um filho, chamado Paninioxe — diz a História — e outro uma filha, que se chamava Nonine. Estas duas crianças, desde a primeira idade, mostravam inclinação uma para a outra. E o tempo, em vez de enfraquecer, avigorou essa paixão, até que, por fim, uniram-se os dois jovens.'

Em sua cabana, à margem das águas tranquilas, onde se recortava, nas manhãs de sol, a sombra dos carandazais, viveu com êles a arara azul, símbolo da beleza, da amizade e da ventura.

E quando veio o tempo das jaboticabas, do ano 1791, ambos de mãos dadas, vão em busca de novas terras, pois a que habitavam se tornara pequena para seu grande amor. Seguiram êles pela beira do rio, alimentando-se de mel e de frutas, e chegaram, um dia, a Nova Coimbra, onde foram acolhidos, em festa, pelos seus parentes.

... Foi quando a desgraça veio.

... Um dia, notaram a ausência da arara e, no outro, se aparta Paninioxe, sequestrado por muitas donzelas, que lhe admiram a graça e a postura esbelta. Tais foram as seduções e palavras com que estas o cercaram, que êle se desgostou de sua amada e se afastou para sempre.

... Ela procura-o — conta o cronista —, mostra-lhe a sem razão e exproba-lhe a pouca fé com que procede. Contudo, êle persiste na resolução e retira-se para a aldeia do Capitão Negro, do outro lado do rio Paraguai".

... Desde aquele instante — continua o narrador — cobriu-se Nonine de mortal melancolia. E como uma guaicurú não chora perante estranhos, procurava encobrir seu pranto até das suas mais íntimas amigas". Passaram-se, assim, três longos meses, quando, um dia, estando em seu leito e rodeada de parentes, seu pequeno servo Antecrices, traz-lhe a notícia de que seu marido se casara com outra jóvem, de condição inferior à sua.

... "Senta-se, então, Nonine, em seu leito, como que arrebatada. Chama para junto de si o pequeno índio", e diz-lhe, como para vingar o ultrage que sofria:

...— "Antecrices, és meus escravo: dou-te liberdade, com a condição de que te chamarei, daqui por diante, Paninioxe".

... E por mais que ficasse envergonhada, não teve fôrças para reprimir as quentes e silenciosas lágrimas que, então, irromperam abundantes de seus olhos. Não resistindo, àquela ofensa ao seu amor, "sobrevem-lhe uma febre ardente, com a qual, ao outro dia, perdeu a vida".

E — diz a História — quando já o espírito ia desprender-se da terra, suas derradeiras palavras, pronunciadas num murmúrio, foram: — "Ingrato Peninioxe!".

A morte prematura de Nonine e as circunstâncias que a envolveram, cêdo ganharam asas e delas se inteirou o infiel espôso.

O jóvem guaicurú, só então, arrependeu-se e, ali, sôbre a tumba da mulher amada, caiu de bruço, miserando, a derramar o seu pranto, avaliando, tardiamente, a enormidade do seu êrro.